

Francisco Candido Xavier

RENÚNCIA

Romance de
EMMANUEL

1943



LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

J. Candido Xavier,

RENÚNCIA

MIRAMIS EDITORA DA FEDERAÇÃO
AV. PASSOS, 30 - RIO

RENÚNCIA

Produções mediunicas de Francisco Candido Xavier:

PARNASO DE ALÉM TUMULO

Neste livro, verdadeiramente unico até agora nos
anais da bibliografia espirita, temos uma das provas
mais robustas da identidade pessoal, "post mortem",
de um Castro Alves, Guerra Junqueiro, Casemiro de
Abreu, João de Deus e tantos outros da nossa e das
passadas gerações.

EMMANUEL

Trata-se de mensagens ditadas por esse bondoso
espírito ao médium Francisco Candido Xavier, cheias
de colorido que nos encham de consolo e suavidade. —
Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

A CAMINHO DA LUZ

Historia da Civilização, á Luz do Espiritismo.
Obra prima ditada pelo Espírito lucido de EMMANUEL.
— Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO,

PATRIA DO EVANGELHO

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).
Br. CR\$ 7,00; enc. CR\$ 10,00.

CRONICAS DE ALÉM TUMULO

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).
Br. CR\$ 5,00; enc. CR\$ 8,00.

NOVAS MENSAGENS

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).
Br. CR\$ 4,00; enc. CR\$ 7,00.

HA DOIS MIL ANOS

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).
Br. CR\$ 9,00; enc. CR\$ 12,00.

50 ANOS DEPOIS

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).
Br. CR\$ 9,00; enc. CR\$ 12,00.

O CONSOLADOR

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).
Br. CR\$ 7,00; enc. CR\$ 10,00.

BOA NOVA

(Ditado pelo Espírito de HUMBERTO DE CAMPOS).
Br. CR\$ 6,00; enc. CR\$ 9,00.

PAULO E ESTEVAM

(Ditado pelo Espírito de EMMANUEL).
Br. CR\$ 18,00; enc. CR\$ 22,00.

Francisco Candido Xavier

RENÚNCIA

Romance de
EMMANUEL



1943

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
ESPIRITA BRASILEIRA

Avenida Passos, 30

Rio de Janeiro

INDICE

Pags.

Velhas recordações 7

PRIMEIRA PARTE

I --	Sacrifícios do amor	11
II --	Anseios da mocidade	31
III --	A caminho da América	76
IV --	A variola	102
V --	Na infancia de Alcione	148
VI --	Novos rumos	174
VII --	Caminhos de luta	194

SEGUNDA PARTE

I --	O padre Carlos	217
II --	Novamente em Paris	249
III --	Testemunhos de Fé	288
IV --	Reencontro	311
V --	Provas redentoras	357
VI --	Solidão amarga	376
VII --	A despedida	397

Confecionado nas oficinas
do REFORMADOR

Velhas recordações

Quem poderá deter as velhas recordações, que iluminam os caminhos da eternidade?

Lembramo-nos de Alcione, desde os dias de sua infancia. Muitas vezes a vi, com o Padre Damiano, num velho adro de Espanha, passeando ao pôr do sol.

Não raro, levantava o semblante infantil para o céu e perguntava, atenciosa:

— Padre Damiano, quem terá feito as nuvens, que parecem flores grandes e pesadas, que nunca chegam a cair no chão?

— Deus — minha filha — dizia o sacerdote.

Mas, como se no coração pequenino não devesse existir esquecimento das cousas simples e humildes, voltava ela a interrogar:

— E as pedras? — quem teria criado as pedras que seguram o chão?

— Foi Deus também.

— Então, após meditar de olhos mergulhados no grande crepúsculo, a pequena exclama:

— Ah! como Deus é bom! Ninguém ficou esquecido!

E era de ver-se a sua bondade singular, o interesse pelo dever cumprido, dedicação á verdade e ao bem.

Cedo compreendi que a família afetuosa de Avila se constituía de amizades vigorosas, cujas origens se perdiam no tempo.

Os anos — minutos do relógio da eternidade — correram sempre movimentados e cheios de amor. A criança de outros

tempos tornara-se na benfeitora cheia de sabedoria. Sua vida não representou um feixe de atos comuns, mas um testemunho permanente de sacrifícios santificantes. Desde a primeira juventude, Alcione transformara-se em centro das afeições, em fonte de luz viva, onde se podiam vislumbrar as claridades augustas do céu. Sua conduta, na alegria e na dor, na facilidade e no obstáculo, era um ensinamento generoso, em todas as circunstâncias.

Creio mesmo que ela nunca satisfaz a um desejo proprio, mas nunca foi encontrada em desatenção aos designios de Deus. Jámais a vi preocupada com a felicidade pessoal; entretanto, interessava-se com ardor pela paz e pelo bem de todos. Demonstrava cuidado singular em subtrair aos olhos alheios seus gestos de perfeição espiritual, porém queria, sempre, revelar as idéias nobres de quantos a rodeavam, a-fim-de os ver amados, otimistas, felizes.

Minhas experiencias rolaram devagarinho para os arcanos do Tempo, a morte do corpo arrastou-me a novos caminhos e no entanto, jamais pude esquecer a meiga figura de anjo, em trânsito pela Terra.

Mais tarde, pude beijar-lhe os pés e compreender-lhe a história divina. O resultado desse conhecimento vibra neste esforço singelo, que não tem pretensões a obra literaria.

Este é um livro de sentimento, para quem aprecie a experiencia humana através do coração. Em particular, falará a todos os que se encontrem encarcerados, sentenciados, esquecidos daquele amor que cobre a multidão dos pecados, consoante os ensinamentos de Jesus. A maioria dos aprendizes do Evangelho deixa-se tomar, em sentido absoluto, pelas idéias de resgate escabroso, de olho por olho, ou então, pela preocupação de recompensas na Terra ou no Céu. Aqui, comentam-se reencarnações criminosas; ali, esperam-se tão só prantos amargos; alem, existem corações anelantes de remansado e ocioso pousio. A esperança e a responsabilidade parecem tesouros esquecidos. É razoavel que se não possa negar o carater incorruptivel da justiça, porém, não se deverá esquecer o ottimismo, a confiança, a dedicação e todas as energias que o amor procura despertar no amago das consciencias.

Para as almas sinceras, que ainda soluçem nos laços de desânimo e desalento, a historia de Alcione é um bálsamo

reconfortador. Naturalmente que ela propria, qual amorosa visão da espiritualidade eterna, emergirá das páginas luminosas da sua experiencia, perguntando ao leitor que se sintiu oprimido e exausto:

— Por que reténs a noção dos castigos implacaveis, quando Nosso Pai nos oferece o manancial inexaurivel do seu amor? Por que atribues tamanha importancia ao sofrimento? Levanta-te! Esqueceste Jesus? Já que o Mestre padeceu por todos, sem culpa, onde estás que não sentes prazer em trabalhar, de qualquer forma, por amor ao seu nome?

A psicologia de Alcione é bem mais complexa do que se possa imaginar ao primeiro exame. Na grandeza da sua dedicação, vemos o amor renunciando á glória da luz, afim-de mergulhar-se no mundo da morte. Com seu gesto divino, a Terra não é apenas um lugar de expiação destinado a exilio amarguroso, mas, tambem uma escola sublime, digna de ser visitada pelos genios celestes. Dentro dos horizontes do planeta, ainda vigem a sombra, a morte, a lágrima... Isso é incontestavel. Mas, quem seguir nas estradas que Alcione trilhou, converterá todo esse patrimonio em tesouros opimos para a vida imortal.

Aqui, pois, oferecemos-te, leitor amigo, tão velhas recordações.

Crê, no entanto, que por velhas, não são menos preciosas. São heranças sagradas do escritorio do coração, jóias de subido valor que espalharemos a esmo, recordando que, se muita gente presume haver alcançado os sucessos retumbantes e a felicidade illusória no campo vasto do mundo, em verdade ainda não aprendeu nem mesmo a estabelecer a vitória da paz, na experiencia sagrada que se verifica entre as paredes de um lar.

EMANUEL

Pedro Leopoldo, 11 de janeiro de 1942.

RENÚNCIA

PRIMEIRA PARTE

I

SACRIFÍCIOS DO AMOR

A paisagem era formada de sombras, numa região indefinível na linguagem humana. Substâncias diferentes das que compõem o solo terrestre constituíam a sua crosta sulcada de caminhos tortuosos entre arbustos mirrados, á semelhança dos cactus propios das zonas áridas. Os horizontes perdiam-se ao longe, nas linhas escuras do quadro melancólico, como se aquela hora assinalasse pesado crepúsculo.

Fazia frio, agravado pelas rajadas fortes do vento humido, que soprava rijo, deixando no espaço uma vaga expressão de doloroso lamento. O lugar dava a impressão de triste país de exílio, destinado a criminosos condenados a penas ingratas.

Entretanto, ouviam-se vozes que a ventania quasi abafava, como de prisioneiros cheios de especção e de esperança.

Em singular e sombrio recôncavo, pequeno grupo de espíritos culposos, comentava largos projetos de atividades futuras. Suas tunicas exóticas e grandes capuzes pareciam identifica-los como estranhos ministros de um culto ignorado na Terra. Alguns revelavam-se inquietos, taciturnos, outros deixavam transparecer nos olhos enorme desalento.

— Agora! — dizia um que evidenciava posição de relêvo — necessitamos renovar ideais, imprimir novo im-

pulso á nossa volição enfraquecida. O passado vai longe e faz-se imprescindível arregimentar todas as forças para as lutas que vêm perto. A providencia misericordiosa do Todo-Poderoso nos concede ensanchas de novas experiencias na Terra. Meditemos em nossas quedas dolorosas no redemoinho das paixões do mundo e firmemos-nos nos santos propositos de triunfo. Quantos anos temos perdido em amarísimos sofrimentos, no plano dos remorsos devastadores?... Recordemos as angústias da via expiatória e agradeçamos a Deus o ensejo de voltar ás tarefas purificadoras. Esqueçamos a vaidade que nos envileceu o coração; a ambição e o egoismo que nos torturam a alma ingrata, e preparemo-nos para as experiencias justas e necessárias.

A voz do locutor, porém, embargava-se afogada em lágrimas. A lembrança dolorosa do passado empolgava o grupo de antigos sacerdotes desviados do nobre caminho que o Senhor lhes havia traçado.

Iniciara-se a troca de impressões, entre todos. Alguns expunham dificuldades íntimas, outros comentavam a intenção de trabalhar devotadamente, até a vitória.

— O que mais me impressiona — proclamava um companheiro — é o fantasma do esquecimento que nos obscurece o espírito, lá na Terra. Antes da experiencia, arquitetamos mil projetos de esforço, dedicação, perseverança; somos nababos de preciosas intenções, mas chegado o momento de executar, revelamos as mesmas fraquezas ou incidimos nas mesmas faltas que nos compeliram aos desfiladeiros do crime e das reparações acerbadas.

— Mas, onde estaria o mérito — explicava o amigo a quem eram dirigidas aquelas observações — se o Criador não nos felicitasse com esse olvido temporário? Quem poderia aguardar o êxito desejável, defrontando velhos inimigos, sem o bálsamo dessa benção celestial sobre a chaga da lembrança? Sem a paz do esquecimento transitório, talvez a Terra deixasse de ser uma escola abençoada para ser um ninho abominável de ódios perpétuos.

— Entretanto — objetava o interlocutor — semelhante situação me atemoriza. Sinto enorme angústia só em pensar que perderei novamente a memória, que fica-

rei quasi inconciente de meu patrimonio espiritual, ao palmilhar as estradas terrestres, qual enterrado vivo a quem fôsse subtraída a faculdade de recordar.

— Mas, como aprenderias a humildade com as reminiscencias ativas do orgulho? Poderias, acaso, beijar um filho sentindo nele a presença de um inimigo figadal? Conseguirias, de pronto, a força precisa para santificar, pelos elos conjugais, a mulher que manchaste noutros tempos induzindo-a ao meretrício e ás aventuras infames? Não percebes, no olvido terrestre, uma das mais poderosas manifestações da bondade divina para com as criaturas criminosas e transviadas? Concordo em que a experiencia humana para quem observou, mesmo de longe, como aconteceu a nós outros, as resplendencias da vida espiritual significa, de fato, a reparação laboriosa no seio de um sepulcro; mas nós, meu caro Menandro, estamos desde ha muito mumificados no crime. Nossa consciencia necessita o toque das expiações salvadoras. A morte mais terrível é a da queda, mas a Terra nos oferece a medicação justa, proporcionando-nos a santa possibilidade de nos reerguermos. Renascermos em suas formas perecíveis e, em cada dia da experiencia humana morreremos um pouco, até que tenhamos eliminado, com o auxilio da poeira do mundo, os monstros infernais que habitam em nós mesmos...

O amigo pareceu meditar aqueles conceitos profundos e dando a entender que se convencera, interrogou com atenção, encaminhando a palestra para outros rumos:

— Quando se verificará nossa localização definitiva nos fluidos terrestres, com vistas á nova experiencia?

— A qualquer momento. Como sabes, muitos dos nossos já partiram. Os benfeitores de nosso destino, que advogaram a concessão de novas oportunidades ao nosso esforço remissor já nos enviaram a mensagem derradeira, desejando-nos realizações felizes nos trabalhos futuros.

Nesse instante, sucedeu qualquer cousa que o grupo de almas sofredoras e esperançosas não conseguiu perceber. Uma forma luminosa descia do plano constelado,

semelhante a uma estrela desprendida do imenso colar dos astros da noite, que agora se caracterizava pela sombra mais envolvente e profunda. Quasi ao tocar no centro da paisagem escura, tomou a fôrma humana, embora não se lhe pudesse determinar os traços fisionômicos, tal a sua auréola de ofuscante esplendor. No entanto, como acontece no círculo das impressões humanas condicionadas às necessidades de cada criatura, nenhum dos circunstantes lhe registou, de maneira absoluta, a presença generosa, senão mediante uma íntima alegria, permeada de santas esperanças. Ninguém poderia definir o sentimento de bom ânimo que se estabelecera, de modo geral. Elevada perspectiva de vitória no porvir palpitava, agora, nas conversações. Alguem declarou que naquele instante, por certo, estavam descendo novas bençãos de Deus sobre o grupo antes receoso e abatido.

Menandro e Pollux, os dois amigos cuja palestra foi particularmente registada, salientaram a sublime alegria que lhes inundava o coração e o mais santo entusiasmo perdurou, entre todos, até que a pequena assembléia se dissolveu em meio de comovedoras despedidas e compromissos sagrados.

Pollux, todavia, ainda ali ficou longos minutos, a meditar na magnanimidade do Altíssimo e na magnitude do porvir. Não percebia a presença da sublime entidade envolta em luz, que se conservava a seu lado, em atitude carinhosa, mas profundas emoções apoderaram-se de seu espírito, conduzindo-o às reminiscências do pretérito remoto. Naquele instante, sentia-se tocado por sentimentos intraduzíveis. Por que razão havia caído tantas vezes, ao longo dos caminhos humanos? Numerosas lutas sustentara, a-fim-de unir-se a Deus para sempre, através do amor purificado e divino. Experiências laboriosas havia já empreendido no Evangelho de Jesus, para servi-lo em espírito e verdade, e contudo, na luta consigo mesmo, as paixões subalternas sempre saíam vencedoras em sinistros triunfos. Em que constelação permaneceria Alcione, a alma de sua alma, vida de sua vida? Recordava as renúncias e sacrificios dela, em pról da sua redenção, lembrando que, se a sua alma de santa estava sempre repleta

de abnegação, ele, por si, fôra quasi invariavelmente frágil e vacilante, agravando os proprios fracassos. Principiara, de alguns séculos, a tarefa de resgate e aperfeiçoamento sob as claridades do Evangelho de Jesus Cristo, procedera nobremente até certo ponto, mas, no instante de coroar a obra para a vida eterna, caíra miseravelmente como criminoso comum. Desesperara-se. Chafurdara-se no lodo cruél. A revolta, porém, agravara-lhe as penas íntimas, compelindo-o a ceder ante o cerco apertado de novas tentações. Rememorava, agora, a figura da alma bem amada, com lágrimas de amarguroso enternecimento. Sua memória parecia mais lúcida. A sua retina espiritual, desenhavam-se os séculos transcorridos. Ela sempre pura e devotada, êle sempre incorrigível e cruél. Nas últimas experiencias havia pedido o hábito de sacerdote do catolicismo romano, desejoso de entregar-se ao ascetismo regenerador. Preferira tentar o esforço de abster-se das comodidades santas de um lar, a-fim-de sofrer o isolamento e as necessidades profundas do coração, buscando gravar no espírito, a fogo de padecimentos íntimos, o amor acrisolado e fiél. Mas, nas recapitulações perigosas, tal proposito falhara sempre. Conspurcara os santuarios, traíra os deveres santos, esquecera os compromissos sagrados e saíra novamente do mundo como criminoso revél. Pollux considerou os erros do passado execravel e, premido pelas angústias da consciencia, começou a chorar.

Onde estava Alcione que parecia estranha às suas desventuras? Muitos anos haviam decorrido sobre as suas peregrinações, como espírito desolado, entre remorsos acerbos e nunca obtivera a dita de lhe beijar as mãos carinhosas e benfeitoras. De quando a quando, recebia-lhe as mensagens de incitamento e confôrto sagrado; no entanto, não conseguia saciar a saudade torturante nem evitar o proprio desalento de espírito caído no resvaladouro das amarguras cruéis.

Em palestra com os amigos, Pollux encontrava sempre poderosos argumentos para convencer os mais rebeldes ou consolar os mais tristes. Suas vastas reservas de conehcimento conferiam-lhe recursos espirituais que os demais não possuíam.

E contudo, naquela hora da sua eternidade, sentia-se profundamente só e desventurado.

Sob o jugo de atrozes recordações, sentindo que o instante de retôrno ao orbe terráqueo estava proximo, procurou o refúgio caricioso da oração e murmurou baixinho, de olhos erguidos para o alto:

— Jesus, Mestre querido e generoso, concedei-me fôrças ao coração enfêrmo e perverso!... Dignai-vos cerrar os olhos para as minhas fraquezas e vêde, Senhor, quanto soffro!... Fortalecei minha vontade vacilante e, se possível, meu Salvador, dai-me a graça ãe ouvir Alcione, antes de partir!...

Mas, a essa evocação direta da bem amada, o pranto embargou-lhe a prece comovedora e dolorosa. Em attitude humilde, baixou os olhos nevoados de lágrimas e soluçou, discretamente, como se estivesse envergonhado da propria dor.

Nesse instante, a entidade amorosa que o assistia pareceu orar intensamente, dispendendo notavel esforço para tornar-se-lhe visivel. Gradualmente, extinguiram-se os raios de luz que a envolviam em reflexos divinos. A sombra da paisagem cercou-a inteiramente, e uma jôven de singular beleza tocou o penitente nos ombros, num gesto de encantadora ternura.

— Pollux! — murmurou com indizível doçura.

Ele ergueu a fronte e soltou um grito de inefavel surpresa.

— Alcione!... Alcione!... — respondeu com júbilo incoercivel, postando-se de joelhos ao mesmo tempo que lhe osculva as mãos reconhecidamente. — Ha quanto tempo me vejo privado dos teus carinhos?! Meus dias são milenios de inenarraveis angústias. Vieste atender ao mísero que sou?... Ah! sim, Deus sempre envia seus anjos aos desgraçados, como enviou Jesus aos pecadores... —

— Levanta-te para o testemunho de amor ao Altíssimo — disse ela com anjélica ternura — não te julgues abandonado nos caminhos da regeneração. O Senhor está conosco, como estou sempre contigo. Anima-te para no-

vas experiencias! Jesus não desampara nossos propositos elevados. Sofre e trabalha, Pollux, e, um dia nos reuniremos para sempre na radiosa eternidade. Deus é a fonte da alegria imortal, e quando houvermos triunfado de toda a imperfeição, banhar-nos-emos nessa fonte de júbilos infinitos.

— Ai de mim! — replicou revelando amargurosa desesperança.

Não lamentos! — tornou a entidade generosa — não perseveres em lastimar, quando o Todo-Poderoso nos faculto o direito de renovar o esforço para as divinas conquistas. Novas tarefas te aguardam no seio amigo da Terra generosa. Solicitaste uma oportunidade nova de consagração a Deus, a Providencia te concedeu esse precioso ensejo.

— Sim — esclareceu Pollux desfeito em lágrimas — roguei a recapitulação do esforço dos sacerdotes devotados ao labor divino. Mais uma vez, quero tentar as provas da abnegação e do ascetismo, na exemplificação do amor ao proximo. Mobilizarei todas as minhas energias para avançar alguns graus na distancia imensa que nos separa na escala evolutiva. Quero viver sem lar e sem filhos carinhosos, quero conhecer a solidão que muitas vezes já experimentaste no mundo, nos extrenuos sacrificios por mim. Minhas noites hão de ser desertas e tristes, caminharei junto dos que cáem e padecem sôbre a Terra, no proposito de servir a Jesus, através da sua seara de amor e perdão.

Alcione contemplou-o embevecidamente, olhos mareados de pranto, numa doce emoção de júbilo e reconhecimento. As afirmativas e promessas do amado penetravam-lhe o coração como brandas carícias. De ha muito trabalhava com fervor pela obtenção daquele minuto divino, em que Pollux conseguisse compreender e sentir o Mestre no coração, antes de interpreta-lo intellectualmente, apenas.

— Jesus abençoará nossas esperanças — exclamou afetuosa. — Nós que saímos juntos do mesmo sôpro da vida, chegaremos juntos aos braços amoveis do Eterno. Pollux soluçou convulsivamente.

— Esperar-te-ei — disse ela — através dos caminhos do Infinito. Lutarei ao teu lado nos dias mais ásperos, dar-te-ei as mãos sobre os abismos tenebrosos.

— Perdoaste-me, como sempre? — interrogou Pollux, voz entrecortada pela emoção do encontro.

— Os que se amam fundem as almas no entendimento recíproco. Deus perdoa, concedendo-nos a oportunidade da redenção e nós nos compreendemos uns aos outros.

E evidenciando o desejo de restaurar as energias do amado, continuou:

— Quantas vezes também caí nas estradas longas e ríspidas. Acaso tenho um passado sem mácula?!... Não és o único a padecer nos resgates justos e penosos. Milhões de almas, neste mesmo instante, clamam as desventuras do remorso e invocam as bênçãos do Altíssimo para o trabalho retificador. E não será razão para infinita alegria a certeza da concessão divina para recomeçar? Já recebeste a permissão do Senhor para o reinício da luta, avizinha-se o instante bendito do retorno á tarefa e pensaste, acaso, nas torturas imensas de quantos, neste minuto, se sentem oprimidos e amargurados, na expectativa ansiosa de alcançar a dádiva que já obtiveste?...

Pollux contemplou-a reconfortado, mas, objetou melancolicamente:

— Ah! sinto que poderia atingir culminancias nas necessárias reparações; entretanto, Alcíone, precisava para isso da tua assistencia constante. Sei que preciso recorrer a provas difíceis de abnegação e de ascetismo, mas... se pudesse, ao menos, ver-te na Terra... Serias, para a minha tarefa, a radiosa estrela d'alva e, á noite, quando fluissem do céu as bênçãos da paz, lembrar-me-ia de ti e encontraria nessa recordação o manancial da coragem e dos estímulos santos!...

Ela pareceu meditar profundamente e redarguiu:

— Implorarei a Jesus me conceda a alegria de voltar á Terra, a-fim-de atender ao meu ideal, que se constitúe aos meus olhos, de deveres sacrossantos.

— Tú! Voltares? — perguntou o precito, ébrio de esperança.

— Por que não? — explicou Alcíone com meiguice. — O planeta terrestre não será um local situado igualmente no céu? Esqueceste o que a Terra nos tem ensinado qual mãe carinhosa, na grandeza de suas experiencias? Muitas vezes, nós, na qualidade de filhos dela, manchamos-lhe a face generosa com delitos execráveis e entretanto, foi em seu seio que o Mestre surgiu na mangoeira singela e levantou a cruz divina, encaminhando-nos ao serviço da remissão.

— Ah! se Deus permitisse ao misero penitente que sou — disse Pollux dominado por indifarsavel alegria — a ventura de ouvir-te no estreito circulo terrestre, acredito que nada teria a temer na senda reparadora...

Alcíone notou-lhe o surto de alegria transbordante e, ponderando-lhe as observações, palavra por palavra, obtemperou:

— Antes da minha precisarás ouvir a voz de Cristo e, se Ele com sua infinita bondade permitir minha volta á Terra, jamais olvidemos que vamos lá regressar, não para auferir gosos prematuros, mas para sofrer juntos no caminho redentor, até podermos desferir o vôo supremo de felicidade e união, em demanda de esferas mais altas. Na obra de Deus, a paz sem trabalho é ociosidade com usurpação. Não afastes os olhos do quadro de sacrificios que nos compete fazer a favor de nós mesmos!

— Sim, Alcíone, tu és o meu anjo bom — murmurou elle entre lágrimas. Ensina-me a percorrer as estradas depuradoras. Não me desampares. Dize-me como devo proceder na Terra. Repete que te não afastarás do meu caminho. Inspira-me o desejo santo de resgatar meus peccados debitos, até o fim...

Sentado em attitude humilde, o misero sofredor guardava a cabeça entre as mãos, enxugando as lagrimas copiosas.

Alcíone afagou-lhe os cabelos com ternura e falou docemente:

— Não temas a prova de purificação, que te conduzirá ao júbilo na senda eterna. O cálice do remédio deve ser estimado por sua virtude curativa, não pelo travo do conteúdo, que apenas produz a penosa sensação de al-

guns segundos. Sê reconhecido a Deus nos sacrifícios, Pollux! Não desejes, nem esperes regalias na escola de edificação, onde o proprio Mestre encontrou a bofetada e a cruz do martírio. Não escutes as falsas promessas nem atendas aos caprichos perniciosos que nascem do coração. Obedece ao Pai e toma Jesus por cireneu de todas as horas. A porta estreita, ainda e sempre, é o maravilhoso simbolo para a divina iluminação. Foge das fantasias envenenadas que trabalham contra as santificantes aspirações do espirito. Recorda as angustiosas experiencias que tantas vezes empreendemos na Terra, para a conquista de nossa perpétua união. Não temos sede de enganosas satisfações. Temos sede de Deus, Pollux! O infinito amor que nos transfunde as almas tem sua origem sagrada em sua misericórdia paternal. Quero-te eternamente, como sei que a união comigo é a tua sublime aspiração: entretanto, seria justo encerrar nosso júbilo num círculo egoístico, tão somente? Amamo-nos para sempre, a eternidade nos santifica os destinos, mas o Pai está acima de nós. Entreguemo-nos ao seu amor no santo trabalho de suas obras. Em suas mãos augustas, meu querido, palpita a luz que enche os abismos. Haverá maior glória que praticar sua divina vontade, que se traduz em amor, dedicação e alegria? Nos caminhos novos a percorrer, lembra o Pai Amado e atende-o em todas as circunstancias. Não acaletes no coração os germes da vaidade e do egoismo. Sacrifica-te. Dá combate a ti mesmo. Os triunfos exteriores são aparentes e podem ser mentirosos. A vitória espiritual pertence á alma heróica que soube unir-se ao céu, através de todas as tempestades do mundo, trabalhando por burilar-se a si propria.

Pollux chorava, compungidamente, mas rogou com expressão comovedora:

— Compreendo-te as palavras sábias e afetuosas! Farei tudo por unir-me a Deus e a ti, eternamente. Pede por mim a Jesus para que eu tenha reflexão e bondade no mundo...

No entanto, como se experimentasse um choque inesperado, levou as mãos ao peito, calou-se por momentos, para depois retomar a palavra espantado e hesitante:

— Alcione querida, não sei se a emoção desta hora divina abalou minhas energias mais profundas; contudo, sinto que algo me envolve a fronte, uma força incoercível parece ameaçar o cérebro vacilante, experimento penosas sensações, como quando perdemos as forças devagarinho, antes de cair...

E, após outra pausa ligeira, voltava a exclamar, revelando amarga estranheza:

— Chamam por mim... ouço vozes que me chegam de longe... que vem a ser isto?!...

O rosto se lhe cobrira de intenso livor, de profunda palidez e deixando perceber que escutava interpelações de um mundo diferente, interrogou entre atemorizado e surpreendido:

— Como interpretar estes apêlos?! É este o triste momento? Ah! não, não pode ser!...

Mas nesse instante, a jóven sentou-se a seu lado, carinhosa tomou-lhe a fronte cansada no regaço generoso e, afagando-lhe os cabelos com extrema ternura, esclareceu:

— Acalma-te. Chamam-te da Terra. Vais adormecer para despertar na experiencia nova, nos círculos da vida humana. Partirás de meus braços para o seio da afetuosíssima mãezinha que Jesus te destinou.

Pollux experimentava estranhas sensações, caracterizadas por súbito abatimento; mas sentindo-se conchegado ao amoroso regaço de Alcione, tinha a impressão de ser a mais venturosa das criaturas. Impressões dominadoras de sono senhoreavam-no e no entanto, lutava desesperadamente contra elas, tentando dilatar a ventura daqueles momentos sublimes e obtemperando carinhosamente:

— Não desejaria outra mãe, senão tu mesma. Reunes, para mim, todos os sagrados requisitos de mãe, de irmã, de companheira e noiva bem amada...

Ela que também demonstrava grande emoção nos olhos razos d'água, acrescentou com meiguice:

— Sim, somos dois corações numa só alma, sob os desígnios do Altíssimo!

Pollux, agora, evidenciava intraduzível angústia. Os olhos moviam-se inquietos, obedecendo ás ansiosas expectativas do seu mundo interior. O peito arfava dolorosamente, como se o coração tentasse romper o tórax, causando-lhe indefinível angústia. Seu estado geral dava a impressão de um moribundo na Terra, nas vascas da morte. Fixou os olhos inquietos na bem amada, tal qual uma criança necessitada de carinho e falou com dificuldade:

— Alcíone, não será este padecimento igual ao da morte que conhecemos no mundo?!... (1)

— Sim, meu querido, tua angústia de agora é outra crise periódica...

— Reconheço — disse êle completando o raciocínio — e estou certo de que terei crises semelhantes na Terra, ou noutros planos, até que me liberte da morte no pecado... Um dia encontrarei a ressurreição eterna, a harmonia sem fim... Permanecerei a teu lado para sempre!...

A jóven aconchegou-o ao coração, com mais ternura.

— Alcíone — murmurou dificilmente — não sei se me perdoaste a ponto de permitir ao meu espírito miserável a solicitação de uma dádiva celestial...

Ela adivinhou-lhe os pensamentos mais secretos e todavia, com a delicadeza de quem não deseja parecer superior, retrucou carinhosamente:

— Dize, Pollux! Que não farei por tua felicidade?

— Desejava... que me beijasses... ao menos uma só vez, antes de partir...

Lágrimas ardentes repontaram nos olhos da noiva espiritual, que, estreitando-o ternamente de encontro ao coração, como se atendesse á tenra criança, replicou cheia de brandura:

— Antes disso, elevemos a Jesus nosso beijo de amor e reconhecimento. Roguemos ao seu coração magnanimo proteção e amparo ao nosso ideal divino.

(1) Os fenómenos da reencarnação, como aqueles que assinalam o desprendimento do espírito no mundo, abrangem as mais variadas fórmãs e se verificam de acôrdo com as necessidades de cada um. — *Nota de Emmanuel.*

O interlocutor fixou no seu rosto angélico os grandes olhos atormentados e murmurou:

— Acompanharei tuas preces...

Alcíone ergueu o olhar lícido ao céu constelado, que esplendia alem das sombras que envolviam aquela região de amargura, e orou fervorosamente:

— Mestre amado...

Depois da pausa natural, Pollux repetiu comovedoramente:

— Mestre amado...

A jóven sentiu que o pranto quasi lhe embargava a voz, mas, seguida por ele, continuou:

— Com veneração e carinho, nós, meu Jesus, desejamos oscular vossos pés. Recebei no santuário de vossas glórias divinas a pobre lembrança dos servos humildes e necessitados. Nossas almas estão cheias de gratidão á vossa bondade. Permiti, meu Salvador, que possamos honrar o vosso nome trabalhando na seara de perdão, de verdade e de amor, com a vossa doutrina. Abençoai nossas lutas salvadoras, dai-nos a força para vos testemunhar eterna fidelidade, amparai nossos espíritos até o dia em que nos possamos unir em vosso seio, na claridade sem fim da eternidade luminosa!...

Alcíone interrompeu a oração, que se assemelhava a um cântico divino fragmentado por doce estacato. Na paisagem desolada, fizera-se luz intensa, que Pollux não conseguia perceber. Generosos emissarios acercaram-se dos dois filhos de Deus, que imploravam de todo o coração, o amparo de Jesus.

A jóven, nesse momento, inclinou-se para o bem amado e, na compostura de mãe carinhosa e desvelada, beijou-o longamente nos lábios com infinita ternura.

Pollux desejou proclamar seu precioso júbilo, dizer da suave emoção que lhe banhava o espírito, suplicar a dilação daquela hora gloriosa do caminho eterno, mas não conseguiu articular palavra. As lágrimas ardentes, porém, que lhe rolavam dos olhos qual lícido colar de pérolas divinas, diziam bem alto da sua comoção indefini-

vel. Olhar fixo em Alcione, qual agonizante na Terra, que desejasse guardar para sempre o quadro mais querido, cerrou as pálpebras cansadas e rendeu-se ao grande sono.

Foi aí que os mensageiros de Cristo aproximaram-se da comovida jóven, que lhes entregou o bem amado com profundo desvêlo, falando-lhes brandamente:

— Irmãos, não vos esqueçais de que vos confio um tesouro!...

Em seguida, tomou sua roupagem de luz e afastou-se da paisagem nevoenta, dando a impressão de uma estrela solitária que regressava ao paraíso.

Pouco depois, ei-la que aporta em portentosa esfera, inconfundível em magnificência e grandeza. O espetáculo maravilhoso de suas perspectivas excedia a tudo que pudesse caracterizar a beleza, no sentido humano. A sagrada visão do conjunto permanecia muito além da famosa cidade dos santos, idealizada pelos pensadores do cristianismo. Três sóis rutilantes despejavam no solo arminhoso oceanos de luz mirífica, em cambiancias inéditas, como lampadarios celestes acêsos para feérico festim de genios imortais. Primorosas construções engalanadas de flores indescrevíveis, tomavam a forma de castelos talhados em filigrana dourada, com irradiações de efeitos policromos. Sêres alados iam e vinham, obedecendo a objetivos santificados, num trabalho de natureza superior, inacessível á compreensão dos terrícolas.

Alcione penetrou num templo de majestosas proporções, dominada por pensamentos intraduzíveis. Muito acima da nave radiosa, elevava-se uma torre translúcida, trabalhada em substancia sólida e transparente, semelhante ao cristal e de cujo interior jorravam melodias harmoniosas.

O santuario augusto era uma vasta colméia de trabalho e oração.

Alcione passou por companheiros muito amados, atravessou compartimentos repletos de luz nitente e, aproximando-se de Antênio — a entidade anjelial que, por sua excelsa posição hierárquica, ali cumpria as ordenações de Jesus, falou com humildade:

— Anjo amigo, deliberei suplicar ao Senhor a permissão de voltar temporariamente ás tarefas terrenas.

— Como assim? — inquiriu Antênio admirado — acaso todos nós permanecemos aqui impossibilitados de auxiliar o planeta terrestre? Não estamos a serviço de Cristo no afã espiritual de reerguer esse órbe?

— Explico-me — disse a recém-chegada timidamente — rogo a concessão de um corpo terrestre, caso Jesus me conceda essa dádiva.

O generoso mentor contemplou-a com amoroso respeito, compreendeu-lhe as intenções mais íntimas, esboçou um sorriso de bondade e perguntou:

— Mas, teus trabalhos na constelação de Sirius? Não estás cooperando com os benfeitores da Arte terrestre? Acredito não vir longe a época de serem levados ao mundo terreno os necessários elementos de inspiração, depois do resultado de tantos esforços para a solução de certos problemas do ritmo e da harmonia.

— Se possível — acrescentou a joven com emoção — desejaria interromper essas pesquisas que me falam gratamente á alma, para retoma-las no porvir.

— Mas, Alcione — obtemperou o orientador dando fôrça ás palavras — por que um novo e arriscado compromisso? Compreendo as razões que interferem na tua súplica; entretanto, pondero que podes trabalhar aqui mesmo, a favor daqueles a quem amas, encorajando-os e assistindo-os da esfera em que te encontras.

— Confesso-te, porém, generoso Antênio, que profundas saudades me lancinam rudemente o coração. Será condenavel o desejo firme de alcançar a felicidade através das renúncias do amor e nos propositos de semear o bem?! Perdôa-me se a presente rogativa causa estranheza á tua alma carinhosa, que tanto me tem amado no glorioso caminho para Deus. Releva-a, recordando que o proprio Jesus teve saudades de Lázaro e, ainda agora, na majestade da sua glória divina, experimenta cuidados pelos discípulos caídos, que padecem e choram!...

A bondosa e sábia entidade ouviu-a comovida, em afetuoso silêncio.

— Além disso — prosseguiu mais animada — não

desejo regressar á fôrma estruturada em poeira, tão sómente para seguir o amado Pollux, a quem me permitiste advertir e consolar. Quasi todos os meus companheiros bem amados no esforço evolutivo de outras eras, estão atualmente no planeta, mas, em sua generalidade, envenenados por consequencias sinistras de oportunidades menosprezadas e perdidas. Ás vezes, suas queixas dolorosas e aflitivas me repercutem penosamente nalma, ouço-lhes as preces ansiosas e nossos cooperadores nos fluidos pesados do órbe me enviam mensagens que são verdadeiros brados de socôrro, aos quais não posso ficar insensível, por mais que me procure confugir á perfeita confiança no Todo-Poderoso.

— Sim, atalhou Antênio sensibilizado — conheço os teus motivos sacrossantos.

E, como quem desejava ministrar todos os esclarecimentos possiveis, ao seu alcance, continuou:

— Apesar de nossos bons desejos, querida Alcione, não creio que Pollux obtenha desta vez o exito imprescindível. Seu esforço de agora será uma experiencia proveitosa, mas, possivelmente, ainda não logrará a corôa da vida. Embora a dedicação que me compele a falar-te em termos tão sinceros, devo acrescentar que essa é a verdade clara aos nossos olhos. Entretanto, tambem sei que outros velhos amigos teus caíram em tenebrosos desvios de impiedade, traindo sagradas obrigações. Os que te foram pais algumas vezes, perderam-se na embriaguês da autoridade e nas fantasias da fortuna; os que te foram irmãos e familiares, tombaram vencidos no despotismo e na desvairada ambição. E o mais lamentavel é que se complicaram mutuamente, alimentando a fornalha do ódio com a lenha do egoismo, carbonizando intenções generosas e anulando extrênuos esforços de quantos os auxiliam com abnegação e nobreza. Nenhum cedeu em caprichos, ninguém perdoou nem esqueceu o mal. As ervas daninhas invadiram o campo de tuas esperanças divinas. Teus compromissos com o Senhor sofrem pesadas ameaças. Justifico, dêsse modo, as tuas razões, embora não possa aplaudir a extensão dos sacrificios que pretendes fazer.

A joven demonstrou no olhar sincero reconhecimento por semelhantes palavras de compreensão e exclamou:

— Anjo amigo, tenho tanto desejo de acariciar aquela que me foi mãe desvelada em outros tempos!... Não será justo procurar assistir os que, noutras eras me auxiliaram a penetrar nas sendas da redenção?

— Ouve, porém, Alcione — observou Antênio solenemente — tuas rogativas são louvaveis e tuas aspirações são mais que justas; mas, assim como te aconselhei advertir Pollux, devo tambem exortar-te por minha vez. Deves saber o volume dos trabalhos e responsabilidades que solicitas do Mestre.

— Sim, replicou a joven sem hesitação, estou disposta a procurar minhas drácmas perdidas, se mo permitires em nome do Senhor.

— Já ponderaste nos obstáculos imensos? Lembra que o proprio Jesus penetrando na região terrestre foi compelido a se aniquilar em sacrificios pungentes. Recorda que as leis planetarias não afetam somente os espiritos em aprendizado ou reparação, mas tambem os missionarios da mais elevada estirpe. Experimentarás, igualmente, o olvido transitório e, embora não tanto agravados em virtude das tuas conquistas, sentirás o mesmo desejo de compreensão e a mesma sêde de afeto que palpitam nos outros mortais. Para esclarecimento dêsses problemas, minha querida, o Mestre deixou á comunidade dos discipulos profundos ensinamentos no Evangelho. O mundo, representado por maus sacerdotes e falsos doutores, buscou tentar o proprio Jesus. Já meditaste na tua aproximação de Pollux, investida num corpo de carne? Sabemos que Pollux parte com deveres de suma importancia, em função de coletividade; e tu te sentes preparada para neutralizar a poderosa lei da atração das almas? Não o digo no sentido de preocupações subalternas, mas ponderando a grandeza dos teus sentimentos afetivos, em relação á grandeza mais sublime das obrigações assumidas para com Deus. Terás animo para lhe ouvir no mundo os rogos amorosos mantendo-o no seu posto, incólume e sobranceiro á solidão de si mesmo? Sem dúvida, a lei terrestre te encherá de desejos e te induzirá a considerar

a possibilidade de proporcionar-lhe filhos afetuosos, em obediência aos seus princípios naturais. Além disso, teus afetos de outras épocas, como, por exemplo, os que te foram pais amorosos, receberão a palma de lutas ásperas e agudas provações. A senda de quasi todos os teus amigos está semeada de espinhos, plantados pelas próprias mãos, no seu desapêgo á misericórdia do Todo Poderoso. Sentes-te bastante forte para assumir tão grave compromisso? Conheço numerosos irmãos que, depois de pedirem missões arriscadas, como esta, voltaram onerados de mil problemas a resolver, assim retardando preciosas aquisições.

— Conheço a gravidade da minha decisão — esclareceu a joven com muita humildade — mas, sabendo-me fraca pelo muito que amo, espero que o Senhor me fortaleça nos dias de sombra e aflição. Pela cruz que sua magnanimidade aceitou em nosso beneficio na Terra, rendo-me á sua augusta vontade, mantendo, contudo, minha sincera rogativa!...

Antônio contemplou-a tomado de nobre admiração e sentenciou:

— Louvo os teus propositos firmes e sei que tua poderosa confiança em Cristo é penhor sagrado de vitória; mas devo ainda lembrar-te que a situação terrestre dos que se propõem ao serviço legítimo da virtude — ainda e sempre — é inçada de sofrimentos atrozes. Não desconheces que, nessas missões sublimes, a criatura disputa o direito de acompanhar o Mestre em seus divinos passos. O discipulo da verdade e do amor, no mundo, é alguma cousa de Jesus e de Deus, e a massa vulgar não lhe perdoa tal condição, sobrecarregando-o de pesados amargores, porque seus sentimentos não são análogos áqueles que a conduzem á incoerencias e desatinos. Não poderá haver acôrdo entre a virtude e o pecado. E como o pecado ainda domina o mundo, a tarefa apostólica em seus trameses será sempre um doloroso espetáculo de sacrificio para as almas comuns. Todos os que seguiram Jesus foram obrigados a identificar o destino com o sinal do martírio. Os que se não desprendem da Terra crucificados nas dores públicas, retiram-se ao desamparo, esmagados

pelos opróbrios humanos, caluniados, humilhados, encarcerados, feridos. Raros triunfaram conservando a serenidade e o amor imaculado, até o fim!... Ponderaste semelhantes experiencias em que tua alma peregrinará por algum tempo, retalhada de angústias?!...

— Sim, generoso amigo, refleti em tudo isso e estou resolvida ao testemunho, por mais cruél que seja o meu roteiro.

— Venturosa serás se puderes aceitar o sofrimento na Terra, dentro desse conceito — exclamou o mentor com grande tranquilidade. — O homem comum, nos seus interesses mesquinhos, não considera a dor senão como resgate e pagamento, desconhecendo o gôso de padecer por cooperar sinceramente na edificação do Reino de Cristo.

— Jesus, que vê o meu coração, me ensinará a transformar a tortura em cantico de graças e me auxiliará a esquecer as cogitações menos dignas, de que me possam cercar os espiritos vulgares, relativamente ao trabalho porfiado e difficil da redenção e do engrandecimento da vida.

Antônio comoveu-se profundamente em face de tão valorosa resolução e respondeu, afinal:

— Pois bem, já que te firmas em propositos tão altos e guardas todos os preceitos justos e imprescindiveis á situação, permito o teu regresso á Terra, em nome do Senhor.

Alcione transbordava de júbilo santo. A suave emoção daquela hora abria-lhe portas resplandecentes de esperança e alegria inexcediveis.

— Considerando — disse o amoroso instrutor — que partirás não mais ocasionalmente e sim para uma transformação sacrificial, que exigirá muito trabalho e renúncia, ficas desde já desligada de tuas obrigações nesta esfera, a-fim-de te adaptares, vencendo as situações adversas das regiões inferiores que nos separam do mundo e no que, pressinto-o, deverás gastar quasi dez anos terrestres.

Alcione, vertendo lagrimas de alegria e gratidão, aproximou-se, tomou a destra de Antônio e murmurou:

— Deus te recompense!...

— Que a sua misericórdia te abençoe! — exclamou o instrutor acariciando-lhe os cabelos. — Seguir-te-ei daqui com as minhas preces e esperar-te-ei confiante na vitória futura!...

A generosa amada de Pollux ainda se conservou no templo, até o fim do dia.

Ao crepúsculo, quando se despediam, no espaço os raios dos três sóis diferentes, em deslumbramento de côres, Alcíone reuniu-se a numeroso grupo de amigos e orou com fervor, suplicando as bênçãos do Pai misericordioso.

O firmamento enchia-se de claridades policrômicas e deslumbrantes. Satélites de prodigiosa beleza começavam a surgir na imensidade, envolvendo a paisagem divina num oceano de luz.

A carinhosa benfeitora osculou a fronte dos companheiros de serviço divino e partiu...

Daí a instantes, chegava ao templo uma pequena caravana de entidades jubilosas. Era a reduzida expedição que operava nas esferas de Sírius. Um dos seus componentes, depois de fitar a vastidão do céu, entrou no templo e dirigiu-se a Antênio, interrogando:

— Quem é o viajor que vai seguindo na direção das Faixas Negras?

— É Alcíone, que se propôs novo trabalho entre os espíritos incarnados na Terra.

— Que dizes? — revidou tomado de espanto — Alcíone beberá novamente o cálice amargo de tamanha renúncia?

— São os sacrifícios do amor, meu filho! — respondeu o preposto de Cristo, evidenciando compreensão e serenidade. — Só o amor poderia compeli-la a permanecer ausente do nosso Amado Lar.

Então, saíram todos para o jardim resplendente que rodeava o santuário, e contemplando a figura luminosa que se afastava rumo às zonas obscuras, enviaram á abnegada companheira que partia para tão longa e perigosa viagem, seus votos de confiança e amor, em preces sinceras.

II

ANSEIOS DA MOCIDADE

No dia 7 de junho de 1662, Paris em pêso não comentava outro assunto senão as esplendidas festas populares do Carroussél, que Luiz XIV havia improvisado em frente às Tulhérias. Dizia-se que o rei estava perdidamente apaixonado por Louise De La Vallière, e que a festividade não obedecera a outro motivo senão homenagear a favorita, não obstante a reserva com que ambos se entregavam ao culto das relações afetivas.

As duas noites precedentes haviam assinalado ruidosas alegrias populares e animadas reuniões elegantes nos salões mais ricos da Côrte. Grande massa de forasteiros invadia os hotéis, principalmente as famílias abastadas procedentes do norte e das cidades vizinhas, atraídas pelo espetáculo inédito do grande feito.

Dizia-se que o soberano mostrava-se agora mais acessível e generoso. Paris estava farta de guerras externas e recordava-se, com temor, das gigantescas lutas internas pelas atividades da Fronda. Terminara o período de influência do Cardeal Mazarini e o espírito popular banhava-se nos boatos de elevadas perspectivas e supremas esperanças. A cidade inteira aguardava, ansiosamente, largos benefícios públicos e novas instituições.

Na tarde desse dia, compartilhando da alegria geral, dois jovens passeavam de carro, nas imediações da Porta de São Diniz, entre os enormes movimentos da antiga Ville, comentando as deliciosas emoções da véspera.

A viatura muito leve, seguia harmoniosamente o

trote de soberbo cavalo normando, cujas rédeas eram manejadas com maestria por Cirilo Davenport, tendo ao lado a jóven Suzana Duchesne, sua prima, graciosamente trajada ao sabor da época. O pequeno veiculo tinha o interior ornado de soberbas azaléias, colhidas pela joven num jardim de Montmartre. O joven par havia empreendido a excursão desde o meio-dia. Suzana visitara duas famílias importantes de suas relações, buscando reaver antigas amizades. Entregara-se ás mais alegres expansões junto do primo, que, embora correspondesse fraternalmente ás suas manifestações afetivas, denotava agora preocupação inhabitual, enquanto a joven tagarelava, obedecendo aos costumes e caprichos da futilidade de todos os tempos:

— Não concordei com os adornos escolhidos para os salões de Madame de Choisy. A festa perdeu muito com aqueles enfeites coloridos e esvoaçantes.

— Não reparei bem — respondeu Cirilo mergulhado noutras reflexões.

— Fiquei cansadíssima de tanto ouvir confabulações atinentes á vida alheia. Sou avessa á maledicencia, mas, como sempre acontece, não podemos ficar indiferentes aos eventos do ambiente social. Por isso mesmo, estou ansiosa de regressar á nossa paz de Blois.

E como o primo não respondesse, muito vivaz e palradora, continuou:

— Já sabes como se processou a aventura amorosa do rei?

— Não.

— Luis (1) não havia destacado a humilde descendente dos Le Blanc entre as mulheres que frequentam a Côrte, mas o fato é que começou a dispensar muitas simpatias a Henriqueta (2). Iniciaram-se os idílios carinhosos, mas a cunhada tratou de salvaguardar, quanto antes, a sua reputação de honestidade e começou a encontrar-se com o rei em companhia de Mademoiselle De La

(1) Luiz XIV.

(2) Henriqueta Anna, de Inglaterra — *Notas de Emmanuel*.

Valliére, que era, então, do grupo de damas do seu séquito. Dêsse modo, afastava qualquer suspeita direta. Contra qualquer impressão menos digna, poder-se-ia dizer que Luis lhe frequentava o ambiente doméstico, não com o proposito de avista-la, mas para encontrar-se com a pobre menina. Foi nesse jôgo que apareceu a mortificante situação que Henriqueta não poderia esperar.

Depois de breve gargalhada irônica, Suzana rematava o comentário impiedoso:

— Luis apaixonou-se desvairadamente e temos agora o escandalo, que constitúe o prato do dia para a voracidade das más linguas. Não conheces todos esses detalhes, porventura?

— Ah! — exclamou o joven Davenport revelando propósito de modificar os rumos da conversação — o que não ignoro é que o soberano é casado com a rainha.

— Ora! ora! — a pobre dona do cétro é uma vítima da politica espanhola.

Observando, todavia, que o rapaz se calava, Suzana timbrou outra tecla das críticas sociais para chamar-lhe a atenção, dizendo:

— Reparaste a Henriqueta lá no baile? As suas convidadas estavam escandalosamente vestidas...

O moço fez um gesto de enfado e replicou:

— Quasi não me detive no exame dos trajas.

— Entretanto dansaste todos os numeros.

Renovando a apreciação acerada, prosseguiu:

— Henriqueta coloca em dificuldade a todos nós que temos alguma ligação com as ilhas. O que posso afirmar é que seu temperamento seria outro, se tivesse alguns principios da educação irlandesa.

— Mas a pobre princesa muito sofreu na infancia — atalhou Cirilo advogando-lhe a causa.

— Essa circunstância, contudo, não devia ser uma razão para conduzi-la a tantas leviandades. Julgo que o sofrimento deve servir para temperar o carater de outro modo...

— Todavia — observou o rapaz — ela é atualmente casada. A análise de suas atitudes deve ser tarefa privada do marido.

— Ora essa! E supões, acaso, que Monsieur Filipe (1) está aparelhado para impôr-lhe a educação espiritual de que precisa?

— Quem sabe?

Esta resposta foi dada em tom de profundo desinteresse, desautorizando qualquer discussão nesse particular. Reconhecendo-o, Suzana fez longa pausa e absteve-se de novos comentários.

A elegante viatura voltou do seu longo trajeto, dirigiu-se para a rua Barillerie, na Ilha, onde estacionou por minutos, á frente de uma casa comercial, e depois tomou rumo da antiga rua de São Diniz, levada ao trote do magnífico animal.

Decorrido algum tempo, a moça retomou a palavra, dando conta da sua inquietação feminina:

— Não desejarías ir conosco, mais logo, ao Teatro do Petit Bourbon?

— Não, não; hoje não me sinto disposto a aderir ao programa do Sr. Molière.

A carruagem aproximara-se da velha ponte de São Miguel, sôbre um braço do Sena.

O crepúsculo ia um tanto adiantado, mas estava embalsamado de perfumes primaveris. Ventos suaves farfalhavam a copa florida de duas grandes árvores próximas. Impressionado, talvez, com a sugestiva beleza da tarde que se vestia no imenso anil do céu, o joven Davenport fitou a companheira com expressão diferente, e falou:

— Suzana, tenho a alma de tal modo repleta de sensações ignoradas para mim, que muito desejaría abrir o coração a quem me compreendesse. Não quero, porém, comentar os assuntos da Côte nem do Teatro. Necessito de uma palestra espiritual, em que eu diga o que sinto, encontrando quem me entenda. Que me interessam o desvio do rei ou a comédia que conquista a atenção dos mais fúteis?

A companheira ruborizou-se. Apertou, disfarsada-

(1) Filipe de Orleans, irmão de Luis XIV. — Nota de EMMANUEL.

mente o seio, onde o coração batia descompassado. Ha quanto tempo esperava aquele minuto adoravel, que lhe permitisse examinar com Cirilo a intensidade do seu afeto? De muito cedo habituara-se a admira-lo como o personagem dos seus sonhos de mulher, e não era segredo, em familia, o projeto de uma união pelos élos conjugais. Ambos haviam nascido na Irlanda, mas sua mãe que era francesa, obrigara o progenitor a transferir-se para o país de origem, de ha muitos anos. Suzana, porém, nunca perdera o contacto com a terra do seu berço. Não obstante as dificuldades naturais da época, visitava, periodicamente, a terra que a vira nascer.

Acabava de atingir os vinte anos, enquanto Cirilo tocava os vinte e cinco. Não seria, então, o momento azado para realizar o sublime ideal? É verdade que sempre aguardara, ansiosamente, do primo as primeiras declarações de amor, a-fim-de entreter com mais segura esperança, os seus deliciosos projetos de ventura. Cirilo, todavia, jamais se manifestara a tal respeito. Ela sabia, contudo, justificar-lhe as reservas expansivas, pelas singularidades de temperamento que o caracterizavam. Embora jovial e sincero, enérgico e impulsivo, era muito discreto nas questões da palavra. Raramente prométia, porque, após o compromisso, materializava as declarações fôsse como fôsse, pelo mal ou pelo bem.

Suzana passou em revista todas as conjeturas e julgou-se dona de uma situação favoravel. Aliás, estava certa de que o primo, após desligar-se dos serviços que o retinham na Sorbona, demandaria a Irlanda, onde a familia o aguardava cheia de esperança, para os enormes trabalhos da propriedade rural, de que seus pais e irmãos se mantinham.

De olhos fulgurantes, a joven respondeu entre satisfeita e comovida:

— Acaso poderías supôr que te não compreendo? Fala-me, Cirilo!... Não desejarías gozar um pouco desta amenidade vespertina? Paremos o carro. Sentemo-nos ali perto da ponte, alguns minutos, vendo deslizar as águas mansas...

O rapaz obedeceu sorridente e satisfeito. Abrigou a carruagem num posto proximo e dando o braço á companheira graciosa, dirigiu-se para os bancos de pedra, que se localizavam nas extremidades da construção muito antiga. O moço trazia os olhos escuros mergulhados numa onda de paixão dominadora.

— Suzana, — disse tomando-lhe a destra em attitude fraternal, como quem busca um refúgio — nunca experimentei no coração o que sinto agora. Minha alma está cheia de sonhos e esperanças sublimes. Ah! o amor é o generoso vinho da vida!...

A joven fizera-se muito pálida. Deveria ser aquele o minuto decisivo do seu destino. Certamente, Cirilo lhe revelaria os propositos mais intimos, falaria do sonho doirado de suas esperanças de moça. Casar-se-iam muito breve... Buscariam a felicidade, abandonariam a França pela Irlanda, a-fim-de cultivarem a ventura conjugal no ambito de cariciosas tradições familiares. Mergulhada em formosas visões, seus olhos brilhavam de intenso júbilo, enquanto o joven Devenport continuava:

— Edificar em ninho doméstico, ter filhos que nos acariciem e garantam a ventura, não será o ideal mais nobre da vida?

Suzana Duchesne apertou-lhe a mão com mais carinho, desejou, com ansia enlaçar-lhe o busto no impulso de sua afeição desvairada, beijar-lhe repetidamente a formosa cabeleira. Sentia-se estonteada de alegria e de esperança, mas ainda não havia acordado de sua visão fantástica, quando ele perguntou, fraternalmente, depois de uma pausa mais longa:

— No entanto, será que ela me ama com igual paixão?

Ela? A pergunta vibrou estranhamente aos ouvidos da joven, que se esforçou por dominar as primeiras impressões de assombro. Outra mulher, então, disputava com ela o mesmo sonho de amor? Monstruoso ciume corrompeu-lhe as emoções mais gratas. O coração fechara-se-lhe de súbito. Não suportaria semelhante afronta. Lutaria pela posse de Cirilo, até o crime ou até a morte. Para isso, seguira-lhe os passos como sentinela fiél, desde a

infancia, e, aos seus olhos, o título de esposa deveria pertencer-lhe como patrimonio incontestado. Verificando, contudo, que o primo observava com estranheza a demora da resposta, cobrou alento em situação tão difficil e replicou:

Ela? Ignoro a quem te referes, querido. Explica melhor para que te possa compreender.

— Madalena Vilamil — esclareceu o rapaz, arruadamente.

Ah! agora, tinha na modulação daquelas duas palavras a chave da questão que se lhe figurava aos olhos um profundo enigma. Identificara a grande e natural inimiga. Não lhe perdoaria nunca. Subjugada por enorme desespero íntimo, recordava que fôra ela propria quem apresentara ao primo a joven amiga, em vésperas das famosas festividades parisienses. Notou que ambos haviam demonstrado recíproco interesse; que, desde então, palestravam animadamente em todas as oportunidades e contudo, jamais pudera imaginar a possibilidade de uma aproximação afetiva de tamanhas consequencias. Sómente aí, percebeu o interesse de Cirilo pela companhia de Madalena, nos bailados da véspera. Tinha a impressão de ainda estar vendo-a com aquela atraente fantasia espanhola, que chamara a atenção de pessoas eminentes da Côte. No quadro da imaginação superexcitada, não mais a considerava associada fraternal de passeios e diversões, mas adversária perigosa que urgia afastar do caminho. Conhecera-a numa visita que Madalena fizera, em companhia do pai, velho fidalgo espanhól arruinado, ao formoso e tradicional palácio da antiga Côte francesa, em Blois. Simpatizara com os seus dotes de inteligência e com as maneiras simples que lhe assinalavam as attitudes; e seu progenitor, Jaques Duchesne Davenport, manifestara pela joven espontanea admiração e sincera amizade. Não sómente pelas afinidades naturais, mas tambem no intuito de agradar o coração paterno, dedicado e carinhoso, Suzana afeioara-se á Madalena com singular interesse. Ela e sua irmã Carolina, nas constantes viagens a Paris, visitavam-na frequentemente em sua residencia de Santo Honorato, e sentiam prazer na sua com-

panhia alegre e inteligente. Desde aquele instante, porém, a moça Vilamil estava condenada á sua aversão cruel. A amizade nobre convertia-se em ódio instantaneo e perigoso. É verdade que Madalena não podia saber das cogitações de seu íntimo, mas não conseguia deter a onda de pensamentos ultrizes que, num instante lhe invadiam a mente, apossando-se impiedosamente do seu coração. Não toleraria tal preferencia do primo, mesmo porque lhe doia na alma como insulto feroz.

— Recordas, acaso, daquela derradeira melodia aragonesa que Mademoiselle Vilamil executou ao cravo com tanta graça? — perguntou o joven, alimentando as proprias reminiscencias.

Excessivamente pálida, esforçando-se por disfarsar a intensa emoção que a dominava, a moça fixou em Cirilo o olhar enérgico, orgulhoso e obtemperou:

— Mas isso é infantilidade da tua parte. Franca-mente, sempre considerei refinado o teu senso artistico. Madalena, de maneira alguma pode corresponder ás exigencias do teu nome e da tua posição.

— Exigencias do nome? — respondeu o rapaz mostrando-se agitado. Julgas, então, que me case em obediencia aos outros, em desacôrdo com as minhas inclinações?

— Não é bem isso — retrucou a moça compreendendo a firmeza de resolução que defrontava — não quero dizer que ela desmereça inclinações afetuosas; mas não concordo que seja a criatura indicada a tomar-te a mão de esposo.

— Por que? — perguntou o joven, mal humorado.

— Desejarias, porventura, que te aprovassem o casamento com uma pobretona espanhola, nascida nos confins de Granada?

— E se alguém afirmasse que somos irlandeses dos confins de Belfast, seriamos por isso menos respeitaveis?

Suzana mordeu os lábios, revelando cólera profunda e respondeu:

— Cirilo, onde colocas o altar sagrado da família? Que ha para te mostrares tão desinteressado em face de nossas tradições familiares? Apresentei-te Madalena, ha

poucos dias, mas não podia acreditar se engendrassem em teu espírito laços tão perigosos e detestaveis. Adotei-a como amiga íntima, em vista da profunda simpatia do papai, a quem nunca cessarei de agradar, em obediencia ao amor e gratidão que lhe consagro. Nossas afinidades, no entanto, não vão além disso, porquanto não lhe reconheço qualquer destaque justo para o quadro de nossas relações. Como afirmei, trata-se de uma predileção de papai e...

Mas não terminou, porque o rapaz emitindo um olhar mais duro, cortou-lhe a palavra nestes termos:

— Não acuses, Suzana. Sempre atendi a meu tio, antes que a meus proprios pais. Conheço-lhe o bom senso e não posso permitir...

Desta vez, no entanto, foi a joven que, ponderando a inconveniencia da discussão acalorada, aproveitou-se da pausa espontânea, sentenciando contrafeita:

— Ora, Cirilo, acalma-te. A irritação impede qualquer entendimento mútuo.

Fixou-o com disfarsada angústia. Agora que sentia tão profundamente ameaçados os seus sonhos de felicidade, achava-o mais belo que nunca. Em outras ocasiões, conservava a esperança mas não experimentava tantos zelos. Não era Cirilo o seu ideal? Que poderosa atração a retinha encarcerada no seu sonho de ventura, sem energias para renunciar a favor da outra, que lhe ocupava o coração sincero? Sentiu que forte emoção lhe afetava as fibras mais intimas e com dificuldade afogava no pranto no peito opresso, receando chorar diante do primo engolfado em graves pensamentos.

— Cirilo — disse com entono mais delicado na voz — não te agastes comigo. Quero auxiliar-te fraternalmente. O rapaz comoveu-se com a mudança súbita e replicou:

— Sim, conto com a tua boa vontade de sempre. Ajuda-me a refletir. Necessito orientar e fortalecer meu espírito.

— Não posso dizer que esteja absolutamente certa nas minhas apreciações — exclamou fundamente modificada em sua primeira attitude — mas precisarás refletir

com mais calma. O pai de Madalena é um nobre espanhol arruinado, que se incompatibilizou com os elementos mais influentes da Côte de França. Aqui está, em Paris, ha muito tempo, em sérias dificuldades financeiras, não obstante ter vindo no séquito da rainha.

— Já conheço D. Inácio Ortegas Vilamil — esclareceu o rapaz, solícito — estivemos juntos no Carroussél ante-ontem, á noite. Não duvido que se trate de um homem pobre, mas é bastante simpático e portador de um temperamento expansivo, que me agradou muitíssimo.

— Mas é um fidalgo sem fortuna, cuja situação é francamente condenavel, pois perdeu-a nas dissipações da vaidade e do jôgo, segundo consta em nossas rodas mais intimas.

— Quanto a isso, precisamos ampliar a nossa comprehensão da vida — obtemperou o rapaz convictamente — meu pai, como não ignoras, não fez excessos nem ariscou dinheiro em aventuras; entretanto, conta hoje com reduzidísimos recursos, devido as perseguições religiosas desencadeadas na Irlanda.

Suzana compreendeu que toda argumentação naquele momento lhe desfavorecia as pretensões e propositos mais ardentes.

— D. Inácio — acrescentou com velada ironia — não poderia nem mesmo cogitar da concessão de um dote á filha...

— Nunca me casarei visando um dote, Suzana!...

A moça escondia a muito custo o seu rancor, mas ponderou ainda:

— Pois trata-se de questão muito importante, e talvez venha a ser por isso mesmo que Madalena se recuse a ceder aos teus caprichos juvenis...

— Como assim? — interrogou, impressionado pela maneira como foram pronunciadas tais palavras.

— Talvez ignores — disse ela resoluta, como quem guarda os trunfos do jôgo para o fim — que a tua eleita está prometida, por decisão dos pais, ao seu primo Antero de Oviedo Vilamil, que cresceu a seu lado, como irmão.

Desta vez foi Cirilo a esboçar attitude de entranhado assombro. Sem poder dominar-se, profundo rancor se apoussou dele. O ciume que devastava a joven Duchesne apuava-lhe agora o coração.

— Será crível? — perguntou lívido.

— Sim, disse a moça, gosando com a sua amargura íntima, — D. Inácio, dizem, ha quasi dois anos vive á custa do rapaz, que não se entregou a tal sacrificio sem um proposito deliberado. É sabido que a prima constitue o seu sonho de amor, não obstante Madalena pareça insensível a esse afeto. O fato incontestavel, todavia, é que a familia Vilamil está totalmente empenhada nesse débito de vastas proporções.

Cirilo Davenport submergiu-se num mar de reflexões profundas. Não cederia a qualquer obstáculo. Madalena lhe tocara o coração como nenhuma outra mulher. Guardava nos ouvidos o som das suas ultimas palavras. Aspirava ainda o perfume da sua mão muito leve, entre as harmoniosas vibrações do último bailado. Ouvia, enlevado, as músicas aragonesas que ela havia dedilhado no cravo, ainda na véspera. Seus sentimentos mergulhavam-se na mesma ansiedade experimentada ao ouvi-la falar da Espanha distante. Os temas castelhanos jamais o haviam preocupado a qualquer tempo e no entanto, aquela afeição imensa despertava-lhe interesses novos, abrasava-lhe a alma, qual vulcão ardente. Estava convicto de que Madalena fôra igualmente sensível ao seu amor. Apertara-lhe a mão, apaixonadamente, nos bailados. Seus olhos fulgiam de sublime afeto. Onde estava ele, que não houvesse de lutar com o rival até nos confins da Terra? Era indispensavel afastar Antero de Oviedo a qualquer preço. Sua presença tornava-se indesejavel no caminho. De olhos fixos no espaço, desvairado pela emoção que o dominava, o joven Davenport parecia não mais ver a prima ao lado, nem mesmo a beleza silenciosa do crepúsculo, que se despedia com o fulgir das primeiras estrelas.

— Não desistirei! — bradou em voz alta, como se dialogasse com uma sombra importuna.

Ouvindo-lhe a exclamação estranha e inesperada, Suzana experimentou intenso choque. Aquela sentença em

voz estridente assustou-a. Tomou-se de justificado receio e exclamou:

— Vamos, Cirilo. É noite quasi fechada e esperam-me para o espetáculo.

O moço Davenport seguido da joven que lhe acompanhava o profundo silêncio, procurou o veículo, tomou as rédeas quasi maquinalmente e deu o sinal de partir. Suzana atirou ao solo algumas azaléias murchas, em attitude de enfado e, enquanto ambos se engolfavam em penoso mutismo, a viatura rodou céleremente na direção de uma casa residencial de nobre aspecto, em frente da ponte do Cambio, onde a prima se hospedava.

Em vão, a joven Duchesne insistiu para que fôsse ao teatro; debalde rogou que a acompanhasse até o interior doméstico. Ele recusou todos os convites afetuosos e imprimindo ao carro nova direção, seguiu a galope para o seu hotel em São Germano.

De quando em quando o chicote estalava no dorso do belo animal que, então, parecia sofrer a mesma inquietação do dono.

Depois de recolher o veículo a enorme galpão destinado ás carruagens da época e conduzir o cavallo a estrebria proxima, Cirilo Davenport sufocado por angustiosos pensamentos saíu á rua, ansioso por banhar a fronte atormentada nos carinhosos ventos da noite. Atravesou ruas e praças engolfado em vastas meditações, alheio ao grande movimento de pedestres e viaturas ao longo dos caminhos. Não se deteve senão no mundo intimo, inquieto por conchavar e resolver os problemas torturantes.

Chegara á conclusão de que a existencia se lhe transformaria em breve tempo. Não podia suportar, sem graves danos, a continuidade das estroinices da juventude, e o conhecimento de Mademoiselle Vilamil induzia-o a pensar seriamente no matrimonio. No entanto, como encontrar a equação justa? Depois de certo periodo de estudos em Paris, prosseguia em serviço na Sorbona, onde a sua remuneração era regular, sem contudo permitir quaisquer perspectivas de futuro financeiro. Seu pai, Samuel Davenport, chamara-o mais de uma vez, aguardando-lhe a presença na Irlanda do norte, onde possuia valiosa pro-

priedade rural, apesar dos golpes sofridos. Como resolver a situação? Deveria casar e partir para as ilhas, ou visitar antes o lar paterno, para consorciar-se depois? Na primeira hipótese, sua attitude poderia ocasionar serios atritos com a família; na segunda, o intruso Antero poderia sair vencedor e anular-lhe os planos de felicidade. Recordou a simpática figura do tio, que sempre lhe entendera e amparara o coração, nos momentos difíceis e considerou a possibilidade de ir a Blois, a-fim-de ouvi-lo. Concluiu consigo mesmo que, tendo combinado com Madalena um encontro junto á igreja de Nossa Senhora, na noite seguinte, faria a viagem logo após o novo entendimento com a joven, que lhe encherá o coração de sonhos miríficos.

Após atravessar imenso labirinto de reflexões, voltou ao hotel, muito depois da meia noite, recolhendo-se ao quarto, extremamente nervoso, só conseguindo dormir alta madrugada.

No dia seguinte, atirou-se ao trabalho comum, de alma inquieta, pensamento voltado para a noite, quando teria o júbilo de rever a bem amada e renovar as doces emoções do espirito.

Muito antes da hora marcada, Cirilo postava-se á frente da majestosa catedral, andando de um lado para outro. A-fim-de evitar a curiosidade de transeuntes audaciosos, penetrou no santuário, em cujo interior magnífico permaneceu por instantes. Seus olhos eram indifferentes aos tesouros artísticos que o cercavam. Os capitéis preciosos, os arabescos dourados, os baixo-relevos, as estátuas maravilhosas, diluam-se numa atmosfera de sonho. Os sacerdotes e os nichos, as flores e os objetos do culto não lhe falavam ao coração. Quando surgiam no alto os primeiros astros da noite, Davenport regressou ao adro, passeando nervosamente ao lado dos belos degraus que davam acesso ao interior do templo, e que o progresso de Paris fez desaparecessem com a elevação do solo.

Entre aflições singulares, observou, atento, uma carruagem que parou nas proximidades, dela saltando três galantes criaturas em demanda ao santuário.

Madalena Vilamil, com efeito, junto de Colete e Ce-

çilia, duas amigas da juventude, chegara com o pretexto de participar dos officios religiosos da noite, mas, em breves minutos, favorecida pela conivencia das companheiras, isolou-se da romaria devocional, em companhia do joven Davenport, ansiosos ambos pela permuta de impressões afetivas.

Enquanto a viatura permanecia á espera e, ciente de que as amigas se entregavam ás práticas religiosas, Mademoiselle Vilamil tomava prazerosa o braço que o rapaz lhe oferecia, afastando-se alguns passos ao longo da praça extensa que se rodeava, então, de casas velhas.

Cirilo sentia-se o mais ditoso dos homens. Por surpreendente e misterioso mecanismo que seu espirito não conseguia compreender, resumia, agora, na joven todos os sonhos centrais da existencia. Falou-lhe, com desembaraço dos seus ideais mais intimos, revelando-lhe profundas impressões de sua alma ardente. Ele proprio estava surpreendido com o manancial de espontanea confiança que lhe brotava do espirito pouco afeito a grandes expansões.

Madalena Vilamil, em identidade de circunstancias, tocava-se de sublimes emoções. Não era temperamento que confiasse sentimentos intimos, ao primeiro sinal de afeição. Sua mãe, descendente de nobres familias do sul da França e seu pai, antigo fidalgo espanhol, haviam educado a filha única habituando-a a rigoroso critério no capítulo da vida social. Pela primeira vez a joven atendia a um apêlo afetivo, em lugar público, consagrado, no seu modo de entender, ás exteriorizações das criaturas vulgares e sem títulos de maior nobreza moral. O convite de Cirilo fôra um tanto chocante para a sua vaidade feminina; entretanto, obedecendo a indefiniveis anseios do coração, acedera em palear com o joven num recanto da via pública, aspirando um entendimento recíproco, longe da multidão maliciosa. Alem disso, sentia-se receosa de recebe-lo na propria casa, dado o rigorismo da progenitora, ha muito enferma, e ás ruidosas expansões do pai, desligado de qualquer encargo nas esferas politicas e por isso mesmo sempre cheias de afirmativas chocantes para os costumes franceses.

Mademoiselle Vilamil julgou imprescindivel explicar ao joven Davenport suas dificuldades domésticas, antes que o rapaz pudesse agasalhar conjecturas menos dignas a respeito dos pais, a quem amava de todo o coração. Sómente por isso e, incapaz de resistir ao suave magnetismo que sôbre ela exercia o moço irlandês, encontrava-se ali sob o céu estrelado ás primeiras horas da noite, trocando confidencias.

Cirilo começou por comentar a beleza das melodias que ela arrancara do cravo, toda sentimento e vibração, e Madalena relatava ao joven, muito admirado, os encantadores costumes da sua terra natal, assinalando as palavras com as interessantes características de quem se não achava absolutamente senhora da lingua francesa.

Tudo, porém, que constituía alguma cousa de sua personalidade, era graça e leveza aos olhos e aos ouvidos do moço Davenport, que se sentia transportado a um plano de felicidade divina, em sua companhia.

Á certa altura do amoroso colóquio, Cirilo exclamou, algo perturbado por trazer á tona a súmula de suas cogitações mais intimas:

— Madalena, ocioso é dizer-te da minha infinita afeição. Saberás entender o sentido de minhas palavras. Nunca me conformei com as atitudes superficiais, nem posso aprovar os desvarios da juventude contemporânea. Digo-o, a fim-de que não vejas laivos de leviandade nas minhas palavras. Amo-te muito e estes poucos dias de convivencia bastam para que reconheça tua suserania no meu coração, onde occupas lugar insubstituivel. Mas, poderei contar com o teu amor para sempre?

Á essa pergunta direta, a joven respondeu extremamente confundida:

— Sim!...

O monossílabo lhe valeu como vibração amorosa que aguardava, e continuou:

— Sempre idealizei uma criatura que me compreendesse inteiramente e agora que nos encontrámos, tenho a esperanza de poder edificar um castelo de suprema ventura. Desde a noite em que nos vimos pela primeira vez,

sonho contigo e antevejo as alegrias de um lar povoado de flores e de filhinhos.

Ela, toda ruborizada, elevava-se nas asas do amor, de emoção em emoção, aos páramos do sonho. Aquelas palavras representavam a deliciosa música que os seus ouvidos esperavam de ha muito. O moço Davenport era o cavalheiro do seu ideal. Sua voz cariciosa e dominadora penetrava-lhe o íntimo, como perfumado sôpro de vida. Queria falar exprimindo seus sentimentos mais nobres; a emoção, contudo, embargava-lhe a voz, enquanto o coração desejava prolongar ao infinito aquele instante divino. Compreendendo-lhe o silencio, o rapaz recordou as advertencias de Suzana, fez um gesto significativo e acentuou:

— No entanto, Madalena, tenho o coração oberado de presságios tristes!... Dizem que o sofrimento é comum aos que se amam; todavia, trago o espírito ansioso por esclarecimentos mais amplos.

— Por que? — Indagou a joven no impulso instintivo de anular qualquer dúvida.

Revelando funda preocupação, ele acrescentou como que medindo a responsabilidade de cada palavra:

— Ninguém disputa comigo o tesouro do teu coração?

— Que dizes? — retrucou a moça com grande surpresa.

— Sinto que tua alma se dirige ao meu coração como fonte cristalina de verdade, — acrescentou Davenport acentuando as palavras — acredito na tua sinceridade e nem seria lícito duvidar dos teus sentimentos; mas, quem sabe, Madalena, teus pais te destinam a outrem que te mereça pela fortuna que não possuo, ou por títulos que também me faltam?

A essa altura, sua voz tornou-se enternecida e comovedora, qual a de uma criança disposta a resignar-se com os obstáculos, não obstante violento desejo.

A joven, por sua vez, como se despertasse de um sonho, começou a chorar convulsivamente. A imagem do primo torturava-lhe agora o pensamento, como se recordasse um verdugo cruel. Lembrava as lutas domésticas, os

enormes débitos do progenitor para com Antero de Ovie-do, as combinações de ambos para o futuro matrimonio, com sacrificio dos seus ideais, e não conseguia dissimular a imensa dor que lhe avassalava o coração sensível, ante a possibilidade de perder Cirilo, compelida pelas humanas convenções a renunciar á sua união com o joven em cujo espírito adivinhava a fonte de todas as sublimes compreensões de que sua alma necessitava para ser feliz.

Entregava-se assim a copioso pranto, enquanto o moço irlandês, comovidissimo, tomava-lhe a setínea mão, cobrindo-a de beijos.

— Não chores, Madalena! O amor confia sempre e acredita, acaso, que sou de todo inutil?

Recordando as palavras impiedosas de Suzana, que aquelas lágrimas confirmavam, assumia atitudes decisivas e acrescentava:

— Ninguém poderá impor-te um casamento contra os teus designios. Se me amas, saberei defender-te até os confins do mundo. Não pertencerás a qualquer miseravel truão, apenas por circunstancias mesquinhas de mil francos a mais, ou a menos. O dinheiro jamais entrará em nossos planos de felicidade!...

A filha de D. Inácio enxugou as lágrimas depois de ouvir-lhe as ponderações consoladoras e afetuosas, e atendendo-lhe aos apelos relatou minuciosamente as dificuldades da familia desde os tempos de Granada, assinalados por grandes lutas. Nascera nessa famosa cidade espanhola, onde o pai desempenhava cargos políticos de certa relevancia. Tivera uma infancia risonha, mas desde a fase dos primeiros estudos, vivera quasi que absolutamente reclusa num convento de Avila, onde o progenitor procurava enriquecer-lhe os dotes intellectuais. Nos poucos dias do ano, quando ferriava no ambiente doméstico, seguia de perto, porém, os sofrimentos da genitora, que recrudesciam de tempos a tempos, em vista das extravagancias paternas. Quando abandonou definitivamente o educandário religioso, seus pais já se encontravam em Madrid, para onde se mudariam com enorme dificuldade. No vórtice de acerbos tormentos morais, sua mãe encontrara unico arrimo em Antero — sobrinho do marido, cria-

do com toda a dedicação e ternura maternas. Seus pais haviam adotado o rapaz, de pequenino, como proprio filho. Antero era um homem de psicologia difficil, em virtude dos sentimentos condenaveis que sabia dissimular com habilidade, mas apresentava dotes apreciaveis aos olhos de sua mãe, de quem se fizera sustentáculo e consolação, em sua ausência nos estudos e nos desvios constantes de seu pai. Permaneciam em Madrid, completamente arruinados, quando o casamento da filha de Filipe IV com Luiz XIV deu ensejo a que o progenitor e o primo se collocassem ótimamente, em funções de natureza politica. Desde 1660, estavam em Paris cheios de esperança numa vida nova. D. Inácio, no entanto, não conseguira permanecer no cargo senão por alguns meses, porque se incompatibilizara com a Córte, em vista da sua crítica franca aos atos de Sua Majestade. Leal amigo da infanta espanhola, não conseguia suportar calado as humilhações penosas infligidas á rainha, que se socorria da religião, com santificada paciencia, de modo a tolerar e esquecer os desvarios amorosos do real marido. Ciente dos seus protestos firmes, o soberano demittira-o do cargo e Antero de Oviedo só foi conservado em suas obrigações remuneradas por influencia dos amigos de Maria Tereza, que lhe mantiveram os proventos com alguma difficuldade. Havia quasi dois annos, a familia vivia a expensas do rapaz, não obstante a tristeza que semelhante situação lhe causava.

Seu pai, continuava Madalena de olhos molhados, era um generoso coração, mas alimentava inveterada paixão pelo jôgo. Tal obsessão acarretara o desbarate de todos os bens que possuíam e, após lamentaveis aventuras, nada lhes ficara do passado feliz. A progenitora resistira heroicamente aos reveses da vida, mas, sofria agora do coração, passando os dias na expectativa angustiosa da existência que se extingue, e da morte que se aproxima.

Mademoiselle Vilamil fez longa pausa a-fim-de enxugar as lágrimas abundantes, enquanto Cirilo acariciava-lhe a mão, comovidamente.

Em seguida, evidenciando grande embaraço por ver-se constringida a versar tão delicado assunto, começou

a falar com maior enleio dos propositos paternos de casar-la com o primo e contou que este, por vezes, já lhe havia falado de amor, ao que se lhe esquivava ella, sempre com enorme repugnancia. Alimentava o desejo ardente de lançar-lhe em rosto a negativa formal, com o desprezo que essa união lhe inspirava, mas continha-se a custo, considerando o reconhecimento da mãe enferma e a situação do pai, que devia ao pretendente alguns milhares de francos.

Nesse interim, o joven Davenport, mal disfarçando o ciúme que o devorava, interpelou-a exclamando:

— Mas teu pai, a quem consagras tão grande veneração, teria coragem de vender a felicidade da filha por um punhado de miseraveis escudos?

— Não creio — disse a moça convictamente, demonstrando a sinceridade de sua confiança filial nos grandes olhos, onde esplendia a candura das suas dezenove primaveras; — meu pai, apesar das estroinices, tem sido o meu maior e melhor amigo.

Cirilo guardou-lhe a destra entre as mãos, com infinito carinho, ansioso por conforta-la. Depois de alguns instantes em que o silêncio de ambos era mais eloquente que as expressões verbais, a joven Vilamil, como se fôsse arrebatada á longinqua impressão do passado, perguntou inesperadamente:

— Cirilo, acreditas nos adivinhos?

— Ora essa! — por que perguntas? — exclamou intrigado.

— É que, ainda em Granada — disse Madalena com muita simplicidade — numa de minhas rápidas visitas ao lar, estava á porta do Alhambra com algumas colegas de estudo, quando fomos atraídas por um ancião que lia o destino dos transeuntes interessados em sua ciência estranha. Atendendo á brincadeira geral, aproximei-me e dei-lhe a mão. Ele pareceu meditar um momento e falou: — “A menina é bem nascida, mas não é bem fadada.” E depois de fixar-me nos olhos com expressão inesquecivel, não mais sorriu e continuou aconselhando-me: — “Prepara-te, minha filha e une-te á fé em Deus, porque teu ólice, no mundo, transbordará de amargura. Não vive-

mos apenas esta vida. Temos existencias várias e a tua existencia actual é promissora de tempos afanosos, para a redenção". Suas palavras me impressionaram a ponto de me fazerem chorar copiosamente. Senti enorme abalo e foi preciso que as amigas me reconduzissem á casa, onde fui compelida a acamar-me.

— E onde estava D. Inácio que não repeliu o estúpido? — indagou o joven Davenport bruscamente, cortando-lhe a palavra.

— Meu pai ficou furioso e depois de repreender-me, severamente, tomou as providencias devidas, mandando que o feiticeiro fôsse levado ao Tribunal da Inquisição, que lhe applicou disciplinas por uma semana e o deteve encarcerado mais de três meses. Mais tarde, o Geral dos Jesuitas cientificou ao papai que se tratava de um peregrino demente, de origem egipcia, que penetrara no reino através do Marrocos.

— E admitiste suas afirmativas? — interrogou Cirilo, evidenciando ansiedade por apagar qualquer resquício de impressão dolorosa no espirito da joven.

— Apesar de muito impressionada — esclareceu Mademoiselle Vilamil — não acreditei nos sombrios vaticínios, mas, não posso deixar de reconhecer que, até hoje, Cirilo, minha vida tem sido tormentoso mar de preocupações infinitas. Tenho a impressão de que atingirei os vinte anos com um pêso sufocante de velhice prematura.

Depois de ligeira pausa, acrescentava:

— Não desejo fraquejar, deixar-me vencer pelos presságios de um peregrino desconhecido. Sinto-me forte na fé em Deus e estou convicta de que o poder celestial me auxiliará nas lutas humanas; entretanto, um detalhe houve, na conversação do velhinho, que nunca poderei esquecer: é o que se refere a outras vidas. O destino está cheio de circumstancias misteriosas. Nossa vida não terá começado no instante de nascermos no mundo. Devemos ter existido em outra parte. Creio que temos amado e odiado, e o esforço em que nos achamos se destina ao trabalho de redenção das nossas culpas. Não me detenho em tais idéias tão só por haver ouvido as advertencias do adivinho errante, mas tenho tido sonhos significativos...

O companheiro que lhe seguia as palavras com indifarsavel mal-estar, apertou-lhe a mão e sentenciou:

— Que é isso, Madalena? Desvairas? Não te quero ver em filosofias abstrusas. Se encontrasse esse feiticeiro infame, reforcaria as penas que lhe foram impostas pelos inquisidores.

Ansioso por liberta-la dos pensamentos amargurosos, continuava:

— Casar-nos-emos e encontraremos a ventura sem fim. Ficaremos em Paris ou onde quizeres. Lutarei por ti, tenho braços laboriosos e enérgicos. Futuramente, rir-nos-emos desses temores infantis, provocados por um mendigo irresponsavel. Os egipcios, como os orientais, foram sempre grandes imbecis. Caso seja do teu agrado, fixaremos residencia na Irlanda, junto dos meus. Levar-te-ei, mais tarde, a Londres; excursionaremos até a Escóssia e has de ver que, em toda parte, o amor sincero será a chave de nossa ventura imortal. As almas que se adoram movimentam-se nos caminhos resplandecentes de luz.

A joven que o ouvia dominada pela emoção, pareceu olvidar as idéias transcendentales e profundas, e respondeu enlevada:

— Sim, seremos felizes para sempre. Seguir-te-ei para onde fôres. Anseio por conhecer terras novas, onde possamos sentir a felicidade unida a nós!...

— Terras novas? — perguntou Cirilo revelando-se iluminado por idéia súbita — não será justo pensar em experimentarmos os largos horizontes da América?

— Ah! isso tem sido um longo sonho meu — disse a joven de olhos coruscantes — tenho sêde inexplicavel do mundo novo que nos acena á distância. Nossas grandes cidades corrompidas consternam e sufocam! Granada, Avila, Madrid e Paris não diferem bastante umas das outras. Em todas vejo os homens como loucos, disputando realizações que lhes agravam os padecimentos espirituais. Tenho sonhado sempre com as enormes florestas escuras, com os rios caudalosos, com as campinas verdes e sem fim...

— Edificaremos por lá o nosso ninho de amor — resumia o rapaz apaixonadamente.

E falaram longamente da América, como duas crianças ansiosas, permutando compromissos sagrados.

Ao termo da palestra, o moço Davenport, ciente de todas as preocupações íntimas da sua amada, prometeu visitar-lhe os pais na noite seguinte, na casa de Santo Honorato, de maneira a criar o ambiente propício ao culto de suas esperanças em flor.

Depois que Collete e Cecília procuraram a companhia para a volta, Cirilo fixou o olhar no vulto da caruagem até que se confundisse de todo com as sombras espessas. Largo tempo levou ainda a meditar, sentado junto aos nichos externos, escassamente iluminados no bojo silente da noite.

No dia imediato, ao entardecer, tomou o seu carro ligeiro, dirigindo-se á residência dos Vilamil e fazendo o possível por apagar os receios que lhe tumultuavam na alma inquieta. Como se comportaria na hipótese de lá encontrar Antero de Oviedo? Teria força bastante para trata-lo fraternalmente? Como o compreenderiam, por sua vez, os pais de Madalena? Engolfado em vastas cismas íntimas, parou á porta da casa indicada. Tratava-se de antigo edificio, dos que communmente eram alugados a famílias de tratamento, mas de reduzidos recursos financeiros. Extenso gradil, no centro um grande portão pintado de azul, cercava gracioso jardim onde as flores disputavam o beijo da primavera; ao fundo a residência de aspecto antiquado, com as características exteriores da época de Luiz XIII.

Cirilo bateu discretamente, sendo atendido com presteza por um laçao que lhe deu acesso ao interior, onde era aguardado com certa curiosidade.

D. Inácio trajava corretamente, como se fôra convocado a assistir uma cerimonia solene, enquanto a esposa, muito pálda, acomodava-se em espaçosa poltrona de repouso, dando a impressão de que ali se conservava não por impulso espontaneo, mas por inevitavel obrigação da vida em família. Ambos estavam envelhecidos e alquebrados prematuramente; ele talvez por extravagancias de toda a sorte; ela por certo devido aos constantes desgostos. Junto aos dois, na sala que se caracterizava

por linhas monótonas, Madalena com a sua radiosa juventude parecia um raio de claridade afugentando as impressões tristes.

D. Inácio acolheu o rapaz com ruidosas manifestações de simpatia.

— Não terá, nesta casa, as designações devidas aos moços de tratamento, em Paris — disse satisfeito — chama-lo-emos Dom Cirilo, em homenagem á nossa Espanha distante.

— Desse modo ficará mais íntimo — acrescentava D. Margarida Fourcroy de Saint-Megrin e Vilamil com um sorriso. — Desejamos que este lar seja tambem seu.

Enquanto os jovens se alegravam, experimentando a certeza da condescendencia dos velhos generosos, D. Inácio acrescentava:

— E pode estar certo, D. Cirilo, de que sua estrela deve ser muito brilhante, porque minha esposa não acolhe a qualquer, na primeira visita.

Riso geral coroou essas afirmativas, ao mesmo tempo que a palestra descambava para as recordações das pátrias distantes. O joven Davenport falou de suas lembranças da Irlanda e, depois de bordar inumeros comentários em tôrno das relações entre espanhóis e irlandeses, D. Inácio acentuou:

Nossas afinidades religiosas com a Irlanda sempre foram estimaveis e confortadoras. Aliás, fui eu quem teve a honra de acender a primeira vela enviada pelos devotos do santo arcebispo de Armagh, em Dublin, na fogueira em que foram castigados, em Granada, alguns herejes do Longford, num de nossos maiores autos-de-fé.

Cirilo franziu o cenho como quem se desagradava do assunto, e acrescentou:

— A psicologia da gente irlandesa é muito difficil e complicada.

— Tal como a nossa, na Península — atalhou o velho fidalgo — é impossivel esqueçamos nossas tradições para acompanhar o surto de loucuras e novidades que terminará projetando os povos no abismo. Não podemos confundir liberdade com licenciosidade e seria falta grave applaudir essa onda de tolerancia criminosa que varre

atualmente o mundo. Temos de ser exóticos em qualquer parte da Terra. Será lícito estabelecer a desordem e dizer que se progride? Então, a Espanha toleraria o chamado Édito de Nantes? Nunca! Julgo que a fogueira deve cercar os herejes e os apóstatas onde quer que estejam. Pelo menos, isso constitúe elevada instrução de nossos santos padres. Se o traidor da patria deve ser condenado, muito mais criminoso é o traidor da fé.

O rapaz esboçou um gesto de leve desacôrdo, obtemperando delicadamente:

— De acôrdo, no que se refere á politica. A administração desordenada é sintoma de desagregação e ruina. O mesmo, porem, não ocorre quanto a crenças. Considere que, em matéria de manifestações religiosas, outras seriam as circunstancias se todos entendessemos o valor do perdão.

— O senhor é muito moço — replicou D. Inácio, sereno — só mais tarde poderá compreender que o perdão dissolve a familia.

O joven fez menção de espanto e respondeu instintivamente:

— Mas Jesus perdoou sempre, D. Inácio.

O velho fidalgo, entretanto, como quem se habituara a interpretar os textos evangélicos, *pro domo sua*, esclareceu sem qualquer preocupação de espirito:

— Esse problema foi estudado por mim, junto ao Inquisidor-Mór de Granada. Depois de algum tempo chegámos á conclusão de que se o Cristo suportou os algózes, mandou tambem que o homem orasse e vigiasse, incessantemente. E o senhor já observou alguém vigiando sem armas? Em que lugar do mundo a sentinela pode abraçar o inimigo?

Cirilo não estava acostumado a discussões religiosas e, ouvindo tal argumento, silenciou com profunda estranheza, ao passo que o interlocutor observando a desaprovção que lhe transparecia dos olhos, tratou de mudar de assunto acrescentando:

— Não poderíamos nunca aplaudir uma Córte desordenada e indiferente, como a de França.

Neste ponto da conversação, D. Margarida conside-

rando que as expansões do marido poderiam melindrar o rapaz, advertiu calmamente:

— Ora, Inácio, não generalizes. Suponho que, na tua idade, qualquer pessoa deve examinar acontecimentos e fatos sem a paixão que sói envenenar as melhores fontes do caminho. Por que acusar a Córte, quando a culpa não pode cair indistintamente? Todos os governos são ótimos, quando somos jovens.

O velho fidalgo empertigou-se, cofiou os bigodes, fitou a esposa sobranceiramente, e sentenciou:

— A senhora acha, então, que falo por ouvir dizer? Ha três anos, com a mesma velhice de hoje, assisti a assinatura do nosso tratado com a França, na Ilha dos Fai-sões, acompanhando D. Luis de Haro e não sentia qual-quer desalento. Aos meus olhos, as aguas do Bidassoa estavam belas como nunca. Mas não posso repetir seme-lhantes emoções nesta terra de polifrontes.

— Consideras, então, que os franceses devem pagar pelo teu abatimento de agora? — perguntou a nobre senhora serenamente. — Ha tanta gente sem juizo em Paris, como em qualquer grande cidade espanhola. Alem do mais, cada região tem seus costumes proprios e, naturalmente, um francês não se sentiria tão bem se fôsse compelido a viver sob o ritmo das tradições espanholas.

— Ah! sim — replicou D. Inácio sem conseguir dis-farsar a irritação — para os franceses todos os descala-bros podem ficar bem; mas eu sou um homem antigo e é preciso não esquecer que minha familia descende de pa-rentes colaterais da rainha católica.

E depois de um gesto significativo, rematava orgu-llhoso:

— Minha filha e eu não fomos nascidos nas margens do Garona, nem tão pouco ao pé das águas sujas do Sena.

Nesse instante, contudo, antes que Cirilo pudesse in-terferir com alguma observação afetuosa e conciliadora, ouviu-se o ruido de um carro que parecia trazido por cavalos resfolegantes.

D. Margarida, como se já estivesse alheada do pe-queno atrito doméstico, fez um sinal á filha, revelando maternal preocupação e falou:

— Madalena, previne lá dentro. Antero deve estar regressando de Versailles.

Enquanto a joven se dirigia para a sala da copa, o moço Davenport prestou atenção, a-fim-de observar o recém-vindo, cujas passadas fortes se faziam ouvir quasi junto a porta da entrada.

Ia, finalmente, conhecer o rival. A presença do sobrinho de D. Inácio, em plena sala, não lhe deu oportunidade a mais vastas considerações íntimas.

Antero exhibia dotes singulares de beleza física, nos seus trinta anos bem formados. Alto, elegante, cabelos negros e ondulados, tez levemente amorenada, peninsular, olhos argutos e indefiníveis, deixava transparecer nas maneiras polidas um “que” de intencional. Dir-se-ia que suas atitudes delicadas não eram sinceras, mas oriundas do profundo artificialismo de quem não se deixa conhecer tal qual é. Apresentado ao rapaz irlandês, cumprimentou-o cordialmente, embora seus olhos parecessem interrogar a razão de sua presença ali, e depois de se encaminhar para o interior, enquanto a palestra prosseguia suavemente, regressou á sala, onde prestou singular atenção nos olhares significativos trocados entre a prima e o visitante inesperado, compreendendo que o seu campo afetivo fôra invadido por influencias estranhas. Embora não manifestasse o mal-estar que, aos poucos, se lhe apossava do espírito, de quando em vez dirigia o olhar indagador para a tia e mãe adotiva, como a interrogar sobre as pretensões desconhecidas do intruso.

A uma pergunta direta do velho fidalgo, quanto á marcha dos trabalhos que lhe competiam, respondeu cor-tezmente:

— Todas as obrigações obedecem ao ritmo normal e o senhor pode crer que, em breves dias Versailles reunirá toda a Côte e será o centro da vida política da nação francesa.

— E o rei? — perguntou D. Inácio exprimindo certa inquietação nos olhos — expediu a ordem de pagamento da minha disponibilidade?

— Por enquanto, não — esclareceu o interpelado. — Ainda hoje, porém, pude avistar-me com Sua Majestade

quando procurei o Sr. Colbert, trazendo-lhe hoje a boa notícia de que o soberano pede o seu comparecimento em palácio.

— Para que? — rosnou o nobre espanhol quasi có-lérico — amanhã, farás o favor de dizer ao rei dos franceses que, se me chama para me despojar de algum bem, os seus ministros já me usurparam as dignidades; se pretende conferir-me honras, agradeço-as; e se me oferece algum favor, não necessito de suas esmolas.

Após uma pausa que ninguém ousava interromper, rematava com esta afirmativa:

— E se Sua Majestade manda buscar-me visando fins mais ásperos, podes afirmar-lhe que não será necessaria a minha presença em palácio, para que me mande ao pelourinho. Bastará uma ordem...

Madalena, muito acanhada, observava Cirilo, que acompanhava o diálogo do tio e do sobrinho com alguma estranheza.

Esperava-se que D. Margarida viesse á discussão com interferencia conciliatoria, mas foi Antero que desfez o silêncio, ponderando com calma:

— No entanto, meu tio, é possível que as cousas sejam conciliadas em seu favor. Como sabemos, o Sr. Fouquet já não permanece á testa dos negocios públicos.

— E achas porventura que o soberano é melhor do que o ex-ministro? Um remendado não poderá condenar um andrajoso. Fouquet não se retirou do cargo pela sua prodigalidade nas despesas. A causa de tudo, no capítulo da sua demissão, foi o escandalo dos ciúmes por Mademoiselle La Vallière.

Antero ia exprimir um gesto de desacôrdo, mas o fidalgo continuou:

— Não permito que me contradigas. Acaso, não está farto de saber que aqui, em França, são as mulheres que fazem os ministros?

D. Margarida, desejosa de imprimir novo rumo á conversação, a-fim-de que o esposo não incidisse nos comentários apaixonados, aventurou:

— Suponho, Inácio, que deves ir. Ainda que não conseguisses um acôrdo para o recebimento do que te é de-

vido, essa visita dar-te-á ensejo a qualquer combinação com a rainha.

— Eu? — bradou ele com energia — que me poderia dar a desventurada infanta, necessitada de quasi tudo em seu ambiente doméstico? Poderei procurar a filha do meu soberano para chorar as desditas, mas nunca alimentando o proposito de pedir qualquer cousa.

— Em todo o caso, seria util alguma tentativa — exclamou Cirilo Davenport timidamente, receoso de ser tomado como indesejavel nas combinações familiares.

D. Inácio Vilamil, porém, carregou mais expressivamente o semblante e sentenciou:

— Mas eu sou um homem da velha têmpera.

O rapaz, compreendendo-lhe a resistência inquebrantavel, baixou os olhos e calou-se.

A palestra chegou ao fim, com as expressões conciliatórias de todos, ante a intransigencia do velho fidalgo. Nenhum argumento lhe modificou a attitude.

Nas despedidas, notando a ternura dos olhares e gestos da prima e do joven Cirilo, Antero sentiu que mortal ciúme lhe envenenava para sempre o coração.

Duas semanas passaram, repetindo-se diáriamente a visita de Davenport, as idéias intransigentes de D. Inácio e a perplexidade do sobrinho dos Vilamil, que vinha de Versailles a Paris, de três em três dias.

O par venturoso continuou tecendo, carinhosamente, os fios dourados de seus sonhos de felicidade, enquanto Antero dissimulava habilmente o profundo rancor que lhe dilacerava o espirito. Apesar da mágua odiosa, tratava Cirilo com maneiras cativantes. No íntimo, detestava o rival, que lhe triturava devagarinho as esperanças; no entanto, buscava conquistar-lhe a confiança, intencionalmente, maquinando projetos sutis e terríveis de vingança, a seu tempo. O proprio Cirilo estava surpreso. A amizade que Antero de Oviedo lhe demonstrava era mais um obstáculo transposto. A certeza de que o companheiro da infancia de Madalena lhe comprehendera os propositos sinceros, constituia fonte de tranquillidade para o seu coração. Andava, por isso mesmo, plenamente satisfeito. Respirava os ares de Paris a longos haustos. O

serviço diuturno fizera-se-lhe leve e doce, o novo estado de espirito descortinava-lhe profundos horizontes no entendimento justo da vida. Aguardava a noite, ansiosamente, e, quando em companhia da joven amada renovavam, os dois, os votos afetuosos, os juramentos sublimes, as promessas de eterno amor.

Surgiu a ocasião em que Madalena se preocupou com a attitude da familia Davenport e insistiu para que o rapaz communicasse aos parentes de Belfast o projeto de casamento. Cirilo prometeu escrever, mas alegou que, antes mesmo da consulta aos pais, procuraria ouvir o tio Jacques, em Blois, que lhe consagrava paternal afeição desde os primeiros dias da sua vida. Mademoiselle Vilamil demonstrava cuidados justos e contudo, no espirito de resolução que lhe era característico, Cirilo considerava semelhante zêlo de somenos importância, pois ao seu ver, casar-se-ia ainda que não obtivesse para isso a aprovação da familia. Todavia, dada a insistencia da joven nas conversações confidenciais, Davenport dirigiu-se, certo dia, a Blois com o fim de aconselhar-se com o tio, antes de assumir o compromisso desejado.

Durante toda a viagem, Cirilo entregou-se a singulares devaneios. Suzana, havia muitos dias, voltara de Paris para o ninho doméstico e o rapaz lembrava o seu olhar inesquecível, quando se despediram. Sua expressão traduzia um misto de frieza e dor, de ressentimento e crueldade. Por que? Ignorava a violencia das suas intenções, procurava, em vão, atinar com a causa da sua tristeza. Debalde procurava aproxima-la de Madalena, convidando-a a segui-lo em alguma de suas habituais visitas ao bairro de Santo Honorato. A prima recusara sempre, em termos ásperos que lhe feriam o coração. Alem disso, emagrecera, tornara-se irascível. Nunca mais se aproximou da sua eleita, nem mesmo para as cortezias comuns. Em suas cogitações íntimas ponderou mais seriamente aquele procedimento da prima. Certo, ela dera ouvidos, na infancia, a possiveis projetos familiares, de casar-se com êle.

Relacionou, em suas reminiscencias, os pequeninos detalhes dos planos paternos e compadeceu-se da compa-

nheira de infância. Contudo, em breves instantes, buscou desvencilhar-se de semelhantes impressões. A-final-de-contas, refletia, as inclinações da prima não passariam, por certo, de anseios transitórios da mocidade. Ela encontraria afetos novos. Era senhora de vultoso dote, não lhe seria difícil encontrar um partido rico, que lhe pudesse satisfazer os caprichos de moça. Se possível, falar-lhe-ia pessoalmente, assegurando-lhe o penhor da sua amizade constante.

Buscando desfazer-se das preocupações que não coadunavam com os seus propositos do momento, Cirilo penetrou nas ruas da velha cidade, ansioso agora por atirar-se nos braços do fiél amigo e confiar-lhe as mais íntimas esperanças.

O professor Jaques Duchesne Davenport residia em antigo parque, que adquirira para a localização da sua escola, de proporções vastas, destinada á preparação de crianças de ambos os sexos, antes do acesso aos mosteiros do tempo, consagrados ao serviço educativo. Viuvo já de alguns anos, o generoso amigo da infância, com a cooperação de dois professores dedicados, ali vivia entre os meninos de Blois como se estivesse esquecido das cogitações mais fortes do mundo. Não era propriamente um velho, na expressão justa do termo; entretanto, os fios grisalhos destacavam-se na cabeleira e as rugas povoavam-lhe o rosto, embora estivesse tão somente próximo dos sessenta anos. Muito raramente dispensava a bengala, que lhe completava a feição de patriarca, junto dos petizes e as crianças adoravam-no como a um pai. Não obstante as profundas experiências da vida, que suas atitudes demonstravam, seus olhos eram vivazes e amorosos, dando a impressão de que no peito palpitava um coração de grande criança, afetuosa e compreendedora.

As famílias de Blois encontravam nele um arrimo forte, para solução de todos os problemas relativos á infância. "Mestre" Jaques era um ponto de referencia de magna importancia, entre todas as classes sociais. Os brasonados amavam-no pelo seu nobre entendimento das cousas práticas, e os desfavorecidos da fortuna encontravam no seu carinho fraternal a proteção prestigiosa

de um benfeitor. Os padres católicos estimavam-lhe as preciosas qualidades de cooperação e os protestantes admiravam-lhe o respeito ás crenças e opiniões alheias. E no seu pequeno mundo de amigos leais e crianças amadas, Jaques Duchesne Davenport sentia-se confortado e quasi feliz.

Anoitecia quando Cirilo bateu num largo portão cercado de trepadeiras e madresilvas. As arvores vetustas e acolhedoras do grande jardim faziam da paisagem um trecho de paraíso, pela sua paz ao sussurro do vento leve. A casa, muito antiga, dava idéia de vasta mansão de repouso, no seio da tarde amiga.

Suzana veio atender, préstemente, e não pôde disfarçar a surpresa com a chegada do primo, sem aviso prévio. Entretanto, longe de perder sua feição voluntariosa, cumprimentou-o quasi friamente, conduzindo-o ao interior e abstendo-se das expansões afetivas com que o recebia de outras vezes.

O mesmo não aconteceu, porém, lá dentro, onde Jaques abraçou o sobrinho, transbordante de alegria. O velho educador quasi carregou Cirilo nos braços, como se recebesse a mais adorada de suas crianças no caminho da vida.

— Como te demoraste, meu filho! Ha muitos dias, procuro-te, de balde, entre todos os cavaleiros que passam por Blois.

Cirilo sensibilizava-se fundamente com tais expressões de carinho.

Em doce aconchego familiar, jantaram juntos.

Depois de trocadas as primeiras impressões e quando a noite amortalhara a paisagem, de manso, o generoso educador notando que Suzana e Carolina se afastavam deliberadamente, chamou o sobrinho ao gabinete particular e exclamou batendo-lhe carinhosamente no ombro:

— Vamos Cirilo, acendamos o velho candelabro. Teus olhos me indicam que tens alguma cousa importante a dizer.

O rapaz acompanhou-o enternecidamente e respondeu hesitante:

— É verdade, meu tio...

Sentados em poltronas confortáveis, junto de ampla janela que lhes descortinava o céu pontilhado de estrelas, foi Jaques que iniciou a palestra dizendo ao rapaz das novas impressões que nutria a seu respeito.

Atendendo a uma interrogação direta, o moço esclareceu:

— Sim, encontrei uma joven que resume as minhas esperanças.

— Conheço-a? — interpelou afetuoso.

— É Madalena Vilamil.

— Ah! muito bem! Ainda nisso as nossas afinidades se manifestam e as tuas inclinações me alegam a alma. Conheci-a quando de sua visita ao antigo palacio de Luiz XII, e isso bastou para que a estimasse infinitamente. Como tudo isto é interessante, meu filho! Não mais me esqueci dessa joven, tanto que, quando Carolina e Suzana vão a Paris, recomendo-lhes que não regressem sem notícias dela.

— Essa circumstancia constitúe enorme alegria para mim — disse o rapaz assaz comovido.

— Não podias fazer melhor escolha — concluiu Jaques, convicto. — Quando pretendem casar-se? Não seria justo adiar tão feliz evento. Além disso, quando amamos, é natural que o coração seja atendido.

Amparado por semelhante compreensão, Cirilo Davenport não conseguiria definir o júbilo que lhe inundou a alma.

— Seu parecer, meu tio, nobilita os meus propósitos e, entretanto, estou francamente indeciso, quanto á data dos esponsais, visto não ter ainda comunicado a meus pais os meus designios.

— E pretendes ir a Belfast, com esse fim?

— Se fôsse possível...

Jaques meditou alguns instantes e, como pessoa habilitada a aconselhar com perfeito conhecimento de causa, voltou a dizer:

— Não vás a Irlanda antes do casamento.

— Por que? — indagou Cirilo um tanto surpreso.

— Não estou fazendo apologia da desobediencia ou da anarquia familiar, mas recordo o meu casamento e

não posso deixar-te ao desamparo. Em nossa ilha costuma-se colocar o interesse acima das inclinações naturais. Quando conheci Felícia — a santa companheira que me aguarda no céu — nossos parentes moveram-me guerra permanente e foi-me indispensavel um ato de fôrça, para desposa-la. Se fôres a Belfast, começarão a malsinar tua escolha e cada amigo envenenará teu espírito com superstições descabidas. Serás flexado de tantos apelos estranhos, entre missas e promessas, que talvez fiques por lá, carregando para sempre um sonho morto. Samuel permanece distante de nossa compreensão da vida. Tua mãe é sensível e generosa, mas está preza aos excessos devocionais. Teus irmãos são afetuosos, mas são espíritos muito irriquiotos. Talvez a isso devam a difficil situação em que se encontram.

— Como proceder, então?

— Escreverei a teu pai dizendo que, de ha muito me incumbiste de pleitear a devida permissão, mas, devido a trabalhos imperiosos, protelei o assunto, obrigando-o a assumir comigo o compromisso de anuir a teus desejos e explicando que a futura nora é minha filha de coração. Samuel, naturalmente, ficará preocupado, a princípio, mas cederá satisfeito, estou certo. Quanto a adesão de tua mãe, sabemos, por antecipação, que estará de acôrdo conosco, em todos os sentidos.

Cirilo estava tão contente que não sabia como agradecer.

— E não te detenhas em conjecturas inuteis — continuou o generoso educador, — Madalena é digna de teus carinhos e ambos serão meus filhos, com a obrigação de povoar de netos a minha estrada, para que não me falte um raio de luz na noite da decrepitude, que todos os homens devem esperar.

No gabinete que se atulhava de cadernos e livros esparsos, havia uma atmosfera de felicidade indefinivel. Ondas de perfume do jardim proximo penetravam pela janela aberta, como se a natureza incensasse o entendimento afetuoso de duas almas afinadas no mesmo idealmo.

Observando que o sobrinho prosseguia calado, Jaques interrogou:

— Sentes alguma dificuldade para executar meus conselhos?

— Reconheço, meu tio, que os meus ordenados mensais são exíguos — explicou o joven algo tímido.

— Não digas isso. Os melhores tempos da minha vida conjugal foram justamente quando Felícia e eu lutávamos contra todos os obstáculos para assegurar nossa felicidade. Minha família, na Irlanda, contrariava os nossos sonhos, enquanto os parentes de Blois hostilizavam as minhas pretensões. Casámo-nos sem apoio de ninguém. Meu salario, como professor, era irrisório, mas as barreiras aparentemente intransponíveis pareciam valorizar nossa união. Com as lutas intensas de cada dia, as horas de convivencia doméstica tornavam-se mais preciosas. No entanto, meu filho, quando Felícia me compeliu a vir para este país, onde nos esperava a valiosa herança deixada por sua mãe, o júbilo perfeito pareceu fugir do alcance de nossas mãos. A vida de Blois tornou-se muito diferente da de Belfast. Na Irlanda possuíamos um ninho; na França encontramos uma casa. No ninho, vivíamos de amor e paz; na casa, a existencia obedeceu ás imposições dos cuidados numerosos pelas muitas convenções sociais. Não quero dizer com isso que as casas sejam organizações dispensáveis e sim que devem ser ninhos simples e acolhedores, onde cada membro da família experimente a tranquilidade justa. Minha pobre Felícia, porém, não soube resistir ao peso do bem-estar e fomos, finalmente, menos felizes, desde que as posses de Blois nos compeliram a numerosos esforços de manutenção e defesa. Minhas filhas, habituadas de início á simplicidade, cresceram entre exigencias de toda a sorte. Suzana é um coração inquieto, insatisfeito, resistindo sempre aos meus paternos conselhos e Carolina, contra as minhas tendencias, vai casar-se por simples questão de dinheiro com o Sr. de Nemours. Mas, que fazer? Minha inolvidavel companheira acreditou mais na sociedade humana que nas leis simples da vida, e a sua ansiedade segregou as pequenas do nosso antigo ideal.

Jaques Davenport pareceu meditar um minuto, deixando perceber que voltava, em espírito, aos tempos da sua mocidade distante. Depois de prolongado silêncio, como que despertando de profunda divagação, interrogou:

— Compreendeste?

— Sim, meu tio, e agradeço a preciosidade dos seus ensinamentos; no entanto, ha considerar que Madalena descende de fidalgos, enquanto que eu sou muito pobre.

— Pobre? — tornou o educador, sorridente e otimista — convem manter acima da classificação comum, de pobres e ricos, a táboa de valores reais, que define os homens como trabalhadores ou ociosos. Ha indigentes no seio de tesouros inapreciáveis e pessoas ha de reduzidos recursos financeiros, singularmente ricas de esperanças e de ideal. Por isso, meu filho, o perigo está em que o homem seja ocioso. Quem trabalha deve esperar sempre o melhor; mas quem perde o tempo, alcançará miséria.

Os ensinamentos do bondoso velho caiam na alma do rapaz como um bálsamo.

Atentando no efeito benéfico dos seus conceitos, Jaques continuou:

— O trabalhador possui o tesouro da paz de cada dia, o ocioso encontra em cada noite o padecimento da insatisfação; um vive na claridade da esperança, outro na ambição da tormenta. Uma casa sem laçaios é um refúgio de repouso espiritual, nestes tempos de devassidão. Muitas vezes, o homem que dispõe de muitos servos paga-lhes por supostos serviços, mas o que recebe, em verdade, é calúnia e ingratidão.

Cirilo, radiante ao ouvir tão sabios conceitos, exclamou:

— Suas palavras, meu tio, confortam-me profundamente. Sendo assim...

— Declaremos guerra ás reticencias — atalhou ele bondosamente — já que não és ocioso, podes casar quando bem quizeres.

E como se fizesse uma conta mental, após pequena pausa, acentuou:

— Os esponsais de Carolina estão marcados para novembro próximo. Debalde tentei induzi-la a fixa-los

para o Natal. Dêsse modo, Cirilo, designaremos tuas núpcias para o futuro 25 de dezembro.

— Tão perto? — perguntou o moço assaz admirado. — Isso é quasi impossível, pois nem mesmo solicitei aos pais de Madalena o necessário consentimento.

— Estou convencido que hão de ceder para felicidade da filha.

— Mas, as providências indispensáveis?

— Serão atendidas — murmurou o tio com significativo contentamento. — Guardo-te dois mil escudos, a título de cooperação afetuosa no teu sonho de amor.

O joven Davenport estava repleto de júbilo, mas, depois de pensar alguns momentos, advertiu:

— Meu tio, tanta generosidade é demais. Contento-me com o seu apoio moral, porque, relativamente ao auxílio material, minhas primas seriam capazes de opôr alguma objeção.

— Não dêes guarida a tais desconfianças. Deus me livre de contender com a familia por questões de dinheiro. Quando Felícia morreu, renunciei espontaneamente a todos os direitos que me competiam, em favor das filhas, que dividiram entre si a legitima materna. Apenas desejei ficar com a minha liberdade e com a minha escola. A contribuição, portanto, é de meu proprio pecúlio e não temos nenhuma satisfação que dar a Suzana ou Carolina.

O joven não cabia em si de contente. A oferta preciosa vinha solucionar o melindroso problema economico que o perturbava. Não queria casar-se sem uma base de recursos a cultivar. Supinamente reconhecido, tomou a destra do tio, apertou-a com carinho e exclamou:

— Não sei como traduzir minha gratidão.

— Ora essa! nem eu desejo que te perturbes por manifestar reconhecimento. Acreditas, acaso, que o dinheiro seja definitiva propriedade nossa? Todo o cabedal financeiro é de Deus, que o distribue consoante as necessidades de cada um, por intermédio dos proprios homens.

A palestra afetuosa entrou pela noite dentro, até que um velho relógio bateu as onze horas. Jaques lembrou que necessitava da sua beberagem habitual para o

antômago, e o sobrinho se despediu agradecido e venturoso.

— Meu tio, dormirei hoje um dos sonos mais tranquilos de minha vida.

— E deve-lo-ás só a Deus — exclamou o generoso amigo, afastando-se ao toc toc da benagala, como a dispensar o rapaz de novos agradecimentos.

Enquanto Cirilo se recolhia, ditoso, ao quarto de dormir, Jaques foi abordado por Suzana em copioso pranto, quando buscava o remédio da noite no velho armário da côpa.

— Ouvi tudo, meu pai! — exclamou debulhada em lágrimas, evidenciando fundo rancor.

— Mas, de que se trata? Ouviste o quê?

— Suas combinações com Cirilo.

— E por que não foste participar da nossa conversação no gabinete? — indagou o progenitor muito admirado. — Tratavamos, porventura, de assuntos secretos que justificassem a curiosidade de alguém atrás das portas?

A moça não respondeu, limitando-se a soluçar convulsivamente.

— Mas, que significa tudo isso, minha filha? — obtemperou o generoso velho abraçando-a.

— Meu pai, amo Cirilo e não me conformo com a sua decisão.

Jaques Davenport inclinou-se para a joven profundamente preocupado. Agora chegava a compreender suas amarguras secretas, suas inquietações aparentemente injustificáveis, dos ultimos dias. Sentou-se pausadamente, contendo a custo a propria aflicção e fê-la aquietar-se a seu lado, murmurando depois:

— Filhinha, tem calma e fortaleza, porque este é um desejo que teu velho pai não pode satisfazer.

E o amoroso Jaques, com o seu espirito eminentemente conciliador, fez-lhe ver a necessidade de retificar as inclinações afetuosas, falando longamente da delicadeza da situação, salientando a escolha do sobrinho e os méritos inegáveis de Madalena Vilamil.

Desenganada em seus dissabores cruéis, Suzana reprimia com dificuldade as expressões de ironia e ciume

que lhe explodiam no coração. Diante do generoso pai, a cujo espírito se sentia ligada por irresistível magnetismo, não fazia mais que chorar comovedoramente, ansiosa por desabafar o misto de cólera e angústia que lhe empolgava a alma caprichosa.

O progenitor carinhoso, reconhecendo que a filha lhe ponderava as palavras em silêncio, prosseguiu nos conselhos:

— Não desesperes. O coração tem mil caminhos para a felicidade, quando procuramos aceitar a vontade de Deus. E por tudo o que temos de sagrado, não demonstres rancor á escolhida de teu primo. Precisas compreender que a resolução de Cirilo é respeitável, e que Madalena é também minha filha pelos laços divinos do espírito. Naturalmente que em seu noivado estarão nesta casa, quando se verificarem as solenidades do próximo consórcio de tua irmã, e eu espero, Suzana, que a educação recebida no lar te confira comedimento ás atitudes. Ha ocasiões em que precisamos esmagar os sentimentos cultivados com excessivo carinho, na precipitação das expectativas injustas.

A joven desejava apresentar furiosas objeções, desacatar o pai muito amigo, pela primeira vez; continhasse, todavia, com esforço imenso, mordendo os lábios em fúria e dando a impressão de que soluçava de dor infinita, sem qualquer outro sentimento menos digno. Sinceramente condoído daquelas lágrimas, Jaques considerou:

— Avalio tua máguia e contudo seria falta grave aplaudir-te. Procura afagar outros sonhos, renova os pensamentos. Acredito que tuas inclinações não podem obedecer senão a caprichos procedentes da infancia.

— Meu pai, não mais poderei ser feliz — disse no auge da desesperação.

— Só os criminosos podem assim falar — acrescentou o progenitor sempre melifluo.

— Não tenho fôrças para assistir as núpcias de Cirilo — continuava Suzana enxutando as lágrimas.

O velho professor contemplou-a compungidamente e redarguiu depois de um minuto de meditação:

— Fortalece tua vontade enfraquecida. Após o casa-

mento de Carolina poderás espaiar-te na Irlanda por alguns meses. Retemperarás as energias na paisagem da tua infancia e acredito que a providencia ser-te-á imensamente benéfica ao coração. A época será impropria para a viagem, mas eu permito que satisfaças semelhante desejo. Encontraremos embarcação e companhia adequada. Por hoje, minha filha, recolhe-te á paz da noite e não chores mais. Tua desesperação não é justa e debes rogar a Deus te conceda a cura da enfermidade espiritual que te atormenta a alma inquieta.

Suzana quis revidar ásperamente, declarar que semelhantes afirmativas a humilhavam em excesso, mas dissimulou a cólera, calou-se e obedeceu em silencio.

Quando a viu retirar-se, o pai carinhoso levou uma das mãos ao peito, tentando aliviar o sofrimento íntimo, em face da angustiada revelação da filha; e demandou a alcova silenciosa, sem conseguir explicar-se o triste sentimento que lhe travava o coração.

No dia seguinte Cirilo regressou a Paris, transbordando esperanças. Se o tio bem lhe orientara o espírito quanto ao que lhe competia fazer, ele melhor executou seus conselhos. Depois de dividir com Madalena o júbilo que o empolgava, dirigiu cerimoniosa carta a D. Inácio Vilamil e esposa, expondo as suas pretensões.

A nova produziu grande sensação na vivenda de Santo Honorato. Os pais de Madalena não esperavam semelhante surpresa. Cuidadosamente, sondaram o espírito da filha, verificando-lhe a aquiescencia e a resolução, no cometimento que condizia com a sua felicidade futura. Entretanto, havia alguma cousa a considerar e que representava amargo aborrecimento para os velhos fidalgos. Era o implícito compromisso familiar com Antero de Oviado. D. Margarida e D. Inácio sentiam, sinceramente, o fato de serem compelidos a apresentar ao sobrinho uma negativa inesperada e demolidora de todos os seus sonhos de rapaz. Ambos, o consideravam qual outro filho adotivo. No entanto, não seria possível contrariar as inclinações de Madalena, que nunca lhes causara o menor pesar. Altamente preocupados, os generosos velhos esperaram a primeira oportunidade para conversarem a sós

com o sobrinho, o que se verificou dois dias após o recebimento da carta de Cirilo. Madalena ausentara-se e essa circunstancia dava ensejo a entendimentos desejaveis e justos.

D. Inácio, nessa noite, tratou o rapaz com maior compreensão, não sabendo como abordar o assunto. D. Margarida, muito carinhosa, observando que o marido titubeava e vacilava, fixou os olhos serenos no sobrinho e falou:

— Meu filho, hoje temos uma noticia a dar-te: — Madalena foi pedida em casamento por D. Cirilo Davenport.

Antero fez-se pálido e respondeu rudemente:

— Cousa estranhavel, na verdade, porque espero minha prima desde a infancia.

— No entanto — continuou D. Margarida com voz pausada — Madalena está de acôrdo e não podemos nem devemos contrariá-la.

Antero levantou-se, passeou nervosamente pela sala e observou exaltado:

— E' uma ingratidão! Onde está meu tio que não lhe faz sentir a sua autoridade, capaz de varrer do seu caminho esse irlandês audacioso, sem títulos e sem vintem? Nominalmente citado, D. Inácio respondeu:

— Madalena nunca me deu o mais leve aborrecimento e a autoridade apenas se exerce com aqueles que a desrespeitam.

— Esse casamento, porém, é um absurdo — exclamou Antero fóra de si.

— Quem poderá decifrar os mistérios do coração, meu filho? — atalhou D. Margarida afetosamente.

E a discussão acendeu-se. A custo o rapaz sentou-se ao lado da velha tia, atendendo-lhe aos apelos carinhosos. Mas tanto manifestou seus pensamentos de inconformação e de ironia, que D. Inácio foi dominado por violenta irritação. Ouvindo certas palavras mais ásperas do tio, o rapaz retrucou com acrimônia:

— Não posso conferir tamanho direito ás suas opiniões. A-final-de contas, o senhor tem débitos bem pesa-

dos para comigo, antes de considerar qualquer privilégio ao irlandês miseravel que me anula as esperanças.

D. Inácio Vilamil esboçou um gesto de justa indignação e revidou:

— Sei que te devo dinheiro, mas não desconheces que nos deves os cuidados da educação. Supões, acaso, que te criaste em nossa casa a poder de brisas e votos brilhantes? Se reclamas aquilo que te devo em escudos, como te poderia pagar com as cousas privativas do coração?

O rapaz recebeu a reprimenda ríspida, mal se contendo para não agredir o velho tutor, que lhe falava e gesticulava grandemente irritado.

A boa senhora, todavia, interveiu amorosa e como o sobrinho chorasse de raiva, tomou-lhe as mãos com muito carinho e procurou consolá-lo:

— Não te encolerizes, Antero! És nosso filho pelo coração, antes de tudo! Considera, pois, que Madalena é tua irmã. Poderias estima-la, tão somente a título de esposa? Recorda que não podemos dispensar tua afetuosa companhia... Quem nos ha confortado o coração, em tempos tão duros de provação e de esperanças desfeitas? Não guardes rancor, modifica os sentimentos a respeito de tua irmã. Ha-de surgir, por certo, em teu caminho, um matrimonio feliz. És moço, ativo, trabalhador. Não te faltará uma noiva carinhosa, que encha o teu caminho de luzes novas. Tudo será uma questão de tempo e boa vontade...

O rapaz, apesar da paixão doentia que lhe enchia o cérebro de odiosas preocupações, amava singularmente a velha tia — a única alma que lhe havia proporcionado na orfandade carinhos e afagos maternais. Ouvindo-a, desabafou. Não podia saber se chorava de amargura ou de despeito, mas, fôsse como fôsse, aquele pranto convulsivo alliviava-lhe o coração.

D. Inácio lançou ao sobrinho um olhar de ironia e, depois de um gesto de enfado, abandonou a sala enquanto D. Margarida continuava, olhos tambem marejados de pranto:

— Desanuvia o espírito, meu filho! Insisto para que

continúes junto de nós. Pediremos a D. Cirilo resida nesta casa, após o consórcio e quando te resolves a organizar tua casa, permanecerás, igualmente, em nossa companhia, até que me feches os olhos para sempre. Se Deus me der vida, Antero, consagrarei minha velhice aos teus filhinhos, que serão meus netos pelo coração. Acostumate, pois, a encarar Madelana de outro modo. Não odeies D. Cirilo, a quem seus sonhos de moça elegeram noivo amado, neste mundo. Não será melhor que se unam e vivam junto de mim, como irmãos carinhosos e dedicados? Além do mais, é indispensável consideres, em tudo, a execução dos designios santos de Deus. Naturalmente que a tua felicidade não será esquecida pelo céu. Rogarei ao Altíssimo te conceda uma esposa devotada e afetuosa, a-fim-de que, mais tarde, possa eu acariciar os teus filhinhos, em cada dia.

Ante aquelas manifestações carinhosas, Antero pareceu lavar o coração, expulsando para longe do espírito as maguas mais fortes; contudo, no recesso do sêr guardava rancor indefinível e profundo, que lhe arruinaria a existencia. Sentia-se sem forças para alijar a figura da prima do quadro das idealizações mais íntimas. Confor-mar-se-ia com o inevitável mas não renunciaria aos seus desejos. D. Margarida repetia os conceitos carinhosos, que lhe caíam nalma como anestésicos suaves, mas, á medida que enxugava os olhos, recolhia no âmago do espírito propositos de vingança, como venenos subtis. Depois de largos minutos de meditação, tinha os olhos fixos, como alucinado por idéia terrível. Permaneceria, sim, junto da velha tia, cuja afeição o preparara na vida com infinita ternura; mas sentia-se inclinado a disputar Madalena até o fim de seus dias. Recordava, rancorosamente, as observações frias e ásperas do tio, e refletiu que D. Inácio lhe pagaria as objeções, a seu ver, audaciosas e ingratas. Não lhe cobraria os débitos contraídos com ele proprio, mas o velho fidalgo tinha outros credores, cujos títulos ele endossara, confiadamente. Buscaria, desse modo, retirar as garantias dadas, logo que julgasse a medida oportuna. Quanto ao atrevido Davenport, esse teria de experimentar, cedo ou tarde, o pêso de sua vindita cruel. O tortuo-

so caminho do mundo estava cheio de surpresas. Con-servar-se-ia ao lado da prima, qual sentinela sem repouso. O afeto que lhe votava, a seu ver, não admitia condenáveis substituições. Continuará amando-a por toda a vida. Não podia pensar noutra mulher que lhe tomasse o lugar no coração. Quem adivinharia o futuro? Madalena poderia não casar e, se o fizesse, era possível que sobreviesse o desencanto conjugal, ou que enviuvasse algum dia. Se tal acontecesse, estaria, pois, a seu lado, a-fim-de lhe atender ao primeiro sinal.

Após o incidente doméstico, dissimulou com habili-dade o odioso rancor que lhe anuviava o espírito, pareceu resignado com a marcha dos acontecimentos.

Cirilo e Madalena estavam longe de pensar nas maqui-nações sombrias do primo, que lhes presenciava o roman-ço de amor, entre sorrisos indefiníveis e complacentes.

E as semanas corriam formosas e calmas, enfeitadas de projetos deliciosos para o porvir.

Suzana, por sua vez, em virtude da influência pa-terna, ocultou o odio mortal que lhe intoxicava o cora-ção e, nas festividades com que foi solenizado o casa-mento de Carolina, na pacata cidade de Blois, procurou reaproximar-se de Madalena com hipocrisia surpreen-dente. No baile, exibira preciosa fantasia, tranquili-zando o velho Jaques pelo ruidoso prazer e acolhimento carinhoso que dispensava aos noivos, vindos de Paris.

Tudo, afinal, parecia concorrer para a felicidade dos jóvens, que não cabiam em si de contentamento e espe-rança.

Longa carta dos pais de Cirilo dava conta de seu assentimento ao matrimonio, em vista das afetuosas ob-servações de Jaques. Endereçavam ao filho e á futura nóra votos de felicidade e paz e lamentavam a impos-sibilidade de uma excursão á França, para abraça-los pelo auspicioso acontecimento. Madalena sentiu-se mais tran-quila após essa carta, desvanecendo os derradeiros res-quícios de inquietação.

O jóvem Davenport, plenamente identificado com os futuros sogros, sem maior experiencia do mundo, concor-dou, satisfeito, com a solicitação para morarem todos

juntos. D. Inácio Vilamil foi o primeiro a tanger o assunto, alegando a moléstia da esposa e o seu demasiado apêgo á filha. A jóvem sempre constituiria o amparo de sua casa e o conforto de seus dias. Filha única, Madalena resumia para os progenitores amorosos o ponto central de seus interesses afetivos. D. Margarida andava sempre enfêrma e quanto a êle, de ha muito não se sentia menos abatido. A ausência da filha sepultaria o ambiente doméstico em tristeza irreparavel. Consentindo em casa-la, não desejavam pensar no seu afastamento e sim na aquisição de mais um filho, que seria o genro, a dilatar-lhes o patrimônio de santas esperanças. Não sómente os aspectos espirituais foram lembrados. Semelhante decisão pouparia aos cônjugues a laboriosa montagem de uma casa com todos os requisitos da vida comum. D. Inácio ponderou ás palavras a fôrça poderosa de suas convicções intimas. Cirilo ouviu-lhe os pareceres com atenção, acedendo, comovido a seus pedidos e, compreendendo as dificuldades de ordem material, procurou aplinar todos os obstáculos defrontados pela família da noiva.

E foi assim que, numa atmosfera de profunda simplicidade e simpatia, realizaram-se as núpcias de Madalena com o rapaz irlandês, no modesto templo consagrado á memória de Santa Genoveva, em Paris (1).

Carolina e o espôso, que passaram a residir em remoto vilarejo do norte, não se abalancaram a viajar com o frio intenso, e Suzana depois de ligeiras providências na capital francesa, partira, dias antes, para a Irlanda, em companhia, de uma família amiga, de Alençon; mas o generoso Jaques tomara um carro em Blois, a-fim-de assistir a cerimônia modesta, trazendo carinhosas lembranças do seu velho parque para os noivos queridos.

Com exceção de três amigas dedicadas da jóvem, inclusive Colete e Cecilia, a solenidade foi apenas acompa-

nhada pelo tio de Blois, pelos pais da noiva e por Antero de Oviedo, que dissimulava difficilmente o ódio que lhe corroía a alma ardente.

Cirilo e Madalena, porém, naquele instante, ignoravam que houvesse perversidade na Terra e não queriam saber de homenagens mundanas. Unidos no seu imenso amor, perante o altar dedicado á padroeira de Paris, foi com sublime enlévo que receberam a benção do sacerdote, em nome de Deus. Contemplaram-se, reciprocamente, em seus votos de imperecível aliança, como se entivessem atravessando, naquela hora, as portas brilhantes do paraíso, e, entre os amplexos afetuosos que os cercaram em doce vibração de carinho, o jóvem parafremente de alegria acreditou haver encontrado o ninho da felicidade perpétua.

(1) Não nos referimos a Abadia de Santa Genoveva, que se localizava, antigamente, ao sul de Paris. — Nota de EMMANUEL.

III

A CAMINHO DA AMÉRICA

A chegada de Suzana á herdade dos Davenport, nos primeiros dias de dezembro, em Belfast, assinalou acontecimento de importancia no ambiente doméstico.

Samuél e Constancia, sua espôsa, receberam a sobrinha com satisfação inexecedível.

A moça, no entanto, não conseguiu disfarçar a surpresa que lhe causavam as modificações ali havidas. A propriedade ia em franca decadencia. Os apartamentos da casa haviam perdido a formosa ornamentação de outros tempos. Samuél dava a impressão de profundo desalento, enquanto a espôsa, de olhos encovados, parecia refugiar-se na paciencia, ao torvelinho de amarguras que lhe feriam o coração. Guilherme, Patrício, Jaques, Carlos, Dorotéia e Helena, os seis irmãos menores de Cirilo, estavam pálidos e mal nutridos.

Suzana percebeu que os golpes do infortunio continuavam vibrando naquele lar amoroso, que vinha arrostando as perseguições religiosas durante muitos anos. Procurou, contudo, dissimular a decepção e passou o primeiro dia de permanencia na graciosa vivenda proxima de Belfast, em doce lembrança de episodios familiares, cumulando a bondosa Constancia de cariciosas consolações!

Mas, após o jantar muito simples, procurou isolar-se com os tios na varanda ampla que dava para um trato de terra empobrecida, buscando sondar-lhes os pensa-

mentos relativamente á penosa situação que atravessavam.

— Infelizmente — declarava Samuél evidenciando enorme cansaço — nada mais temos a esperar do torrão que nos viu nascer. As crueldades iniciadas aqui pelos mensageiros de Cromwell foram completadas pela criminosa ambição de Lawrence Morrison, que nos arrebatou as derradeiras migalhas, apenas por uma questão de inflexibilidade religiosa.

— E' horrivel, — disse a moça impressionada — mas sinto aqui um esquecimento lastimavel. Acredito que Cirilo não está informado deste quadro de tamanhas necessidades.

— Ah! sim, — disse Constancia resignada — nosso filho tem seus ideais, Suzana, e não nos parece justo arranca-lo de suas esperanças e atividades em Paris, apenas por egoismo do lar.

— Aqui, porém, não se trata de egoismo — revidou a jóven. — Francamente, não esperava encontrá-los em pobreza tão crua. E dizer-se que Cirilo casará inciente de tudo isso!

— Não seria razoavel incomoda-lo, minha filha — atalhou Samuél conformado — a carta de Jaques notificava-nos o acontecimento com profunda certeza de sua felicidade. Constituiria falta grave de nossa parte, desvia-lo do destino venturoso junto da jóven escolhida.

A moça esboçou um gesto de ciúme que passou despercebido, e voltou a insistir:

— Considero, entretanto, que, para todas as cousas ha tempo adequado. Cirilo precisa conhecer esta angustiosa situação.

Constancia, muito carinhosa lembrou comovidamente:

— Ora, Suzana, creio não devermos perturbar nosso filho senão em circunstancias extremas. Quem sabe terás algum meio de nos socorrer, sem que tenhamos de mandar a Paris qualquer notícia torturante? Muito poderíamos obter de tuas valiosas relações na Inglaterra.

Muito sensibilizada com o apêlo comovente, a jóven acrescentou com afetuoso interesse:

— Sem dúvida que não voltarei a Blois sem haver atendido ás vossas necessidades. Tenho recados de Henriqueta para Londres e espero que as cousas sejam conciliadas a nosso favor. Não me conformo com essas crianças quasi ao desamparo, no quadro de infortúnio que estou a ver.

E, num gesto expressivo para Constancia, perguntou com o seu orgulho ferido:

— Onde está o cravo que tanto a distraía nas noites de inverno? Que é feito das tapeçarias, da baixela de prata?

A bondosa senhora explicou num sorriso humilde:

— Foram vendidos ao Sr. Gottfried, quando Patrício e Dorotéia foram atacados pela febre.

— O Sítio do Linho foi alugado? — interrogou a moça com decisão.

— Lawrence Morrison lavrou uma escritura contra nós e fomos despojados dêsse terreno — explicou Samuel contristado.

— E os rebanhos?

— Não temos mais recursos em pastagens. Conservamos apenas alguns bois de serviço e algumas cabras.

— Isso é insuportavel — exclamou a jóven, assaz irritada.

Em seguida a uma pausa mais longa, em que os três se sentiam á face de um sério problema, Suzana inquiriu com firmeza:

— Que sugerem para que eu possa começar o trabalho de reivindicação de tantas injustiças?

Samuel Davenport parou os olhos no horizonte embaciado do crepúsculo, meditou longamente e respondeu:

— Minha filha, não desejaria acabar minha existencia aqui, onde a lembrança da mocidade venturosa me agrava os terríveis desgostos. Nossa ilha está dilacerada pelas perseguições e nossa fé religiosa é irreduzível. Não me sinto capaz de bajular os protestantes impiedosos e, por este motivo, devo contar com as humilhações de toda sorte, enquanto viver. Não suporto os impios ingleses e morrerei no seio de nossa amada igreja. Neste caso, venho sonhando ultimamente com uma vida

nova, na grande colonia da América, para onde se transferiram muitos dos nossos amigos espoliados:

E, como experimentando outro ânimo, imaginando a soberba visão do novo mundo, continuou:

— Lá se encontram os Taylor, os Dalton, os Harrison, os Richmond. Todos prosperam vertiginosamente e acreditam em Deus como entendem. Erguem capelas nos montes, criam rebanhos fortes, á margem de rios fartos e de pastagens sempre verdes. Dizem, Suzana, que, por lá o céu é muito azul e que as flores povoam as estradas, quasi a todo tempo, favorecidas pela benção constante de um sól ardente e amigo. Arquimedes Taylor, que voltou a Belfast o mês passado, a-fim-de procurar alguns documentos importantes, visitou nossa granja e muito me animou a partir com a família. Informou-nos que na América protestantes e católicos se unem, fraternalmente, na faina dos trabalhos comuns, em attitude muito diversa da adotada por velhos companheiros irlandeses que se bandearam para a política dos senhores poderosos e nos deixaram em abandono. Com exceção do velho Gordon, que pretende transferir-se tambem para a colonia, no ano proximo, ninguem mais nos procura. Por ocasião da grave moléstia das crianças, eu e Constancia lutámos com a enfermidade completamente desamparados. Estamos cansados de sofrer injustiças. O padre Bernardo, que nos confortava nas fadigas diárias, foi banido ha duas semanas. Por tudo isso, venho afagando a idéia de buscar outras terras.

A moça anotava, em silêncio, as alegações do tio, procurando tirar as suas conclusões, a respeito das providencias sugeridas. Á medida que Samuél Davenport expunha seus planos e sofrimentos, ella considerava o assunto, calculando por antecipação as consequencias.

A seu ver, a partida para a colonia era idéia aproveitavel. Buscaria envolver Cirilo no projeto. Não seria interessante vingar-se de Madalena Vilamil, obrigando o marido a partir para regiões tão distantes? Se pudesse, compelliria o primo a partir só, sem a companheira. De testava a filha de D. Inácio, que lhe arrebatara o sonho

da juventude. Ainda, porém, que não conseguisse o principal objetivo com a ausencia só do primo, de qualquer modo gozaria vendo-os partir como exilados da Europa, deixando-a livre da visão de sua felicidade.

Obsecada pela recordação de Cirilo, de quem não conseguia esquecer-se, ponderou com atenção no socorro indispensavel aos tios de Belfast, concluindo mentalmente que seria facil ir a Londres e obter as providencias politicas para que se lhes fizesse justiça na propria terra que os vira nascer; mas, segundo suas convicções íntimas, não encontraria oportunidade mais adequada para vingar-se. Madalena conheceria o pêso da sua força cruel. Dominada por semelhantes sentimentos, a jóven de Blois sentenciou:

— Seus planos, meu tio, são louvaveis e lastimo sinceramente não poder acompanha-los á colonia distante. As terras novas sempre me empolgaram a imaginação por sua riqueza e grandiosidade, de acôrdo com as notícias trazidas pelos corajosos conquistadores.

Após um momento em que Contancia e o espôso lhe seguiam atentamente os gestos minimos, continuou:

— Quais as providencias iniciais para realizar nossos propósitos?

— Bastaria que alguém se interessasse por nós, na Côte — acentuou o tio com imensa esperança a rebrilhar nos olhos — Lord Arlington é hoje uma autoridade incontestavel na política nova e, com a sua influência poderá facultar-nos um título de propriedade agricola na colonia. Isso conseguindo, venderíamos o que nos resta e escolheríamos a chamada região de Connecticut, onde pretende fixar-se o nosso generoso Gordon, no proximo ano.

— Pois irei a Londres para êsse fim — exclamou a jóven resolutamente. — Não existe tambem um auxílio financeiro aos que partem? O govêrno da França costuma amparar as famílias que se dirigem para as regiões inexploradas.

— Na Inglaterra, os prestigiados por pessoas influentes tambem conseguem, ás vezes, identico auxílio.

— Insistirei com as autoridades competentes para que recebamos o beneficio. Se Lord Arlington não dis-

puser de elementos com que me possa atender, recorrerei á propria Corôa.

Os tios carinhosos entreolharam-se com viva satisfação, como quem recebia o socôrro longamente esperado.

— Resta saber — prosseguia a sobrinha, resoluta — como e quando se dará a partida de Abraão Gordon com os seus.

Visivelmente confortado, Samuél Davenport explicou:

— Creio que a viagem se fará na segunda quinzena de julho do ano próximo, e o Capitão Clinton fornecerá passagem nos seus barcos a preços módicos; entretanto, em suas experiências do mar, êle exige que cada família apresente três homens válidos para cooperação nos trabalhos da travessia. Acredito, pois, que encontraremos certas dificuldades tão só para atender á essa exigencia, porque não me sinto muito bem de saude, e o Guilherme agora é que vai completar os dezoito anos.

— E Cirilo? — interrogou Suzana admirada — naturalmente não será possivel isenta-lo do cumprimento dêsse dever.

Constancia careteou como quem não desejava perturbar o filho, mas Samuél obtemperou:

— Pensei mesmo em convida-lo a partir conosco, mas o casamento talvez lhe haja imposto outros projetos definitivos para o futuro.

Suzana refletiu um instante, ocultou os verdadeiros sentimentos que nutria sobre a rival e murmurou:

— Madalena Vilamil é boa moça e compreenderá as nossas necessidades prementes. Sem dúvida, acompanhará o marido, e dado que o não possa fazer, nem por isso o impedirá de cumprir o dever filial. Tenho absoluta certeza que conseguirei os títulos de posse, em Londres, e enquanto iniciamos as providencias, poderão escrever a Cirilo expondo-lhe a situação com franqueza, dizendo-lhe convir aqui esteja em abril, para inteirar-se do assunto e preparar-se convenientemente para a viagem, em julho. Até a primavera, terá gosado bastante a sua lua de mel e não é muito que se lhe peça o comparecimento em Belfast daqui a três ou quatro meses.

Depois de ligeira pausa, acentuava:

— E é justo não esqueçamos de escrever igualmente para Blois.

Em seu profundo potencial psicológico, estava certa de que Cirilo não deixaria de aconselhar-se com o tio e concluía:

— Conhecemos o ascendente de papai sôbre a índole caprichosa do primo e faz-se necessário que ambos conheçam o carater urgente das decisões a tomar.

Constancia, jubilosa, admirava o poder de resolução da sobrinha, e falou satisfeita:

— Deus nos ouça, porque já comentámos o assunto como se tudo estivesse providenciado com inteira segurança.

— A senhora não duvide — esclareceu a jóven — não dencansaremos até que todas as cousas se resolvam. Estas crianças — e designou com um gesto o interior da casa, onde os meninos brincavam em alvorço — hão de crescer numa vida nova. E' impossível que dobremos a cerviz ante o cêrco da miséria. Em muitos casos a resignação deixa de ser virtude para tornar-se inimigo cruel.

Em seguida, quando o véu da noite se fechara de todo, transferiram a conversação para a sala espaçosa do fogão de inverno, onde Samuél, muito depois de se haverem recolhido a sobrinha e a espôsa, ainda permaneceu largo tempo a meditar, como se conversasse com as achas ardentes daquela amada lenha do Ulster, que encerrava para o seu espírito um escrínio sagrado de inesquecíveis tradições.

Sómente após o Ano-Bom, Suzana dirigiu-se para Dublin, onde tomou uma embarcação que saía do Canal de São Jorge com destino aos portos da Mancha. Partia em busca das concessões de Londres, interessada e esperançosa, depois de haver orientado os tios com relação ás missivas endereçadas a Paris e Blois.

Foi assim que, em fevereiro de 1663, as cartas de Belfast mudavam as perspectivas, entre os cônjuges venturosos.

Cirilo leu, emocinado, a carta paterna que lhe falava

dos enormes prejuizos e infortunios experimentados e da resolução de partir para a América, em procura de valores novos, suplicando o seu amparo filial em tão graves circunstancias. Insistia para que o acompanhasse na viagem, ainda que não pudesse transferir-se definitivamente com a jóven espôsa para o Novo Mundo. Calculava que bastariam alguns meses de cooperação e poderia voltar a reassumir as obrigações que o retinham na capital da França. Samuél sugeria, carinhosamente, que a espôsa o acompanhasse na longa viagem, empreendida para tranquilidade de todos. Quanto aos encargos de ordem material, esperava compensa-lo, doando-lhe parte do produto da venda do resto de sua propriedade rural na Irlanda do Norte.

Madalena, por sua vez, mostrava-se fundamentalmente sensibilizada. Constancia enviou-lhe carinhosa carta na qual lhe rogava assistência e auxílio moral para a transferência desejada, destacando o obséquio que a nora lhes prestaria favorecendo a partida de Cirilo, de maneira a lhes atenuar o rigor dos inumeros trabalhos. Enviava-lhe, com afagos maternais, delicada folha de trevo como lembrança da missa a que assistira em intenção da sua ventura conjugal, na véspera das núpcias; relatava, mãe afetuosa — as enxaquecas do marido, as necessidades dos filhinhos. Procurava, enfim, convencer a nora de que deveria partir também com eles e fazia-lhe sentir que sua casa era igualmente da nora, a qualquer tempo.

A jóven espôsa de Cirilo chorou, emocionada, ao receber as confidencias da sogra. Se fôsse possível, teria partido para Belfast naquele mesmo dia, a-fim-de conforta-la, mas não podia considerar sequer a possibilidade de uma visita ao Ulster nos meses próximos, porque D. Margarida piorara muito do seu velho mal cardíaco. Prostrada, palidíssima, não arredava pé da cama, reclamando assistência carinhosa e constante. Por vezes, as dispnéias sobrevinham noites seguidas, agravando-lhe os padecimentos atrozes.

Que fazer em face de tão angustiosos obstáculos?

Ao crepúsculo dêsse dia de notícias singulares, em que as emoções agradáveis se haviam misturado larga-

mente com a dor, Cirilo e Madalena encaminharam-se ao templo de Nossa Senhora, ansiosos por uma inspiração que lhes aliviasse a alma inquieta.

Madalena desejava sinceramente ir a Belfast, atendendo aos apêlos afetuosos da sogra, mas a precária saúde de sua mãe a impedia de formular qualquer projeto a respeito.

— Afinal de contas — dizia a Cirilo sob o manto estrelado do céu, que sempre lhe enchia de encantamento o espírito sonhador — não devemos sofrer tanto, antecedendo fatos que se desdobrarão segundo a vontade do Pai Celestial. Sómente partirás em março e, até lá, quem sabe?

Ele, porém, não lhe acatava os argumentos afetuosos, com o habitual bom humor. Sem poder explicar o que lhe ocorria no íntimo, permanecia taciturno, alheio às suas costumeiras características de resolução.

— Não posso compreender, Madalena, porque essa viagem forçada a Belfast me ensombra o espírito, enchendo-me de preocupações.

— Viagem forçada? não digas — redarguia a espôsa com bondade — para nossos pais todos os trabalhos constituem motivos de satisfação espontânea. Não tens feito o possível pela tranquilidade do papai e pela saúde da mamãe? E' indispensável não esquecer que temos igualmente dois velhos generosos a espera de nosso auxílio na Irlanda do Norte.

Visivelmente nervoso, o rapaz obtemperou:

— Sim, mas os meus trabalhos em Paris? E se não me puderes acompanhar a Belfast? E se D. Margarida piorar a ponto de ser forçado a assumir compromissos com os meus, partindo sózinho para esse longo itinerário até a América?

— Quantas interrogações prematuras! — opugnou ela esforçando-se por manter um sorriso menos pessimista — se nos acontecesse o pior não deveríamos, ainda assim, inclinar o coração á vontade de Deus? Se nos separarmos por alguns dias, não será por motivos frívolos, mas por atender a necessidades imperiosas de nossos amáveis "velhinhos".

Procurando desfazer as penosas impressões do espôso, a filha de D. Inácio continuou:

— Relativamente aos teus trabalhos comuns, acredito não seja difícil obter uma licença sem remuneração; e se mamãe piorar, impedindo minha partida, estaremos juntos nas preces sinceras ao céu para que todas as dificuldades cessem logo. Além disso, não devemos contar com a assistência do tio Jaques? De Blois a Paris não é longa a distância. Precisamos coragem, Cirilo, pois Jesus não nos deu a felicidade sómente para a satisfação pessoal e sim para que aprendamos a estendê-la a outros seres. Nossos pais estão cansados e doentes, é justo lhes ofereçamos nossa disposição para o trabalho e o socorro de nossa mocidade sadia.

O moço ponderou aquelas palavras deixando perceber que havia encontrado a desejada solução e enlaçou-a com mais ternura.

Embebidos na cariciosa contemplação da noite amiga, falaram ainda longo tempo, de suas esperanças e projetos de futuro, regressando ao ninho doméstico, cada qual fazendo o possível por se mostrar mais otimista, visando o conforto recíproco, mas, quando foi atender a progenitora doente, Madalena contemplou o crucifixo de madeira que D. Margarida conservava no quarto, pendente do leito e, fixando o olhar na imagem de Jesus, pediu-lhe com fervor lhe desse paz ao coração atormentado por infindos receios. Depois de verificar que a matrona repousava em profundo sono, ajoelhou-se, beijou aquele símbolo de sua fé e limpou uma lágrima, cuidadosamente, para que o espôso não lhe surpreendesse os amargos presságios.

As semanas voavam ao ritmo das renovadas preocupações.

Após uma consulta ao tio Jaques, que fôra igualmente informado da precária situação de Samuél em Belfast, Cirilo Davenport decidiu-se á viagem, a-fim-de auxiliar os pais no que fôsse possível. Preparou seu desligamento temporário dos serviços, tomou as providencias necessarias, mas D. Margarida piorava devagarinho, impossibilitando, de qualquer modo, a ausencia da filha.

À vista disso, o rapaz foi obrigado a partir sozinho para a Irlanda, em fins de março.

Informada de que Suzana permanecia na céspede natal, Madalena dirigiu-lhe carinhosa carta, junto da que escrevera, com muito afeto, á bondosa sogra, explicando a impossibilidade de visita-la e solicitando-lhe que, como prima devotada, a representasse na família, orientando Cirilo em suas necessárias decisões de auxílio aos pais.

Dêsse modo, o filho de Samuél partiu deixando a esposa no círculo habitual, constituído por D. Inácio sempre nervoso, D. Margarida gravemente enfêrma, e Antero que rodava de Paris a Versalhes e vice-versa, como quem perseverava nos mesmos propositos, esperando as oportunidades.

A chegada de Cirilo foi um acontecimento de larga repercussão no lar paterno.

Suzana, dias antes, havia regressado da capital inglesa com todos os documentos legais, concernentes a emigração de Samuél e família para a colonia longinqua. Depois de uma visita pessoal a Carlos II, em que fizera questão de alardear o valor de suas relações prestigiosas na Côrte de França, todas as portas se lhe abriram com facilidade surpreendente. Alem de conseguir as dotações necessarias, inclusive sementes e outras utilidades, solidou também um auxílio financeiro para o velho Gordon, que lhe recebeu a gentileza profundamente sensibilizado. Ao júbilo das concessões obtidas, acrescentava-se, agora, a alegria da vinda do rapaz, reforçando as esperanças dos perseguidos irlandeses.

Constancia não sabia como exprimir seu contentamento maternal. Reuniu todos os recursos humildes da despensa doméstica e ofereceu um jantar muito simples, nesse dia em que, acima de tudo, falava o sincero carinho do coração. À noite, reuniu a família em preces a Deus, agradecendo á Providencia os favores da sua misericórdia e, após as orações comuns, expressou um voto de reconhecimento a São Patrício, pela feliz chegada do filho, o que, feito em voz alta na espontaneidade do seu afeto, arrancou muitas lágrimas ao rapaz, que permane-

cia igualmente de joelhos, em obdiencia á tradição familiar.

Conforme acontecera á prima, Cirilo impressionara-se fortemente com os quadros de infortunio resignado e de velada pobreza que viera encontrar na paisagem querida de sua infância, e fazia o possivel por não repetir as expressões de espanto, quando procurava esse ou aquele local, em busca de velhas impressões da sua meninice. Não conseguiria explicar a emotividade que lhe envolvia a alma inteira. A humildade com que Samuél patenteava a necessidade da sua proteção, os olhares amorosos da mãe, a doce delicadeza dos manos, penetravam-lhe o espirito com indefinivel intensidade. Lêra a Constancia a terna missiva de Madalena e reparara, emocionadíssimo, como a progenitora enxugava as lágrimas copiosas com as dobras do avental muito branco. Guardava a impressão de haver ingressado num sonho bom, em que no maravilhoso tapete das lembranças suaves, voltava a ser menino.

Quanto á Suzana, recebera as letras delicadas de Madalena, lendo-as a sós, depois de cerrar cuidadosamente a porta do quarto e reprimindo intensa cólera. Frase alguma daquela mensagem fraternal conseguira modificar suas disposições. Não constituia atrevimento do rival endereçar-lhe semelhante apêlo? Num ímpeto de ciúme e despeito, fez menção de estraçalhar o documento carinhoso, mas, como se fôra advertida pelas idéias criminosas que lhe passavam, por vezes, na imaginação sobrexcitada, exclamou consigo mesma: — “Não será melhor conservar esta carta para algum dia da vida? Quem poderá saber o futuro”? E modificando a primitiva attitude, guardou a missiva com cuidado, na bôlsa reservada aos objetos mais intimos.

Abraão Gordon, á noite, viêra participar das alegrias familiares, abraçando jubiloso o recém-chegado de Paris, a quem amava como proprio filho, desde o dia em que Samuél e Constancia o haviam chamado para leva-lo á pia batismal.

As occultas, o pai de Cirilo, acanhado por ter de incomodar diretamente o rapaz, solicitara ao antigo com-

panheiro de lutas endereçasse ao filho o apêlo final, para os acompanhar no longo cruzeiro transoceanico.

Gordon aproveitou o encanto do momento, cheio de intimidades cariciosas e, quando terminaram as preces de louvor a Deus, dispôs o grupo familiar em tórno da larga mesa dos Davenport, que recordava os antepassados numerosos, devotados a tradições domésticas. Aplaudido com calor, por Suzana que entrava na conversação com apartes sagazes e inteligentes, o notavel ancião depois de exaltar as grandiosidades do Novo Mundo, que conhecia pessoalmente, em virtude de uma visita aos parentes exilados na Virginia, notificou ao rapaz a necessidade do seu apoio ao grande cometimento.

— Contamos contigo, Cirilo — afirmava o velho irlandês bondosamente — e nem poderia ser de outro modo. Samuél e Constância esperam o teu amparo imprescindível. Somos velhos e o capitão Clinton necessita de moços para a travessia, que não é tão facil como parece á primeira vista. Já enviei instruções a Oxford para que Carlos e João estejam em Belfast no mês de junho. Não podemos dispensar o esforço dos filhos, na execução da empresa.

— Entretanto — murmurou Cirilo um tanto esquivo, dado o seu problema de natureza sentimental, refletindo na espôsa e nas suas fadigas domésticas — ignoro se poderei partir na época prevista.

— Não ha mais tempo para hesitações — obtemperou o velho Gordon, depois de bater com o cachimbo na mesa, num gesto muito seu — a questão não é de possibilidade, é de imperiosa necessidade. Entre pais e filhos não ha consultas, ha compromissos. O capitão Clinton exige a contribuição dos mais fortes e não será razoavel dispensar teus esforços.

O rapaz córou em face da observação direta que lhe era dirigida, e ocultando suas recônditas preocupações sentimentais, receando ser tido á conta de covarde, considerou:

— Não me furto ao que constitue para mim um grato dever, mas, como sabem, meus serviços intellectuais,

em Paris, são bastante expressivos e não sei se me permitirão uma ausencia prolongada.

— Meu filho — exclamou Abraão, convicto — não guardes ilusões sôbre pretensas realizações intellectuais dos nossos tempos. Isso é um miseravel engano, Cirilo. Os espiritos vulgares alardeiam conquistas mentirosas, enquanto escondem a consciencia vestida de andrajos. Semelhantes fantasias vão conduzindo os homens mais sábios á confusão e á ruina total. As lutas religiosas que nos expulsam do berço, não serão resultantes da desordem do pensamento? Por que motivo os protestantes e mesmo os católicos eminentes, se empenham em lutas de morte? Será porque trabalharam com as mãos, ou por que se desviaram do caminho de Deus pelo abuso de raciocínios? As mãos não se equilibram sem o impulso orientador das idéias, como as idéias não se materializam sem o concurso das mãos; no entanto, suponho que os homens vão esquecendo o dom do serviço pelos excessos do pensamento em desvario.

Todos acompanhavam com atenção os argumentos profundos, enquanto o rapaz fixava os olhos brilhantes no rosto simpático do bondoso velhinho. Estava tocado nas fibras mais sensiveis e contemplava o antigo mentor, em respeitoso silêncio, ansioso por não perder um só de seus elevados conceitos.

— Em diversas regiões do sul — continuava Gordon percebendo o poderoso efeito de suas palavras — existem católicos que assassinaam os herejes, barbaramente; e aqui no Ulster os partidários da chamada Reforma nos invadem as terras e deshonram os lares. Envidados prepotentes da política de Londres nos insultam e assaltam nossas propriedades laboriosas e honestas. Se toda essa gente trabalhasse mais e discutisse menos, não acabaria estabelecendo a certeza de que todos somos filhos do mesmo Deus? As legítimas renovações, Cirilo, não se destinam apenas á operosidade e aos feitos da intelligencia, mas tambem ao esforço de arrotar com amor a terra generosa. Que tem sido a existencia da Europa senão uma guerra incessante? Todos os povos progridem para dominar os mais fracos, prosperam, a-

fim-de ganhar a força e exercer a opressão. O que tudo isso significa é que o homem não necessita ser mais arguto para explorar o proximo e sim que compreenda e ame a vida. E ninguem, meu filho, entenderá o proprio caminho sem trabalho intenso por concretizar um ideal de virtude, na marcha para Deus.

Suzana reparava o velho amigo de sua infancia, manifestando a transbordante satisfação que suas alegações lhe causavam, e o marido de Madalena, seduzido pelos argumentos, sentia a renovação de antigo idealismo. Aquelas palavras vibravam estranhamente em sua alma, tinha a impressão de que lhe ressurgira no imo, alguma cousa ofuscada e quasi perdida, que era o imenso amor á gleba, a dedicação ao sólo a que se acostumara a querer todo o bem, pelas lições vigorosas recebidas na infancia. Por disposições maravilhosas do pensamento, sentia-se transportado á meninice distante, atravessava descalço as pastagens orvalhadas em busca dos bois que mugiam longe. Revia as grande árvores tratadas amorosamente e desejava tosquiar, de novo, os carneiros gordos e mansos. O ambiente social de Paris eclipsara-lhe o gôsto pelas manhãs chuvosas, com o ruido da charrúa sulcando a terra macia. Subitamente, experimentava a ansiedade de tornar a beber a luz das paisagens campestres, na companhia dos cavalos árdegos e resistentes. A inclinação do homem consagrado ao esforço da terra triunfava de todas as preoccupações de ordem puramente intellectual. Agora, lembrava que a França estava repleta de silogismos inuteis. Padres e filósofos disputavam estérilmente, redundando as suas cogitações numa comédia ridícula, em que cada qual permanecia mais vaidoso, ao lado das aflições dos mais fracos, no seio do povo prejudicado e iludido. A guerra constituia, invariavelmente, o produto sutil dêsses excessos dos condutores da multidão. Eram raros os propositos sérios, os impulsos enobrecedores, isentos de vaidade ou egoismo. Cirilo estava magnetizado pela grandeza dos conceitos emitidos. Abraão Gordon tinha razão. Era necessario voltar á terra e escolher a flôr da paz em seu seio generoso.

— Compreendo agora — exclamou, deixando en-

trever que descobria a equação indispensavel. — Não posso compreender como andava tão esquecido...

— Vendo-o passar a mão pela frente, os presentes entreolharam-se satisfeitos. A rendição de Cirilo, com respeito ao assunto, causava-lhes enorme prazer.

— Ainda bem — contiuvava Gordon encorajado — estavamos certos de que não falharias na inclinação justa.

— As suas opiniões são incontestaveis.

— E já chegou a refletir nesse Novo Mundo que os navegadores nos trouxeram?

— Sem dúvida — exclamou o filho de Samuél assaz impressionado — terá uma finalidade muito mais importante que a de simples colonia, que lhe possamos atribuir.

Abraão Gordon sorriu e continuou:

— Eu que lhe conheço a grandeza insondavel, posso afirmar que a América é uma região destinada por Deus aos flagelados e desiludidos da Europa. Suas florestas assemelham-se a um oceano de verdura. Seus rios fartos chamam as criaturas para trabalhos generosos de paz e esperança, seus horizontes iluminados prometem a corôa da liberdade e da vida. Estou convencido de que o novo continente representa uma dádiva de Deus aos homens trabalhadores e corajosos. Deve ser a realização da promessa aos corações de boa vontade. Acredito que, lá, os nossos descendentes hão-de amar os valores legítimos da vida e farão cessar a cadeia de ruina e destruição, que ameaça sempre a prosperidade européia, nas guerras famulentas. Aos que se encontram cansados de tolerar a criminosa influencia do demonio insaciavel, que domina os nossos principes, a Providencia enseja a possibilidade de um lar entre as flores de uma natureza diferente e livre, cuja paz é garantida pelos abismos das águas.

Cirilo ouvindo as palavras ardentes do velho amigo, sentia-se transformado. Começava a admitir que, por certo, sua felicidade residia do outro lado do grande mar. Num minuto, chegava a esquecer os livros, os pergaminhos, as controversias infundaveis dos filósofos do tempo, os princípios expostos pelos teólogos da universidade. Imaginava o futuro lar, onde Madalena e êle cuidariam da ventura de filhinhos amados, no país maravilhoso cuja

grandeza parecia contemplar, através das descrições vivas do ancião de Belfast. Recordou que seus ideais eram idênticos aos da esposa, relativamente a América distante. Madalena também tinha sêde daqueles horizontes largos, daquela terra fecunda e perfumada. Sentindo que podia falar igualmente em seu nome naquela assembléia familiar, assumiu o compromisso de transferir-se definitivamente para o Mundo Novo.

Depois de afirmar sua decisão, que despertou enorme e geral contentamento, a palestra se desdobrou em tôrno das realizações futuras. Suzana e Constança emprestavam á conversação a mais vibrante alegria, terminando as combinações iniciais da viagem com expressivas demonstrações de júbilos sinceros.

Diariamente, agora, repetiam-se as reuniões afetuosas na casa acolhedora, delineando-se todos os projetos em lide.

Para que Cirilo partisse justamente tranquilo, ficou assentado que ainda voltaria a Paris, não obstante as dificuldades das viagens de então, a-fim-de consultar a esposa, quanto á possibilidade de sua partida. Na hipótese de ela continuar impedida pela moléstia da sua progenitora, êle acompanharia os pais até a América, cuidaria das instalações iniciais e voltaria á França para buscar a companheira. Estava certo de que a esposa lhe aprovaria as decisões e compartiria das suas esperanças. Ela também amava, de longe, aquelas florestas desconhecidas, onde haveriam de fundar a casa venturosa e farta para a sua próle.

No curso de uma quinzena, todas as deliberações estavam assentadas. Abraão Gordon fez a Samuél generoso empréstimo de dinheiro, para que o filho pudesse deixar á esposa alguns recursos, uma vez verificada a impossibilidade de sua partida. Dentro de algumas semanas, Constança e o marido venderiam a parte restante da propriedade e resgatariam o compromisso.

Dêsse modo, nadando em esperanças de maravilhoso porvir, Cirilo regressou á França com a promessa de tornar a Belfast no fim de junho.

Seu regresso ao lar foi acolhido entre carinhosos

contentamentos da esposa, e contudo, os planos traçados na Irlanda causaram á Madalena certa estranheza, sem que ela mesma pudesse explicar o motivo das dolorosas angústias que lhe assaltavam o coração.

O marido tratou de organizar numerosas providências, á pressa, destacando-se a do seu desligamento da universidade, em caráter definitivo, com as veladas preoccupações da esposa. Deliberou ir a Blois, sem que a companheira pudesse participar da excursão, dado o estado grave da sogra.

Estava ansioso por abraçar o velho Jaques. O tio amigo o acolheu com a satisfação habitual, ouviu com interesse o relatório verbal da visita ao Ulster e concordava, em tése, com as alegações de Abraão Gordon, sobre a mudança para regiões tão distantes. O rapaz inteirava-o, entusiasmado, das menores decisões tomadas, ao mesmo passo que o professor de Blois o considerava um tanto mudado. Cirilo referia-se com muito calor á terras vastas, a fazendas prósperas, comentando, por antecipação, o valor dos rebanhos e das lavouras que mantiriam o equilíbrio econômico das organizações rurais e das ricas plantações de fumo, que garantiriam o dinheiro do exterior, na dilatação do patrimonio futuro. Em toda a sua conversação, não havia uma referencia aos religiosos inteligentes, como se verificava de outras vezes. Não mais comentava os autores romanos e gregos ou a sabedoria dêsse ou daquele documento antigo, enriquecendo a palestra de observações elevadas e uteis. Jaques escutava-o admirado, disfarsando a custo a impressão de estranheza. Concordava com a ida do sobrinho para o continente novo, mesmo porque Cirilo estava muito moço e á sua frente desdobrava-se radioso porvir; mas não podia aplaudir-lhe a atitude centralizando todos os interesses em problemas de absoluta feição material.

Depois de ouvi-lo por algum tempo em silêncio, o austero professor, como quem não pode omitir as cousas essenciais, perguntou:

- Como ficam teus trabalhos na Soborna?
- Desliguei-me definitivamente da universidade.
- E Madalena?

— Dentro de um ano voltarei a busca-la, após instalar nossa casa nova. A saúde precária de D. Margarida, presentemente, não nos permite partir juntos.

Em vista da resposta formal, o generoso educador compreendeu, habil psicólogo, que era inútil tentar demover o rapaz das decisões tomadas; todavia, como advertência velada, limitou-se a dizer:

— Nunca me separei de Felícia senão quando o poder de Deus nos fez curvar diante da morte.

Cirilo, porém, dominado pela visão dos interesses imediatos, não pôde perceber a sutileza do aviso e passou a fundamentar os motivos de sua resolução, recordando os apontamentos de Abraão Gordon relativamente ao panorama das lutas estéreis da Europa, acusando os gabinetes políticos como focos de chacina e destruição. Jaques escutou-o novamente mergulhado em silêncio, dominado por singular impressão. Por fim, insistindo por seus pareceres mais claros, Cirilo manifestou-se desejoso de que o tio os acompanhasse a breve tempo, de maneira a se reunirem todos na América, para a continuação feliz dos empreendimentos sadios e realistas.

O bondoso professor fixou o olhar no velho parque que se vestia com a roupagem deliciosa da primavera, escutou o rumor das crianças que brincavam sob as grandes árvores e respondeu:

— Não conheço o futuro, meu filho, mas, por enquanto, não me seria possível examinar semelhante hipótese. Quem sabe pensarei nisso amanhã? Ao presente, sinto que não devo abandonar meus velhos livros e meus alunos novos.

— Contudo — insistiu o rapaz — estou certo que o senhor se reunirá a nós, mais tarde ou mais cedo. Não é possível continue suportando o ambiente europeu, envenenado de lutas odiosas e seculares. Daqui a um ano, em regressando para levar Madalena, é bem possível o encontre modificado.

Enquanto fazia uma pausa, o tio esclareceu:

— Concordo contigo, mesmo porque ignoro se residirei em Blois até o fim dos meus dias.

— Mas por que não assume conosco o compromisso

de partir? Não posso esquecer as observações do nosso velho amigo de Belfast, com relação às lutas desta nossa Europa, em cujo seio tudo é ilusão precedendo ruínas.

— Não posso desaprovar a argumentação de Gordon, mas por agora ficarei, como alguém que deseja permanecer numa casa incendiada, nutrindo a intenção de salvar alguma cousa.

O sobrinho que se referira insistentemente às dificuldades do Velho Mundo, experimentou certo choque em ouvindo aquela afirmativa e contudo não respondeu, preferindo calar, de modo a não alterar os fundamentos de seu compromisso.

Entretanto, apesar da manifesta divergência entre ambos, despediram-se de olhos molhados, como pai e filho obrigados a suportar as amarituras de uma longa separação.

As contrariedades penosas do educador de Blois eram iguais às de Madalena, que as experimentava com muito maior intensidade, no ambiente doméstico. Em casa, tudo se resumia a movimento célere de providências precipitadas. D. Inácio encorajava o genro, estimulando-lhe o espírito empreendedor e chegando mesmo a declarar que, não fôra a grave moléstia da velha companheira, partiriam todos para o Novo Mundo, em busca das experiências mais elevadas. Discutia às vezes, acaloradamente, por demonstrar que a humanidade devia o benefício aos corajosos navegadores espanhóis, e comentava com inveja a possibilidade conferida aos católicos irlandeses. Antero, igualmente, mantinha uma atitude de alegre aprovação aos projetos de Cirilo, e expunha seus desejos de procurar, mais tarde, diversos parentes castelhanos localizados no sul do continente novo.

A única pessoa a compreender as angustiosas preocupações de Madalena era justamente a enferma, que trocava significativos olhares com a filha, acusando-se intimamente como empecilho de sua partida em companhia do marido.

A jóven companheira de Cirilo, contudo, buscava não traír sua amargura, nos menores gestos, e beijava a progenitora com mais carinho, ansiosa por fazer-lhe sen-

tir a satisfação com que ficaria a seu lado, no desempenho de sublime dever.

Decorrido um mês, chegou a véspera da viagem para a Irlanda, consoante as obrigações assumidas.

Nesse dia, Cirilo e a espôsa entreolhavam-se como duas crianças extremamente afetuosas, despertadas de um sonho encantador para realidades dolorosas.

À noite, não obstante a dispnéia de D. Margarida, ambos saíram para a contemplação da natureza, ansiosos por alguns minutos de plena solidão, que lhes facultasse permutar as impressões mais intimas.

O céu de Paris fulgurava como nunca, pintalgado de estrêlas e cada jardim exalava os perfumes doces da primavera.

Os jóvens esposos recordaram que havia decorrido justamente um ano do seu primeiro encontro. Falaram do Carroussél de junho de 1662, entre cariciosas evocações. Certamente, a maioria dos amigos não mais se recordava dos folguedos populares, mas os pequeninos encantos da festividade representavam para eles poderosos motivos de reminiscencias gratissimas. Um ano passara com a rapidez de uma semana breve. À certa altura da palestra, amorosa e confidencial, Cirilo tomou com mais vivacidade as mãos da espôsa e considerou:

— Querida, não sei o que tenho — minha coragem parece diminuir á medida que se aproxima o instante da separação.

— Não te deixes abater por emoções contrárias aos teus compromissos, Cirilo — murmurou ela esforçando-se por manter atitude de extrema fortaleza moral, de modo a encoraja-lo, sem lhe demonstrar a propria dor — mais um ano, apenas, estaremos juntos, acima de todas as contingências materiais. Até lá, mamãe terá melhorado e partiremos todos. Em primeiro lugar, seguirá nossa família de Belfast e depois nós, os de Paris.

— Reconheço tudo isso e não me faltam esperanças, replicou o rapaz; entretanto, mortificantes pensamentos me dilaceram o coração.

Ela, que lhe falava de alma opressa, não conseguiu

enconder por mais tempo a emoção e deixou cair uma lágrima, embora fizesse o possível por oculta-la.

— Choras, Madalena? — perguntou o rapaz pensosamente surpreendido. — Sofres também, assim?

— Não, Cirilo, minha lágrima é de esperança, pois que a saudade significa a propria esperança chorando de ansiedade e alegria.

O filho de Samuél compreendeu que necessitava controlar as proprias fôrças, a-fim-de levantar o ânimo da companheira abatida por graves provações domésticas e, enlaçando-a com muito carinho, procurou consola-la:

— Não chores, Madalena... Breve regressarei a buscar-te e seremos venturosos para sempre. Edificarei nossa casa nalguma encosta cheia de verdura, de onde possamos, todas as noites, contemplar o céu. Abraão Gordon me esclareceu os detalhes da paisagem do nosso futuro "habitat" é creio saber de antemão o local em que teceremos o nosso ninho. Havemos de admirar a beleza e a imensidade dos horizontes. Um grande rio banha nossas terras. Logo que conclúa a casa, rodea-la-ei de jardins. Quando la chegares, tudo ha de ser primavera, vida e alegria. E mais tarde, querida, criaremos nossos filhinhos sob a umbela de um firmamento luminoso e livre.

A filha de D. Inácio enxugou as lágrimas com sincera conformação, e falou comovida:

— Cirilo, não desejo que partas sem me ouvires...

Essas palavras eram ditas com inflexão de voz indefinível e no entanto, como que se perdiam em tímidas reticencias.

— Dize, Madalena! De que se trata?

— E' que, nestes ultimos dias, venho sentindo comoções estranhas e mamãe acredita que se prendam ao nosso primeiro sonho...

Ele abraçou-a sensibilizado.

— Como sou feliz! — murmurou, transbordante de júbilo.

— Não ficarei tão sózinha — concluiu com resignado sorriso.

E assim permaneceram longas horas, na contemplação da noite, permutando promessas de infinito amor e mútua compreensão. Cirilo arquitetava mil castelos para o porvir, enquanto a espôsa escutava-o enlevada, olhos luzindo de esperança, acompanhando-lhe o idealismo ardente. Discutiram os detalhes da futura residência na América; falaram dos filhinhos que Deus lhes mandaria ao lar e que seriam educados distante dos centros do despotismo e da ambição. Em dados momentos, a voz da jóven se embargava de lágrimas, mas fazia o possível por demonstrar paciência e energia, em tão amargosas circunstâncias. Ante a nova perspectiva, o rapaz prometia esforçar-se para voltar antes de um ano. Assim que, afagando mútuas esperanças, passaram a última noite, ansiosos por dilata-la ao infinito.

No dia seguinte, de manhã, a família Vilamil, exceto D. Margarida, estava congregada em pequeno conselho. Antero com a sua expressão artificial, justificava a preocupação de Cirilo quanto á construção do lar, no seio agreste da natureza, pois tambem êle, segundo afirmava, a qualquer situação destacada em Paris preferia o recanto simples e calmo de Versailles; e enquanto D. Inácio fazia ao genro as suas alegres e derradeiras recomendações, Madalena contemplava angustiadamente o espôso, desejando repetir-lhe as observações do amor infinito. Tinha séde de redizer-lhe no ouvido os mil pequeninos cuidados do coração; mas a presença de Antero e do progenitor lhe tolhia as carinhosas expansões. O velho fidalgo encarava o seu estado de espírito com vereditos ruidosos, que a filha era obrigada a receber com humildade e complacencias, esforçando-se por ocultar a amargura indefinível que lhe cortava o coração.

Nesse momento, Cirilo fez a D. Inácio a entrega de dez mil francos para que fôsem atendidas as despesas de ordem imediata, em sua ausencia, prometendo trazer quantia mais vultosa, no seu regresso. O sogro agradeceu e guardou a dádiva com carinho, sem que ninguém notasse a expressão diferente que se fizera no olhar de Antero de Oviedo.

Em seguida, o viajante buscou um pretexto para

falar a sós com o primo da espôsa e, com toda a sua ingenuidade e boa fé, recomendou-lhe com interesse:

— Antero, pode crer que parto absolutamente confiado no seu espírito de iniciativa e generosidade. Espero que sua dedicação vele por Madalena e por nossos velhos amados, com a mesma disposição sincera de auxilio que me ha dispensado desde que nos abraçámos pela primeira vez.

O moço espanhól detestava-o bastante para não gozar com os seus sofrimentos, mas esboçou uma attitude exterior de fraternidade, concordando:

— Podes partir tranquilamente. Compreendo as contingências imperiosas que te obrigam a tamanho sacrificio. Para mim, Madalena é qual irmã a quem consagro minha melhor estima; quanto aos tios, são êles, de fato, os pais que encontrei na vida.

Depois de outras considerações afetivas, Cirilo apertou-lhe a mão confiante e agradeceu o compromisso, de olhos humidos. Recomendações finais, derradeiros abraços e, sob o olhar despeitado de Antero, o filho de Samuel beijou a espôsa pela última vez. Madalena enxugou as lágrimas que não pôde conter e Cirilo, de alma torturada, aboletou-se no pequeno carro de um amigo, que deveria conduzi-lo até o porto de Brest.

O casal Vilamil-Davenport tinha o espírito angustiado por perspectivas atrozes. Madalena, porém, elevava orações ardentes ao céu, suplicando á Mãe de Jesus lhe balsamizasse o cérebro torturado por martirizantes presságios.

Na Irlanda, desde a chegada de Cirilo, tudo constituiu um torvelinho de providencias e decisões de ultimos dias. Naturalmente, a maioria dos retirantes mantinham-se em especção amargurosa, considerando que lum abandonar a paisagem que os vira nascer; mas cada qual trabalhava por demonstrar contentamento e coragem, com esforço heróico. Suzana, que aguardava a partida dos parentes para voltar á França, cooperou nos mínimos problemas, proporcionando-lhes solução justa.

A náu do capitão Clinton era uma construção reforçada e de largas proporções, mas não podia conter tudo

o que Constancia desejava levar como recordação do Ulster; entretanto, a boa senhora organizou pequenos pacotes com sementes de árvores e flores ao seu alcance, no intuito de cultivar as lembranças irlandesas nas terras fecundas da América. No dia do embarque, Suzana chegou a afirmar, de cara alegre, que o navio de Clinton assemelhava-se a Arca de Noé, em miniatura.

Na praia, a jóven de Blois contemplou a embarcação até que desaparecessem, ao longe, as velas enfundadas. Recolhida em sua imaginação doentia, Suzana pensava consigo mesma: — “Estou satisfeita, a vitória me pertence”.

Enquanto a embarcação atravessava o Canal do Norte, tudo foi um desdobrar de adeuses e entretenimentos cariciosos. Aqui e acolá, sinais da costa acenando ao ânimo patriótico dos viajores; mas, quando o navio afastou-se, no segundo dia, a situação tornou-se muito diversa. Chegada a noite, com o vento favorável, a embarcação achava-se em pleno mar. O dia havia mergulhado num manto de indefinível tristeza. O proprio Abraão, segurando calmamente o cachimbo, fixava, olhos nevoados de lágrimas, o rumo da costa que ficava á distância. Em todos os espíritos a saudade eclipsando a esperança. Quando a escuridão noturna se fez de todo sôbre a imensidade movel das águas, o ancião de Belfast acendeu um archote e abriu o Novo Testamento.

— Esta noite — disse êle com voz grave e pausada — leremos o Livro ajoelhados.

Os presentes o acompanharam com singular interesse, genufletindo-se.

O velho Gordon abrindo as páginas amareladas sôbre mesinha tosca, onde se espalhava a luz bruxoleante, leu, em voz alta todo o Capítulo 27 dos Atos, que relaciona as noticias da viagem de Paulo de Tarso para Roma. Isso feito, voltou as páginas, deteve-se no Versículo 15 e repetiu em solene attitude: — “E sendo o navio arrebatado e não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixamos ir á tóa”. Depois da pequena repetição, o velhinho bondoso olhou para o alto e exclamou:

— Senhor! o navio de nossos bens foi arrebatado ás nossas mãos na terra em que nascemos. Nossa existencia na Irlanda soffria inutilmente o golpe dos ventos contrários ao vosso amor e sabedoria. E' por isso, ó Divino Salvador, que aquí nos encontramos nesta casca de noz, esperando que se cumpram os vossos insondaveis desígnios!

O capitão Clinton, antigo corsario habituado a espolar para não ser espoliado e a matar para não morrer, ao ritmo das leis rudes que imperavam no oceano, cercado por homens numerosos, armados de mosquetes, sabres e punhais, murmurou compungidamente:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!...

Terminaram as orações e a luz foi apagada, a-fim-de evitar qualquer desperdício. Foi então que Cirilo, mais altamente tocado no coração, abraçou a velha progenitora no seio das sombras, como a unica pessoa indicada a lhe compreender a alma ferida. Constancia percebeu a angústia do rapaz e falou-lhe com brandura:

— Deus sabe, meu filho, que é por seu amor que enfrentamos os abismos oceanicos.

Cirilo, contudo, não conseguia suportar por mais tempo as ondas de dor que se lhe represavam no peito. Afastando-se para um recanto escuro, onde sopravam as brisas favoraveis da noite, contemplou o céu estrelado e chorou amargamente...

IV

A VARIOLA

Regressando á França, Suzana demorou-se em Paris duas semanas, preenchidas com pequenas excursões e passeios ociosos.

Podia notar-se-lhe agora certa mudança de atitudes, tanto que se aproximou da casa de Madalena, a pretexto de lhe ser util, de alguma sorte, nos dias aziagos da enfermidade de sua mãe.

A espôsa de Cirilo, enfretando heroicamente as dificuldades da situação, recebeu a visita com afeto e reconhecimento. A filha de Jaques lhe satisfez as minimas perguntas sôbre o embarque, o navio, as disposições do companheiro. Suzana tinha uma resposta pronta a cada inquirição, em sua afabilidade artificiosa. A nota mais interessante, contudo, é que Antero de Oviedo, incumbido de trabalhar algum tempo em París, na transferencia de importantes documentos para Versailles, aproximou-se da moça de Blois, de maneira surpreendente. A propria prima notou com simpatia semelhante atração, encorajando-lhes os sentimentos afetivos, pois Madalena sempre se preocupava com a sorte do rapaz, que crescera a seu lado, como irmão. Á noite saíam, por vezes, a sós, frequentando o teatro ou excursionando ao luar, sôbre as aguas do Sena.

A filha de D. Inácio enganava-se, porém. Antero de Oviedo deleitava-se na sua companhia, porque Suzana parecia possuir a chave que lhe abria o coração onusto de paixões secretas e violentas. Ela começou a conqui-

tar-lhe o espírito, revelando suas inclinações pelo filho de Samuél Davenport, discretamente, sondando-lhe os pensamentos. Retribuindo essas provas de confiança, o rapaz iniciou igualmente as suas palestras confidenciais, compreendendo que defrontava a primeira inimiga do venturoso casal. Na quinta noite de conversação solitária, entendiam-se francamente. Ambos estavam satisfeitos com o ensejo de um desabafo. Suas observações convergem, invariavelmente, para os caprichos do destino. Antero teimava em afirmar que não conseguiria esquecer a prima, enquanto a jóven irlandesa confessava abertamente que não renunciaria aos seus propósitos, e continuaria aguardando o ensejo de provar a Cirilo a intensidade do seu amor. Aquilo que a família Vilamil apreciava como afeição, entre os dois, era um desvairamento sem limites, oriundo do ódio que ambos alimentavam.

Afinal, Suzana regressou a Blois, deixando na casa de Santo Honorato alegres e confortadoras impressões sôbre o futuro do sobrinho de D. Inácio. Ao desperdiçar-se, Madalena abraçou-a confiante e lhe pediu rogasse a Deus pela paz e saúde de Cirilo na América. Enviou ainda, por seu intermédio, breve mensagem a Jaques Davenport, lembrando-lhe que teria imenso consôlo e justo prazer com a sua visita a D. Margarida, a quem parecia restar poucas semanas de vida, concluindo com votos afetuosos e protestos de nimia dedicação e desvelado carinho.

Dois meses decorridos sôbre a partida de Cirilo e a vida na casa dos Vilamil seguia monótona e repassada de espectativas amargurosas. Antero sentia-se quasi feliz, achando-se como dantes, na qualidade de único rapaz a conviver com Madalena, sob o mesmo teto, entre as vibrações fraternais do ambiente doméstico. Horas a fio, mirava-lhe o semblante que a dor espiritualizava; seguia-lhe o movimento das mãos, como se atendesse a determinação de poderoso íman. Experimentava imenos desvelos pela prima e no entanto não se furtava ao ciúme violento, á paixão rude que o torturava de riço, desde o dia em que ela se lhe escapara dos braços espedaçados. Alimentava o secreto desejo de que Cirilo se

perdesse para sempre nos caminhos desconhecidos das terras inexploradas, a-fim-de conquista-la devagarinho, entre amarguras, tormentos, dificuldades. Confiava em que o rival não tornaria á Europa e que a prima, fatigada na luta, se lhe rendesse aos caprichos, aceitando-lhe o amparo, mais tarde ou mais cedo, nas reviravoltas do destino.

Atendendo a tais designios, depois de procurado, certo dia, por um dos credores mais exigentes de D. Inácio, recordou a soma que o marido de Madalena confiara ao fidalgo e recomendou-lhe consultasse o devedor em sua propria casa, quanto ás possibilidades do pagamento. Ouvindo-lhe o parecer, o inflexível Sr. de Aurincourt dirigiu-se ao bairro de Santo Honorato, onde o antigo fidalgo lhe recebeu a visita, em companhia da filha.

Sem muitos preambulos, o credor atacou directamente o assunto, em presença da jóven senhora, acrescentando com alguma aspereza:

— Como o senhor não ignora, seu título vencido ha muitos meses tem-me esgotado a paciencia.

O tio de Antero corou, não sómente em virtude da cobrança, como pelo modo por que era tentada, naquela sala, diante da filha, que êle desejava manter alheia ás suas dificuldades e que acompanhava o desdobraimento do assunto, vexada e compungida.

— Compreendo a exigencia, Sr. Aurincourt — retrucou o velho espanhól, perdendo o bom humor natural — no entanto, continuo em disponibilidade, aguardando apenas uma determinação de Sua Majestade para me serem pagos os devidos vencimentos.

— Sinto muito — tornou o credor — mas nada combinei com o soberano e sim convosco. Não lhe podia emprestar dinheiro confiando em pessoas alheias. Confiei meus recursos á sua honra de fidalgo e não posso aceitar estes seus argumentos. Alem do mais, espero as suas oportunidades ha quanto tempo?

A última frase, pronunciada em tom sarcástico, pairou no ar enquanto D. Inácio, confuso, buscava em vão um novo motivo para justificar-se. Muito pálda, reco-

nhecendo a perturbação do progenitor, Madalena interrogou com serenidade e nobreza:

— Qual é a importancia do título?

— Oito mil francos — respondeu o visitante.

E a jóven senhora, com a expressão confortada de quem se achava em condições de atender á dignidade ferida, acentuou:

— Será razoavel, meu pai, que o senhor resgate o título hoje mesmo.

— Entretanto... — resmunhou D. Inácio indeciso, refletindo se devia aceitar o oferecimento da filha.

— Cirilo e eu — continuou Madalena solícita — teremos prazer em que o senhor se utilize dos nossos recursos.

D. Inácio, que sempre encontrava um dito chistoso no seu proverbial bom humor, para enfrentar as situações mais difíceis, não sabia como dissimular a inquietação do sentimento paternal, mas, ante as palavras resolutas da filha e observando o cúpido olhar do credor, demandou o interior doméstico, extremamente desapontado e trouxe a quantia recebendo o título, de mãos trêmulas, depois de lançar á filha um olhar de sincero reconhecimento.

Ao fim de quatro meses, após a partida de Cirilo, a situação em casa era das mais penosas. Cresciam as obrigações forçadas dos alugúeis do velho prédio, as despesas com o lacaio e duas servas, os dispendios com o tratamento da enferma, as inadivels aquisições de generos e utilidades domésticas. Não obstante o auxilio de Antero, o quadro íntimo era formado de amargas apreensões. A saúde de D. Margarida ia de mal a piór, impondo á filha profundos desgostos e dolorosas vigílias.

Certa vez em que mãe e filha comentavam as aperturas do lar, D. Margarida lembrou duas velhas amigas da infancia, em ótima situação financeira. Eram as senhoras Josefina Fourcroy de Falguiere e Alexandrina de Saint-Medarí, que lhe haviam sido companheiras de meninice, nos dias formosos do pretérito, em Toulouse. Quem sabe estariam dispostas o auxilia-las com o empréstimo de algumas centenas de francos? Essa idéia acendeu

muitas esperanças no cérebro cansado da enferma. Certo, ouvir-lhe-iam o apêlo, ajudando-a naquelas agustiosas circunstâncias, com a desejavel discreção. Madalena ouviu as sugestões da progenitora, que lhe pediu as procurasse em particular, consultando-as em seu nome, para que fôsem atendidas as necessidades mais urgentes. A espôsa de Cirilo, no intimo revoltava-se contra os propositos maternais; todavia, como proceder ante a insistencia da enferma querida, de cuja ternura sempre havia recebido os mais ternos carinhos? D. Margarida não desejava importunar o sobrinho em cousas minimas e supunha que o expediente seria bem sucedido. Madalena não podia desatender aos seus desejos afetuosos.

Um dia, de manhã, demandou a rua das Nonaindières e parou em frente da Abadia dos Celestinos, em cuja vizinhança se levantava a residência aristocrática de Madame Falguière, que a recebeu depois de largo movimento de criados arrogantes, em face dos seus trajes modestos. Expôs, humilhada e receosa, o motivo da visita e no entanto, as maneiras tímidas e sinceras não comoveram a dona da casa, que respondeu altivamente:

— Lamento muito não poder servi-la, pois ha de reconhecer que sua mãe é apenas minha conhecida de tempos remotos e não existe entre nós credenciais de intimidade que justifiquem qualquer apêlo a meu marido, em seu favor.

— Ah! sim! compreendo... — murmurou Madalena afogando as lágrimas no peito.

— Diga á Margarida — prosseguiu a velha dama com rigorosa austeridade — que se resigne com a situação. Quanto a mim, é preciso que ela saiba que, se fui bafejada por um casamento feliz, tenho a vida repleta de grandes dissabores. Se os pobres padecem com as necessidades, os abastados sofrem muito mais com as obrigações.

E depois de um olhar impiedoso e severo para com a visitante humilhada, acentuou:

— Alem disso, você está moça e não será difficil arranjar trabalho. Que quer, minha filha? São as con-

tingencias da sorte. Ha muitas casas nobres a procura de governantas.

A moça ruborizou-se. Não saberia dizer se a sua emoção originava-se na dignidade ofendida, se na extrema vergonha que lhe cobriu o coração. Quis lançar-lhe em rosto a repugnancia que sua descaridosa attitude lhe causava, mas limitou-se a responder:

— De qualquer modo, senhora, minha mãe e eu lhe ficamos reconhecidas. Deus permita que nunca venha experimentar nossa angústia.

A senhora Falguière esboçou um sorriso intraduzivel e Madalena saíu, tomada de repulsa, quasi em desesperação. Em plena rua enxugou as lágrimas e refletiu se deveria procurar a Senhora de Saint-Medard, á vista do insucesso da primeira tentativa. Experimentou sincero desejo de furtar-se a nova humilhação, mas recordou as lágrimas da mãezinha doente, quando rememorava os antigos tempos de alegria com as inolvidaveis companheiras da infancia em Toulouse. D. Margarida estava tão confiada na sua afeição sincera, que a espôsa de Cirilo considerou praticar uma falta se deixasse de ir até o fim. Mergulhada em profundas cismas, concluiu que tudo deveria fazer por amor á progenitora. Possivelmente, a outra amiga seria mais condescendente e razoavel. Nessa esperança, procurou outra casa elegante nas proximidades do mesmo local. Anunciada por lacaios solícitos, foi recebida numa ante-sala luxuosa por velha senhora que, pelos modos, parecia mais rígida e protocolar que a primeira. Só então, a filha de D. Inácio pressentiu que a experiencia, ali, talvez lhe fôsse mais dolorosa.

No seu natural acanhamento, expôs o motivo da visita, mas a Senhora de Saint-Medard fixando-a com estranheza, falou com ar escarninho:

— Ah! recordo-me sim, você é Madalena, pois não?

— Para servi-la, minha senhora.

— Você já leu, porventura, uns versos do Sr. Lafontaine (1) sôbre a cigarra e a formiga?

(1) As Fábulas de Lafontaine, em seu conjunto, surgiram entre 1668 e 1693, mas, como trabalhos isolados algu-

Madalena estranhou a pergunta, mas, na ingenuidade de quem repousa com boa fé, guardando no coração sinceridade cristalina, retrucou sem a menor preocupação:

— Sim, mas que desejava dizer com isso?

— Pois diga á D. Margarida — continuou a Senhora de Saint-Medard, com profunda ironia — que ela e D. Inácio muito cantaram em Granada e que é justo dansarem agora em Paris.

Madalena ficou lívida. Na primeira porta, encontrara fria altivez; na segunda escárneo cruel. Contemplou a interlocutora com o pranto a lhe saltar dos olhos e exclamou:

— Passe bem, senhora.

Desceu a escada, ás pressas, com as idéias em torvelinho. Atravessou o jardim e viu-se em plena rua, sem se deter na observação de cousa alguma. As lágrimas molhavam-lhe o rosto, ao passo que, em seu coração, furiosa tempestade de revolta abafava-lhe os sentimentos. Onde guardara as forças morais para não revidar o insulto execravel? Percorria ruas e praças, a pé, automaticamente, engolfada na repulsa que lhe dominava o espirito. Na imaginação superexcitada via a velha progenitora, quasi agonizante, a confiar nas afeições falazes e o pai senescente, sem energias para defender o lar da ironia dos ingratos. Se as suas lagrimas eram de amargura, originavam-se muito mais na humilhação dos melindres filiais.

Ao dobrar uma esquina, porém, num recanto solitário, deparou um nicho da tradicional devoção popular, que lhe chamou a atenção. Inexplicavelmente, sentiu súbita necessidade de orar, de maneira a afugentar os pensamentos de revolta e amargor. Encaminhou-se ao oratório da fé pública e viu a imagem de Jesus Crucificado, simples, sem adornos, apenas encimada por minúsculo tecto de madeira, que resguardava a obra de arte das in-

mas já eram conhecidas em Paris no ano de 1663, que assinalou justamente a entrada do poeta para a Academia. — Nota de Emmanuel.

tempéries. Contemplou, enlevada como nunca, a reliquia do povo e orou; através do véu de lágrimas, pelas chagas sangrentas e pela corôa de espinhos que pendia da fronte dilacerada. Como simples criatura anônima, ajoelhou-se no pó da via pública, invocando a proteção do "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". Nesse momento em que se humilhava, qual jamais fizera em ato de contrição religiosa, a filha de D. Inácio experimentou uma sensação de consôlo que jamais conhecera, em tempo algum. Dir-se-ia que sua alma sofredora assinalava á presença de um anjo, invisível aos olhos mortais, a passar-lhe as mãos pela fronte com suavidade cariciosa. Dozes emoções de maternidade elevaram-se-lhe do coração ao cérebro. A consciência parecia dilatada a uma esfera de compreensão divina. Ao bafejo da energia desconhecida, chegava á conclusões rápidas e profundas. A dor não mais a humilhava, antes lhe engrandecia o coração. Sentia algo semelhante a uma voz falando-lhe no imo da alma, em vibrações de suave mistério. Teve a impressão indefinível de que alguém lhe tomava o braço com afagos brandos, convidando-a a erguer-se. Nunca soubera pensar em Cristo como naquela hora inesquecível. Em poucos momentos, os olhos estavam enxutos. O profundo e carinhoso nome de mãe ressoava-lhe no peito como incompreensível e sublime esperança. Quem era o homem da Terra, e quem era Jesus? Essa pergunta que se lhe apoderara da mente, como se fôra sugerida por alguém, de um plano mais alto, proporcionava-lhe infinita consolação a alma ferida. As angústias do dia se desvaneceram como incidente fugaz. Os algozes do Cristo deviam ter sido muito mais cruéis que as senhoras de Falguière e Saint-Medard, que não passavam, aliás, a ajuizar por sua conduta, de duas mulheres ignorantes e orgulhosas, a abusar das possibilidades do mundo. E que era a máguia sua comparada á do Mestre que se imolara pelos pecadores? Sofria muito naquela hora, em retribuição aos carinhos e dedicações maternas; mas Jesus aceitara o madeiro por amor aos bons e aos maus, aos justos e aos injustos. Beijou então, comovidamente, a pequena cruz e encaminhou-se

para casa, sentindo-se amparada por uma força invisível que jamais conseguiria definir.

Abraçando a mãezinha doente, sentiu que era indispensável mentir para confortar; esconder a verdade dura, de modo a não abrir chagas mais cruéis. Sentindo-se forte e bem disposta ao influxo das forças desconhecidas que a amparavam, beijou a enferma com muito carinho, enquanto esta a interrogava com um sorriso de confiança:

— Chegaste a obter pelo menos mil francos, minha filha?

— Infelizmente, minha mãe, as nossas amigas não estavam em casa.

— Oh!.. exclamou a doente sem disfarçar a tristeza súbita.

E começou a lembrar outros nomes, desejosa de encontrar um recurso pronto para a situação. Mas a filha percebendo que seu espírito, cheio de boa fé, voltaria a renovar as solicitações afetuosas, procurou confortá-la dizendo:

— O essencial, mamãe, é que a senhora fique tranquila, sem preocupações. De outro modo, não alcançará as melhoras desejadas. Jesus não nos esquecerá. Além disso, o tio Jaques não tardará a chegar. Amigo de nossa confiança, sentir-nos-emos mais á vontade para tratar dêsse empréstimo.

— Ah! sim, será mais prático... Esperaremos — disse D. Margarida resignada.

E Madalena tinha razão, porque Jaques Davenport daí a três dias batia-lhe á porta em visita afetuosa. A sobrinha sentiu imensa alegria apertando-lhe as mãos benfazejas. Depois de palestra cordial com D. Inácio Vilamil, o bondoso amigo entrou a ver a querida enferma, considerando muito grave a situação, pelo seu penoso abatimento.

Psicólogo profundo, o educador de Blois leu no semblante de Madalena a expressão do velado martírio doméstico.

D. Margarida, altamente confortada com a visita, contava, em detalhes, seus padecimentos diuturnos. Dor-mia pouquíssimo em vista das aflições ininterruptas; ali-

mentava-se com extrema dificuldade, por ter o estômago ferido, intoxicado pela multiplicidade das drogas em uso; as pernas muito inchadas impediam-lhe os movimentos livres, forçando a filha a exhaustivos esforços. Jaques reanimou-a, sinceramente comovido, comentando a situação de outros doentes em situação mais precária, afirmava ter visto casos idênticos, com sintomas mais graves e que, no entanto, não passavam de fenómenos organicos passageiros, em certas fases de desequilíbrio físico. A doente sorria, quasi satisfeita, a demonstrar novo ânimo no semblante abatido, mas, na intimidade, quando se retirou do aposento, Jaques chamou a sobrinha de parte, mudou de semblante e falou penalizado:

— Minha filha, Deus te conceda forças para a luta, porque tua mãe está vivendo os derradeiros dias.

— Compreendo! — murmurou ela enxugando uma lágrima.

— Apêga-te á fé, Madalena. Em tais instantes, o socôrro humano, por mais eficiente que o consideremos, é sempre precário. Devemos estar certos, porém, de que Deus tem um bálsamo para todas as angústias do coração.

A sobrinha não conseguiu responder, sentindo que a emoção lhe constringia a garganta, mas, penetrando as necessidades mais subtís, e, longe de ferir o coração da filha, com expressões menos generosas, o carinhoso amigo acrescentou:

— Madalena, Cirilo me recomendou, no ultimo encontro em Blois, te trouxesse quinhentos escudos que representam velha dívida minha para com êle. Guarda-os. Neste transe, não faltará ensejo de os empregar utilmente. E na hipótese de necessitates mais alguma coisa, não te esqueças, filha, que me encontro a teu lado para todas as providencias que se façam precisas.

A filha de D. Inácio recebeu os mil e quinhentos francos da lembrança generosa, imensamente comovida. Consoladora satisfação inundou-lhe a alma, porquanto, era possível atender agora aos pequenos caprichos da enferma, a quem encheu de mimos, entre doces ternuras do coração.

Jaques esperou no dia seguinte o Dr. Dupont, com quem se manteve em demorada conferência. Aquelas manchas violáceas que a doente apresentava á flor da pele, não o enganavam. O médico reafirmou-lhe a convicção, declarando, discretamente, que D. Margarida não podia viver mais de uma semana. A vista do prognóstico, o educador de Blois adiou o regresso, na intenção de ser útil aos Vilamil em alguma cousa.

Com efeito, a matrona piorava dia a dia, dando a todos impressão dolorosa de uma lenta agonia. Não permitia que a filha se afastasse, um minuto sequer. Falava-lhe, comovedoramente, do futuro e pedia-lhe que embarcasse para a América, a reunir-se ao espôso, tão logo lhe fechassem a cova. Nada obstante, rogava-lhe igualmente por Antero, por quem sempre experimentava desvelos maternais. A situação de D. Inácio era tambem objeto de suas conversações "in extremis". A pobre senhora não sabia como alvitrar soluções a Madalena, que a ouvia, olhos marejados de pranto. O velho fidalgo acompanhava os sofrimentos físicos da espôsa, com o coração angustiado, enquanto o sobrinho, que lhe consagrava imensa afeição, desdobrava-se em atenções e sacrifícios para que fôsse satisfeitos os seus menores desejos. Jaques Davenport, ali estava cabisbaixo e silencioso, aguardando o fim daqueles padecimentos, que parecia muito próximo.

Na derradeira noite, D. Margarida confessava-se aliada e mais lúcida. Tal circunstância alegrava a todos, enchendo os parentes de sinceras esperanças. Os homens e as servas recolheram-se mais cedo; Madalena, porém, conservando no espírito sombrios presságios, manteve-se vigilante ao lado da progenitora, que parecia mais calma e repousada.

Sentindo-se só com a filha, D. Margarida mirou as unhas roxeadas, levou a mão ao peito como a examinar o próprio coração, e falou compassadamente:

— Madalena, esta melhora é a primeira visita da morte. Não nos devemos iludir.

— Ora, mamãe — turturinou a espôsa de Cirilo depois de um beijo afetuoso — não fales assim. O médico

retirou-se hoje muito satisfeito e papai ficou tão contente!...

A enferma ouviu-a atenta, patenteando grande commoção nos olhos razos de lágrimas.

— O Dr. Dupont poderá ter falado com otimismo a Inácio, mas tambem oiço uma voz que me fala aqui dentro do coração. Minhas horas estão contadas. Dou graças a Deus por levar-me deste mundo sem odio a ninguém. Levo comigo tão sómente as máguas justas de mãe, por deixar-te na Terra, á mercê de lutas bem ásperas, mas rogarei a Jesus para que te reunas a Cirilo em breves dias. Penso, tambem, em Antero que criei como filho querido. Quanto a Inácio, espero em Deus nos possamos reunir, brevemente, na eternidade!...

Sua voz tinha entonações lugubres, Madalena soluçava baixinho, angustiada, incapaz de responder.

— Não chores, filha. Curvemo-nos resignados aos sagrados designios de Deus. Certamente, o futuro ainda te reservará muitos dissabores. Vais ser mãe, tambem, e compreenderás a montanha de sacrificios que importa escalar por amor aos filhos; no afã das lutas e sofrimentos, não te esqueças da confiança sincera no Todo Poderoso. Toda mulher, e mórmente todas as mães, precisam compreender o valor da renúncia, da caridade, do perdão. O caminho do mundo está cheio de malfeteiros. Aqui ou ali, a ingratitude insulta e o egoismo calunía. Sómente a fé pode proporcionar o escudo indispensavel á alma ansiosa e ferida. Nunca percas a fé, minha filha, ainda que os padecimentos sejam os mais duros. Recorda a Mãe de Jesus em seus martírios e resiste ás tentações.

Depois de longa pausa para tomar folego, continuou com visível emoção:

— Deus é testemunha de que eu muito desejava recuperar a saude para esperar o fruto de teu amor, envolvendo-o nos meus carinhos de avó; mas o Senhor, certamente, tem outros designios.

Ouvindo a terna observação, Madalena murmurou entre lágrimas:

— O céu nos restituirá a alegria, minha mãe. Ficará junto de mim por todo o sempre.

— Ainda esta noite, prosseguiu D. Margarida com ternura — sonhei que minha mãe vinha buscar-me. Apareceu como nos meus tempos de criança, a brincar des-cuidada ás margens do Garona. Ela chegou, muito meiga, tomou-me nos braços e perguntou, depois de um beijo, porque me havia demorado tanto, longe dos seus carinhos. Ah! deve haver uma estância alem desta, onde nos encontremos com os mortos bem amados. A vida é mais bela e infinita do que supomos. Deus que nos uniu nas estradas do mundo, não poderá separar-nos para sempre..

A voz tornava-se melancólica, arquejante. A evocação do sonho pareceu transporta-la á divagações diferentes. Nos olhos muito brilhantes pairavam reflexos de luz extra-terrena. A filha acompanhava-lhe a mutação fisionomica, com um misto de ternura e dor indescrevíveis. Recordava-lhe os sacrificios domésticos e o heroísmo maternal, que o mundo não conhecera. Lembra-va suas cartas afaveis e consoladoras, ao tempo do internato. Ela, que conhecia as leviandades do pai e as dificuldades em que viviam, sempre notava que a progenitora nunca tivera uma palavra de blasfêmia ou falsa virtude, em toda a sua vida.

— Madalena — continuou D. Margarida com a mesma emotividade — se Deus te mandar uma pequenina, dá-lhe o nome de Alcione, em memória de minha mãe. Não sei por que mistério, sinto-a aqui ao nosso lado, esperando-me talvez no limiar do sepulcro. Desde ontem, sinto-me impressionada por deixar-te sem recursos monetarios que te garantam a tranquillidade, até te reunires definitivamente a teu marido. A noite passada, muito refleti sôbre isso, porque nem mesmo as minhas velhas jóias puderam escapar no sorvedouro de nossas economias domésticas. Mas, agora, minha filha, oiço no intimo a voz de minha mãe, que me sugere deixar-te nosso velho crucifixo de madeira, confidente de nossas lágrimas.

Apontou para o pequenino oratório e acentuou:

— Guarda-o bem contigo, porque não haverá maior tesouro que o do coração unido ao Cristo.

Madalena chorava discretamente. D. Margarida porém, continuou falando, mas, agora parecia responder a interpelações de uma sombra. Debalde, a filha tentou desviar-lhe a atenção para outro assunto. Seus olhos, imensamente lúcidos, davam a impressão de contemplar outros horizontes, muito alem das quatro paredes do quarto lúgubre. Madalena alarmou-se mas procurou manter-se calma, sem chamar os que repousavam de longa vigília. Todavia, de manhã despertou as criadas e chamou D. Inácio para comunicar o agravamento da situação. D. Margarida, após a ultima conversação, caíra em coma. Raiára a manhã em dolorosas perspectivas. Enquanto Antero segurava as mãos da moribunda, D. Inácio buscou um sacerdote que lhe ministrou os ultimos sacramentos. O professor de Blois assistiu o traspasse em silêncio, procurando confortar a cada qual.

A' tarde, sem mais palavra D. Margarida entregava a alma a Deus, perfeitamente tranquila. A espôsa de Cirilo não saberia definir a propria dor, mas, amparada na sua fé, amortalhou o cadaver entre flores e orações doridas quão fervorosas.

No dia seguinte, Jaques acompanhou os funerais e, após as cerimoniaes ltuosas insistiu com Madalena para que o acompanhasse a Blois, de modo a descansar alguns dias. A jóven, entretanto, reconhecendo o extremo abatimento do pai, recusou o oferecimento carinhoso, apresentando delicadas excusas. D. Inácio, de fato, mostrava-se profundamente acabrunhado. Não seria razoavel deixa-lo em Paris, em tal estado. O tio de Cirilo estendeu o convite aos demais. Partiriam todos em sua companhia e, depois de algum repouso em seu velho parque, voltariam á capital, retomando as preocupações e os misteres. Intimamente, Madalena desejou aceitar a proposta generosa, mas D. Inácio opôs-se. Alegava que seria muito mais difficil consolar-se da perda que acabava de sofrer se partisse com a obrigação de regressar mais dia, menos dia. A seu ver, deveria enfrentar as impressões amargas, combatê-las até o fim, mesmo porque, depois

da volta de Cirilo, pretendia tornar á Granada, a-fim-de aguardar a morte, já que a viuvez nunca lhe permitiria completa felicidade na colonia distante. Nem os pareces de Antero, nem as propostas afetuozas da filha, conseguiram modificar-lhe as intenções.

Foi assim que Jaques Davenport regressou ao lar, daí a dois dias, com a promessa de Antero, de conduzir a prima a Blois, tão logo chegassem a um acôrdo com D. Inácio. O velho educador, na intimidade, foi mais explícito com o rapaz. Insistia nos seus propositos, porque desejava que Madalena tivesse a criança em casa dele. Antero demonstrou acatar-lhe o desejo, nada obstante o ciuime feroz que lhe roia o coração, e assumiu o compromisso de acompanhar-la daí a dois meses.

Sentindo-se profundamente só, após o falecimento da mãe, Madalena Vilamil repartia a existencia entre os deveres domésticos e as orações, na casa enlutada e silenciosa.

Entretanto, não havia decorrido um mês sobre o triste desenlace, quando a residencia de Santo Honorato passou a partilhar das angústias imensas que começavam a pesar sobre a população parisiense.

Reboara na cidade a noticia alarmante. Alastrava-se um surto variólico de enormes proporções. Toda a cidade esfervilhava em reboliço. Segredava-se á surdina que a moléstia irrompera entre os imundos prisioneiros da Bastilha, conquanto alguém affiançasse que o boato fóra lançado adrede pelas personalidades eminentes, de modo a desviar a atenção pública de alguns fidalgos recém-chegados da Espanha, atacados do mal e que haviam procurado socôrro em Paris, sem qualquer preocupação pela saúde do povo.

A terrível moléstia, trazida á Europa pelos sarracenos no século VI, era, então, o terror das cidades populosas. A capital franceza já conhecia as suas características execraveis e, por isso mesmo, suas colméias humanas permaneciam desoladas e inquietas. Enquanto a moléstia circunscrevia-se ás moradas confortaveis dos mais abastados, houve meios de ocultar os quadros mais tristes. Em poucos dias, no entanto, a população expe-

rimentava os penosos efeitos da epidemia fulminante.

Ninguem já se preocupava com os jogos da péla, da malha ou da argola. Veu espêsso de sinistras apreensões cobriu a coletividade, de um dia para outro. Os casos positivos e dolorosos não mais ficavam ocultos pelo isolamento nos palacetes de luxo das ruas aristocraticas. As habitações burguezas da Cité e da Ville povoavam-se de cenas angustiosas. A Universidade tomava medidas extremas, em face dos imprevistos. Os doentes numerosos surgiam da rua São Diniz, da Plâterie, da Tixanderie. Criaturas miserias tombavam, sem recursos, junto do antigo local da Cruz Faubin. Arrabaldes como Santa Geneveva, Santo Honorato e Montmartre, começaram a exhibir quadros amargos. No bairro de São Diniz, ao longo da região tradicional da cêrca de São Ladres, davam-se óbitos numerosos. As aldeias que se erguiam nos arredores não eram menos devastadas. Issy, Montrouge, Vincennes, participavam em larga escala dos padecimentos em curso. Improvisavam-se cemitérios nas grande planicies, embora a autoridade eclesiástica ordenasse a abertura de um local isolado no velho cemitério dos Inocentes, para os mortos cujas familias pudessem custear as despesas do sepultamento.

Ninguem mais se atrevia aos passeios de barca no Sena, cujas águas inspiravam temor.

Em Courtille e Vanvres, organizavam-se socorros apressados, mas eram raras as pessoas dispostas aos serviços de assistencia.

O êxodo foi iniciado com penosas características.

A Côte de Luiz XIV, desde os principios da epidemia, recolhera-se ao cômforto de Versailles, rodeada de sentinelas alertas. As correntes de retirantes, porém, marchavam com enorme dificuldade nas estradas de Evreux, de Compiégne, de Auxerre, de Blois, assomadas de contagioso pavor.

E' que o surto epidemico não se constituia de simples sintomas passageiros, com características benignas. Tratava-se da variola negra, hemorrágica, com um coe-ficiente de mortalidade apavorante. Quem escapasse da morte, não fugiria á horrível deformação do rosto.

Numerosas casas religiosas abriram, caridosamente, suas portas aos enfermos. Havia postos de socorro junto aos templos de Nossa Senhora, de São Jaques do Passo, de São Germano dos Prados. Abrigos generosos foram instalados pelas "Filhas de Deus", na rua Montorgueil. As autoridades concentravam a maior parte dos trabalhos de providência. O preboste desenvolvia medidas enérgicas, com a colaboração da Universidade, mas, dado o terror que se instalara no ânimo popular, agravavam-se o descuido e a indiferença pelos doentes, o que fazia aumentar o obituário para vinte e trinta por cento, em vez de dez, como de outras vezes, em epidemias anteriores. Ninguém, todavia, desejava arriscar a pele ou a vida. Eram hexigas negras e, por detrás das pústulas repetentes estavam a deformação ou a morte. Não se encontravam médicos, nem outros serventuários de enfermagem. Apenas alguns sacerdotes abnegados visitavam os lares cheios de pranto e luto, levando o conforto de suas experiências ou as palavras carinhosas da extrema-unção.

Cada casa atingida era marcada com um grande sinal vermelho, na porta de entrada, por ordem dos superintendentes do serviço.

O povo fazia oferendas espetaculosas nos altares dos templos. A igreja de Santa Oportuna estava repleta de devotos, dia e noite, a reclamarem milagres. A plébe parecia alucinada. Os homens de idéias liberais eram acusados de provocadores da peste, então havida como castigo do céu, e a multidão pedia que eles fôsem queimados no forno do Mercado dos Porcos. Sucediã-se procições e exorcismos. Numerosas famílias dispunham dos bens a qualquer preço, e dirigiam-se para os portos do Atlântico, a caminho da América do Norte.

Nas ruas, todas as cenas de funerais eram pungentes e dolorosas. De quando em quando surgiam mulheres loucas, em penosa algazarra, obrigando os gendarmes a medidas mais violentas.

Entretanto, o mais monstruoso em tudo isso, é que alguns agonizantes estavam sendo sepultados, antes do derradeiro sôpro de vida. Quasi todas as atividades da ordem pública, nessas lamentais circunstâncias, estavam

afetas a homens indignos, que assalariavam o esforço de truões sem escrúpulos. Não eram poucas as casas nobres depredadas em seus tesouros. Valia-se, então, do terror para extorquir e abusar. Muitos crimes, nessas condições, foram perpetrados na sombra, com plena segurança de impunidade.

Nos cemitérios improvisados nas planícies e nas aldeias proximas, não era difícil ver um que outro moribundo atirado á vala comum, entre gemidos.

O soberano dera ordens para que fôsem contratados homens honestos para os serviços, mas os operarios mais honrados não haviam acorrido, permanecendo na tarefa gigantesca de salvação da propria família. Trabalhadores boçais e embriagados tinham permissão de invadir as residencias marcadas com o sinal fatídico, a-fim-de remover cadaveres ou doentes graves para os nucleos detestaveis da rua do Fôrno.

Essa vaga imensa de provações coletivas abrangeu a residencia de Santo Honorato num véu de tristezas e preocupações infinitas. Madalena, mal se refizera do golpe sofrido com a perda de sua mãe, mantinha-se em atitude quasi indiferente, incapaz de ponderar a gravidade do perigo que os ameaçava; mas D. Inácio e Antero estavam aflitíssimos.

Como acontecera ao grosso da população, os Vilamil só vieram a conhecer a terrível realidade quando já sitiados por numerosos casos na vizinhança. Depois de muito confabular, tio e sobrinho resolveram a mudança para os subúrbios de Versailles, sem perda de tempo. Era inutil procurar a zona de arrabaldes parisienses. A moléstia espalhara-se por todos os recantos. Apenas Versailles poderia oferecer alguma segurança, pelo grande número de guardas que obrigavam os retirantes a tomar o rumo de Evreux, para não infestar a zona destinada ás figuras mais importantes da Côte. Antero poderia obter concessões, em vista de suas ligações com os funcionários de relêvo. Não havia como hesitar nas medidas urgentes.

O sobrinho de D. Inácio saiu á tentativa, mas tamanhos eram os obstáculos, que, só conseguiu o que preten-

dia após esfalfantes trabalhos de cinco longos dias. Conseguida a casinha modesta que os poria a salvo, o rapaz voltou a Paris para conduzir os familiares, mas, a primeira surpresa dolorosa esperava-o qual espectro de amarguras inevitáveis.

Na véspera, uma das antigas servas de D. Margarida, de nome Fabiana, caíra de cama, com febre alta e todos os sintomas graves da epidemia.

D. Inácio sentiu imenso alívio com o regresso do sobrinho, a-fim-de assentarem as medidas salvadoras, indispensáveis.

Em vão Madalena rogou que encarassem a situação sem pavor, insistindo mesmo para que Fabiana fôsse guardada, discretamente, sob seus cuidados. D. Inácio, divergiu da filha, ao mesmo tempo que Antero retrucava:

— E' impossível, Madalena. A situação e o momento não comportam tergiversações e condescendências, a título de generosidade. Chamarei os encarregados do serviço de saúde pública a-fim-de remover a rapariga para os centros de socôrro, mesmo porque, só nos falta o carro para Versailles.

Ela esboçou um gesto de máguia e sentenciou:

— Mas esses funcionarios são homens insensíveis e cruéis.

— Que fazer, filha? — atalhou D. Inácio tentando convencê-la de vez. — Antero tem razão e, além de tudo, se esses homens são, por vezes, grosseiros e intratáveis, representam o contingente unico de que dispomos e não seria lícito despreza-los.

— E se fôsse um de nós o necessitado? — interrogou súbitamente a jóven, num ímpeto de salvar a antiga serva de sua mãe.

Os dois perceberam o alcance e significação da pergunta, entreolharam-se admirados, mas D. Inácio dando a entender que não podia aprovar qualquer indecisão naquele momento, exclamou para o sobrinho, resolutamente:

— Não podemos divagar. Vai chamar os homens

para a remoção da enférra e, se possível, traze contigo a carruagem que nos leve.

O rapaz não vacilou. O velho fidalgo, agora só com a filha, fazia-lhe sentir a gravidade do perigo e frisava a nobreza da sua intenção. Madalena concordou. Era o progenitor que falava e não seria justo menosprezar as suas afirmativas e determinações. Entretanto, não podia conter as lágrimas copiosas.

Antero não se demorou muito. O serviço de assistência mandaria os homens naquela mesma tarde. A carruagem, essa é que não foi possível encontrar. Depois de leve refeição, saíu novamente num esforço supremo. Necessitava de um veículo que comportasse quatro a cinco pessoas. Todavia, a condução desejada não foi obtida em parte alguma.

Quasi á tardinha, voltou á casa, profundamente decoroçado. O tio, que se contaminara de lastimavel pavor, procurou conforta-lo, mas alvitrou que se retirassem a cavallo, no dia seguinte. D. Inácio, profundamente impressionado com as cenas tristes da rua, suspirava por um meio de abandonar a cidade, de qualquer modo. A princípio, refletiu mesmo na possibilidade de partirem a pé, mas isso seria muito arriscar. Os caminhos estavam cheios de doentes sem lar, de fisinomias deformadas, estendendo as mãos horrendas e sujas á caridade dos fugitivos sãos.

Antero aceitou a nova sugestão. Arranjaria cavalos para o dia imediato. Mal terminavam as combinações, chegaram os assalariados da assistência, a-fim-de removerem Fabiana para a rua do Fôrno. A primeira medida foi lançar o tremendo sinal vermelho na porta. D. Inácio sentiu-se mal com o atrevimento dos rudes enfermeiros, mas, por outro lado, considerou que partiriam no dia seguinte para Versailles.

— Por que essa identificação na porta quando vamos afastar daqui a unica doente? — interrogou Antero sem desfarsar a contrariedade que o assaltara.

— Sim, — foi-lhes respondido — retiramos a enférra, mas não sabemos se estamos afastando a enfermidade.

D. Inácio acolheu a resposta ao sobrinho, com irremediável espanto, mas calou-se na suposição de que, em breves horas estaria respirando outros ares.

Foi muito comovedora a despedida entre a esposa de Cirilo e a velha serva, que a havia acalentado quando menina. O progenitor e o primo impediram Madalena de abraça-la pela última vez, quando passava pela sala, carregada por grosseiros condutores. A filha de D. Inácio, no entanto, confortou-a com palavras amorosas, ditas em voz alta. Sensibilizada com aquela manifestação de carinho, Fabiana fez um esforço e falou com doloroso acento:

— Não chore, minha menina. Se eu sarar voltarei da rua do Forno para seguir seus passos; e se morrer, hei de encontrar minha senhora na eternidade.

A jóven Madalena mal podia conter o pranto, apesar das observações quasi ásperas do pai.

A noite caiu, pesada e angustiosa.

Logo depois de sair a serva, o velho fidalgo começou a queixar-se de prostração geral com sensações de dor em todo o corpo. Daí a horas, explodia a febre devoradora do período de incubação da enfermidade. Madalena e o primo rodearam-lhe o leito penosamente surpreendidos. Ante as lágrimas da filha e as preocupações do rapaz, D. Inácio ponderava com firmeza:

— Fiquem tranquilos, filhos! Estes sintomas não podem ser os da moléstia execranda. Acredito que a modificação do nosso alimento habitual, imposta pelas circunstancias, tenha-me prejudicado o estômago. Esta febre é natural.

Mas os gemidos abafados, a transformação fisionomica devido á febre, não podiam enganar.

A filha não conseguira dormir. O doente não conseguia acalmar a sede abrasadora. Em vão recorrera a calmantes e tisanas outras, proprias da época. A manhã surgiu com alarmantes perspectivas. Depois de ouvir a prima, Antero procurou o quarto do enfêrmo, notando-lhe o profundo abatimento.

— Não te impressões comigo — dizia D. Inácio num esforço heróico para conseguir a retirada de Paris. — Creio que não poderei sair a cavallo, mas é possível que encontremos algum carro, ainda hoje...

O sobrinho, comovido, procurou conforta-lo, prometendo acelerar as providências.

Retirando-se, procurou trocar idéias com a prima sobre o que poderiam fazer. Madalena não conseguia occultar o pessimismo. Para ela não havia dúvidas. Era positivamente a variola em fase de incubação. E para que D. Inácio não fôsse transportado aos grandes centros de socôrro, onde a promiscuidade parecia convocar a morte mais depressa, era imprescindível o máximo cuidado, em vista da identificação da porta. Aquele sinal vermelho era inexorável. Preocupadíssimo, Antero voltou novamente a procurar condução para Versailles. Tinha a impressão de que a moléstia seria benigna, uma vez tratada noutro ambiente, longe da pesada atmosfera de Paris. Todos os esforços foram vão. Ansioso por atenuar os rigores da situação doméstica, procurou um médico que se devotasse ao tratamento do velho tio, mas, debalde buscou valer-se dos seus conhecimentos e relações. Os que não estavam foragidos, estavam prostrados, sem esperança. Disposto a alcançar qualquer recurso, demandou o templo Magloire, onde antigo sacerdote atendia aos pobresinhos.

O padre Bourget recebeu-lhe a solicitação com muito carinho. Já tivera bexigas, em outros tempos, sentia-se á vontade entre os doentes numerosos.

Antero respirou. Era a primeira pessoa que lhe falava com sincera tranquilidade. O abnegado irmão dos sofredores acompanhou-o á casa cheia de inquietação, examinou detidamente o enfêrmo, que lhe seguia os menores movimentos com angustiosa desconfiança, e acabou dirigindo-lhe palavras confortadoras, filhas do seu hábito de consolar a todos os aflitos. Em particular, contudo, dirigiu-se á jóven senhora e ao rapaz, dizendo-lhes:

— Em casos como este ha que encarar os acontecimentos com o máximo de resignação e fé em Deus. Não

devo ocultar-lhes que o doente inspira sérios cuidados. Além da varíola, perfeitamente caracterizada, há outros sintomas graves.

Madalena quis inteirar-se de tudo, conhecer os pormenores, mas sentia-se impossibilitada de falar como desejava.

— Aqui virei duas vezes por semana — concluiu o bondoso sacerdote.

Antero e a prima queriam implorar que viesse mais vezes, que ficasse em sua companhia, mas, considerando que a cidade quasi inteira estava ao abandono, calaram-se comovidos, certos de que seria pedir muito.

A situação doméstica prosseguiu torturante. Quando menos se esperava, surgiam os rudes auxiliares do serviço de saúde, compelindo Antero á maior vigilância, para que D. Inácio continuasse em casa, ás occultas. Madalena desdobrava-se em sacrificios silenciosos. Desvelada e carinhosa, quasi não arredava pé do leito do progenitor, que piorava a olhos vistos. O velho fidalgo passava longas noites em franco delírio. Tinha frases estranhas, desconexas, induzindo a filha e o sobrinho a graves reflexões.

Ao fim de uma semana, caíu a outra serva dos Vilamil e, no dia seguinte, o laçao apresentou os mesmos sintomas. Antero não vacilou e mandou remover ambos.

Agora, como acontecia em grande numero de casas nobres, êle e a prima eram obrigados a executar os mínimos serviços caseiros.

Durante quatro dias, os problemas domésticos eram solucionados satisfatoriamente, apesar dos sacrificios que se impunham; no quinto dia porém, Madalena experimentou os primeiros sintomas do mal devastador. Aflitíssima, comunicou ao primo o seu penoso mal-estar. O rapaz inquietou-se vivamente. Dispôs o apartamento contíguo ao do enfêrmo, buscou tranquiliza-la, afiançando que, sózinho se incumbiria dos trabalhos da casa. Ela aceitou o oferecimento, de olhos molhados. Havia dois dias que experimentava impressões organicas muito angustiosas e desejava repousar; todavia, abstivera-se de

falar-lhe a respeito, obediente ao imperativo de suas tarefas pesadíssimas. O rapaz, entretanto, não só por cavalheirismo como pelo muito amor que lhe consagrava, consolou-a com as melhores mostras de carinho, que ella levou á conta de fraternidade sem mácula.

— Antero — disse preocupada — não ignoramos a gravidade do estado de papai e não sei se chegarei ao mesmo estado...

— Não te acabrunhes — murmurou o rapaz solícito — havemos de vencer a batalha. Tenhamos esperança nos dias que hão de vir.

— Tenho orado com fervor e não perderei a fé em Deus, — acentuou a espôsa de Cirilo convicta — a Providência Divina saberá a razão de nossas provas agudas, e somos bastante pequeninos para discutir os designios do Pai Celestial. Duas cousas, porém, te peço...

Nesse interim, a voz se lhe embargara em soluços.

— Dize, Madalena! que não faria por ti? — exclamou o primo ansiando por conforta-la com toda a ternura que lhe vibrava nalma.

— Não me deixes á mercê dos carregadores de doentes, caso a febre me transtorne os sentidos — disse comovidamente — pois ignoro o que seria de mim na confusão das casas de assistência pública; e o outro favor é que mandes um emissário a Blois, chamando o tio Jaques, de minha parte.

— Nunca te levarão para a rua do Fôrno — disse o rapaz com firmeza. — Ainda que eu tambem venha a adoecer, haveremos de encontrar um recurso. Quanto ao portador para Blois, é possível que não encontremos um mensageiro que vá e volte a Paris, mas poderei enviar uma carta ao professor Jaques, por algum fugitivo conhecido.

Madalena enxugou as lágrimas num gesto triste e sentenciou:

— Deus recompensará teus sacrificios fraternais. Quanto a despesas, espero que Cirilo regresse da América, mais breve do que penso, e então...

O rapaz cortou-lhe a palavra, murmurando:

— Não fales em despesas. O dinheiro não deve entrar nos problemas condizentes á nossa paz e saúde.

Naquele mesmo dia, Antero de Oviedo encontrou alguém que abandonava a cidade, rumo de Blois, e a carta a Jaques Davenport foi encaminhada com boa remuneração e especial carinho.

Daí por diante o sobrinho de D. Inácio multiplicou as energias próprias para atender as necessidades dos dois enfêrmos, que lhe recebiam as demonstrações afetivas com profundo reconhecimento no olhar enternecido.

O padre Bourget, em suas visitas periódicas, meneava negativamente a cabeça diante do velho fidalgo, cujo estado se agravava com prenúncios de morte. Na segunda visita á Madalena, o generoso sacerdote chamou o rapaz, ao despedir-se, e disse:

— Meu filho, todos os meus deveres nesta calamidade pública têm sido amargos e dolorosos. Eis que devo, agora, cumprir mais um.

Antero fez-se lívido. A solidão angustiava-lhe o espírito. A princípio esperou que Jaques ou Suzana apparecessem dispostos a conduzir a enfêrma para Blois, mas oito dias já haviam passado da expedição da carta. Atormentado, procurou inutilmente as palavras com que pudesse alinhar uma resposta ao sacerdote, quando este notando-lhe a palidez, prosseguiu:

— Não te deixes abater pelo desânimo. Deus conhece os filhos que o amam na tempestade de amarguras e é preciso amar ao Todo-Poderoso, acatando-lhe a vontade justa. Apesar-de nossos esforços, meu filho, não creio que teu velho tio possa viver mais de dois dias. Quanto á jóven, sómente se salvará porque Deus concede forças, que não compreendemos, aos corações maternos; seu estado, porém, é melindroso e difficil. Tenho quasi certeza de que ela se curará da moléstia terrível, mas não sabemos quando poderá levantar-se da cama.

Antero de Oviedo sentiu funda revolta naquele penoso instante da vida. Embora reconhecido á boa vontade do sacerdote, experimentou um desejo forte de enota-lo com violencia. Não haveria outras novas senão aquelas de angustiados vaticínios? Em outra ocasião,

se estivesse diante de um médico, dir-lhe-ia pesados improperios; mas a verdade é que ali estava rodeado pela variola sinistra, sem amigos, sem ninguém. Mesmo assim, não disfarçou um gesto de profundo rancor e falou revoltado:

— Está bem, padre Bourget. Fico ciente de que o senhor nada mais tem a fazer aqui.

O velho ministro da Igreja contemplou o rapaz, compadecidamente, e saiu.

Quando se viu novamente só, o moço espanhól entrou em funda meditação e chorou desesperado. Tinha dinheiro, dispunha de relações prestigiosas, no entanto, via-se privado das cousas mínimas da vida. De um lado, o velho tio a quem considerava como pai, a franquear os umbrais da morte, sem o confôrto de um médico á cabeceira; de outro lado a prima muito amada, a eleita da sua juventude, na febre intensa que a fazia delirar, delindo-lhe o coração. D. Margarida, amiga maternal de sua infancia risonha, partira para sempre. Os servos da casa haviam saído, um a um, aos golpes da impiedosa enfermidade. D. Inácio estava moribundo, conforme o afirmava o padre Bourget. E se Madalena também partisse para as regiões ignoradas do sepulcro? A esse pensamento, um frio cortante lhe dominou o coração. Ela era sua derradeira esperança. Por que suportar a permanencia na França, senão por ela? A Espanha tinha outros muitos encantos que o chamavam com insistencia. Entretanto, sentia quasi prazer nos trabalhos pesados de Paris e Versailles, porque isso lhe dava a oportunidade de vê-la todos os dias. Não fôsse a ternura da mãe adotiva e teria aniquilado Cirilo Davenport, antes que êle a desposasse. Tolerara o ato de suas núpcias com o rapaz irlandês, mas nunca jamais renunciaria aos seus propositos. Por último, perseverava em afrontar a situação perigosa da capital francesa, tão sómente por seu amor. No íntimo reconhecia-se capaz de todos os sacrificios por D. Inácio; entretanto, verificava que ainda isso seria por causa de Madalena. A idéia de que ela pudesse succumbir no torvelinho das provações amargas, amedrontava-o tenazmente. O coração, ferido

pelos cuidados, começou a perturbar-lhe os raciocínios. Passou a pensar fortemente na situação de Cirilo. Era possível que o rival nunca mais regressasse da América distante. Se tal acontecesse, consagrar-se-ia ao unico tesouro da sua vida. Buscaria cativar a prima pelas maneiras generosas. Acolheria o fruto do seu enlace ao outro com desvelos paternos. E, quem sabe? Talvez Madalena lhe reconhecesse a dedicação e cedesse aos seus rogos. Os maus pensamentos rondaram-lhe a mente. E se fugisse com ela para a colonia do sul, seduzindo-a com a promessa de encontrarem o marido na América do Norte? Não faltariam pretextos para isso, principalmente depois que D. Inácio Vilamil expirasse. O único empecilho a considerar, na realização do execrando projeto, seria a presença de Jaques Davenport, mas quem podia saber o que acontecia lá em Blois? Antero de Oviedo passou as mãos pela fronte como se quisesse expulsar os planos criminosos que o assediavam.

Diariamente quasi, atendia aos carregadores de varriolosos, que vinham á cata de informações, atraídos pelo sinal fatídico:

— Aqui não ha mais enfermos — declarava invariavelmente.

Certa ocasião, todavia, um deles interrogou:

— Por que motivo, então, teima em permanecer numa casa tão triste?

— Tenho razões para proceder assim — sentenciou sem se dar por achado.

As lutas prosseguiam aceras, mas, na segunda noite após as declarações do padre Bourget, Antero tinha confirmados os dolorosos prognósticos. Corrido o dia de longos sofrimentos, o velho tio caíu em funda prostração, agonizando aos poucos. De quando em quando, Antero corria ao quarto de Madalena e voltava para junto do moribundo, que, ao romper dalva entregou a alma ao Criador. Absolutamente só, tomou as providencias imediatas, aguardando o clarear do dia para atender a outras que se tornavam imprescindiveis. Doloroso pensamento acudiu-lhe ao cérebro cansado. Deixaria Madalena sózinha, febril, quasi inconciente de si propria? E

os enfermeiros abominaveis? Consolou-se com a idéia de que sempre vinham á tarde, e que sairia a providenciar sepultura mais ou menos condigna para D. Inácio, pela manhã, no Cemitério dos Inocentes. Deixaria a porta bem fechada. Tomaria providencias á pressa e, antes do crepúsculo, tudo estaria liquidado para que continuasse enfrentando a nova fase da penosa situação.

Mergulhado nessas dolorosas cogitações, Antero repositou por alguns minutos.

A carta do sobrinho de D. Inácio, chegou ás mãos do destinatário, em Blois, três dias depois de escrita. O generoso educador alarmou-se, embora estivesse igualmente de cama, atacado pela mesma enfermidade, posto que, de forma assaz benigna. Impossibilitado de atender ao chamado, consultou Suzana a proposito, e a jóven acedeu corajosamente:

— Logo que o senhor esteja melhor — disse resoluta — irei a Paris para atender ás ocorrencias.

— Mas não tens qualquer receio? — perguntou o progenitor bondosamente — porque, nessa hipótese, poderei enviar algum amigo daqui, já provado pela molestia e indene de contágio.

— Não, meu pai — insistiu a jóven, afetando generosidade — estes casos devem ser resolvidos pelos proprios parentes. Levarei Pierre comigo e é quanto basta. Nossa vizinha conhece remédios preventivos de primeira ordem e não devo temer.

Jaques Davenport endereçou á filha um olhar de agradecimento sincero.

Logo que se acentuaram as melhoras do pai, Suzana tomou as providencias, chamou Pierre, empregado de sua inteira confiança e encaminhou-se a Paris, conduzindo no pequeno veículo todos os reduzidos objetos de sócorro de que poderia precisar, tanto em remédios como em armas.

A medida que avançava nos caminhos, mais se espantava com a mendicancia e a desolação de morte espalhadas por toda parte. Não obstante o esforço dispen-

dido, foi obrigada a pernoitar num dos postos de muda, próximo da cidade, para chegar ás portas parisienses apenas no dia seguinte de manhã.

Em frente a casa dos Vilamil, em Santo Honorato, Suzana entregou as rédeas aos companheiro e encaminhou-se á porta assinalada, algo comovida. Bateu inutilmente. Que teria acontecido? Forcejou debalde a porta, que parecia hermeticamente fechada. Não se conformou com isso. Deu alguns passos buscando o angulo lateral da casa, que dava para o jardim. Preocupada, empregou toda a fôrça na janela mais próxima, até que esta cedeu, oferecendo facil passagem. Logo de entrada, pareceu-lhe tudo deserto e tomou-se de assombro, embora a coragem de que dava testemunho. Conhecia o perigo que enfrentava, mas não vacilou. Depois de alguns passos, entrou no quarto onde o cadaver do velho fidalgo jazia deformado sôbre o leito. Não pôde evitar um gesto de espanto. Tinha a impressão de haver ingressado num tumulto. Conteve as emoções mais fortes e avançou para o quarto contíguo, ocupado por Madalena. A situação da espôsa de Cirilo impressionou-a profundamente. A filha de D. Inácio repousava num sono cheio de abatimento singular. Não obstante a fase eruptiva, quando se atenuam os dolorosos fenómenos do periodo de incubação, Madalena Vilamil estava prostradíssima, sob a pressão de altíssima febre. As moscas terríveis pousavam-lhe no rosto lacerado, sem que ela reagisse, de leve. Suzana inclinou-se para a rival, amargamente impressionada. Onde estaria Antero de Oviedo? Intuitivamente, chegou á conclusão de que o rapaz estaria no Cemitério dos Inocentes, providenciando sepultura digna para D. Inácio. A desolação da casa inquietava-lhe o espirito. Sentia necessidade de alguém para reparar a aflição propria. Voltou á janela e dirigiu-se á rua, desejava de consultar a vizinhança.

— Pierre, — disse ao servo, resoluta — tenho necessidade de colher informes nas casas próximas e recomendo-te muito cuidado na vigilancia do animal e tambem desta morada. Logo que chegue alguém, busca-me sem tardança.

Enquanto o serviçal fazia um sinal de obediencia, Suzana bateu os arredores, mas todas as portas estavam silenciosas e impenetraveis. A epidemia alastrara o terror, despovoara os lares e, alem disso, os moradores de Paris não conheciam a camaradagem fraternal da pacata Blois. A moça, porém, não desanimava: esmurrava portas, chamava, insistia. Ao parar á porta de uma casa mais distante, prosseguindo na diligencia inutil, eis que surge Pierre ofegante, chamando-a:

— Apressai-vos porque um grupo de cinco homens, depois de observar o sinal vermelho arrombou a porta, penetrando na casa.

Suzana retrocedeu aos saltos. Algumas carriolas fechadas permaneciam na via pública. Num ápice compreendeu que os execráveis veiculos coletavam os mortos da manhã.

Grandemente revoltada pela desenvoltura com que agia a turma de socôrro, a prima de Cirilo penetrou afoitamente no interior.

Dois homens musculosos começavam a deslocar o cadaver de D. Inácio Vilamil, enquanto três outros tentavam erguer Madalena, desalojando-a do leito.

— Que é isto? — bradou enérgica e estridente.

Os invasores tremeram ouvindo-lhe a voz impulsiva. Imediatamente, se detiveram na lugubre tarefa e acercaram-se da jóven, como se atendessem a uma voz de comando. Num relance d'olhos, Suzana percebeu que eram operarios rudes e avinhados.

— Senhora — exclamou um que parecia o chefe da turma — por ordem do Preboste, auxiliamos a remoção e sepultamento dos cadaveres...

— Mas estão enterrando pessoas vivas em Paris?

À essa pergunta formulada em tom enérgico, os míseros encarregados dos serviços funebres entreolharam-se receosos.

— Mas aqui ha dois mortos — respondeu o interpelado timidamente.

Suzana nesse instante foi assaltada por um pensamento sinistro. E se permitisse que a rival detestada seguisse como cadaver nas miseráveis ambulancias? Não

seria um modo prático de se desvençillar de tão odiada inimiga? Madalena estava coberta de moscas, sem a mais leve reação. Seu corpo, abrasado pela febre, parecia insensível. Não teria testemunhas do ato trágico do seu negro atentado. Mas a idéa do crime repugnou-lhe.

Lutou contra a tentação dos instintos inferiores e bradou em voz alta, estentóricamente, como se quisesse afugentar o genio perverso que pretendia empolga-la.

— Para trás, corvos malvados! Não vêdes, então, que esta mulher está viva?

Essa exprobração foi gritada de maneira tão violenta que os infelizes tremeram, humilhados.

— Cumpramos ordens, senhora — aventurou o chefe titubeante — já que reagis contra nós...

— Rua! todos... — bradou Suzana indignada — esta casa tem dono. Não arredarão daqui uma palha. Se retirarem um objeto, mandarei encerra-los na Bastilha.

Quando ouviram falar no cárcere e diante daquela resistencia imprevista, ainda não encontrada em outros lares, onde as famílias pareciam ansiosas por se libertarem dos cadáveres e dos doentes graves, a qualquer preço, os cinco trabalhadores regressaram á via pública, retomando com timidez a lúgubre tarefa.

Uma vez só, a filha de Jaques entendeu que não devia ficar inativa. A idéa de que poderia ter afastado Madalena do seu caminho, perseguia-a agora, horrivelmente. Se a filha de D. Inácio tivesse morrido, estaria livre para conquistar Cirilo, na América. Convenceria o pai de que deveriam partir para a colonia distante e buscaria substituir a rival junto do primo, que não conseguia esquecer. Experimentando imenso receio das idéias que lhe surgiam no cérebro como fortes apelos ao crime, refletiu que era preciso encontrar Antero para assentar as providencias que a situação exigia. Se o rapaz não tivesse fugido de Paris, estaria, por certo, no Cemitério dos Inocentes. Era a unica explicação que lhe ocorria para justificar sua ausencia naquele ambiente de dor infinita. Urgia encontra-lo. Poderia enviar Pierre

no seu encaicho, mas o servo não o conhecia. Deliberou procura-lo pessoalmente.

Ordenando ao rude auxiliar se conservasse de guarda á porta dos Vilamil, de arma em punho, Suzana concluiu:

— Não te afastes daqui para cousa alguma.

E depois de dar os sinais de Antero como a unica pessoa autorizada a transpôr aquela porta, tomou a viatura e fustigou o animal a galope, em direção ao Cemitério dos Inocentes.

A prima de Cirilo não se enganava. Logo na portaria encontrou o sobrinho de D. Inácio, que esperava a vez de ser atendido por gordo abade, chegado de poucos instantes.

Antero acolheu a jóven com infinita alegria. Era alguém que chegava por compartilhar de seus trabalhos e angústias. Suzana contou-lhe o feito terrível da manhã e, observando-lhe a inquietação justa, informou que a porta de entrada estava agora sob a guarda de um servidor fiél. O rapaz relatava as lutas e amarguras experimentadas, até que o eclesiástico, velhinho amavel e bonacheirão, de rosto marcado pela variola impiedosa, o chamou para anotar as devidas declarações.

Aproximara-se.

— Muito trabalho, reverendo? — perguntou a moça desejando amenizar a triste situação.

— Ah! sim, minha filha — aquí estou a postos ha três longos dias, sem companheiros que me substituam. Ainda bem que já sofri a pérfida enfermidade que nos tem castigado com tanto rigor.

E o abade Montreuil abriu um caderno de notas provisórias. Suzana contemplou curiosamente a nominata das ultimas pessoas sepultadas. Entre os mortos da véspera, leu um nome que constituia a seus olhos impressionante coincidência.

“Madalena Villar, espanhola, procedente do arrabalde de Santo Honorato, com vinte anos de idade”.

Suzana não mais ouviu as declarações de Antero ao superintendente do grande estabelecimento funerário, para só pensar nas idéias extravagantes que lhe acudiam ao cérebro atormentado. Defendera a rival contra os carregadores infames, mas também não queria perder a sua oportunidade em renovar a grande tentativa de suas paixões inferiores. Reagira ao impulso criminoso de incluir a espôsa de Cirilo entre os cadáveres destinados á vala comum e agora estava considerando que, se o plano constituisse uma falta, esta não seria tão grave aos seus olhos. O nome da morta, ali registado fortuitamente, sugeria-lhe um rôl de projetos nefandos. A rival poderia passar, doravante por morta, se Antero de Oviedo aderisse aos seus propósitos. Bastaria modificar o nome Villar para Villamil. Além disso, a seu ver, no quadro da sua paixão mesquinha, a providencia seria uma retificação do destino. Jamais poderia amar outro homem, a não ser Cirilo Davenport. O sobrinho de D. Inácio Vilamil, por sua vez, segundo lhe confessara, jamais se uniria a outra mulher que não fôsse Madalena. A idéia a estonteava. O veneno sutil da tentação empolgou-a por completo. Esperou, ansiosa que o rapaz terminasse o diálogo com o abade Montreuil, e quando êle se dispunha a regressar, pediu-lhe um minuto de atenção para assunto de grande importancia para ambos. O moço atendeu, curioso e solícito.

Afastando-se alguns passos, até a sombra de velho muro, Suzana começou discretamente:

— Nunca pensei tanto na sua situação, como agora. D. Margarida já não é dêste mundo, seu tio acaba igualmente de partir e Madalena exige os seus cuidados. Não considera, porventura, as lutas que o esperam? Desde que me confiou seus padecimentos intimos, em troca da minha confiança fraternal, reflito na insatisfação da sua alma generosa.

— Sim, tudo isso é verdade — confirmou êle num suspiro.

— Esta situação me impressiona e comove, porque suas aspirações irrealizadas são gemeas das minhas. Soffro, ainda mais porque estou certa que Cirilo se casou

com Madalena mais por um capricho. Meu primo não poderá ama-la, nunca, e reconhecendo tudo isso vejo-o, por outro lado, incapaz de eleger outra mulher.

A jóven de Blois ia percebendo o profundo efeito das suas palavras. Mostrando-se sumamente reconhecido ao seu cuidado, o sobrinho de D. Inácio acrescentou:

— Estamos de perfeito acôrdo.

Ela aproveitou a brecha e lançou a grande interrogação:

— Não será justo retificar tão avaro destino por nossas proprias mãos?

O rapaz que, ha dois dias, vinha refletindo no melhor meio de subtrair Madalena ao marido emigrado, embora a luta intima por se desembaraçar de semelhante sugestão, perguntou atônito:

— Retificar... mas como?

— Não será tão difficil — murmurou ofegante, a jóven.

El passou a expôr o plano que lhe acudia ao cérebro apaixonado. Pagariam ao abade Montreuil o trabalho de emendar a grafia do nome da enterrada da véspera. Madalena Villamil e não Vilar, para todos os efeitos. Identificariam o sepulcro com adornos preciosos, antes que eventuais interessados pretendessem descobrir qualquer engano. Em casa, contudo, tratariam a enfôrma com desvelado carinho, e logo que melhorasse notificariam por carta, que ela Madalena se incumbiria de expedir em Blois, que Cirilo havia perecido em naufragio, antes de chegar ás terras americanas. Naturalmente, grande desgosto lhe adviria, mas Antero buscaria distrai-la levando-a para a Espanha, ou mesmo para a colonia sul-americana, onde já tinha parentes. Ela, Suzana, compeliaria o velho pai a partir e procuraria renovar seus ideais amorosos junto do homem amado, enquanto êle, Antero, conquistaria a prima acenando-lhe com risonho porvir.

O moço castelhano estava enlevado. Afinal de contas, não era isso mesmo que tentara, em vão, descobrir? Procurara ardentemente uma fórmula sutil, que sómente agora lhe aparecia por inspiração de Suzana, ali, ao pé

dos sepulcros, onde não havia olhos nem ouvidos humanos capazes de recolher o segredo terrível. Olhar fixo, abstraído de quaisquer outras cogitações, êle experimentava a renovação dos recalçados impulsos. A sugestão dava-lhe a vitória. Sentiria prazer em comunicar a Madalena que o marido se abismara no torvelinho das aguas insondavel. Leva-la-ia á Espanha e, de lá, se possível, demandariam a América do Sul, cheia de lendas fantásticas. Daria largas ao espirito aventureiro que lhe palpitava nas veias. A prima, em breve, se escapasse á variola, teria uma criancinha necessitada de proteção paternal. Dar-lhe-ia essa proteção. E aos seus olhos afigurava-se incrível que Madalena lhe repelisse a afeição em tão duras circunstancias. A filha de Jaques acompanhava-lhe a expressão fisionômica, visivelmente satisfeita.

Como a despertar-se de um sonho, o moço acentuou:

— Magnifica inspiração. Ha dois dias buscava, em vão, um meio de reconstituir minha tranquilidade. Realizando esse plano já não serei o mais desgraçado dos homens.

— Ainda bem! — retrucou a jóven em tom de alegria.

— Mas... os detalhes? —olveu Antero ansioso. — E o servo que te acompanha e lá está á nossa porta?

— Não te incomodes — esclareceu resoluta. — A título de preservar-lhe a saúde, mandarei que me espere no posto de muda, proximo de Paris. Quanto ao resto, é muito fácil para nós ambos. Amanhã mesmo aqui voltarei para providenciar um mausoléu adequado a D. Inácio e filha. Logo que Madalena melhore, regressarei a Blois, onde científicarei a meu pai, do seu falecimento. Sabendo quanto êle a estima, convirá que te mudes para algum bairro distante, ou para Versailles, porque naturalmente desejará visitar-lhe o túmulo e rever a casa onde ela se finou. Um mês depois do meu regresso, escreverei de Blois comunicando-te, bem como á tua prima, o naufragio de Cirilo e a nossa resolução, (minha e de papai) de seguir para a América. Dêste modo, a meu ver, tudo ficará bem concluído.

Antero mal escondia a grande surpresa. A jóven arrazoava tão clara e naturalmente, que as providencias mais se assemelhavam a velho projeto apenas dependente de oportuna applicação. De qualquer modo; entretanto, a satisfação do moço espanhól era enorme e intraduzível. Depois do solene juramento de sigilo perpétuo, dirigiram-se ao oratório do abade superintendente, a quem Suzana falou nestes termos:

— Reverendo Montreuil, desejamos um grande obsequio de sua parte.

— Dizei sem receio — retrucou o interpelado com benevolente sorriso.

Antero parecia hesitante, a jóven prosseguiu:

— Por nossa infelicidade, perdemos ao mesmo tempo um tio e uma prima, e desejaríamos que seus tumulos ficassem fronteiros.

— Isso não é difficil — retrucou o eclesiástico — mas, como talvez não ignorem, as autoridades religiosas ordenaram a abertura de certa zona do cemitério aos que possam concorrer para as nossas obras pias com os óbulos mais vultosos. Assim sendo, poderemos atender ao vosso desejo, mas, isso custará mais cincoenta francos.

— Pagaremos de bom grado — declarou o sobrinho de D. Inácio, mais animado.

— Agora, reverendo, ainda um outro favor — acrescentou a filha de Jaques resolutamente — precisamos ver o local em que foi sepultada Madalena Vilamil, nossa prima, na data de ontem.

O abade tomou, maquinalmente o caderno e perguntou:

— Madalena Vilar?

— Ha evidente equívoco — interpôs a moça acompanhando a leitura — o nome de familia é Vilamil. Rogo-lhe o obsequio de uma corrigenda.

O superintendente esboçou um sorriso e explicou:

— A retificação, porém, custa mais cincoenta francos. Não vos admireis, filhos, a caridade da Igreja assim exige.

— Do melhor grado — redarguiu Suzana sem vacillação.

O abade Montreuil retificou o nome, mas Suzana ainda não se dava por satisfeita.

— Agora — disse ela com naturalidade — desejo uma certidão, ou cópia dos registos.

O reverendo não teve dificuldade de atender ao novo pedido, depois de exigir mais umas dezenas de francos.

A prima de Cirilo, não obstante a paisagem fúnebre do momento, não dissimulava a satisfação que lhe ia na alma. Ao retirar-se, depôs nas mãos do superintendente surpreso a quantia de cem escudos, assim dobrando as exigências de sua tabela.

O sepulcro destinado ao fidalgo espanhol foi escolhido junto ao presumido tumulo da filha. Consumara-se o passo decisivo para a dolorosa modificação do destino de nossos personagens.

Com energia incrível, Suzana cooperou em todas as providencias necessárias ao sepultamento de D. Inácio, valendo-se de Pierre nesse sentido. Em seguida, mandou que o servo a esperasse no posto de muda a poucos quilómetros de Paris e auxiliou Antero até que Madalena convalescesse. Para o sobrinho dos Vilamil, essa colaboração foi preciosa, permitindo-lhe reparar a fadiga imensa. Desejosa de captar-lhe uma simpatia cada vez mais profunda, a jóven irlandesa tudo fez pelas melhoras da enferma, esforços esses que Antero acompanhava com um sorriso de sincero reconhecimento.

Ao fim de uma semana, Madalena caminhava para uma franca convalescença. A morte do progenitor causara-lhe profunda consternação, mas a esperança de reunir-se em breve ao espôso, renovava-lhe as energias.

Ante suas perguntas afetuosas, Suzana explicava que o pai não pudera vir a Paris, por ter sido igualmente empestado, mas haveria de o fazer, tão logo lho permitissem as forças restauradas.

— E Cirilo? — perguntou, logo que voltara a si do estado delirante — não ha em Blois noticias de sua chegada a América?

— Por enquanto, nada de positivo — esclarecia a outra.

Mas, ensaiando a trama do criminoso drama, acentuava:

— Amigos recentemente chegados do Ulster affirmaram-nos que duas embarcações do capitão Clinton haviam naufragado no litoral da colonia distante, mas, até agora temos esperado, ansiosamente, informes detalhados do sinistro.

A pobre senhora retrucou, muito pálida:

— Como isso me assusta! Espero em Deus que nada haja acontecido de mal, pois de ha muitos meses venho entregando Cirilo á proteção da Virgem Santissima.

— Tambem eu — retrucou a jóven — estou certa de que a Providencia Divina não nos esquecerá.

Decorrida a semana que assinalara as melhoras promissoras de Madalena Vilamil, entre conversações afetuosas no dominio das palavras, Suzana Duchesne Davenport regressou ao lar, levando ao pai a noticia das dolorosas occurências.

O generoso Jaques teve um profundo abalo. Ao saber que os Vilamil haviam desaparecido em circunstancias tão trágicas, sentiu-se inconsolavel. Revia ainda, na imaginação, a resignação silenciosa de Madalena por ocasião da morte de D. Margarida e lembrava, com espanto, o modo pelo qual insistira para que ela o acompanhasse a Blois. Tinha a impressão de ouvir as negativas reiteradas de D. Inácio e sua opposição irreductivel ao convite afetuoso. Concluia, então, que, certamente, interferiram nas fatos os ascendentes da Vontade Divina, que lhe não era dado conhecer ou investigar. Durante um mês, não deixou um só dia de confugir-se em dolorosas recordações. E estava, na verdade, exausto. Enfraquecido pela enfermidade cruel, a convalescença parecia prolongar-se indefinidamente, pela sua invariavel tristeza. A' retina dos olhos fatigados, desdobrava-se a fila dos alunos mortos. Muitas crianças de Blois haviam succumbido, nada obstante a relativa benignidade do mal, nos ambientes campesinos. O bondoso educador pensava na reabertura das aulas, grandemente apreensivo. Um dia a filha

aproximou-se do seu banco, entre as arvores farfalhantes do parque e dirigiu-lhe a palavra comovidamente:

— Papai, tudo tenho feito para que seus sofrimentos sejam atenuados e suas lágrimas menos abundantes.

— Ah! minha filha, não te incomodes por mim — exclamou em tom de suprema resignação — as lágrimas que menos dilaceram a alma devem ser as que nos cáem dos olhos aliviando o coração.

— Hoje, porém, noto que o senhor está mais triste — acrescentou afetiva.

— A resposta do Sr. Antero de Oviedo, descrevendo-me os derradeiros sofrimentos de Madalena muito me comoveu. A pobrezinha deveria ter padecido muito, antes de entregar a alma a Deus. De qualquer modo, porém, essa carta veio encerrar o capítulo das minhas preocupações, pois nutria certas dúvidas relativamente á criança. Agora, fico sabendo que a primeira flor do matrimonio de Cirilo não chegou a desabrochar. E enquanto êle enxugava uma lágrima, Suzana acrescentava:

— Meu pai, nunca experimentei tanta angústia em França, como agora. Em cada canto tenho a impressão de contemplar fantasmas de amarguras a perseguirem-nos sem tréguas. Não lhe parece razoavel a idéia de nos juntarmos aos nossos parentes lá na América? Aqui em Blois, desapareceram com a peste devastadora os alunos que mais o compreendiam. Carolina parece não se lembrar mais de nós, e quanto aos laços que prendiam Cirilo a Paris, restam apenas dois tumulos tristes no Cemitério dos Inocentes.

Jaques Davenport fitou a filha lacrimosa e exclamou:

— Tens razão.

Olhou o recinto enorme e silencioso, pareceu escutar atento o sussurro das frondes balouçadas pelo vento e falou:

— Quando Cirilo partiu, outros eram meus planos, mas agora meu velho parque também está morto. O frio mais doloroso é o da desilusão e da saudade, minha filha...

Suzana não insistiu. Compreendeu que aquelas palavras equivaliam a compromisso firmado para o futuro.

Daí a dois meses, pai e filha realizavam uma romaria ao tumulo de Madalena. Providenciaram para que fôsem as sepulturas assinaladas por lousas preciosas. Sôbre a de D. Inácio o professor de Blois mandou colocar uma cruz; mas identificando a campa onde supunha descansar aquela a quem amara como filha, elegeu para ornamenta-la formosa figura de anjo trazendo na destra um róseo coração, atravessado por um punhal, ignorando a extensão do grandioso símbolo. Também mandaram gravar epitáfios de saudade e fé, em frases afetuosas. Jaques fez ainda questão de visitar a casa de Santo Honorato, onde se haviam desenrolado os ltuosos acontecimentos. Encontrando-a fechada, indagou da vizinhança relativamente aos criados, de vez que Antero de Oviedo, na missiva que lhe enviara para Blois, datada de Versailles, participava a decisão de regressar á Espanha dentro de poucos dias. Fabiana havia falecido mas a outra serva e o laçao haviam conseguido escapar á morte. O professor procurou visita-los na residencia de Santa Genoveva, onde trabalhavam, sendo que ambos se diziam informados por Antero, do falecimento da jóven senhora e do velho patrão, cuja perda recordavam chorosos.

Em Paris, após o regresso de Suzana para Blois, a situação continuou muito mais triste e estranha para Madalena, incapaz de avaliar toda a trama dolorosa que lhe negrejava o destino.

Seu estado geral melhorou e no entanto, segundo previra o padre Bourget, os pés lhe ficaram inértes, quasi paralíticos. Enquanto se mantinha imóvel, as dores se atreguavam, mas, tentasse soerguer-se e andar, logo reapareciam as sensações estranhas, forçando-a a sentar-se no leito. O primo, porém, desfazia-se em atenções e desvelos. Tão logo voltou Suzana á casa paterna, êle

providenciou a mudança para Versailles, com assentimento da enferma, ela mesma ansiosa por outro ambiente e crente de que isso lhe atenuaria o mal-estar organico. O sobrinho de D. Inácio notificou ás relações mais íntimas dos Vilamil, — como, por exemplo, as famílias de Colete e Cecilia — o passamento do velho fidalgo e da filha, acrescentando informações sôbre a situação dos respectivos tumulos no Cemitério dos Inocentes. Aos vizinhos, fez constar os mesmos informes com mensagens verbais aos velhos servos, caso escapassem dos martirios da rua do Forno.

Asseguradas todas as providencias de conformidade com a sua argúcia psicológica, tratou da mudança para Versailles, efetuando-a alta noite e valendo-se da confusão ainda reinante no bairro desorganizado pelas consequências da epidemia devastadora. Ao raiar de um dia lindo, Antero chegou com a convalescente a pequena cidade da Côte, onde se instalou numa casa confortavel dos arredores.

A necessidade de uma serviçal de confiança era o que mais se impunha. Um amigo indicou-lhe uma orfã castelhana, de nome Dolores, que havia perdido a mãe, unica pessoa de familia que lhe restava na vida, entre os mortos de Vincennes. A pobre criatura fôra apanhada semi-morta, na estrada de Evreux, quando tentava fugir dos tristes quadros parisienses. Estava quasi restabelecida e podia prestar ótimos serviços. O sobrinho de D. Inácio procurou-a e de fato encontrou nessa jóven de vinte anos, de tez amorenada — pois descendia de pai outrora escravo — uma companheira abnegada para Madalena, que a recebeu de braços abertos, num verdadeiro transporte de consolação e de alegria.

Sob o guante das provações que a sitiavam, a espôsa de Cirilo não conseguia dissimular a estranheza que lhe causava a falta de notícias do professor de Blois. Debalde escrevera-lhe duas longas cartas, mal podendo imaginar que haviam de ser consumidas pelo primo, encarregado de as expedir, e assim se mantinha de coração pressago.

Ao fim de algum tempo, nasceu-lhe a filhinha sob

a assistencia carinhosa de Dolores, que se revelou irmã dedicada e fiél, nas minimas circunstancias. O advento encheu a casa de brando confôrto e Madalena, guardando a recém-nascida nos braços, com infinito carinho, chamou-lhe Alcione, pela primeira vez. Longa missiva foi escrita a Jaques e entregue ao primo, mas este que a reduziria a cinzas instantes depois, já se encontrava sumamente preocupado com a demora da mensagem de Blois, annunciando o suposto desaparecimento de Cirilo.

Sómente depois de um mês do nascimento da menina, chegava a Versailles extensa carta de Suzana, participando, em nome de Jaques, o suposto falecimento de Cirilo Davenport. A missiva desdobrava-se em considerações dolorosas, ao mesmo tempo que procurava confortar a viuva na sua grande dor. A jóven comunicava igualmente que havia resolvido mudar-se para a Irlanda, onde o pai desejava juntar-se a alguns parentes, e lá esperar o seu termo de vida. Prometia escrever-lhe futuramente, dando informes mais minuciosos da nova situação.

Antero, fingidamente comovido, leu a carta á pobre moça, — que não desejava outra cousa senão morrer, ali mesmo, na imensidade da sua desdita. Quasi paráltica, Madalena Vilamil era obrigada a chorar diante do primo e de Dolores, que, em vão procuravam consola-la.

Sentia-se só e desamparada no mundo. Cirilo era a sua derradeira esperança na Terra. Coração sufocado de angústia, rememorou a infancia, a primeira juventude cheia de cuidados por sua mãe, e lembrou a figura do mendigo de Granada, que lhe predisséra dissabores e amarguras no porvir. Estava doente, sem o arrimo afe-tuoso de ninguem, sentia-se a mais desditosa das criaturas. Debalde a nova serva rodeou-a de gentilezas carinhosas.

A' noite, Antero aproximou-se fundamentalmente sensibilizado e falou-lhe com brandura:

— Madalena, nem tudo está perdido.

— Nada mais me resta — murmurou entre lágrimas — tenho lutado corajosamente contra a adversidade, mas agora...

O primo sentou-se ao seu lado e continuou:

— E's moça e Deus não te negará saude para reconquistar a felicidade que parece destruída. Poderás contar comigo em todas as circunstancias. Tambem sou um homem e não me faltam energias para vencer nas lutas mais ásperas.

A prima contemplou-o através do véu de pranto, para verificar a diferença de expressão magnética daquelas palavras em confronto com as vivas recordações do espôso. Cirilo tambem lhe falava assim, nas horas tristes, mas seus gestos e mesmo a entonação da voz eram profundamente diversos. Num instante, compreendeu até onde Antero desejava chegar, reconhecendo que poderia estima-lo como a um irmão; jamais, porém, poderia aceitar-lhe o velho sonho conjugal, de outros tempos.

— Não duvido da sua amizade valiosa — esclareceu a suposta viuva com delicadeza fraternal; mas a morte de Cirilo deixa-me aniquilada para sempre.

— Mas tens uma filha a exigir teus desvelos — advertiu algo enciumado, apelando para os seus sentimentos de mãe.

Madalena tomou Alcione ao colo, como a buscar o derradeiro motivo do seu apêgo ao mundo, enquanto o rapaz continuava:

— Não te deixes abater por impressões transitórias. A luz volta do céu, diariamente, a alegria se renova sempre. A ventura tornará depois dos dias amargosos de adaptação aos novos hábitos. Tenho pensado nas muitas dores que nos provaram na França e tambem estou ansioso por mudar de vida. Dize uma palavra e levar-te-ei aonde quizeres. Não desejarias ir á nossa Espanha muito amada? Se te provar, tornaremos a Granada, a-fim-de recordar nossa infancia feliz e descuidosa. Veremos de novo o céu da pátria e Alcione crescerá á sombra do nosso afeto.

Á tais palavras comovedoras, Madalena quis dizer que desejava ir para Blois imediatamente, a-fim-de ajoelhar-se aos pés de Jaques, implorando-lhe não a abandonasse com a criancinha. Suplicar-lhe-ia que a levasse consigo para a Irlanda, depois de confiar-lhe suas gran-

des máguas. Poderia, então, esperar tranquilamente a morte, confiando-lhe Alcione como sua própria filha. No entanto, lembrou que o educador e Suzana haviam sido muito reservados na sua mensagem dolorosa. Ambos deviam conhecer a enormidade da sua angústia, os apuros em que se via e, nada obstante, não lhe haviam mandado sequer um convite para acompanhá-los na Irlanda. Não seria justo perturba-los. Além disso, guardava nítidas as reminiscências da fase difficil, enfrentada por ocasião da longa moléstia de sua mãe. Possivelmente, o tio de Cirilo havia de acolher-lhe as súplicas com a sua bondade inata, mas, ponderou que Suzana talvez lhe respondesse como a senhora de Saint-Medard. Depois de muito refletir, voltou a dizer:

— Compreendo que minha filha necessita da minha assistencia constante e que não devo desanimar, mas a verdade é que me sinto desorientada e doente. Como encarar a possibilidade de mudanças se nem posso locomover-me?

— E para que servem os carros? — disse êle enternecido — poderemos partir quando quizeres. Alcione terá minha afeição paternal e quando te restabeleceres has de reconhecer que a ventura tem modalidades infinitas.

Madalena concentrou-se um instante e declarou:

— De nada valem as mudanças quando padecemos de males incuráveis; mas, se fôsse possível, partiria para o Connecticut, a-fim-de colher as derradeiras noticias de Cirilo. A carta de Blois conta que o naufragio ocorreu nas costas da colonia. Quem sabe se foram salvos alguns náufragos? A familia Davenport compunha-se de várias pessoas. Minha sogra parecia uma criatura virtuosa e santa. E' bem possível que lá esteja e me receba com carinho. E' verdade que não me conhecem, mas tenho as cartas afetuosas que me escreveram de Belfast, elas me identificariam.

Assim discorrendo, tinha os olhos brilhantes nessas evocações.

— Quem sabe os sobreviventes foram recolhidos por mãos piedosas? — prosseguia mais animada. — talvez

ainda encontre o tumulto de Cirilo para cobri-lo de flores.

Antero, que a ouvia atencioso, obtemperou:

— De pronto não podemos cogitar de viagem tão longa, mas poderemos regressar á Espanha e lá tenta-la a qualquer tempo. Não faltam por lá embarcações seguras e confortáveis.

— Rogarei a Deus nos conceda essa graça.

— E eu não descansarei enquanto não tiveres essa alegria — concluiu o rapaz, revelando extrema dedicação.

Mais algumas palavras fraternais e Madalena ficou só, novamente entregue ás suas penosas recordações. Apagado o candelabro, a sombra como que lhe aumentava a angústia. Não obstante as afirmativas animadoras do primo, fazia questão de examinar a extensão de sua mágua inconsolável. Ainda que atingisse a América, que encontrasse o túmulo do marido e conhecesse todos os pormenores da catástrofe, não deixaria de padecer com a sua viuvez e a orfandade da filha. Se chegasse a abraçar Constancia, seria para chorar, sem esperança de júbilos novos. Sentia-se doente, abatida, desesperançosa. E se não mais conseguisse caminhar com agilidade? Não seria um espectro acorrentado á cama, um fardo sacrificante para outrem? Em vão, tentava coordenar planos. Por outro lado, não acreditava no absoluto desinteresse do primo. Cedo ou tarde, êle talvez lhe viesse falar de amor. Não seria temeridade aumentar sua dívida de gratidão? Poderia receber-lhe os favores, aceitar-lhe a dedicação, mas, se um dia êle resolvesse exigir o impossível?

A filha de D. Inácio sentia-se morrer. Enquanto se debulhava em lágrimas silenciosas, sinistra idéia se lhe embutiu no cérebro atormentado. Não era preferível morrer? Acariciou a sugestão, alucinada. Viuva, reconhecia-se desamparada e inútil. Sabia de mulheres que haviam procurado a morte por motivos fúteis. A intenção sinistra avolumava-se-lhe no cérebro. Recordou o vidro minúsculo, no qual o pai sempre guardara um tóxico fulminante. Bastariam algumas gotas num cálice d'água. Se não fôsse possível arrastar-se alguns passos, pediria a Dolores que lhe trouxesse como simples calmante para

conciliar o sono. Dessarte, não seria pesada a ninguém, não precisaria temer a influencia indefinível de Antero, nem suplicar a piedade dos Davenport.

Preso da tentação que a empolgava sutilmente, ia chamar a serva em voz alta a-fim-de consumir o sinistro desejo, quando Alcíone chorou de mansinho reclamando-lhe os cuidados.

Assustou-se como a despertar de um pesadelo. Fez um movimento instintivo com os braços para atender a criancinha, mas a destra que se movia na sombra esbarrou no crucifixo que lhe fôra dado por sua mãe, na véspera de morrer. A pequena cruz caiu-lhe sôbre o coração, como se valesse advertencia indireta e profunda. Pareceu compreender a magnitude do apêlo, pensou sinceramente em Jesus, tal como fizera um dia na via pública de Paris, e dispôs-se a confortar a filhinha. Nesse gesto, porém, aguardava-a uma surpresa ainda mais singular. Alcíone tinha os bracinhos em movimento, como se a buscasse com ânsia, e tão logo se viu envolvida na sua ternura, agarrou-se-lhe ao pescoço comprimindo-o com as delicadas mãosinhas. A pobre mãe teve a impressão de que a recém-nascida lhe pedia socorro e buscava um doce refúgio no seu seio de mãe. Compreendeu a silenciosa mensagem de Deus, no imo do coração. A emoção que lhe timbrava nas fibras mais íntimas, fê-la dobrar-se em lágrimas e beijos sôbre a pequenina.

Assim foi que a filha de D. Inácio, singularmente comovida, murmurou aos ouvidos de Alcíone:

— Não chores mais, filhinha! Jesus compadeceu-se da minha alma atormentada... Ficarei contigo até o fim!...

V

NA INFANCIA DE ALCIONE

Estabelecido o acôrdo de transferencia á Espanha, na expectativa de possível viagem á América do Norte, Antero de Oviedo resolveu os negócios pendentes, conseguindo apurar consideráveis recursos para encetar vida nova.

Madalena Vilamil, mantendo rigoroso luto, aguardava paciente o curso dos acontecimentos. A dedicação de um médico da Côrte restituira-lhe, em parte, o movimento dos pés, sem poder, contudo, caminhar muitos passos. Mesmo em casa, era, não raro, obrigada a se arrimar em Dolores, sempre que teimava em permanecer de pé por mais tempo. A dor constante dos tornozelos havia desaparecido, e isso já representava grande consôlo. Continuava usando as fomentações receitadas, com enorme esperança de completa cura e encarava a partida, resignadamente, como providencia inevitável na sua condição de viuvez. Interpelada por Antero, relativamente á cidade espanhola em que preferia residir e tratar-se até que pudessem visitar a América distante, escolheu Avila pelo doce atrativo que essa Cidade sempre exercera em seu espírito. O sobrinho de D. Inácio concordou, satisfeito, alegando que a região de Castela Velha lhe facultaria bom emprêgo de capitais; e, mais por temor de conhecidos que por conveniencia, deliberou que a jornada não se faria pelos portos do Atlantico, mas pelo Mediterraneo, obrigando-se os viajantes a verdadeira excursão por terra, até o sul da França.

A viagem na direção de Marselha foi difícil e penosa, não obstante Antero de Oviedo fazer o possível por demorar-se com as três companheiras nas cidades mais interessantes, a título de entretenimento e repouso.

Da janela dos carros, sempre trocados em cada posto de muda, Madalena contemplava os campos da França, tomada de imensa saudade e dando a impressão de que regressava ao berço natal como alguém que se sentisse perseguido pela realidade cruel, depois de um sonho bom.

Depois de muitos dias de jornada, defrontaram o antigo porto vizinho da Catalunha. Aí descansaram duas semanas, tomando em seguida um navio confortável, para a época, que os conduziria á Valencia. Uma vez acomodados com imensos sacrificios para Madalena, que se amparava em Dolores sustentando a filhinha ao colo, eis que Antero reencontra velho amigo da infancia, abraçando-se ambos com ruidosa alegria.

Federigo Izaza e o sobrinho de D. Inácio, depois de muito conversarem sôbre inumeros problemas, como sói acontecer a conhecidos que se não vêem de ha longos anos, passaram a tratar do regresso do fidalgo á Espanha. Antero confessou o intuito de mobilizar os capitais trazidos da França, na perspectiva de bons negócios. Izaza, sem que êle percebesse, tem estranho brilho nos olhos argutos e exclama: — Pois veja que feliz acaso nos aproxima! E' que tenho justamente em mãos o melhor negócio dos ultimos tempos.

Como assim? — interroga o rapaz curioso.

— Conheces o mercado de escravos para as colonias estrangeiras?

Em face da attitude de estranheza do interlocutor, Federigo prosseguia animadamente:

— E' a negociação mais rendosa nos tempos que correm. Como não ignoras, o novo Continente necessita do braço escravo. Os emigrantes da Europa não poderiam atacar, sózinhos, o desbravamento do sólo. As epidemias, as dificuldades, as florestas inhóspitas, destruiriam os organismos delicados e, com alguns navios e poucos homens de confiança, é possível obter uma fonte de lucros opimos, com esforço quasi insignificante.

— Mas... como? — inqueriu o outro.

— Bastam algumas náus corajosas que visitem periodicamente a Costa d'Africa.

— Apenas isso?

— Nada mais. A trôco de pequeninas bugigangas, conseguimos elevado número de selvagens que, sem embargo do cativoiro, passam a gozar os benefícios da civilização. De modo que — explicava Izaza na atitude egoista do homem que deseja mascarar propositos execráveis — além de vingarmos transações lucrativas, ainda espalhamos numerosos benefícios entre os negros bárbaros, de costumes primitivos.

Depois de uma pausa, entrava em outros pormenores:

— Acredito que chegas á Espanha em momento azado aos teus interesses, porquanto eu e meus irmãos necessitamos de um sócio capitalista para incremento de grandes iniciativas. Dispondo apenas de um navio, temos perdido ótimas oportunidades nos mercados mais rendosos. As colonias inglesas, francesas e portuguezas são grandes centros de consumo.

É o astuto amigo passava a minudenciar e encarecer a importancia de lucros tão faceis, seduzindo o companheiro para o risco das largas aventuras.

As palestras renovavam-se durante toda a viagem, e, quando desembarcaram em Valência, Antero de Oviedo já estava convencido, das vantagens do tráfico negro, decidido a entrar na empresa com todos os recursos disponíveis. Obrigado a conduzir o pequeno séquito até Ávila, despediu-se do amigo com a promessa de se encontrarem no mês seguinte, para tomar as providências definitivas.

A reduzida caravana descansou alguns dias antes de atravessar o Aragão, em demanda das regiões de Castela antiga; mas no fim da segunda semana de permanencia na Espanha, instalava-se em modesta vivênda a três quilometros das portas da cidade onde Madalena recebera a melhor educação, num estabelecimento religioso das Carmelitas.

A paisagem não era bela. As aguas do Adaja vinham fertilizar a terra empedrada, com minúscula cor-

rente roubada ao leito do rio e algumas arvores frutíferas mitigavam a aridez do solo. Não fôra uma casa-grande, próxima, em que o poderoso senhor D. Diogo Estigarribia movimentava grande patrimonio rural, e o modesto sítio mais se assemelharia a lugar malsinado, em abandono. Antero, porém, adquirira-o em definitivo, oferecendo-o á prima, que recebera a dádiva com satisfação justa e sincera.

Ao fundo da paisagem repontavam as torres das velhas muralhas da cidade famosa e os bronzes dos seus templos românticos enchiam o ambiente com seus dobres impregnados de dolorosas evocações.

Nos primeiros dias, Madalena Vilamil não saberia explicar a sensação de tristeza que intimamente a empolgava. Observava o casario á distancia, experimentando impressões indefiníveis. Aquelas muralhas antigas, com as suas oitenta e seis portas originalísimas, falavam-lhe a alma sensível. Sentia-se encarcerada, presa de receios estranhos, num conjunto de sensações amargas que a desolação da terra empobrecida mais acentuava.

Uma vez terminados os serviços da instalação, Antero viajou para Madrid, a cuidar dos novos interesses. O rapaz, entretanto, fôra das disciplinas a que o submetiam os protocolos franceses de Versailles e Paris, e sem a assistencia afetiva de D. Margarida, que se desvelava maternalmente pela sua pureza de hábitos e de carater, entregou-se logo ao primeiro contacto com a capital espanhola, á perigosas dissipações, com lamentavel ausencia de escrúpulos. Federigo Izaza, de posse da presa facil, conduzia-o dia a dia ao total esquecimento de suas obrigações. Assim que, empregou a maior parte da fortuna nas aventuras do tráfico negreiro, assinando compromissos de vulto com agiotas e financistas astuciosos e inflexíveis. Como se desejasse desferrar os dias lúgubres da epidemia parisiense, lançou-se a noitadas alegres, cheias de prazeres e de vinhos caros. A principio, recordava a prima e o ardor da paixão que o levava a participar de um crime; mas, com o egoismo proprio da criatura humana, lembrava que Madalena continuava doente, incapaz de algo deliberar em consciencia. Tentar impôr-

se á prima enfeirada, figurava-se-lhe extrema covardia. Era mais nobre aguardar ensejo adequado, e até que o ensejo chegasse, ei-lo entregue á volúpia de gozos faceis e aventuras perigosas.

Havia um mês que se ausentara. A filha de D. Inácio, no entanto, apesar da monotonia do seu pedaço de campo, procurava encarar as dificuldades com o heroísmo das almas crentes.

O primo não lhe havia deixado maiores recursos, mas, ainda assim, estava satisfeita. No íntimo, chegava a estimar aquela ausencia. Compreendia bem os olhares que o rapaz lhe dirigira, em todo o percurso da longa viagem. Concluía mesmo, considerando as suas atitudes silenciosas, que a molestia era o seu maior escudo e o melhor antídoto dos seus propositos inferiores. Subjugada pelo mal-estar da extrema dependencia em que se encontrava, certo dia, dirigiu-se á Dolores encarecendo o valor de um trabalho mais intenso na vivenda empobrecida. Poderiam enriquecer o pomar de novas plantas, cultivar legumes para vender. A serva entusiasmou-se. Organizaram projetos de numerosos serviços. O terreno não era fértil mas possuía bastante agua. O trabalho e o adubo fariam o resto. A idéia conferiu á Madalena Vilamil novas forças. Andava com dificuldade, mas o desejo intenso de resolver o problema das despesas domésticas triplicava-lhe as energias. Na casa vizinha, a família Estigarríbia podia dispôr de servos numerosos, mas a corajosa espôsa de Cirilo não queria considerar a diversidade dos destinos e sim que havia trabalho a reclamar-lhe atenção. As atividades iniciais custaram-lhe esforços dolorosos. Às vezes, era tanta a dor nos pés que necessitava interromper a tarefa para repousar; todavia, auxiliada pela serva fiél, preparou e adubou o quintal, libertando as árvores frutíferas dos parasitas que as sufocavam. Faltavam sementes e mudas de plantas, mas Dolores que tinha um genio alegre e communicativo prometeu que as pediria a um dos servos da casa vizinha, na primeira oportunidade. Entre os rapazes de cor bronzeada que trabalhavam, invariavelmente, no campo próximo, a jóven desde muito havia fixado um que sempre a obser-

vava com atenção. Valeu-se dessa circumstancia e, no primeiro ensêjo, entabou ligeira conversa com o simpático desconhecido, junto a tapada que dividia as propriedades. Tratava-se de um semi-liberto da família Estigarríbia, que chefiava os companheiros de serviço. Ele e os subordinados não eram escravos, propriamente, mas haviam nascido cativos em colonia portuguesa. D. Diego e o filho, D. Alfonso, tinham grandes interesses no tráfico de homens livres e haviam selecionado os melhores operários para os labores da grande fazenda de Castela a Velha.

João de Deus, o servo que narrava a Dolores as suas lutas na vizinhança, contemplava a criada de Madalena com expressão de enorme alegria e grande bondade. Atendendo-lhe ao pedido, prometeu as sementes e mudas e como dispusesse de folga aos domingos, depois da missa, ofereceu-se para cooperar semanalmente na horta que pretendiam plantar.

Com pleno assentimento da filha de D. Inácio, que lhe anotou, de pronto, as qualidades apreciáveis, o servo dos Estigarríbias passou a frequentar a casa aos domingos, contribuindo decididamente para enriquecimento do quintal.

Horas a fio, João de Deus historiava ás duas mulheres o martírio dos cativos nas colonias remotas. Elas mal continham o seu assombro. Parecia-lhes incrível houvesse cidades no mundo, onde os filhos eram separados dos pais amorosos e vendidos a senhores bárbaros e execráveis. O rapaz contava-lhes as cenas bárbaras do tronco, do chicote a lanhar carnes vivas, das pesadas correntes atadas aos pés dos que tentavam fugir. Aquelas narrativas levavam ao coração da espôsa de Cirilo indefiníveis consolos. Considerava que havia terras onde mourejavam criaturas muito mais sacrificadas e sofredoras do que ela propria. Confidencialmente, João lhes explicava sua condição pessoal. Em verdade, não havia cativo ali na fazenda, cumprindo-lhe todavia proceder e agir como escravo dos Estigarríbias, se não quisesse voltar á colonia, para ser talvez posto a ferros. Nada valeriam reclamações, pois D. Diego era irmão de um bispo assaz

poderoso. Conquistara-lhe simpatia e, por isso, aprendera a ler e contar, assumindo então o cargo de feitor.

Para Madalena, essas confidências acarretavam sempre veladas consolações e foi com bons olhos que notou a crescente afeição do jóven par.

Somente depois de três meses de boemia e aventuras em Madrid, na pernicioso comparsaria de Federigo Izaza, voltou Antero á casa, completamente modificado em seus habitos e atitudes. Não comentava senão as vantagens do ouro facil e explanava largos projetos, para aquisição de minas do Potosi. A transformação da humilde herdade surpreendeu-o. Em todos os recantos havia alguma cousa diferente. Alí, a agua multiplicara beneficios ao solo; aqui, surgia um canteiro de legumes; acolá, as arvores pareciam mais verdes e vigorosas. Miraculosas mãos haviam tratado a terra empobrecida. Acentuando o quadro agradável, Madalena estava mais bela, embora lhe pairasse no rosto, invariavelmente, um véu sutil de invencivel tristeza. Sua saude melhorara, de modo geral. Já podia permanecer de pé mais de uma hora, sem necessidade de repousar. Consagrava-se ao lar e á filha com heroico devotamento. Antero de Oviedo, contemplando-lhe a feição de madona, sentiu reavivar-se a paixão que o atormentava desde a infancia.

No segundo dia de sua chegada, procurou entreter com ela afetuosa palestra, minudeando o exito superficial das suas transações em Madrid.

Enquanto a conversação não se desviava dos moldes fraternais, a prima lhe correspondia de boamente, despreocupada em defender-se; mas á certa altura, o rapaz fixou nela os olhos brilhantes e disse:

Sinto que não devo ocultar mais tempo as minhas intenções; supponho poder agora falar do meu imenso amor.

A noite já se fechara de todo, desdobrando seu manto de sombras pela paisagem ambiente.

— Mas, que queres dizer com isso? — interrogou a prima, adivinhando-lhe os propósitos intimos.

— Ofereço-te meu braço forte nas lutas da vida. Seremos felizes, podes crer. Espero consolidar minha

fortuna a breve trecho. Meus negócios atuais auspiciam lucros fabulosos. Construiremos um lar repleto de ventura. Não importa o passado, as amarguras vividas. Compreendo como o sópro da adversidade desfez teus sonhos de moça; entretanto, não julgues ser a unica a sofrer. Sigo-te os passos, silenciosamente, desde os primeiros alhores da nossa juventude. E quando surgiu o intruso Davenport, só eu sei do ódio que me envenenou a alma. Agora, porém, a estrada da nossa ventura apresenta-se plana e livre.

Ela ouvia-o sem dissimular a profunda surpresa que lhe assaltava o coração. Depois de refletir um minuto, retrucou delicada e firmemente:

— Tua confissão me sensibiliza e no entanto, essa realidade é impossivel, de vez que o verdadeiro amor transcende a todas as contingencias do mundo. Minha escolha foi e permanece unica, irredutivel.

O rapaz demonstrou a contrariedade num gesto espontaneo e insistiu:

— Mas não te consideras liberta pela viuvez? Não seria loucura consagrar o resto da vida ao luto e ás lembranças da morte?

— Para mim — respondeu revelando profunda serenidade, — a viuvez significa pesar inconsolavel e não disponibilidade do coração.

O moço espanhol mordeu os lábios e exclamou desapontado:

— E' quasi incrivel te proponhas tão absurdo sacrificio por um homem que se ausentou para uma aventura arriscada, quasi na lua de mel.

— Mas Cirilo assim procedeu em obediencia a circunstancias imperiosas.

— Não creio.

— No entanto, não podes negar a enorme diferenca de vantagens entre a Côte de Versailles e a Soborna.

— Mas, no caso — tentava explicar o sobrinho de D. Inácio, colérico — não poderás invocar os salários franceses e sim examinar o problema da dedicacão e do amor.

— Esqueces, entretanto — esclareceu a suposta viuva, — que Cirilo tinha pais carinhosos e necessitados, além de irmãos mais novos e carentes do seu auxílio. Fôra um crime sequestrá-lo da mãe desvelada, que o acariciara nos braços, muito antes da minha afeição. Aliás, êle tudo fez para que o acompanhasse ao continente distante e tu não ignoras que a enfermidade de mamãe me forçou a ficar em Paris, bem a meu pesar. Cirilo nunca me exprobrou essa conduta involuntária, e também eu não podia recriminar-lhe o impulso generoso de socorrer os seus.

Reconhecendo que as armas do seu despeito eram inúteis, Antero ensaiou outros argumentos murmurando com certa ansiedade:

— Afinal de contas, suponho que devas ser mais cordata e razoavel...

E'-me impossível transigir no que representa, para mim, sagrados deveres, apenas.

— Não te apegues á recordações doentias. E's jóven e posso fazer-te feliz. Tenho trabalhado a vida toda para realizar o ideal de nossa união. Sonho com um lar ridente, um ditoso porvir.

— E nem deves perder a esperança de um futuro venturoso — mas ha que renovar o objetivo de tuas aspirações. Minha prova conjugal está encerrada: a tua, porém, ainda não começou. A Espanha está cheia de nobres raparigas e não será difícil encontrares uma companheira generosa e digna do teu destino. E' verdade que jamais nos poderíamos unir pelos laços do matrimonio, mas eu serei tua irmã reconhecida, enquanto me restar um sôpro de vida. Conheço a extensão dos teus sacrificios por mim e beijo-te as mãos.. Nada possuindo, entretanto, com que te demonstre minha sincera gratidão, feliz me julgaria em poder, a qualquer tempo, dar meus carinhos de mãe aos filhinhos de tua espôsa. Deus te ajudará deparando-te alguma jóven rica de sentimentos, digna, enfim, do teu coração.

Essas palavras, ditas em tom de carinhosa e fraternal sinceridade, desarmavam o rapaz, que se sentia enleado nos mais contraditórios pensamentos.

— Ainda ontem, Madalena, — dizia insistente nos mesmos propositos — adquiri uma casa confortavel, junto a igreja de S. Tomaz, a-fim-de lá te instalar com Dolores e Alcione.

— Agradeço, Antero, — mas a verdade é que não pretendo sair desta chácara. Jesus me facultará, um dia, os meios de retribuir teus beneficios, pois reconheço que não podemos exigir novos gastos de tua parte. Já temos plantas a cuidar, os pequenos proventos da horta atendem ás nossas modestas necessidades caseiras. Como vês, é occasião de pensar em ti mesmo, na administração dos teus negócios.

Ele compreendeu que a prima preferia renunciar a qualquer nova expressão de conforto, para emancipar-se do seu ascendente e manifestou-se presa de incômodo despeito. A expressão de ternura foi substituída pela de cólera extrema. No íntimo, experimentou diabólico prazer ao recordar o pacto com Suzana. Tomava a resistencia de Madalena á conta de orgulho feminino, mas essa resistencia aguçava-lhe os intentos criminosos de perseguição e de posse.

Aproximou-se mais e teimou ardentemente:

— Deste-me tuas razões, defendeste o irlandês intruso, induzes-me a procurar alhures a ventura conjugal mas eu não renuncio. Consente que me aproxime do teu coração, a-fim-de te reanimar para a vida. Somos jóvens, o futuro nos chama...

Entretanto a um gesto mais significativo a pobre senhora retraiu-se e falou nobremente:

— E' impossível e espero te contenhas nos limites devidos. Ainda que a lembrança de meu marido não chegue a demover-te, recorda que a sombra de minha mãe se interpõe entre nós.

A recordação de D. Margarida produzira extraordinário efeito. Antero, muito pálido, retrocedeu como se obedecesse a uma imposição do plano invisível.

A filha de D. Inácio, assumindo attitude serena, valeu-se da circunstância e prosseguiu:

— Concorde em que os nossos antepassados tenham tido numerosos defeitos, mas não me consta que um Vila-

mil, algum dia, houvesse abusado de uma irmã viuva e enfêrma.

Ouvindo a objurgatória formulada com enérgica inflexão de voz, o rapaz corou e retirou-se para o seu quarto, não sem dizer:

— Mudarás de opinião, mais cedo ou mais tarde.

Desde essa noite, não voltou a falar dos seus propósitos malsãos, e embora esperasse a oportunidade de uma capitulação ditada pelos extremos de uma vida mísera quão desolada, pareceu desinteressar-se completamente do assunto. Não permanecia na chácara de Avila mais que uma semana, de três em três meses. Agora fazia questão de corresponder á resistencia de Madalena com uma frieza fraternal. Além disso, os prazeres madrilenos modificavam-lhe os rumos da sorte. As más companhias arruinavam-lhe o caráter. Havia muito dinheiro para os divertimentos licenciosos, mas começava-se a indagar das suas origens.

— Três anos são passados.

Madalena Vilamil lutava heroicamente. A pobreza dos terrenos de Castela a Velha exigia muitos sacrificios a qualquer cultura agrícola, mas, por isso mesmo, suas plantações regulares tornaram-se utilíssimas. Dolores voltava, todas as manhãs, do mercado de legumes com diminutos, mas, ainda assim, suficientes recursos a provisão doméstica. A dona da casa tudo atribuía e agradecia a Deus, e a vida continuava. As ausencias prolongadas do primo eram consideradas como tréguas para seu alívio. Desde aquela noite inolvidavel, êle parecia contempla-la com expressão de rancor. Sempre que vinha, era por sobressaltar-lhe o coração. Além disso, preferia criar a filhinha sem caprichos satisfeitos. Aquelle sítio avaro devia ser a sua primeira escola. Mais tarde, então, pediria ás freiras Carmelitas que se incumbissem da sua educação intelectual; mas, como mãe, estava resolvida a tudo fazer para que Alcione se habituassee mais cedo aos deveres laboriosos.

Assim lhe corriam os dias quando se espalharam em

Avila, estranhos boatos sôbre a situação de Antero em Madrid. Dizia-se que os Izaza estavam denunciados ao Santo Oficio pelo rapto de crianças libertas, nas colonias da América e da Africa, e que o sócio responderia com os criminosos pela ação nefanda. Em suas visitas periódicas á granja, Madalena o informou das versões correntes, mas Antero ouviu-a risonho e displicente, alegando que se tratava, naturalmente de puras balelas, fruto da inveja e despeito humanos.

Os meses corriam céleres e os boatos tambem cresciam de vulto.

Madalena preocupava-se. Dia houve em que procurou conhecer o que sabia e pensava o João de Deus, a tal respeito.

— Ah! senhora — replicou o pretendente de Dolores em tom confidencial — os Estigarríbias são senhores poderosos e não toleram quem lhes faça concorrência no tráfico dos cativos. Em Segóvia, não ha muito, dois navegantes corajosos foram assassinados por ordem deles. Em Valladolid havia um grupo de homens operosos, que cuidavam do mesmo negócio e um belo dia o Santo Oficio lhes confiscou os bens, sem justificativa, encarcerando-os para o resto da vida. D. Diego e D. Alfonso dispõem da autoridade do clero. Dizem que êles cedem aos inquisidores algo dos patrimonios conquistados, mantendo-lhes a simpatia constante. O bispo D. Leoncio Molina faz parte da família e não é facil escapar-lhe á perseguição, com o auxílio dos missionários.

— Mas acreditas que tenham formulado alguma acusação contra Antero? — perguntou a filha de D. Inácio, naturalmente preocupada.

João de Deus alongou o olhar para além da porta, como a certificar-se de estarem realmente sózinhos e respondeu á surdina:

— Já ouvi qualquer cousa nesse sentido. Uma noite destas D. Alfonso participava ao pai que todas as providências estavam dadas em Madrid; que os santos padres em missão nas selvas remotas haviam representado á autoridade eclesiástica para que os Izaza e seus colaboradores fôssem punidos sem mercê, por subtraírem

crianças indefesas nas aldeias do litoral, e que os credores de D. Antero iam todos reclamar o pagamento de suas dívidas, a um só tempo.

A jóven Madalena muito impressionada, redarguiu:

— Será possível que haja pessoas capazes de raptar crianças inocentes?

— Nas colonias — esclareceu o servo — pode crer que existem homens cruéis a esse ponto; mas, neste caso, é possível que a acusação tenha partido daqui mesmo, dos Estigarríbia. Já ouvi dizer que, quando D. Diego era mais moço, mandou prender o proprio pai.

Madalena Vilamil anotou mentalmente as tristes novas e procurou mudar o curso da conversa.

Nos dias que se seguiram, muito desejou communicar-se com o primo, tentando salvar-lhe a reputação de homem digno, mas, reconhecendo a impossibilidade de o fazer, contentou-se em orar, encomendando-o a Deus, em preces fervorosas.

Ela, de si mesma, pouco a pouco habituara-se ao severo regime do contacto directo com a natureza. A fisionomia, porém denotava grande abatimento. Dividia as horas entre os labores domésticos e as meditações. Recordava, sempre, que seu primeiro projeto em regressando á Espanha fôra encaminhar-se á América, á cata de notícias exatas da morte do marido. A attitude ulterior do primo adiara a realização dos propositos que lhe animavam o espirito resolute, mas não extinguiu, de todo, o seu primeiro designio. E' verdade que continuava doente dos pés, impossibilitada de agir como de mistér, mas esperava no Altissimo a recuperação da saude para tentar, em companhia da filha a grande aventura, tão logo se verificasse o casamento de Dolores. Nunca mais pudera alegrar-se, como nos dias risonhos da juventude distante, mas a filhinha resumia, agora, as suas divinas consolações.

Alcione já se revelava uma criaturinha adoravel nos seus quatro anos. Sentada, de rosto apoiado nas mãos, como gente grande, permanecia muitas horas ao lado da progenitora, a ouvir historietas de fundo educativo. Madalena repetia-lhe, comovida as lendas guardadas da sua

mesma infancia. A pequena encarecia notícias dos principes encantados, dos genios occultos nos bosques; mas, quando escutava a palavra maternal sôbre Jesus, seus olhos tornavam-se mais brilhantes e perguntava a razão por que os homens inventaram a cruz para o Salvador que Deus mandara á Terra.

Por vezes, na sua condição de criança isolada, sem companhias infantis, abandonava subitamente os brinquedos pobres e ia interrogar á mãe o que estaria fazendo Jesus. E ante as hesitações maternas, ella propria explicava mil cousas, nas suas reflexões ingenuas e puras. Se fazia frio, afirmava que Cristo estava socorrendo os peregrinos que não tinham teto, e nos dias de excessivo calor, supunha que suas mãos divinas estivessem acariciando as aves aflies.

Madalena surpreendia-se. Aquellas idéias sublimes eram sempre espontaneas naquella boquinha mimosa.

A progenitora ensinava-lhe a ser reconhecida a todos, a estimar as plantas da horta e a ser generosa para as arvores do quintal. Mandava-a em auxilio de Dolores, sempre que havia maior quantidade de fructos e legumes, destinados á feira da cidade vizinha. Alcione era amavel com a serva e conduzia um cesto minúsculo, muito convicta de contribuir eficazmente na solução dos problemas domésticos. E nos instantes em que Dolores se sentia cansada pelo sol ardente, supunha que lhe atenuava as fadigas beijando-a, porque sua mãe sempre dizia que o carinho era o unico remédio que podia aliviar os corações soffredores. A creada era muito sensível a tais mostras de afeto e, ás vezes, só para receber as caricias da criaturinha adoravel, declarava-se exhausta, junto a Porta de São Vicente, ao terminar a parte mais afanosa da tarefa. E era quando Alcione lhe tomava as mãos, em óculos carinhosos.

Para Madalena e os dois unicos amigos que possuia na intimidade do lar, a pequenina se tornara em fonte de inefaveis alegrias.

De quando em vez, surgia com observações sutilissimas, que suscitavam profundos pensamentos.

— Certa feita, a canícula era quasi insuportavel e

todos ansiosos desejavam chuva, Alcione partilhava da inquietação geral e, instada por Dolores, fez de mãos postas as preces que sua mãe lhe ensinava, pedindo a Deus não esquecesse as plantas ressequidas. O crepúsculo sobreveiu carregado de pesadas nuvens e a criança, de minuto a minuto ia á porta, espiar o céu, como se aguardasse com certeza alguma cousa. Alta noite desabou torrencial aguaceiro. Cessada a borrasca, Madalena abriu a janela, ansiosa pela frescura da noite. A pequenina seguiu-lhe os movimentos, de olhos muitos vivos e pediu que a deixassem na velha cadeira para contemplar o firmamento, onde haviam ressurgido os astros faiscentes. Depois de aspirar o ar puro que enchia o ambiente, exclamou, olhos fitos na altura, em solene atitude infantil:

— Agradeço muito.

— A quem falas, filha? Viste alguém ali na estrada? — perguntou Madalena com certa curiosidade.

— Estou falando com Deus, mamãe: a senhora não me disse que devo ser agradecida? Não pedimos hoje a agua do céu?

A progenitora não pôde disfarsar um gesto de admiração, em lhe observando a expressão de sincera confiança na Providência Divina.

Em seguida, Alcione pareceu devassar a sombra da noite com os olhinhos indagadores e brilhantes, permanecendo em encantadora atitude de meditação. Depois, como se estivesse regressando de um oceano de reflexões, interrogou:

— Mamãe, onde é que a chuva trabalha?

— No seio da terra, filhinha. A agua que desce do alto alimenta a raiz das árvores, lava as estradas por onde caminhamos, renova as fontes para que não sofremos sede e, em todos os lugares por onde passa, espalha e entretém a vida.

— E quando tem chuva nos olhos? — continuou perguntando com sincera atenção.

— Mas que desejas dizer com isso, Alcione? — tornou Madalena impressionada.

— E' porque ás vezes, mamãe, quando é de noite, os olhos da senhora estão cheios de chuva.

A pobre mãe compreendeu a alusão e explicou, assaz comovida:

Ah! sim, filhinha, essa é a chuva das lágrimas e também desce do céu para nutrir e purificar o coração.

A pequenina pareceu refletir na resposta, voltou a contemplar as folhas gotejantes das árvores e inquiriu:

— Mamãe, quando é que vai chover nos meus olhos?

— Não penses nisso, filhinha!

E Madalena Vilamil torceu a palestra, distraindo-lhe a atenção.

De outra feita, Dolores trabalhava na chácara, acompanhada por Alcione, que cavava o solo com minúsculo instrumento. Em dado instante, surge o "Lobo" — grande cão de D. Diego — que tentava perturbar, todos os dias, os trabalhos da rapariga.

Dolores toma prestes de longa vara e, valendo-se da oportunidade, espanca o animal que de balde procura uma saída.

— Não batas assim no "Lobo"! — exclama Alcione perturbada e aflita.

E como começasse a gritar, a serva falou baixinho:

— Sosséga, minha filha! Vamos aproveitar enquanto estamos sem vigias no outro lado.

A menina, entretanto, esboçou um gesto significativo e lembrou:

— Mas nós não estamos aqui sózinhas. Jesus está conosco.

Anotando a advertencia, a creada permitiu que o animal se safasse do círculo apertado em que se achava e esclareceu, como quem se via obrigada a dar uma satisfação do seu ato:

— Este cão, Alcione, é vagabundo e ladrão.

A pequena não respondeu de pronto, mas dirigiu-se ao interior da casa a passos vagarosos, tomou o crucifixo de D. Margarida, sempre guardado á cabeceira da cama e encaminhou-se novamente ao quintal. Aproximando-se de Dolores que a observava, muito admirada, apontou,

com muito carinho, para a escultura e esclareceu na sua linguagem infantil:

— Estás vendo, Dolores? Mamãe contou que, quando Jesus morreu, estava entre dois homens que roubavam.

— Pois bem — disse a empregada sorrindo em face da profunda advertência — depois falaremos com D. Madalena sôbre o caso dêsse cão.

E Alcione voltou a guardar o crucifixo com a impressão de que havia cumprido uma grande tarefa.

A vida na chácara continuava cheia da poesia que adorna a pobreza resignada.

Outro tanto, porém, não acontecia ao sobrinho de D. Inácio, que parecia cada vez mais desorientado, desde o dia sinistro em que consentira no criminoso pacto com Suzana Davenport. O destino não correspondera ás suas expectativas de homem do mundo. A mentira sombria apenas espalhara remorsos terríveis no seu caminho, aos quais buscava evadir-se pelos desregramentos de toda sorte. Seu projeto mesquinho sofrera o primeiro abalo no dia em que Madalena Vilamil não mais pudera erguer-se da cama, em Versailles. Assediar a prima enferma, representava muita covardia a seus olhos. A moléstia, entretanto, não fôra incidente simples, persistira semanas e semanas. Nesse interim, ela, Madalena, pela paciência demonstrada, e pela maternal dedicação para com a filhinha recém-nada, crescera muito aos seus olhos, impedindo-lhe os impetos de suprema violencia. E, desde a noite em que fizera alusão á sombra de D. Margarida, ele não mais a contemplava sem ver no seu rosto o da veneranda mãe adotiva, que o acariciara dos primeiros dias da infancia. Passou, então, a frequentar raramente a chácara e, no intimo, chegava mesmo a pensar em uma viagem á América, para desfazer o engano terrível, de modo a esperar a velhice, sem a recordação de um crime na consciencia. A nobre resistencia da prima doente e sacrificada, parecia impôr-lhe a lembrança de D. Margarida, nos seus tempos de intraduzíveis amar-

guras. O moço espanhol, no entanto, desejava reparar a falta, com a devida prudencia. Afinal de contas, no mais fundo d'alma, não obstante a situação que o sensibilizava, nunca deixara de considerar Madalena excessivamente orgulhosa. Além disso, receava desfazer a trama odiosa, sem ouvir antes a prima de Cirilo. Que teria acontecido na América durante aqueles longos quatro anos? Era preciso esperar para não incidir em novos desatinos.

No entanto, agora entregue á idéia reparadora, via-se presa dos Izaza, que o arrastavam a condenáveis desregramentos. Envolvido em negócios suspeitos e desmandado nos prazeres que lhe exauriam as fôrças, não pôde perceber a trama cavilosa que o colhia na sombra, devagarinho.

Quando menos se esparava, estava em Avila a triste nova. Condenado pelo Santo Officio, á prisão e confisco de todos os bens, Antero de Oviedo apparecera morto, em Madrid, junto a Porta de Toledo. Falava-se á meia voz que ele havia preferido o suicídio á ignominia do cárcere; — noutras rodas, porém, afirmavam que tudo não passava de mais um crime odioso da família Estigarríbia. O processo, como todas as peças em exame no tribunal do Santo Officio, correrá os tramites no mais rigoroso sigilo. A condenação atingira Antero e companheiros, mas sómente Gaspar Izaza fôra recolhido á prisão, pois Federigo e Domingos haviam desaparecido misteriosamente.

O sobrinho de D. Inácio assim baixava ao tumulo com o grande segredo da sua vida, tão cedo crestada por sua incontinencia e leviandade.

Madalena ainda não conseguira aliviar a angustiosa aflicção que a atormentava, quando João de Deus bateu-lhe á porta, antes da alvorada. A pobre senhora assustou-se, mas o rapaz tinha motivos para apressar-se.

— Senhora — disse amedrontado — fugi para trazer-lhe graves noticias. Esta noite ouvi a combinação de D. Diego e do filho, relativamente a esta casa.

— Como assim? — interrogou Madalena muito pálida.

— Sei que o Santo Officio vai ocupar as propriedades

do Sr. de Oviedo e que os Estigarríbas desejam incluir esta chácara no espólio do extinto.

— Mas esta casa me pertence — interrompeu a filha de D. Inácio com energia.

— Queira, então, providenciar como convém.

A essa altura, o semi-liberto mastigou as palavras, como que receoso de prosseguir:

— Mas é uma iniquidade — exclamou Madalena, convictamente.

— E não é só... — obtemperou o rapaz reticencioso.

— Que maior infortunio poderia sobrevir-nos?

— D. Alfonso — explicou o servo dedicado — em palestra confidencial com o pai, ponderou que não sendo Alcione filha do finado, pode ser arrolada no patrimonio, como escrava e sei que tomou essa attitude, pela atração que a menina sempre exerceu sobre elle.

— Horrível! — exclamou a viuva tornando-se lívida — não haverá justiça para semelhantes bandidos?

— A justiça, por certo, não autoriza esses crimes, mas os meus senhores estão com os padres e será util que a senhora tome as providencias possiveis, para defesa do seu lar.

Enquanto o rapaz se retirava apressado, de maneira a não despertar suspeitas na casa a que servia, Madalena levou as mãos á cabeça, tentando conter o vulcão de idéias que a incendiavam. Nenhuma preocupação na sua vida continha o travo desta que ora a excruciava. Sapparar-se da filha quando a viuvez já lhe havia mortificado o coração, seria condenar-se a perpétuo martírio. Reagiria contra os criminosos sem consciência. No torvelinho de suas dores, entretanto, procurou encomendar-se a Deus com sincera compunção. Que Jesus se dignasse velar por sua fraqueza de mulher, defendendo-lhe a filhinha dos lobos desalmados. O sol já fulgurava no horizonte e o coração materno continuava em súplica silenciosa, invocando a misericordiosa protecção do Crucificado. Procurando ocultar sua aflicção á serva e á filhinha, resolveu bater á porta das freiras Carmelitas, no intuito de solicitar-lhes fraternal amparo.

Em todo o tempo de sua permanencia em Avila, frequentara os officios religiosos na Igreja de São Tomaz, apenas duas vezes, pela dificuldade de se locomover; mas isso fôra o bastante para abraçar velhas mestras, entre as quais se destacava Madre Conceição do Santíssimo Sacramento, generosa diretora do educandário onde recebera as primeiras letras.

Essa veneranda criatura, pensava a filha de D. Inácio consigo mesma, não a deixaria sem assistencia.

Com enorme dificuldade, dada a atrofia dos pés, encaminhou-se á cidade, em companhia de Alcione, pela manhã. Desde a indelicada recusa das amigas de sua mãe, em Paris, fizera o propósito de nada pedir em seu beneficio; mas, naquella hora grave em que lhe faltava o amparo do primo, tinha necessidade de mão amiga para fazer respeitadas os seus direitos. Não dispunha de outras relações, além dos laços afetivos com as religiosas que tanto a beneficiaram e acarinharam na infancia.

Assaz inquieta, pediu para falar á Superiora do Convento de São José.

A velha monja, em cujo rosto as rugas marcavam invernos e padecimentos longos, recebeu-a com afabilidade e doçura, visivelmente satisfeita com a inesperada visita.

— Madre Conceição — começou dizendo acanhada e aflita — esperava socorrer-me de vossa bondade mais tarde, quando minha filha estivesse em idade de iniciar os estudos, mas circumstancias imperiosas, quão imprevisitas, na minha vida, obrigam-me a incomodar-vos mais cedo.

— Dize, Madalena, — respondeu a religiosa com bondade natural — não te perurbes, confia em nossa velha amizade. Desde que nos revimos, muito tenho pensado em ti, nas tuas penas angustiosas; contudo, filha, são numerosas as antigas alunas, que se encontram nos soffrimentos da viuvez.

— Não venho aqui trazida por dificuldades materiaes, minha boa Madre.

E passou a relatar as suas amarguras em face do desaparecimento do primo, que a deixava em penosa si-

tuação moral, por motivo das perseguições que o vitiaram. Pausadamente, imprimindo em cada palavra a força da sua emoção, explicou quanto sabia a respeito da sentença do Santo Officio, que levava Antero de Oviedo á suprema ruína. Em seguida, falou da maternal angústia, devido ás pretensões odiosas da familia Estigarríbia, em lhe extorquirem a propriedade rural e alem do mais sequestrar-lhe a propria filha.

A velha religiosa acompanhava-lhe as palavras, tomada de singular admiração. Viu-a terminar exausta, pálida, cabisbaixa, consternadissima. Destacando as ultimas assertivas, exclamou inquieta:

— Mas o país não está em regime de cativo. Como poder algum escravizar uma criança inocente?

— Os que têm bastante dinheiro para demover os juizes — disse Madalena convictamente — certo poderão gozar o beneficio das leis; mas eu sou paupérrima e minha Alcione poderá ser levada por mãos criminosas, á revelia da justiça. Não ignoramos que se fala bastante, na actualidade, em mestiços que de nada servem, no conceito dos grandes senhores de terra, senão para os serviços rudes do Novo Mundo. E se D. Diego Estigarríbia pretender que minha filhinha seja dessa espécie de criaturas? Ele tem as arcas abarrotadas de pesetas para comprar os homens indignos. Suas violencias talvez nem cheguem a constar dos processos escritos.

Madre Conceição tinha uma grossa lágrima nos olhos. Maternalmente, tomou as mãos da interlocutora e falou:

— Compreendo tuas angústias, entretanto...

— Será possível que não possa contar com o vosso auxilio? — perguntou Madalena atemorizada.

— E' que, minha filha, trata-se de uma questão com o Santo Officio. Nesta casa, somos muito indigentes para te auxiliar com êxito, contra inimigo tão poderoso.

E depois de levantar-se e sondar a porta vizinha, declarou á Madalena, em voz muito baixa:

— Por buscarmos defender dois homens caluniados perante os Inquisidores, duas irmãs e eu, no mês passado, fomos açoitadas cinco vezes.

— Ah! como se permite semelhante tribunal no seio

da Igreja? — indagou a filha de D. Inácio pensamente surpreendida.

A monja enxugou as lágrimas com a manga do hábito rafado e murmurou:

— Talvez, minha filha, Deus haja permitido o funcionamento dessa instituição impiedosa para que sejamos experimentadas em nossa fé. Hoje em dia, considero que não existe maior cilício que o suportar a evidência de tantos crimes em nome do próprio Deus.

A jóven viuva começou a chorar em silêncio, mas a respeitavel amiga ponderou com solicitude:

— Não te desespere: Jesus não está pobre de misericórdia. Faze o possível por aliciar algum homem de mérito, que propugne os teus direitos. Estou certa de que o céu nos deparará os meios precisos.

Madalena Vilamil despediu-se com palavras de sincero reconhecimento, mas não pôde disfarçar o desânimo quasi invencível. Ao vencer a distância que a separava do teto humilde, sentia que as pernas tornavam-se mais trôpegas. Quis socorrer-se das autoridades civis ou religiosas, mas a falta de dinheiro amortecia-lhe os impulsos. Os juizes, de um e de outro lado, não trabalhavam de graça. Os processos não se movimentavam sem as moedas reais.

Alcione seguia-lhe os passos muito admirada das suas lágrimas e do seu mutismo. Conduzida pela mão, a delicada criança parecia ansiosa por uma oportunidade que lhe permitisse confortar o espírito materno. Assim que atravessaram as muralhas, já no caminho empedrado, de regresso ao lar, perguntou com a sua curiosidade infantil:

— A senhora não disse que iamós a outra casa?

— Não é possível, minha filha.

— Por que?

— Não temos a chave de ouro com que poderíamos abrir a porta, concluiu Madalena, como a falar consigo mesma.

E passou o resto do dia mergulhada em dolorosas cismas. Via-se, na imaginação, atirada no vórtice do destino. O Santo Officio tudo lhe arrancaria, tudo...

A granja pequenina, cultivada com tantos sacrifícios, seria arrebatada por verdugos cruéis. Mas, quando meditava na eventualidade de separação da filha, profunda revolta dominava-lhe o coração. Seria a derradeira prova da sua dedicação maternal, porque a morte, indubitavelmente, viria nesse instante enregelar-lhe as veias.

Enquanto Dolores trabalhava no quintal, intrigada com o pranto copioso da ama, Alcíone permanecia no aposento materno, procurando confortar Madalena com as suas observações piedosas e infantis.

O crepúsculo desceu, pesadamente e á noite João de Deus reapareceu. Depois de se informar do resultado da visita ao convento de São José, falou á desolada senhora, deixando-lhe entrever novas esperanças:

— D. Madalena, conheço um padre que talvez nos possa valer.

— Quem é? — indagou ansiosamente a interpelada.

— E' o padre Damiano, que officia na igreja de São Vicente. Elle tem sido meu amigo nas ocasiões difíceis, é bem possível que resolva satisfatoriamente o caso. Se a senhora quiser, chama-lo-ei ainda hoje mesmo, porque D. Alfonso deverá vir aqui amanhã, depois do meio dia, para lhe dar conhecimento do odioso mandato.

— Oh! sim! — exclamou reconhecida — vai sem demora, conversarei com esse homem de Deus.

O rapaz saiu e quando o relógio marcava nove horas, regressava em companhia do eclesiástico, recebido com inequívocas demonstrações de reconhecimento e aprêço.

Padre Damiano era homem dos seus cincoenta anos e pela expressão do olhar, como pelas cãs prematuras, dava conta de suas penosas lutas.

Em breves instantes, estabelecera-se entre elle e os presentes os laços cariciosos da intimidade e da simpatia. Ouviu com atenção os informes da viuva Davenport, entendendo-lhe as razões afetuosas, como se ouvisse uma filha. A narrativa dos seus sofrimentos infundia-lhe respeito paternal. Em breve, trocavam impressões como se fôsem velhos conhecidos. Também estivera em Paris por ocasião da variola de 63 e, por sinal, também sofrera a enfermidade dolorosa, num estabelecimento religioso. Ma-

dalena Vilamil estava igualmente satisfeita. A palavra do interlocutor parecia-lhe a de um amigo sincero, que tardara a aparecer. Historiando os incidentes da sua viuvez, o Padre prestou maior atenção ao caso e sentenciou:

— E' muito estranhavel que a senhora tenha lutado com tão infausto destino, mediante uma simples notícia. Nunca recebeu informações mais positivas da América?

— Nunca.

— Também, continuou, — é preciso considerar a soledade em que ficou, lá na França. A morte dos pais, a enfermidade rebelde, a necessidade imperiosa de atender á recém-nascida...

— Sim, — explicou Madalena agradecida ao seu afetuoso interesse — mas não renuncio ao meu velho ideal de uma excursão á colonia do norte. Não desejo morrer sem obter as últimas notícias de Cirilo.

O religioso fez um sinal de aprovação e acentuou:

— Sempre acalentei o desejo de compartilhar dos trabalhos missionários na América e, se algum dia o conseguir, ofereço-me a leva-la, com a sua filhinha.

Madalena Vilamil agradeceu com um grande sorriso. A palestra prosseguiu, animadamente, até que a hora avançada determinava as despedidas. Padre Damiano referiu-se á sua disposição sincera de enfrentar a ousadia criminosa dos Estigarribias e prometeu que ali estaria no dia seguinte ás doze horas. E como a viuva quisesse reiterar os agradecimentos, muito comovida, elle a interrompeu, dizendo:

— Não se dê ao trabalho de manifestar gratidão. Neste mundo, somos devedores uns dos outros e, neste momento tenho a impressão de estar resgatando uma dívida.

E retirou-se acompanhado por João de Deus, enquanto a pobre senhora experimentava um grande alívio e desafago á mente atormentada.

No dia seguinte, á hora aprazada, o eclesiástico franqueava a porta e aguardava os acontecimentos.

Nas primeiras horas da tarde, D. Alfonso Estigarribia aproximou-se acompanhado por seus homens, a fim-

de imprimir certo aparato ao feito. Notando a presença de um sacerdote na casa suposta indefesa, não pôde esconder o desapontamento; mas Damiano querendo conhecer todo o ardil da encenação cruel, tomou attitude humilde, fez um gesto de extremo desinteresse pela causa e exclamou, após a primeira saudação:

— Entrai, meus filhos! Viva Deus e abençoado seja o nosso Santo Padre.

Encorajados com semelhante acolhida, D. Alfonso e os asseclas cobraram alento e passaram a ler o torpe mandado, com ares de triunfo. O filho de D. Diego fez a leitura solene, pausada, enquanto Madalena e Dolores ouviam a sentença, excessivamente pálidas. Terminada a intimação, o moço Estigarríbia passou a explicar que a granja deveria ser desocupada dentro de três dias e que, havendo ali uma criança mestiça, trazida por Antero de Oviedo, competia ao Santo Officio decidir do seu destino, pelo que exigia a sua entrega imediata.

De posse de todos os fios da perversa meada, Padre Damiano fechou o semblante e declarou com energica serenidade:

— Conhecemos a fôrça do Tribunal que assim ordena, mas somos obrigados a declarar que existe lamentavel engano a corrigir. A Inquisição terá tido motivos para condenar nosso parente Antero de Oviedo, cousa que não pretendemos discutir; consideramos, porém, que a sentença de confisco já foi executada com a occupação de suas casas em Avila, e de outras propriedades em Madrid. Julgamos, ainda, que se isso não bastasse, o condemnado já pagou duramente as suas faltas com a morte.

D. Alfonso ficou lívido.

— A que engano vos referis? — indagou.

— Esta chácara não pertencia ao réu.

— As provas? — acudiu o chefe da expedição, contrafeito.

A um gesto do religioso, Madalena Vilamil trouxe o documento da doação, firmado pelo extinto.

— Mas, evidentemente, — exclamou D. Alfonso — esta declaração não tem efeito legal. E' simples transação entre parentes. O sangue é o mesmo.

— Julgais, então, — continuou Damiano — que as pessoas honestas possam responder por delitos dos irmãos consanguíneos? Jesus era o Salvador e não impediu que Judas apparecesse na reduzida familia dos seus discipulos.

Ante a inesperada opugnação, o filho de D. Diego mordeu os lábios encolerizado:

— Deveis saber que a condenação do Santo Officio engloba a parentela.

— Não o ignoro, — explicou o padre, — que o Santo Officio muito cruelmente persegue o condemnado na pessoa dos descendentes, mas nós não somos da estirpe de Antero de Oviedo.

Incapaz de rebater os argumentos do interlocutor, o chefe da diligencia acentuou:

— Consultaremos o bispo D. Leoncio Molina.

Compreendendo que o rapaz aludia ao parente, cheio de influencia politica, Damiano acrescentou:

— E nós indagaremos a razão pela qual a familia Estigarríbia anda requisitando crianças livres nas cidades independentes da Espanha. A Côrte nos informará, quanto a isso.

O vizinho fez menção de retirar-se com os companheiros, mas, antes de o fazer, o sacerdote concluiu:

— D. Alfonso, voltai na paz de Jesus. Esta casa está disposta a viver cristãmente na vossa vizinhança, mas não esqueçais que tendes uma alma para prestar contas a Deus.

A expedição partiu cabisbaixa, enquanto Madalena se retirava para o interior e beijava o crucifixo que sua mãe lhe havia dado, agradecendo a Jesus aquelas inefaveis consolações.

VI

NOVOS RUMOS

A família Estigarríbia não voltou a renovar suas absurdas exigências e o próprio D. Alfonso fez o possível por demonstrar atitudes novas e mudança de propósitos, de sorte que a torpe extorsão não chegou a consumir-se. Ciente do fato, o bispo Molina desautorizou os criminosos intuitos e providenciou para que o confisco não ultrapassasse os limites indicados pelos inquisidores.

Encerrado o incidente, a vida na granja prosseguia em adorável simplicidade.

Alcióna fizera-se amiguinha fiél de Padre Damiano e Madalena parecia regosijar-se com a nova companhia.

O eclesiástico revelava idéias diferentes de sua época. Embebido nas veneráveis tradições do passado, não podia compreender os crimes tramados na sombra, em nome de Deus. Apreciava a filosofia antiga, desprezava os exageros do fanatismo e não concordava com a tirania do Santo Officio. Quasi diariamente, á noite, ia á vivenda modesta da viuva Davenport, a cuja porta a pequenina Alcióna se postava para saudar graciosamente o cavalo paciente e manso, que o servia no pequeno trajeto.

As conversações interessantes desdobravam-se, animadoras. Madalena Vilamil parecia encontrar nas interpretações do religioso mais duradouras consolações.

— Padre Damiano, — dizia — a igreja parece preocupar-se de nossas amarguras. Em toda parte ponderam as injunções políticas, ao passo que Jesus foi

bem claro nos ensinamentos relativos ao seu Reino, que ainda não é dêste mundo. Todavia, em vez de cuidar da redenção das almas, a maioria dos clérigos permanece em disputas vãs. Vivemos uma época de trevas espêssas. A Inquisição é muito mais poderosa que os reis sem coração. A que atribuir tais desmandos? Não considereis que temos sido escravos antes que devotos?

— Sim, minha filha, — esclarecia o amigo com a sua madura experiencia da vida — tuas observações são justas. Deus cria a vida, não o cativo. Entretanto, esses clamorosos desvios são das instituições humanas. Os padres ambiciosos de poder temporal constituem fileira quasi interminavel, nos tempos atuais, mas não poderão nunca destruir o cristianismo na sua essencia eterna, divina. A misericórdia de Deus lhes tolera os insultos, mas ha-de chegar o tempo de restabelecer a verdade. Sou de opinião que todas as iniquidades da Terra são impotentes para aniquilar uma centelha de nossa fé.

A última frase despertou em Madalena pensamentos novos. Num belo minuto de meditação, esquecia as vicissitudes da Terra e as angústias do Tempo, para alcançar-se aos sublimes problemas da alma.

— A fé? — obtemperou — como adquiri-la, padre? De mim a entendo como um estado superior, conseguido na oração. Tudo tenho feito por encontrar alívio e refúgio na confiança em Deus. No entanto, sinto-me bem longe da paz íntima que tanto ambiciono.

O eclesiástico lançou-lhe um olhar significativo, como a dizer que lhe era impossível resolver definitivamente a questão e explicou:

— Não poderemos criar os valores da fé, enquanto nos sobeje a inquietação e acredito que nossas relações com a Divindade devem ser as mais simples possível. Quanto a mim, considéro que cada dia é uma oportunidade renovada para o labor de nossa redenção. Resumo as minhas preces á vigília da manhã, na qual procuro a inspiração do Evangelho ou dos livros que nos suscitam desejos de perfeita união com o Cristo, e ao louvar da noite, quando busco examinar os ensejos de servigo ou testemunhos que o Senhor me facultou.

Ela não compreendeu a contento e interrogou:

— Mas.. como?

— Toda a leitura edificante derivou da Providencia por intermédio dos seus mensageiros, em nosso socôrro; com as suas advertencias e conceitos, sábios e preciosos, faço a vigília matinal e á noite rendo graças ao Pai, em consciência, pelos favores que me foram dispensados. Na vigília, estabeleço propósitos redentores; e no exame da noite julgo-me a mim mesmo, para verificar onde se cristalizaram minhas maiores fraquezas, a-fim-de emenda-las no dia immediato. O mundo, a meus olhos é uma vasta officina, onde poderemos concertar muita cousa, mas reconhecendo que os primeiros reparos são intrinsecos a nós mesmos.

Grandemente interessada, a suposta viuva de Cirilo insistiu:

— Se dais tanto valor ao esforço espiritual da manhã e ás meditações da noite, como encarar o dia?

— Creio que entre a vigília e o louvor está o trabalho que o Senhor nos deferiu. O dia constitue o ensêjo de concretizar as intenções que a matinal vigília nos sugere e que á noite balanceamos.

O reduzido auditorio, isto é: Madalena, Alcione e Dolores, bebiam-lhe os conceitos com profunda atenção.

A serva, talvez impressionada pelas suas definições de trabalho, indagou:

— Padre Damiano, como proceder, então, nos dias em que as circunstâncias nos impeçam de trabalhar? Estaremos fugindo ao ensêjo que Deus nos concedeu?

O religioso compreendeu o movel da pergunta e tentou explicar:

— Acreditas, então, que só aos braços foram conferidas as atribuições de serviço? Os ouvidos trabalham quando ouvem, os pés quando caminham. A lingua esforça-se, a intelligência atúa. Quando cessam as possibilidades de ação no exterior, ha no intimo da criatura todo um mundo a desbravar. Chego a refletir que, ás vezes, a enfermidade atormenta a criatura para que ela se volte para dentro de si e aproveite a oportunidade, no esforço laborioso de sua renovação.

Para a filha de D. Inácio, aquelas conclusões sôbre a prece eram novas e surpreendentes. Tal como acontecia em todas as esferas religiosas do seu tempo, supunha que orar equivalia a pedir. As cerimoniaes da igreja, quasi sempre, resumiam-se em longas súplicas, apenas. Os livros devocionais englobavam rogativas, da primeira a última página. Os ex-votos, as procissões, os sermões públicos, representavam pedidos insistentes. Por isso mesmo, a viuva inqueriu com certa indecisão:

— Vossos esclarecimentos quanto á oração me surpreendem; contudo, necessito expôr minhas dúvidas mais intimas. Não teria Deus concedido ao mundo a faculdade de rezar, a-fim-de que a alma humana aprendesse a pedir? Sempre conheci essa manifestação do sentimento como rogativa. Considero, entretanto, que, se toda nossa atividade religiosa estivesse circunscrita aos atos precatorios não passaríamos, neste mundo, de uma assembléa de mendigos. Que dizer do homem que reclamasse, de mãos postas, o manjar do céu, tão só porque ratinha o suor na sementeira do seu quintal? Poderá alguém insistir na obtenção da verdadeira paz, quando ainda disputa a ferro e fogo a posse de bens perciveis? Chegará alguém á esfera dos anjos, quando ainda não chegou a ser homem?

Reconhecendo o interêsse despertado por suas palavras, Damiano sentiu-se encorajado e continuou:

Naturalmente que deveremos apelar para o céu, mas, no interpretar a prece como rogativa, suponho que não devemos ir alem do "Pai Nosso", porque, acima de tudo, julgo que a oração deve ser um esforço para nos melhorarmos. Deus nos procura a todo momento e o ato devocional será, então, tarefa incessante do espirito, apagando as imperfeições, para que o Pai nos encontre.

— Mas, criaturas ha que maldizem o destino — acrescentou Madalena sumamente interessada. — Como não importunar o céu, quando padecemos necessidades angustiosas? Para muita gente, a Terra não passa de odioso degredo e o corpo representa escuro cárcere.

— Não creio. Só ha mendicidade em nossa alma. E no que se refere a paisagens do mundo, o proprio deserto tem a sua beleza. As estradas que pisamos estão reple-

tas de perspectivas encantadoras. Uma folha da primavera ou um punhado de areia são documentos da glória de Deus em nossos caminhos. Quando nos referimos á regiões sombrias ou desoladas, geralmente esquecemos que elas se localizam em nosso mundo íntimo. A noção de cárcere, como a dor do remorso, nunca fôram observadas no horizonte azul nem no canto dos pássaros, simplesmente porque residem a dentro de nós mesmos.

— E o sofrimento, padre Damiano? — perguntou Madalena Vilamil, já tocada por aqueles altos conceitos. — Que me dizeis do problema do destino e da dor? Nosso futuro espiritual, após a morte, não está encerrado no céu, no purgatório ou no inferno, sem remissão?

O interpelado sorriu e esclareceu:

— Esta palavra ouvida pela Inquisição, representaria um crime de traição para o fanatismo de nossa época e nos levaria á fogueira. Esta circunstância nos leva a refletir na magnitude da tarefa a realizar, mas, se eu disser que minha interpretação é diferente? A morte não existe como a entendemos. O que se verifica, apenas, é uma transmutação de vida. Os teólogos suprimiram a chave simples das nossas crenças. Quando o corpo é reclamado pelo sepulcro, o Espírito volta á pátria de origem e como a natureza não dá saltos, as almas que alimentam aspirações puramente terrestres continuam no ambiente do mundo, embora sem o revestimento do corpo carnal. Desde a mais remota antiguidade, os homens se comunicaram com os seus semelhantes desincarnados.

E, ante o olhar admirativo da jóven senhora, Damiano passou a recordar:

— Enéas fez consultas a Anquises, por meio dos estranhos poderes da feiticeira de Cumas; Plutarco afirmava que os seres de outro mundo se manifestavam nos Mistérios; Sócrates tinha seu genio familiar; Apolonio de Tiana sentia-se auxiliado por entidades invisíveis; os imperadores romanos buscavam os pareceres dos habitantes de Além-Tumulo, com a cooperação dos Oráculos; Vespasiano procurou a palavra dos numes tutelares no Oráculo de Geryon; Tito fez o mesmo na Ilha de Chipre; Trajano imitava-os, sondando as revelações do Oráculo

de Heliópolis, na Siria; os cronistas do tempo antigo declaram que Augusto, depois de iniciado no culto de Eleusis, tinha contacto com os fantasmas; nas páginas sagradas da Bíblia vemos Saul procurando o falecido Samuel por intermédio da pitonisa de Endor, e contemplamos os discípulos de Jesus bafejados pelo Espírito-Santo, no glorioso dia do Pentecostes...

E' extraordinário! — exclamou a espôsa de Cirilo felicitada por novas luzes. — Quer dizer que os entes queridos que nos antecedem no tumulto, nos esperam no limiar da outra vida, para as alegrias do reencontro!?...

Damiano esboçou um gesto altamente significativo e acrescentou:

— Nem sempre será indispensavel partir para reencontrar...

— Por que? — interrogou admirada.

— Nossa época não comporta a divulgação das supremas verdades, mas nós nascemos e renascemos. A vida é uma só; entretanto, as experiencias são diversas. O proprio Jesus declarou aos mentorés de Israel que não era possivel atingir o Reino de Deus sem renascer de novo. Inferno ou purgatório são estados de espirito em tribulação por faltas graves, ou em vias de penitência regeneradora.

A viuva Davenport teve a sensação de haver sido levada a um porto de grandiosas revelações. Recordou, subitamente, seu primeiro colloquio com o rapaz irlandês que elegera para seu companheiro de existencia, quando lhe confiara as predições do velhinho de Granada. A figura quasi apagada do egipciano erradio ressurgia-lhe nos arcanos da memória, com os minimos contornos. Assim que, reviu na téla imaginada as portas do Alhambra e as amiguinhas bem amadas, destacando-se de todas as recordações, as palavras conselheiras do desconhecido: "Prepara-te, minha filha e une-te á fé em Deus, porque teu cálice, no mundo, transbordará de sofrimentos. Não vivemos apenas esta vida. Temos várias existencias e a tua existencia actual é promissora de tributos afanosos para a redenção". Sinceramente impressionada, relatou o incidente, que o religioso acolheu com singular carinho.

— Podes crer, — afirmou convicto — que esse ancião deveria ser um grande inspirado.

— Mas será possível que se troque de corpo como se muda de vestes?

— Justamente. Só isso, minha filha, explica as profundas diferenças do caminho. Nas estradas em que buscamos a luz da salvação, encontramos os seres humanos mais díspares. Ali, depara-se-nos um homem impiedoso, detentor de sólida fortuna; acolá, debate-se um justo entre a fome e a enfermidade, que parecem intermináveis. Num mesmo lar nascem santos e ladrões. Ha pais excelentes cujos filhos são indesejáveis, monstruosos. Uma via pública exhibe jóvens elegantes e miseráveis criaturas que se arrastam entre a lépra e a cegueira. Poderias admitir que o Criador, magnânimo e sábio, deixasse de ser pai para ser um experimentador desalmado? Não admitamos esse absurdo teológico, mas ponderemos na verdade de que se cumpre, — desde agora, o “a cada um segundo suas obras”, dos ensinamentos de Jesus. Na obra divina, infinita e eterna, cada filho tem responsabilidade propria. A criatura se engrandecerá ou submeter-se-á ao rebaixamento, conforme utilize as possibilidades recebidas. No caminhar de cada dia, podemos observar os que ascendem, apesar dos dolorosos testemunhos, os que estacionam em receios inúteis, os que resgam e os que contráem novas dívidas.

Madalena Vilamil, depois de apurar ainda mais as impressões proprias, considerou sensibilizada:

— Vossas razões me suscitam mais vastos raciocínios. Às vezes, padre, sonho com assembléias que me forcem a decisões prejudiciais, com praças armadas e onde minha voz ordena esforços rudes... Vejo-me, então, detentora de poderes, rodeada de súditos numerosos... Em seguida, acordo exausta, com a impressão de haver regressado de uma região de reminiscências indesejáveis.

— Ah! sim? — murmurou Damiano com um sorriso — quem sabe a nossa permanência em Avila constitue uma repetição de circunstancias do passado ominoso? E' possível que tenhamos tido riqueza e autoridade, exer-

cendo tirania. A casa de Deus é cheia de justiça com misericórdia.

A viuva Davenport meditou alguns minutos nas provações sofridas, considerou a razoabilidade dos conceitos expendidos e concordou:

— E' verdade. Minha existencia parece obedecer a esse plano de tributos expiatórios. Desde criança, venho observando que nas situações decisivas, sou obrigada a curvar-me ás circunstancias. Nos grandes lances, tenho a impressão de que minha vontade é anulada por misterioso poder...

— E és muito feliz em não desobedecer.

— Entretanto, padre, as maguas são muitas e rudes.

— Mas se o esforço divino de Jesus foi aureolado no Calvário, quem poderá pensar na glória celeste sem a corôa de espinhos? As pessoas felizes costumam não ter história, e quando a possuem, nem sempre regista episódios mais dignos. Com essa idéia, não quero dizer que devamos andar no mundo como aventureiros do sofrimento, em farragem de trapos e lamentos, mas desejo realçar o valor das lutas incruentas do coração, que temperam o carater e iluminam a vida. A maioria dos santos esteve indecisa, até que o testemunho redentor, pela dilaceração de si mesmos, lhes abriu os horizontes infinitos da Eternidade. Nascemos e renascemos, até que possamos encontrar asas de sabedoria e de amor para os vós supremos.

— Vossas idéias a respeito da pluralidade de existencias — disse Madalena — traduzem imensas consolações. Depois que voltei da França já fui duas vezes á igreja de São Tomaz, assistir aos officios religiosos, mas nunca poderei definir as emoções que me assaltaram ao contemplar as imagens antigas. Ao ajoelhar-me proximo do pulpito, a grandeza do velho templo parecia revocar-me a lembranças imprecisas de outras eras, que eu não conseguiria definir. Terminada a missa, visitei todos os altares e extasiei-me na contemplação do velho claustro... Poderosas impressões dominaram-me o pensamento... Fiquei convencida de que cada cousa, ali me era familiar e con-

tudo, quando menina, no internato, raras vezes visitei esse templo e nunca experimentei tais sensações.

— Sim redargui Damiano em atitude de funda reflexão — a igreja e o claustro de São Tomaz têm sua história longa e estranha. Ali foram tomadas muitas deliberações importantes, nas reuniões dos reis católicos com os membros do Santo Officio.

Houve uma pausa e logo a moça interrompeu:

— Já que essas teorias tanto edificam, por que não cuida a igreja de as divulgar?

— Por enquanto não devemos pensar nisso. Estas revelações espirituais nos chegam da mais remota antiguidade, mas a igreja católica não poderá tão cedo espalhar o clarão dessas verdades confortadoras. A noite que desceu sobre nós ainda não terminou.

— Mas, acaso não se trata de consolações divinas?

— Sim, mas nossa crença atual tem sua base no terror da tirania religiosa e não na liberdade sublime do Evangelho. Se Jesus voltasse agora á Terra seria perseguido como impostor, com supplicios talvez maiores que os da cruz. A barca de Roma é diferente da barca da Galiléia. Na primeira, temos sacerdotes ambiciosos e insaciáveis; na segunda, tinhamos pescadores. Em Roma, esplendem palácios; enquanto que em Belém fulgia a mangedoira. No Vaticano, faiscam gemas preciosas da tiara pontificia; em Jerusalém o cálice era de vinagre e a corôa tecida de espinhos.

Madalena recolhia as citações com indifarsavel interêsse, enquanto o eclesiástico rematava:

— Compreendes as diferenças?

— Abraçais então a Reforma? — arriscou, referindo-se ao movimento religioso iniciado por Martinho Lutero.

— Aceito a necessidade da reforma íntima. Se os protestantes puderem alcançar semelhante renovação, por certo serão bem-aventurados. Quanto ao mais, se ainda me encontrasse sem responsabilidades definidas, seria justo empunhar uma espada de batalhador ativo em prôl do restabelecimento da verdade; contudo, se Deus me chamou ao labor do ministério católico, devo obedecer,

compreendendo que o meu combate é no silêncio e na meditação, longe dos olhos indiscretos do mundo.

Aquelas conversações construtivas repetiam-se diariamente. Quando o sacerdote não comparecia, a viuva Davenport, Dolores e João de Deus, seguidos de Alcione, prosseguiam nos mesmos comentários. Eram passagens evangélicas, livrinhos de meditações, contos educativos, o material de luz das palestras fraternais do grupo modesto. Padre Damiano, de vez em quando, contava a história dos primeiros mártires do cristianismo, e a recordação dos sacrificios provocava um manancial de lágrimas benéficas. A lembrança de sua resistencia heróica, de sua exemplificação de coragem, bondade e fé, acendia em todos novas claridades confortadoras.

Os meses corriam céleres para aquela reduzida assembleia de corações, que não desejava outra cousa senão a paz perfeita em Jesus.

A pequena Alcione encontrava singular encanto nas descrições dos tempos remotos, em que os cristãos perseguidos se reuniam nas catacumbas abandonadas. A narrativa das festividades bárbaras da época de Nero marejava-lhe os olhos, mas quando ouvia a leitura das respostas firmes dos mártires aos algozes, exultava de entusiasmo. Denunciando vocação para o sacrificio, certa vez interrogou:

— Padre Damiano, onde é agora o circo? E as feras? Ainda podemos sofrer para mostrar a Jesus que não estamos de acôrdo com os que o crucificaram?

O religioso achou muita graça na lembrança e explicou:

— Sem dúvida, poderemos testemunhar nossa fé a todo tempo, em todas as circunstâncias.

E observando que a criança aguardava resposta completa, concluiu sorrindo:

— Agora o circo é o mundo e, na maioria dos casos, as feras são os homens.

Dois anos, relativamente tranquilos, assim passaram. O religioso amigo vivia sempre na expectativa de uma sur-

tida á América. Quando todos os detalhes pareciam ajustar-se ao cometimento, surgia um imprevisito dominante. Adiam-se então as esperanças, indefinidamente. Madalena Vilamil, todavia, gosava melhor saude, com exceção dos pés, que a obrigavam a se contentar com a pequenina paisagem da sua granja pobre. Movimentava-se, porém, sem maiores torturas, dentro de casa e no ambito do quintal, e isso era motivo de enorme satisfação. As palestras e reflexões diárias, sôbre a vida espiritual, renovavam-lhe as fôrças psíquicas. Tinha illimitada confiança no futuro de além-tumulo. No trato das idéias novas, chegava á conclusão de que a viuvez e a pobreza material representavam condições do testemunho e em tudo havia possibilidades de honrar os decretos divinos. Recordava o passado, detinha-se nas reminiscencias dos dias mais tormentosos e refletia que as piores situações haviam passado. Além do mais, a Providencia lhe concedera um bálsamo celestial nas carícias da filhinha, cuja companhia representava o alfa e o ómega da sua vida. Sua fé religiosa, ao influxo dos novos conhecimentos, ganhara maravilhosos poderes de resistencia. Estava certa de que encontraria novamente o espôso e os pais, quando entregasse o corpo material ás sombras do tumulo. Essa crença proporcionava-lhe constante renovação de energias morais, e chegada a noite, na hora das preces, sentia doce tranquillidade de consciencia e uma infinita esperança a encher-lhe o ferido coração.

Por essa época, verificou-se memoravel evento no sítio. Atendendo a generosa interferencia de amigos, os Estigarríbias consentiram no casamento de João com a Dolores e Madalena muito se regosijou com o feito. A cerimonia, muito simples, foi celebrada na residencia da noiva, pelo padre Damiano, com a presença de D. Alfonso, que via no feito um elo a unir a fazenda poderosa á humilde chácara confinante.

João de Deus, no entanto, casara-se sob condição de continuar na mesma situação de semi-liberto, da qual a espôsa teria de compartilhar. Dolores, todavia, ficou livre para prosseguir cooperando com a ex-senhora, como lhe aprouvesse, apesar de Madalena ter agenciado outra

serva, indispensavel aos trabalhos da horta e do pomar.

A família Estigarríbia, desejando talvez apagar as más impressões do passado, mandou construir uma casinha modesta para o casal, justamente na divisa da chácara, para que a senhora Vilamil não ficasse afastada dos seus amigos prestimosos.

Dessarte, o casamento da serva não alterou o regime doméstico de Madalena, de maneira essencial.

E, como a interpenetração de planos constitue fenómeno inelutavel no curso da vida, vejamos o que ocorria a Antero de Oviedo no plano espiritual.

Em região de sombras compactas, seu espirito reparava com lágrimas de compunção a inconsciencia de outrora. Azorragado pelo remorso, tinha a impressão de estar mergulhado em noite infinda, no bojo imenso de insondavel abismo. Dois anos lhe pareciam dois séculos de amargor inconcebível. De quando em quando, tentava erguer-se do abatimento que o prostrava, para logo recair em marasmo de agonias, como se-lhe não fôra possível, intentar sequer, desprender-se daquela geêna.

A princípio, tinha fome e sêde, mas, aos poucos, tais sensações cediam a padecimentos mais atrozes. As ultimas impressões da morte trágica subsistiam e até se requintavam esmagando-o, qual catadupa de indefníveis angústias. Terrífico silêncio envolvia-o, uniforme, invariavel. Quando ansiava por ouvir vozes humanas, chegavam-lhe ruidos confusos de gargalhadas escarminhas, deixando-o quasi convicto de estar sendo espreitado por inimigos intangíveis, que, embora igualmente mergulhados no manto de trevas espessas, zombavam de Deus e das noções santificantes da vida.

Lágrimas dolorosas lavavam-lhe o rosto, incessantemente. Apesar-de convencido do seu desprendimento do corpo carnal, guardava a impressão nítida de sua personalidade humana.

Precito impenitente, recompunha os minimos élos das exeperiencias em que fracassara. A infancia na Espanha, os desvelos maternos de D. Margarida, as preciosas oportunidades perdidas, tudo, tudo o atormentava e transformava o coração em fonte de pranto ines-

tancavel. As possibilidades de Paris apareciam-lhe agora com largos caminhos que o teriam conduzido ao dever mais nobre e no entanto, cruel e egoisticamente desprezados. A lembrança do crime praticado com a prima, enfêrma e indefesa, era uma úlcera envenenada que lhe agravava a desventura. Era como se ali a tivesse, recebendo a falsa notícia da morte do marido, acarinhando a recém-nascida, desfeita em pranto. Depois, era o moço irlandês viajando cheio de confiança nos seus préstimos fraternos e, — cousa extraordinária! — no pandemonio das recordações como que lhe ouvia as ultimas palavras na véspera da partida.

Apuado pelo remorso, voltava ás ruas parisienses devastadas pela variola ascorosa, e debalde tentava regressir no tempo, a-fim-de corrigir o erro clamoroso. Nos pesadelos que o assediavam, revia a casa de Santo Honorato, ansioso por defender Madalena até o fim, mas, simultaneamente, a lembrança do cemitério com as aleivosas sugestões de Suzana, passava-lhe no cérebro entontecido, qual nuvem de fogo. Uma azenha ao estridor de reminiscências amargas, que pareciam não ter fim. A recordação do regresso á terra natal com propósitos ignóbeis e a insistencia brutal por satisfazer-los com a prima, que deveria respeitar, levavam-no ás ráias da loucura. Federigo Izaza surgia-lhe como verdugo de cuja influência aviltante era preciso fugir, mesmo de longe.

Atemorizavam-no as reminiscencias concernentes ao comércio e tráfico escravagista. Revia as cenas torpes das embarcações negreiras, nas raras vezes que as visitara ao largo da costa africana. E ouvia as lamentações e praguejos dos que se viam obrigados á separação dos entes queridos. Tudo lhe aflorava á mente dolorida, com prodigiosa vivacidade e nitidez.

Como não conseguira entrever a verdade na Terra? Que venda estranha lhe cegara os olhos? Por que não amparara Madalena nas vicissitudes da sorte, em vez de arruinar-lhe o porvir de espôsa e mãe? Por que anuira á criminoso sugestão de abusar das criaturas ignorantes, conduzindo-as a imerecido cativeiro, quando lhe compe-

tia auxilia-las fraternalmente por comesinho dever de humanidade?

Rememorando o passado, Antero de Oviedo chorava convulsivamente, azorragado na consciencia.

O veneno fulminante com que se suicidara, parecia corroer-lhe ainda as visceras, num suplicio sem fim.

Tremia, chorava, aniquilava-se dentro da sua imensa dor.

Todavia, o fato que mais o impressionava era ter a destra mirrada e um dos pés ressequido! A treva impedia-lhe a visão, mas, de quando em quando, pelo tacto, com sensações dolorosas, ia compreendendo a singular anomalia.

Escoados mais de setecentos dias de incomensuravel amargura, certa vez, rogou a Deus, com todas as veras do coração, lhe permitisse uma esmola de luz no seio das trevas que o envolviam. Recordou a figura de Cristo, que jamais procurara entender na Terra, e chorou como nunca. Implorou, então, compungidamente, que o Salvador se apiedasse da sua angústia infinita. Em voz baixa, qual criança imbele, pediu com sinceridade, embora reconhecendo o demerito proprio, que o auxiliasse, permitindo que sua mãe adotiva viesse trazer-lhe uma palavra de coragem e reconfôrto.

Depois de assim recorrer com a humildade de quem supplica saturado de inutil desespêro, viu, pela primeira vez, destacar-se na treva um círculo de claridades confortadoras. Tomado de assombro, sentiu que alguém se aproximava em seu socôrro. Mais alguns instantes e o Espirito de D. Margarida tornava-se-lhe visível.

— Ah! minha mãe!... — exclamou, arrastando-se para beijar-lhe os pés — ha quantos séculos me separei do seu coração afetuoso?

A espôsa de D. Inácio, cercada por um halo de luz, tinha os olhos nevoados de lágrimas. Inclinou-se e murmurou docemente:

— Oh! meu filho, como te encontro!... Onde puseste o amor que te dei? Por que te chafurdaste no tremedal das paixões humanas, quando te ensinei a elevar

o pensamento a Deus, desde os primeiros dias da tua infância?

Em atitude maternal, sentou-se ao seu lado e acariciou-lhe a cabeça, que o rapaz conservava sôbre a mão esquerda, a chorar convulsivamente.

— Como te venho encontrar, Antero! Os mensageiros de Jesus permitiram viesse trazer-te alguma consolação. Reanima-te, filho!...

— Perdi tudo — exclamou o desventurado — não me resta da experiencia humana senão um mar de tormentos e lágrimas. E, por fim, minha mãe, Deus me atirou neste abismo nefando!...

Mas a nobre entidade cortou-lhe a palavra asseverando:

— Não blasfemes! Deus é Nosso Pai e nos criou para a luz eterna. Somos os responsaveis pela queda nos desfiladeiros cruciais. A Providencia nos cerca de todos os carinhos, traça as sendas de amor que devemos trilhar e no entanto, meu filho, no círculo da liberdade humana, relativa, a paixão nos aniquila, o orgulho nos cega, o egoismo nos encarcera em suas prisões malsãs. Como poderias afiançar que o Senhor te conduziu a este lugar tenebroso, se desprezaste o roteiro da sua infinita misericórdia?

Antero, entretanto, tocado pelas angustiosas recordações terrenas, obtemperou amargurado:

— Mas tudo no mundo conspirou contra mim!

— Não seria mais acertado, dizer que conspiraste contra tudo?! Combateste os sentimentos nobres que te infundi na infancia; guerreaste a paz do nosso lar; tramaste contra os séres nascidos em liberdade. Onde pús, em teu coração, os ensinios de Cristo, entronaste a indiferença; no caminho de duas almas em união santificada por Jesus, semeaste a mentira e o sofrimento; nas regiões por Deus destinadas á vida livre, plantaste os espinhos da escravidão. Não teria sido misericórdia arrancar-te aos sorvedouros do mal, trazendo-te a esta noite desolada para que pudesses meditar? Abençoa as dores que te ferem o espirito e estraçalham o coração. Essas amarguras atroztes obrigam-te a calar, para que a verdade

te fale á consciencia. Ainda para os mais brancos criminosos, endurecidos no mal, sempre surge um momento em que, premidos pela dor, são forçados a ouvir a voz de Deus.

O réprobo soluçava nos braços da locutora, qual filho ansioso por desabafar todas as máguas no regaço materno. Aquelas palavras deram-lhe grande alento ao coração delido.

— Reconheço a enormidade das minhas faltas — concordou humildemente — no entanto, mãe, fui órfão de todas as alegrias!

— Não o foste tal e sim, e só, um sêr incontentavel.

— Aspirações cortadas por um destino cruél!...

— Ninguém pode alcançar felicidade quando transforma as aspirações em caprichos inferiores.

Traduzindo num gesto relutancia e desacôrdo, ei-lo a insistir:

— Todas as lutas terrestres ser-me-iam favoraveis se Madalena me houvesse atendido ao coração. A seu lado eu cultivaria a virtude, fugiria do mal, teria vencido as mais rudes batalhas, mas...

A nobre entidade aproveitando a pausa reticenciosa, redarguiu com energia e serenidade:

— Não acuses tua irmã por faltas oriundas de tuas próprias fraquezas. Madalena jamais te faltou com a exemplificação fraternal. Assediada por necessidades cruéis, foi tua amiga desvelada; nas horas de incerteza, sempre teve uma palavra de inspiração honesta para os teus designios. Que mais poderias desejar?

Ele abanou a cabeça e respondeu:

— Mas, de coração foi sempre inflexivel. Talvez um gesto de ternura, um beijo, uma esperança... me salvassem...

— Como nunca te lembraste de lhe oferecer o carinho com desinteresse de coração? Por que não recordaste o beijo fraternal, com cuja essencia poderias retificar a mentira execravel que lhe agravou os padecimentos no mundo? Viveste, meu filho, aproveitando as situações criticas para forjar ações criminosas; acompanhaste-lhe as lágrimas com atitudes frias e gozaste intimamente

com a separação de duas almas que Jesus havia unido em suas bênçãos de amor. Que seria de ti se Madalena houvesse atendido aos teus arrastamentos inferiores, esquecendo os deveres sagrados de esposa e mãe? Terias uma noite mais densa, dores mais cruéis. Caíste, é verdade; mas, ainda podes orar, ainda tens a dádiva do pranto remissor!...

O sobrinho de D. Inácio, agora, parecia flagelado por uma tempestade de lágrimas. Tinha a impressão de recuperar a razão, mediante aquelas recriminações bolsadas face a face pela lealdade da mãe adotiva. Nada obstante os sofrimentos experimentados, ainda não havia tudo aprendido. Sómente agora conseguia esmar a extensão da sua cegueira criminosa no mundo. Esmagado pelo justo reconhecimento das faltas clamorosas, sentiu-se incapaz de algo mais objetar, permanecendo á mercê dos remorsos pungentes.

D. Margarida, depois de longa pausa, acariciou-lhe a mão mirrada e falou:

— Já refletiste nos resultados da empresa que tentaste no mundo? O menosprêzo da oportunidade reparadora fere-te agora com amargas consequências. A mão que assinou documentos condenáveis aí a tens mirrada; o pé que se moveu no rumo dos feitos delituosos está ressequido; os olhos que procuraram o mal repletam-se de sombras espessas...

Em ouvir tais cousas, o rapaz mostrou reconhecer num gesto a sua penosa situação, mas, lembrando-se subitamente da presteza com que sua prece fôra atendida, no caso da vinda de sua mãe pelos laços espirituais, asseverou humildemente:

— Rogarei a Jesus me socorra com a liberdade de movimentos.

— Sim — explicou D. Margarida — o Senhor não te negará o quinhão da sua excelsa bondade, mas só ao contacto de novas lutas terrenas conseguirás reintegrar-te nas faculdades sagradas que espesinhaste, esquecendo voluntariamente os mais nobres deveres.

— Como assim? — interrogou admirado.

— Jesus perdoa, não com as fórmulas verbais, tão

faceis de enunciar, mas com a renovação do ensejo de purificação. O corpo terrestre é tenda preciosa, na qual podemos corrigir ou engrandecer a alma, apagar as nódoas do passado obscuro, ou desenvolver asas divinas, por nos librármos a pleno espaço em busca dos mundos superiores. Sómente na Terra, meu filho, onde imprimeste tão negro cunho aos próprios erros, encontrarás meios de regenerar a saúde espiritual, pervertida no crime.

— Mas não bastaria a misericórdia divina a meu favor? —olveu ansioso, por afastar a perspectiva de humilhações no ambiente humano.

— A misericórdia jamais falta, em tempo algum; ela permanece na afeição sincera dos amigos espirituais, que velam por ti e no próprio remorso que te molga o espírito desolado. Deus tudo concede, mas não nos pode isentar das experiencias necessarias. O perdão do Pai, ao lavrador ocioso, está na repetição anual da época de plantio. Nessa renovação de possibilidades, o sementeiro indolente encontra os meios de regenerar-se, ao passo que o trabalhador diligente e ativo defronta condições de engrandecimento sempre maior. Compreendes, agora, o perdão de Deus?

— Compreendo!

— Pois bem; se rogaste ao Senhor a minha presença, implorei igualmente a Jesus me permitisse reorganizar as tuas possibilidades de trabalho no orbe teressetre. A bondade infinita do Mestre concedeu-me essa dita. Só assim poderás restabelecer o equilíbrio da tua personalidade.

E ante o gesto de espanto do rapaz, que a ouvia mudo, a benfeitora prosseguiu:

— Ainda poderás aproveitar a missão de Alcione, que voltou ao nosso nucleo familiar a-fim-de nos ensinar a todos a humildade, o amor, o perdão recíproco e a obediencia a Deus. Não terás a beleza física de outros tempos, nem a liberdade plena de movimentos, mesmo porque regressarás ao mundo para um esforço de cura; todavia, se bem souberes renunciar aos teus caprichos, ao terminar as futuras provas estarás reintegrado na

harmonia espiritual, para prosseguimento de novas tarefas evolutivas, na carne ou fóra dela. Jesus me concedeu a dita de trazer-te esta dádiva. De ti, porém, depende agora prolongar teus sofrimentos expiatórios, ou assumir o compromisso de os abreviar.

Antero temia as angústias da Terra, mas, compreendendo a generosa intenção da venerável amiga, murmurou:

— Aceito.

Desde o momento em que se revelou absolutamente conformado, sentiu que o Espírito maternal o sustinha nos braços fortes e acolhedores.

Por quanto tempo andaram assim, os dois, através de extensas paragens sombrias? De si, não o saberia dizer.

Em dado instante, porém, viu-se, com a benfeitora defronte de modesta vivenda cercada de arvoredos. Não teve dificuldade em identificar o tétó humilde onde havia instalado Madalena. Aproximaram-se. A espósa de Cirilo entretinha-se a costurar junto da filha, que parecia muito atenta ao trabalho materno. O rapaz esboçou um gesto e teve uma exclamação de surpresa, mas logo compreendeu que ninguém dera pela sua presença naquele aposento banhado de sol.

D. Margarida tranquilizou-o com um gesto e acrescentou:

— Vês? Ela vem lutando heróicamente e aproveita, agora as contingências da pobreza material, para elevar-se a Deus.

O precito entrou a meditar profundamente. Daí a instantes, todavia, a graciosa Alcione, como que tocada no imo do coração, exclamou com estranho fulgor nos grandes olhos:

— Mamãe, a senhora tem-se lembrado do primo Antero?

— Por que perguntas?

— E' que hoje quero pedir a Deus por êle, quando a senhora fôr rezar.

— Pois sim — disse a espósa de Cirilo comovida.

— Mamãe, ha quanto tempo êle foi para o céu? — interrogou a linda criança, na sua ingenuidade encantadora.

— Ha pouco mais de dois anos.

Mal sabiam que Antero de Oviedo ali estava ajoelhado junto delas e desfeito em lágrimas, ao refletir que aqueles dois anos lhe pareciam dois longos séculos.

VII

CAMINHOS DE LUTA

A chegada dos retirantes irlandêses em terras da América verificou-se sem maiores incidentes, não obstante a demorada travessia, normal naquela época.

O velho Gordon, como guia experimentado, conduziu a caravana com segurança ao porto de destino, onde os imigrantes se instalaram na zona mais tarde absorvida pelos suburbios de Hartford.

Todos os corações estuavam de esperanças novas.

Cirilo estava deslumbrado com a riqueza da terra, impressionando-se com a beleza dos horizontes. A paisagem evidenciava, de fato, um mundo diferente, que, no dizer de Abrão Gordon, era a região destinada por Deus aos homens de boa vontade.

A adaptação da pequena comunidade não apresentou dificuldades apreciáveis. Em breves dias, identificava-se satisfeita com as mudanças havidas, embalando-se em perspectivas promissoras. A caça e a pesca eram novidades que a todos proporcionavam não sómente diversões inéditas, mas também abundante celeiro.

Samuél e Abrão, em aportando á nova terra, adquiriram uma centena de escravos e, com o auxílio do braço negro, iniciaram as primeiras culturas. Ao calor de entusiasmos fecundos, desdobravam-se energias para as tarefas imensas, assinalando-se que, ao fim de poucas semanas, todo o trabalho estava normalizado.

Recordando o berço natal, a extensa região que

abrangia as duas grandes propriedades rurais foi batizada com o expressivo nome de Nova Irlanda.

Samuel e Constancia não cabiam em si de contentes e, apesar das saudades do Ulster, faziam o possível para reproduzir e conservar as pequeninas cousas que adoravam as antigas fazendas da Irlanda distante. Movimentavam-se os empreendimentos, nesse sentido, não apenas no interior doméstico, mas igualmente na divisão das pastagens, na localização da lavoura de batatas e legumes, nos aviários, estábulos e redês.

Cirilo, ao lado de João e Carlos Gordon, promovia importantes iniciativas. Cheios de energia e mocidade, operavam, os três, uma verdadeira revolução agrária, orientando grandes turmas de servos, na transformação benéfica dos patrimônios da natureza. Aquí, eram braços d'agua captados á distancia de quilómetros, para fertilizar pastagens e acionar moinhos; além, eram os campos de experimentação dos cereais encontrados. Aproveitavam-se todos os conselhos dos colonos chegados antes deles. Regiões vastas fôram destinadas ao plantio do fumo — base económica de maior importancia para o comércio de exportação.

Cirilo, principalmente, não tinha meças de repouso, encantado com a grandeza do território que lhe desafiava a mocidade robusta e empreendedora. Atividade posta no trabalho intensivo e pensamento voltado para o lar distante, iniciou logo a construção da casa propria, fiél aos designios trazidos da Europa. A exemplo do que fazem aves pródidas, escolhia com desvelado carinho o material mais adequado á construção do ninho de futura tranquilidade. Lembrava as menores observações da companheira, com referencia ao assunto, para que fôsse cuidadosamente desdobrados os serviços iniciais. A paisagem parecia corresponder aos mais intimos desejos da espôsa, pois de fato encontrara uma pequena zona de cômosos verdejantes, regada pelas aguas claras do Connecticut, tudo a esbater-se em magnífico fundo azul. Cirilo cercara o local, com particular cuidado, para que as árvores frutíferas desenrolassem os primeiros ramos.

Em lhe ouvindo os planos de futuro, todos calcados

em sonhos de paternal ventura, Constancia sorria, embevecida e, por sua vez, idealizava mil cousas, para que a nóra só encontrasse bem-estar no ambiente colonial.

Estava a completar-se um ano que haviam emigrado, um ano de esperanças e trabalhos para Cirilo, e também de saudades e expectativas ansiosas de notícias que jamais lhe chegavam, excetuadas as cartas recebidas nos primeiros tempos.

Agora, esperava êle uma embarcação segura para voltar a Paris, em busca da espósa que tanto o preocupava. Entretanto, êsse navio que o deveria levar, trazia-lhe dolorosa carta do tio Jaques, na qual, com mão trêmula, comunicava os tristes acontecimentos de França. Historiava a epidemia com todas as cores negras e, por fim, registava, pesaroso, a espantosa notícia do falecimento de Madalena e de seu pai, pouco depois da morte de D. Margarida, e mais que, de Versailles, Antero de Oviedo lhe comunicara que seguiria para a América do Sul, sobrecarregado de profundos desgostos.

A leitura da lutuosa carta fizera-se acompanhar de efeito fulminante. O rapaz debalde ensaiou um gesto de resignação ante a fatalidade que lhe modificava o destino. As letras baralharam-se-lhe na retina, trêmulo de assombro. Lágrimas ardentes misturavam-se a soluços de irremediável aflição, a-pesar-das expressões confortadoras de sua mãe. Naquele momento, tudo estava terminado para o seu coração afetuoso. De que lhe servira tamanha bagagem de esperanças se a fatalidade assim anulava todos os projetos sublimes? Agora, concluiu que a mudança efetuada com tão grandes aspirações de futuro venturoso, não passava de estranho e miserável exílio. Custava-lhe admitir a realidade das informações inesperadas e exasperantes. Entretanto, a carta do velho amigo de Blois não dava margem a qualquer dúvida. Além disso, na mesma embarcação que lhe trouxera a infausta nova, chegaram diversos imigrantes franceses, que se declaravam involuntariamente expatriados, diante da epidemia devastadora.

O pobre rapaz caíu em situação desesperadora. Espantava-o a tremenda impossibilidade de qualquer le-

nitivo. Seu intraduzível sofrimento tinha, ao seu ver, o cunho de fatalidade irremediável. Prostrado em febre alta, foi forçado a acamar-se, movimentando toda a "Nova Irlanda" em torno do seu leito. Em vão, porém, sucediam-se os argumentos consoladores. Seu olhar era quasi indiferente ás exortações evangélicas do ancião de Belfast e reagia difficilmente, mesmo aos apelos maternais. Ao seu ver, aquela dor era inacessível ao raciocínio de quantos o rodeavam. Nenhum dos seus havia conhecido Madalena e ninguem na colonia podia avaliar sinceramente a sua desgraça irreparavel.

Constancia, porem, desfazia-se em desvelos, na sua infinita capacidade de afeição. Na véspera da missa que mandara celebrar em intenção da nóra supostamente falecida, abeirou-se do leito do filho inconsolavel e falou-lhe com carinho:

— Meu filho, é verdade que o teu sofrimento é indefinível e que nós estamos longe de imaginar toda a intensidade do teu desgosto, mas peço-te considerar minha confiança de mãe!... Acaso terão terminado todos os teus deveres neste mundo? Reconheço que teu amor conjugal é muito grande; todavia, nós também te amamos muito!...

Quis responder, asseverando que sua ventura estava destruída, que o mundo não lhe oferecia novos ideais; contudo, a voz morria-lhe na garganta oprimida.

— Não te entregues a esse abatimento fulminante do coração, — continuava a palavra maternal com profundo desvelo. — Não te peço esse sacrificio de teus sentimentos apenas por mim. Ha três noites, Samuel não dorme dizendo-se perseguido de remorsos atrozes, por te haver trazido sem a espósa! Não sei mais que fazer, meu filho, por demonstrar que em tudo devemos obedecer á vontade do Pai que está nos céus...

Nesse interim, a bondosa senhora interrompeu-se para enxugar as lágrimas.

— Também soffro com os pensamentos que afligem teu pai, mas que seria de nós, aqui, sem as iniciativas do teu cérebro e o valor dos teus braços? Como vês, a felicidade na colonia não se resume num sonho de quem

troca o berço em que nasceu por uma patria diferente. O equilibrio doméstico exige alta soma de esforços e sacrificios. Qual a situação se não tivesses vindo? Não podíamos continuar dependendo tanto dos Gordons, nossos velhos amigos. Não acreditas, meu filho, que se hajam cumprido insondáveis designios de Deus? Se puderes, tranquiliza a teu pai e a mim também, neste transe tão amargo, revelando conformação e paciência; e se não fôr agravo aos teus padecimentos intimos, acompanha-nos, amanhã, no officio religioso em intenção da paz de Madalena no seio de Deus.

As considerações maternas, ditas com inflexão de imenso carinho, atingiam fundo o coração do filho.

— Logo que possas levanta-te — prosseguiu passando-lhe a mão pelos cabelos — recorda as nossas necessidades de trabalho, pensa nos teus irmãos!...

Ele continuou silencioso, não obstante os inestimáveis resultados da exortação instantânea e humilde.

Tão logo a progenitora voltou ao interior da casa, elle começou a meditar mais seriamente na sua necessidade de reacção. Não seria egoismo isolar-se, de modo absoluto, na dor que o acabrunhava? Cumpria não agravar as tribulações maternas, nem tão pouco abandonar o progenitor, em meio de tantos empreendimentos iniciados. Nada no mundo poderia cicatrizar a úlcera que se lhe abrira na alma e contudo era preciso oculta-la, retomar a charrúa cotidiana e renovar as disposições, a fim de não parecer covarde. Com grande esforço levantou-se. A contemplação da natureza ambiente não lhe devolveu as alegrias primitivas. A magnífica paisagem americana assumia, agora, a seus olhos, o aspecto de um cemitério adornado de árvores esplêndidas em apoteóse de flores.

A missa do dia immediato foi particularmente penosa para o seu espirito afetuoso. Os Gordon e os Davenport ocupavam os lugares mais destacados do interior da capella, enquanto os escravos assistiam, á certa distancia, olhando-o com olhos piedosos. O pobre rapaz, entrajado em rigoroso luto, não sabia como disfarçar por mais tempo as emoções que lhe estrangulavam a alma sen-

sível. Ao terminar o officio, quando recebeu o último abraço de condolencias, sentiu um grande alívio.

Agora desejava ardentemente embarcar para a França, ao menos para visitar o tumulto da companhia inolvidável e rever os sitios inesquecíveis da sua efêmera ventura conjugal; mas o professor de Blois annunciava sua vinda breve, e definitiva, acompanhado de Suzana. Jaques revelara, em todos os trechos da carta amarguosa desolação. Também fôra vitima da enfermidade terrível. A escola amada estava extinta. E pretendia embarcar, sem perda de tempo, atendendo aos rogos da filha, aflita para afastar-se do teatro de acontecimentos tão tristes.

Cirilo ponderou que seria conveniente espera-los. Certo lhe trariam pormenores que ansiava por conhecer. Daí por diante, duplicou as proprias tarefas, buscando no trabalho lenitivo á mágua profunda que o devorava. Taciturno e, nada obstante, energico e resolutivo, levantava-se quando as estrelas ainda luziam no firmamento, compartilhando no esforço rude dos escravos. Costumava fazer as refeições no campo e só regressava ao lar quando os astros da noite começavam a luzir.

O quadro doméstico prosseguia sem alterações, quando a chegada de Jaques com a filha veio suscitar assuntos novos. Diariamente, á noite, renovavam-se as palestras animadas, em casa de Samuél, ou na de Abrão, ao ritmo da curiosidade geral pelas noticias do Velho Mundo. O espôso de Madalena lograra algum conforto com a presença do generoso amigo e, fumando o seu cachimbo, calado, ouvia as dolorosas descrições da epidemia que flagelara as populações francesas do norte. De quando em vez Suzana intervinha no assunto, com sutileza, por dar impressões pessoais. Contara a todos que não pudera abraçar Madalena Vilamil na hora extrema, porém tivera oportunidade de acompanhar Antero de Oviedo nas derradeiras homenagens devidas á D. Inácio. Dada a sua presença em Paris, podia descrever os quadros impressionantes da capital franceza, — circumstan-

cia que frisava com entusiasmo — carregando nas tintas negras para produzir maior efeito no auditorio atento e estarrecido.

Cirilo guardou carinhosamente a cópia das anotações de sepultamento colhidas pela prima, em Paris. O fúnebre documento, aos seus olhos, era o último capítulo da realidade sem remédio.

A situação em "Nova Irlanda" era muito próspera. As duas fazendas realizavam vultosos negócios. Com a vinda dos dois colonos tão importantes, ia resolver-se um grande problema, que era o da escola. Abrão Gordon já havia ponderado o assunto e resolvido procurar um professor para o grande centro rural. O educador de Blois, todavia, atendeu com vantagem á semelhantes necessidades.

Espírito corajoso e realizador, em poucos dias iniciava o movimento de instrução primária, entusiasticamente aplaudido por todos os companheiros. As fazendas vizinhas interessaram-se igualmente pela iniciativa. Crianças de longe vinham matricular-se nas aulas prestigiosas, dirigidas por um professor de reconhecido merito.

Notava-se em Suzana uma transformação singular, parecia outra, ali assim, no ambiente americano. Renunciara aos habitos frívolos, punha de parte a ociosidade e auxiliava o pai nos trabalhos escolares. O próprio Jaques estava impressionado com aquela transformação. Com alto senso psicologico de mulher, Suzana dividiu turmas em classes, estabeleceu melhor aproveitamento dos horários, arregimentou planos surpreendentes. Conhecendo o interesse de Cirilo pelos escravos, consagrou parte do dia á instrução dos filhos dos cativos, visitava as senzalas pela manhã, ministrando noções de higiene e ensinando o melhor meio de lograr harmonia doméstica. Lançou a idéia de um grupo musical formado pelos servos, iniciativa que alcansava enorme êxito, após algum tempo de laboriosa preparação.

Tornara-se, enfim, credora da estima geral, esforçava-se por ser util a grandes e pequenos, sem embargo dos sentimentos menos dignos que lhe moviam o coração. Tornara-se a alma de todas as realizações mais intimas,

pela afabilidade com que dissimulava as intenções. Não somente se consagrava ao trabalho gratuito em beneficio das crianças necessitadas como organizava os serviços da capela, cooperava em todos os misteres de assistencia aos enfermos, prestava auxílio eficiente aos matrimonios improvisados.

Não raro, chegavam a Hartford pequenas turmas de jovens orfãs ou de outras candidatas ao matrimonio na colonia, onde o numero de homens sobrepujava, de muito, o de mulheres e constituia espetáculo interessante a parada dos rapazes do campo, consultando as qualidades das futuras esposas. Raramente examinavam-se os traços de beleza fisica. Quasi todos, porém, se interessavam pela saúde das que reuniam melhores requisitos de capacidade para o trabalho, como fôsem rigeza de pulsos e tornozelos. Os serviços da colonia exigiam pesados esforços físicos, ou então longas caminhadas através das lavouras. As concorrentes julgadas incapazes, difficilmente conseguiam noivar.

As familias de tratamento entretinham-se em assistir as interessantes competições, encontrando nelas inesgotavel assunto para serões humoristicos. Jaques Davenport chegara mesmo a observar que o novo continente era a primeira região do mundo na qual a mulher deveria vencer, longe da moda e da faceirice femininas.

Em tal ambiente, era de prever que Suzana Duchesne interessasse a todos os rapazes de nobre educação. Inteligente e afavel, estimada por toda a comunidade, dado as suas iniciativas de trabalho, entrou a ser requestanda com empenho. E contudo, ela se mostrava insensível ás atenções de Carlos Gordon, que a cortejava francamente. No intimo, Suzana recalcava o seu despeito bem feminino, ao verificar que o primo, cuja afeição não hesitara em conquistar mediante um crime, dava-lhe a impressão de não lhe perceber a presença, senão como irmã desvelada e sincera.

E' verdade que o tempo lhe desfizera a sombria catadura, como se se houvesse afeição á propria dor, sem conseguir alija-la. Nunca mais, contudo, voltou a ser o mesmo homem de alegria sem mácula. A tacitur-

nidade das primeiras semanas de viuvez foi substituída por constante retraimento e o riso franco e sonoro de outros tempos transformou-se em discreto sorriso, ainda assim, raro. Decorrido o primeiro ano, em que sobrepujara todas as expressões individuais em serviço efetuado, a família começou a preocupar-se com a sua viuvez.

Constancia, instigada pela sobrinha, por trás dos bastidores, certa noite em que se achava a sós com o filho, chamou-lhe a atenção para o caso. Muito delicada, evidenciando nobre prudência maternal, começou a dizer sensibilizada:

— Na verdade, tua situação de viuvo me preocupa muitíssimo. Não achas acertado refazer o destino, cogitando de um novo lar? Ai já tens a casa que a falecida, de saudosa memória, não logrou desfrutar. Quando te vejo a cultivar, sózinho, as roseiras e fruteiras, sinto que o coração se me aperta no peito!... Mais vale abandonar aquelas plantações, que só teriam significação se tivessem a consorte ao lado.

O rapaz não podia perceber a intenção materna e ponderou com sinceridade cristalina:

— Tenho a impressão de que Madalena me acompanha em pensamento. Já em Paris havíamos combinado os dispositivos ornamentais desta vivenda. As roseiras do portão, o cultivo dos pessegueiros e mesmo a frente da casa para o rio, são idéias dela, que não poderei esquecer. Se me não ficou ao menos um filhinho para beijar, guardarei essas lembranças em penhor de fidelidade á sua memória.

— Concordo com a nobreza de tuas recordações mas não posso aprovar a solidão em que vives. Suponho que poderias aliar as saudades aos imperativos da vida real, ao demais, moço como estás.

Aparando de pronto a mal disfarsada sugestão, Cirilo respondeu:

— Julgo, minha mãe, que ninguém pode amar duas vezes.

— Será talvez um engano, pois os afetos da vida não se confundem nunca. Como espósa e mãe, conheço o amor em fórmulas diferentes e estou habilitada a dizer

que estimo o marido e os filhos, com um só coração, mas a cada um de certa maneira. E quando minha experiência fôsse particular, has de convir que, se muitas vezes ha consorcios de amor, tambem não faltam os de conveniencia.

— A senhora não admite que um homem possa viver sózinho?

— Não vou tão longe, mas não vejo razão para que um rapaz, na tua idade, se isole totalmente da vida, como vens fazendo.

— Mas... por que? — indagou Cirilo intrigado.

A boa senhora teve certa dificuldade em condicionar a resposta, mas, num momento, encontrou boa saída invocando os argumentos religiosos:

— Ora, meu filho, se Jehovah se preocupou com a molitude de Adão no Paraíso, dando-lhe a companhia de Eva, que não sinto eu, na minha fragilidade maternal humana, ao ver-te sempre isolado e triste? E a verdade é que Deus estava no céu e nós estamos no mundo...

— Mas o Criador — disse o rapaz esforçando-se por sorrir ás delicadas sugestões maternais — não deu a Adão duas Evas...

A progenitora tambem sorriu meio contrafeita e contudo prosseguiu firme:

— Deixemo-nos de humorismos. Eu estou encarando a sério a situação. Ouve-me, filho: por que não esposas Suzana, para que nossa alegria se complete? Tua prima sempre te acompanhou os passos com extrema fidelidade. Desde a infancia que se interessa por teu bem-estar e procura o teu coração. Jamais lhe ouvi qualquer censura aos respeitaveis sentimentos que te levaram ao primeiro matrimonio. E' um coração afetuoso, dedicado, fiél. Não seria a criatura talhada para te restituir a ventura que bem mereces? E não seria louvavel que lhe oferecesses agora o teu braço protetor?

Cirilo esboçou um gesto de quem via confirmadas certas suspeitas mais íntimas e afiançou:

— Desde a chegada do tio Jaques, noto de fato, na prima umas tantas pretensões, mas a verdade é que não

posso esposa-la. Não se deve mentir nem mesmo ao proprio coração.

— De qualquer maneira, porém — acentuou D. Constancia — não se justifica a solidão em que vives. A propria Madalena, se estivesse conosco, não concordaria com semelhantes atitudes.

Cirilo deu a entender que os alvitres seriam objeto de acuradas meditações, mas estava longe de pensar que a investida materna representava o início de cerrada ofensiva familiar, a-fim-de lhe modificarem os pontos de vista.

Daí por diante, entrou a reparar mais detidamente nas atitudes mínimas de Suzana, compreendendo-lhe as razões sutis no tratamento generoso dispensado aos seus homens de serviço. A pretexto de atender ás crianças negras, ela percorria frequentemente as zonas de trabalho rude, distribuindo sorrisos e palavras de conforto. Cirilo começou a pensar naquelas necessidades do homem moço, isolado no mundo, sem assistencia afetuosa de uma alma feminina e sem o estímulo dos filhinhos, cousas que sua mãe fazia questão de salientar, quasi todas as noites, no serão doméstico. Por vezes, as idéias batalhavam-lhe no cérebro oprimido. Via-se á frente de caminhos de luta áspera, em que necessitava vigilancia para não cair. Assediado por uma torrente de opiniões, chegava a temer que as idéias proprias lhe faltassem no momento oportuno. A idéia de segundas núpcias lhe causava tal ou qual repugnancia. Sempre considerara o amor como patrimonio intransferivel. Era impossivel bipartir a alma, trair os estos espontaneos do coração.

Os meses corriam em tensas expectativas para a filha de Jaques, quando inesperado acontecimento veio imprimir novo rumo á situação.

Certa manhã de um radioso domingo, após o culto, o ancião de Belfast procurou Suzana, declarando-se mensageiro de grave assunto, que desejava examinar a sós com ela. A joven atendeu, algo perturbada, visto não

contar com a assistencia do progenitor, que se encontrava ausente.

Logo que se defrontaram a sós, na saleta particular, Abrão Gordon expandiu-se com alegria:

— Não te vexes — exclamou sorridente, com ares patriarcaes — teu pai não ignora o que te venho dizer. Conversamos ontem á noite, tendo-me ele asseverado que o caso não lhe reclama a autoridade paternal e sim o teu coração de filha.

— Mas, que vem a ser tudo isto, “tio” Abrão? — interrogou a joven obedecendo aos costumes familiares, com a designação mais íntima.

— Di-lo-ei sem circunlóquios — respondeu o ancião sorridente: — E’ que a colonia está precisando de gente nova e novos lares, e Carlos me incumbiu de consultar-te quanto á possibilidade de um enlace, que a todos nós se afigura auspicioso.

Suzana descorou. Não esperava tal cousa. A presença do velho amigo, que se habituara a respeitar desde menina, impunha-lhe uma resposta leal. Mas a sinceridade e nobreza da consulta causavam-lhe estranha emoção. Admirava Carlos Gordon, como rapaz culto e digno, mas não conseguiria ir alem disso. Pois que se lhe impunha formal recusa, procurava, debalde, os recursos da palavra.

— Diga, Suzana — continuou o ancião solícito — por que te perturbas? Considera que não tens nenhum compromisso.

E vendo que ela não lhe retribuia em satisfação o que lhe oferecia com tanto júbilo, calculou a luta íntima que lhe ia na alma e procurou socorrê-la:

— Teus olhos razos dagua, tanto quanto a expressão do rosto, são assaz eloquentes para mim. Já sei que não podes preencher o futuro de Carlos, tal como o imagina ele.

Nesse comenos, sentindo-se fiélmente interpretada, a joven Suzana prorrompeu em pranto, dando a perceber que nutria velhas máguas. Abrão tocado pelas profundas experiencias da vida, inclinou-se paternalmente e disse:

— Acaso, terás sentimentos que eu não possa conhecer? Não creio que andes indiferente nesta nossa Nova Irlanda. Naturalmente, has de ter inclinações que ignoro. Carlos e João são filhos do meu lar; Cirilo é também meu filho por afinidade. Tuas lágrimas revelam alguma cousa em teu coração, que eu preciso conhecer. Porventura, aguardas o braço de Cirilo para penetrar os mistérios do amor?

A tais palavras, ditas em tom de imenso carinho, a filha de Jaques levantou o olhar e fez um gesto afirmativo, que não podia deixar margem a qualquer dúvida.

— Pois bem — replicou o generoso velhinho revelando carinhosa compreensão — fica descansada, eu mesmo me entenderei com Cirilo.

Ela esboçou um gesto de reconhecimento e falou:

— “Tio” Abrão, tendes sido para mim um segundo pai; entretanto, não desejo ofender os sentimentos nobres de Carlos.

— Ora essa! Não te incomodes com isso. Meu filho não saberá desta nossa palestra. Dir-lhe-ei que, informado da tua preferencia, resolvi não tocar no assunto, visando a completa felicidade de Cirilo.

— Como vos agradeço! — murmurou a joven osculando-lhe ternamente as mãos.

E enquanto o ancião se retirava, Suzana experimentava novas esperanças banhando-lhe o coração.

Na noite daquele mesmo dia, Gordon solicitou do filho de Samuel uma entrevista em particular.

Cirilo o acompanhou a um canto da extensa varanda, não isento de alguma inquietação. A influencia do velho amigo dos Davenport era sempre decisiva no seu caminho. O que Jaques conseguia dele por efeito de amor, Abrão igualmente obtinha por força de autoridade moral. Algo perturbado, o filho de Constancia seguia-lhe os gestos mínimos, até que o padrinho começou a falar, depois de longas reflexões:

— Meu filho, venho tratar da solução de um problema de importância capital para as nossas famílias; contudo, espero que me compreendas a intenção, como se exposta fôsse por teu proprio pai!...

— Sou todo ouvidos, replicou o rapaz, considerando a solenidade do preambulo.

— E' que, — continuou o velho com bondade — não podemos concordar com o teu isolamento, e talvez saibas que Suzana te ama desde a adolescencia.

— Mas eu já me casei uma vez... — redarguiu Cirilo, desejando fugir ao assunto.

— Isso, porém, não impede a recomposição da vida.

— Não me sinto bem ao pensar nisso. Por vezes, tio Abrão, quando essas idéias me ocorrem, tenho a impressão de me trair a mim mesmo. O amor conjugal, a meu ver, é unico, insubstituivel. Sempre encarei o segundo matrimonio como taça vazia. Que teria, então, para oferecer a Suzana?

— Essas idéias, crê, não passam de fantasias, sem fundamento no plano das realidades positivas. Sou casado em segundas núpcias e nem por isso me considero o piór dos homens.

O rapaz experimentou um leve abalo, visto não ter encarado o problema sob esse aspecto, firme no proposito de insular-se no seu infortunio, em culto de eterna saudade.

Gordon continuou:

— Entretanto, compreendo os teus escrúpulos, até certo ponto. A mocidade nos enche o coração de sublimes idealismos. Todavia, as vozes da experiencia são muito diversas. Sei da saudade que te empolga o espirito afetuoso, mesmo porque, dada a tua conduta presente, parece-me que a espôsa morta resumiu no mundo o conjunto dos teus melhores ideais; no entanto, poderás guarda-la na memória como simbolo de inspiração, como página viva a reler, diariamente, no imo dalma, a-fim-de criar uma nova situação feliz. A primeira mulher foi a jardineira cuidadosa e fiél, que te deixou o perfume de lições sacrossantas para toda a vida, mas não ha esquecer que não estás fóra do jardim da vida.

Cirilo não respondeu, engolfado em profundo cismar.

— Julgas, porventura, meu filho, que Nova Irlanda poderia progredir sómente á expensas de nobilissimos ideais? Muita vez tenho ouvido tuas apologias calorosas

á opulencia da terra que nos foi confiada. Repara o massiço da vegetação luxuriante que se perde na noite, observa como o rio vai espalhando a vida silenciosamente. Toda a extensão vastíssima, que o nosso olhar abrange, espera o braço do homem. Meditemos nesse imperativo da natureza. A criatura viverá pelo coração, mas necessita aplicar e multiplicar os braços para colaborar na obra divina. A floresta requer cuidado, a terra aguarda o intercambio das sementes no seio fecundo, o curso dagua reclama retificações para trabalhos proveitosos, os campos mais áridos sonham com um braço do rio!... O mundo material é uma tenda de esforços infinitos, onde fomos chamados a colaborar com o Criador no aperfeiçoamento de suas obras. E' impossivel a cooperação perfeita, sem lar e sem prole.

O filho de Samuel desejava confutar, expender argumentos ponderosos, mas a autoridade patriarcal de Gordon era sempre sagrada aos olhos de todos. As razões por ele invocadas, frutos de madureza e bom-senso, também lhe pareciam dignas de ponderação e respeito. A-final, o venerando ancião sempre tinha uma preocupação mais elevada pelo bem coletivo, uma observação sensata, colimando o supremo alvo da vida — perpetuar a especie. Sua dedicação aos problemas da gleba, manifestada não apenas teóricamente mas exemplificada com sacrificios, era um dos muitos predicados que lhe realçavam a personalidade. Todavia, examinando e profundando os mais abscondidos ditames do coração, Cirilo sentia-se estranhamente angustiado, quando compelido a conjecturar um segundo matrimonio. Sem dúvida, a prima cumulava-o sempre de gentilezas e deferencias especiais. Associava-se, de bom grado, aos seus planos de serviço, amparava-lhe os empreendimentos com o prestigio pessoal adquirido por sua afabilidade, junto de todos os servidores. A seu ver, ela corresponderia ao papel de uma boa amiga, mas não poderia jamais substituir Madalena, no seu coração. As afirmações de Gordon, todavia, eram ponderáveis. Apresentavam argumentos mais fortes que os maternos. O ancião de Belfast não se referia apenas a interesses pessoais, mas á coletividade,

no impessoal, ao mundo, á obra de Deus por intermedio da natureza.

Reconhecendo-lhe a necessidade de raciocinar, o tio fizera longa pausa, voltando a insistir:

— Espero, pois, medites o assunto e nos proporcione a certeza da breve restauração do lar, para que "Nova Irlanda" se enriqueça, mais tarde, com a tua descendencia...

Forçado a tomar atitude decisiva na resposta ao velho amigo, mas querendo adiar um compromisso formal, o rapaz obtemperou sensatamente:

— Por enquanto, creio que não devo me pronunciar em definitivo, reservando qualquer decisão para depois da visita que tenciono fazer ao tumulto de Madalena, em Paris.

Abrão Gordon, porém, considerou que a resposta equivalia a meio caminho andado.

A situação do restrito ambiente de "Nova Irlanda" continuava, assim, a ensejar ansiosas expectativas em torno do caso de Cirilo. A renúncia de Carlos em favor do companheiro, tornando-se arredo, sem que o filho de Samuel pudesse atinar com a causa do seu retraimento, imprimia nova fôrça á opinião dos palradores. O rapaz sentia-se cada vez mais apertado no círculo dos comentarios familiares, enquanto a filha de Jaques continuava agindo. O generoso professor de Blois não encarava os boatos com simpatia espontanea, mas também não desejava intervir em decisões de tal natureza, não só porque poderia parecer egoista ao sobrinho, como ingrato e insensível á filha, que já lhe havia confiado seus votos mais íntimos, por ocasião do casamento de Madalena.

Tão logo marcou a viagem para França, com o fito de visitar o sepulcro da espôsa, Cirilo notou que Suzana desejava a mesma cousa. A joven temia, intimamente, que o primo pudesse encontrar algum fio isolado da sombra teia e dispunha-se a segui-lo em jornada tão penosa, com a intenção de vigiar-lhe os passos. Em face das objeções familiares, alegou que precisava de material escolar para imprimir novo impulso aos seus trabalhos educativos. A-fim-de não agravar a preocupação dos pa-

rentes, deliberou levar Dorotéia, uma das pequenas irmãs de Cirilo. Declarava-se desejosa de visitar, igualmente, a sepultura inesquecível e aproveitar o ensejo para rever antigas relações em Paris.

E não houve como dissuadí-la. Após mais de dois anos de ausencia, o marido de Madalena regressava á França, assomado de amarissimas recordações. Não estava propriamente alquebrado, pois o trabalho contínuo do campo dotara-o de singular robustez; no entanto, o olhar reservado, a comunicabilidade esquiua, davam conta da profunda mudança operada.

A chegada á capital francesa, depois de longos dias de viagem exaustiva, verificou-se sem incidentes dignos de menção, a não ser a gentileza crescente de Suzana.

Cirilo procurou avistar-se com os velhos amigos, que o receberam alegremente. Cada paisagem, cada rua, assinaladas pelos antigos hábitos, foram outros tantos espiculos de consternação. Os antigos companheiros pintavam-lhe ao vivo as cenas tétricas e inesquecíveis da varíola devastadora. Muitos sêres caros haviam partido para sempre. Em companhia de Suzana, visitou a casa de Santo Honorato, o recanto adorável de sua primeira ventura. Os novos locatarios simpatizaram com ele e o convidaram a rever o interior da antiga morada, em atenção aos ascendentes da visita. Penetrou nos aposentos comovido e reverente, dando a impressão de ingressar num santuario muito amado. Suzana descrevia-lhe o derradeiro quadro, indicando o local onde repousara D. Inácio Vilamil, pela última vez, junto do sobrinho enlouquecido de dor. Cirilo foi mais longe. Avistou-se com a serva que sobrevivera a tantos infortúnios, vendo confirmadas as reminiscencias angustiosas, de que a prima parecia intérprete fiél. Das relações afetivas da extinta encontrou apenas Colete, que se referiu á morta com lágrimas copiosas. Não conseguira vê-la no extremo instante, mas fôra informada do seu passamento logo após a nuvem de sofrimento que abafara Paris, por várias semanas, acrescentando que seu tumulo no cemitério dos Inocentes, era objeto do seu carinho constante.

Onde, porém, as impressões se tornaram mais dolo-

rosas, foi justamente na silenciosa mansão dos mortos, quando lá chegou ao entardecer, em companhia da prima e da irmãzinha.

Aproximou-se das duas campas com respeito infinito e ajoelhou-se junto á lousa que tinha o nome de Madalena. Reparou no róseo coração de mármore, atravessado por um punhal, símbolo profundo que devia á lembrança do tio Jaques e, esmagado pela saudade soluçou longamente. A presença da prima não lhe impedia o pranto copioso. Mergulhado em preces não reparou que Suzana retirava da bolsa um papelinho. A joven parecia reler velhas palavras, tocada igualmente por vibrações de indizível tristeza. Tratava-se da carta que a filha de D. Inácio lhe escrevera para a Irlanda. Depois, ela aproximou-se de leve e entregou a carta ao primo, dizendo:

— Veja, é da nossa querida morta.

Ele mergulhou os olhos sofregos no documento. Entre muitas outras advertencias afetuosas, lá estavam as recomendações de Madalena: — “Não deixes de amparar... Cirilo, durante minha ausencia. Se eu pudesse, aí estaria para ajudá-lo a resolver com os nossos familiares os problemas emergentes, mas circunstâncias imperiosas se opõem aos meus desejos. Confio, entretanto, na tua amizade. Aconselha-o. Auxilia-o como se fôsses eu mesma.”

O rapaz beijou o papel e falou comovidamente:

— Ninguem se desvelava tanto por mim.

Deixemos agora o filho de Samuel Davenport entregue á sua luta espiritual e voltemos á chácara modesta de Ávila, onde passaremos a examinar um novo acontecimento.

Precisamente um ano depois do auxílio prestado ao Espirito de Antero de Oviedo por aquela que lhe fôra mãe adotiva na Terra, nascia o primeiro filhinho de Dolores.

Todos esperavam aquele advento com alvoroçada alegria, mas a criança causou a maior decepção. A mãozinha e pé direito apresentavam-se deformados, e não só isso, como singular defeito do aparelho visual. A mão tinha apenas dois dedos, enquanto que o pé os tinha

tortos e retraídos. No primeiro dia, os pais tentaram encobrir o fato, acabrunhados e receosos; mas a velha serva, que servia de parteira na grande propriedade dos Estigarríbias, levou a notícia a D. Alfonso, cujo pai não admitia a existência de aleijados em seus domínios.

Na manhã do segundo dia, João de Deus foi chamado pelo amo mais moço que lhe falou irritado e severo:

— Has de reconhecer que fomos bastante generosos por ocasião do teu matrimonio, mas a fazenda não pode sustentar crias anormais.

O pobre pai não ignorava a sorte reservada aos pobrezinhos que nasciam assinalados por estigmas dolorosos, incapazes para o trabalho e respondeu humildemente:

— Já sei, senhor, mas peço-vos pelo amor de Deus não seja meu filhinho eliminado, pois hoje mesmo dar-lhe-emos novo destino.

D. Alfonso aquiesceu, enquanto o desolado servo regressava ao ambiente doméstico. Depois de comunicar á espôsa o ocorrido, misturou com as dela as suas lágrimas, deliberando recorrer á bondade de D. Madalena, para que a criança fôsse devidamente socorrida. Ponderaram as dificuldades extremas da generosa benfeitora e acanhados de lhe falar diretamente, resolveram chamar a pequena Alcione que, de certo, os auxiliaria com a sua ternura infantil.

Atendendo ao chamado, a graciosa menina aproximou-se curiosa do berço improvisado:

Dolores esforçou-se heroicamente para não chorar, e falou:

— Mandei buscar-te, Alcione, para dizer que o pequenino é teu e de tua mãe!

A menina arregalou os olhos de alegria, entremostrando assombro infantil. Sem nada dizer, estendeu os bracinhos com sublime expressão de doçura. João de Deus envolveu o filhinho na vestidura rendada que Madalena havia dado e ajudou-a a segurar a criança. Alcione exultava de alegria. Com enorme cuidado, voltou á casa, provocando a admiração maternal.

A espôsa de Cirilo surpreendeu-se. Transbordante de

júbilo, Alcione mostrou-lhe a criancinha, murmurando:

— Julgo que a cegonha deixou cair o pequenino em lugar errado. Deus não o mandou para Dolores, porque ela me disse que o bebê é meu e da senhora!

— Não é possível — afirmou Madalena curiosa.

A filha fez um gesto de quem não desejava qualquer modificação na providencia e sentenciou:

— Ah! mamãe, não fale assim...

E como que buscando uma defesa prévia, aproximou-se mais da mãezinha e continuou a dizer com graciosa expressão:

— Se a senhora o deixar comigo, nunca mais pedirei brinquedos... e carrega-lo-ei ao colo, para não lhe dar trabalho...

A progenitora supunha que tudo aquilo não passasse de capricho infantil e acrescentou:

— Não podemos separá-lo de Dolores, minha filha!

Terias coragem de vê-lo chorando, longe da mamãe?

João de Deus acompanhava o dialogo, afogando o coração em lágrimas, mas vendo que Alcione se preparava para responder, pediu á D. Madalena um momento de atenção, em particular, e falou gravemente:

— Minha senhora, conhecemos as vossas dificuldades; entretanto, não temos outra fonte de caridade a que possamos recorrer. Ignorais, talvez, que aleijados ou cegos de nascença, dos escravos de algumas fazendas coloniais, são eliminados ao nascer. Os Estigarríbias adotam esse regime. E' verdade que Dolores não tem o estigma do cativo, mas tenho-o eu, infelizmente, na qualidade de pai. Hoje de manhã, D. Alfonso me chamou para tratar do caso e acabou por intimar-me a consumir com o desgraçadinho.

— Mas isso é uma imposição criminosa — atalhou a filha de D. Inácio.

— Ainda assim, é tradicional na colonia, onde os brancos têm filhos, mas os pretos só têm crias. Seria talvez interessante reclamar e defender meus direitos, mas sei que nada adiantaria, ou antes, que me valeria o ser reconduzido a ferros para os duros trabalhos da minha primeira mocidade.

— Compreendo...

— Lembramo-nos, então, Dolores e eu, de solicitar-vos este sacrifício. Por quem sois, ajudai-nos a salvar o pequenino.

Madalena considerou os apuros em que se via para manter o exiguo lar, mas, profundamente comovida não hesitou um minuto e respondeu:

— Não julguei que se tratasse de problema tão grave; mas já que assim é, vocês devem contar conosco. Seu filhinho será também meu. Dolores virá amamentá-lo, em minha companhia, e por tudo o mais fiquem descansados, porque o petiz será o irmão mais moço de Alcione.

— Será vosso servo — murmurou o semi-liberto, enxugando uma lágrima.

— Será meu filho, — confirmou a filha de D. Inácio voltando incontinenti á sala, onde a criança choramingava nos braços carinhosos da filha. Tomou-a e conchegou-a ao coração. Não saberia jamais definir as doces comoções que se lhe apossaram da alma generosa. Acariciou a mãozinha defeituosa, beijou-a com ternura. O recém-nascido aquietou-se brandamente. E enquanto João de Deus se despedia, para atender ao labor diuturno, a espôsa enfermiça de Cirilo Davenport mergulhava num abismo de profundas interrogações. Por que misterio o filhinho de Dolores ia reclamar seus carinhos maternais? Contemplou-lhe detidamente os traços grosseiros, aliados aos defeitos físicos que lhe haviam assinado tão doloroso destino. Mergulhada num mar de cismas atroztes, rogou a Deus lhe concedesse forças para desempenhar a tarefa maternal até o fim. Não ignorava a extensão dos sacrificios que a decisão lhe impunha nas lides diárias... No entanto, a criança reclinada ao seio parecia falar-lhe intimamente de um infinito reconhecimento. Não podia contar com as proprias forças, mas habituara-se a confiar na misericórdia de Deus.

A' noite, como de costume, Padre Damiano apareceu para o serão habitual.

Relatou-lhe o fato da manhã, extremamente comovi-

da, comentando o carater inexplicavel das suas comoções, e o velho amigo acentuou:

— Deus tem numerosos meios de aproximar as almas. Quem poderá saber de onde vem esta pobre criança tão penosamente assinalada do berço? Estejamos preparados para cumprir os celestiais desígnios e agradeçamos sinceramente a emotividade maternal que bafejou seu coração!

Mal acabava de o dizer, Alcione entrou na sala com a criança ao colo. Depois de saudar afetuosamente o sacerdote, apresentou-lhe o "seu bebê" com requintes de zelo.

— Este menino, padre Damiano, foi a cegonha quem trouxe do céu, para mamãe e para mim. Veja como é bonito!...

O eclesiástico tomou o petiz, cuidadosamente, enquanto a menina o ajudava a segura-lo convenientemente nos braços e murmurando:

— Sem dúvida, é um belo rapaz que Deus nos mandou.

Em seguida, fixou nela os olhos e interrogou, após uma pausa:

— Como se chama?

Alcione lembrou a história que mais admirava, entre as que a mãe costumava respigar das obras irlandesas, que o marido lhe deixara, e voltando-se para a progenitora, como a pedir-lhe aprovação, respondeu:

— E' Robbie.

— Um lindo nome das terras de teu pai — disse o religioso, revelando interesse. — E por que o escolheste?

— O senhor não sabe a história?

— Não. Conta-a lá...

A pequena Alcione assumiu encantadora attitude, por coordenar detalhes na mente infantil, e explicou:

— Robbie era um menino que a cegonha esqueceu numa rua, quando todos dormiam, mas depois foi achado por uma senhora de bons sentimentos, que o criou para as cousas de Deus. Muita gente o julgava insupportavel porque era muito feio, mas era tão generoso e tão humilde que recebeu de Jesus uma grande missão.

— Lembraste muito bem, Alcione, e estou certo de que o Salvador ha de amparar este nosso Robbie.

O sacerdote examinava a criança com atenção. Depois de observar-lhe o defeito dos olhos, examinou o pé e a mãozinha mirrados.

— Parece doentinho — acrescentou um tanto impressionado. Acredito que não poderá trabalhar muito bem quando ficar homem.

Alcione havia-se assentado em attitude espectante e ouvindo a alusão do velho clérigo, acrescentou solícita:

— Mamãe já falou isso, mas o senhor não acha que o Robbie poderá aprender música?

Damiano compreendeu o alcance da infantil lembrança e opinou satisfeito:

— Muito bem lembrado! Estudará em nossas aulas e, quando crescer dar-lhe-emos um violino de Cremona.

A menina bateu palmas de contentamento, como se houvera resolvido um problema de alta relevancia e aproximando-se do sacerdote retomou o petiz com infinitos cuidados, enquanto a mãe lhe acompanhava os movimentos com um olhar de ternura indefinível.

Assim regressava Antero de Oviedo ao cenáculo do mundo, para as tarefas laboriosas da redenção.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

I

O PADRE CARLOS

Estamos no decurso de 1681.

Em Ávila houve algumas modificações. Madalena Vilamil passou a residir na cidade, em casa modesta e confortavel, tendo arrendado a chácara aos Estigarribias. A educação de Alcione exigira a mudança, aliás consumada com grandes dificuldades.

A pobre senhora estava prematuramente envelhecida. Não fossem os extremos cuidados pelo Robbie e o apêgo á filha dotada de virtudes raras e preciosas, talvez já tivesse atendido aos apelos da saudade, buscando as regiões da morte. Diversas vezes, nas crises periódicas da enfermidade dos pés, abeirava-se do sepulcro, mas a dedicação maternal vencia sempre, dilatando-lhe as forças físicas. Assim oscilava ela entre os dois entes mais amados, como pêndulo afetuoso, sem qualquer preocupação pelo resto do mundo, exceto o antigo projeto de uma visita á América distante.

Afóra os propósitos ardentes do padre Damiano, relativos a uma possível missão religiosa nas terras do Novo Mundo, suas esperanças esbatiam-se em planos vagos e indefinidos. E a vida continuava entre esperanças e recordações.

Robbie tem agora sete anos, e Alcione conta dezesete primaveras. O pequeno inicia os estudos primários, enquanto a joven tem completado o curso escolar nos

moldes da época. A filha de Cirilo, protegida por Madre Conceição e sob os desvelos do Padre Damiano, sabe o latim, o inglês e o francês, distinguindo-se igualmente na música por suas formosas e inspiradas composições. No canto é a primeira voz, no côro da catedral da cidade famosa. Suas relações mais íntimas expressam singular admiração pela delicadeza feminina, aliada á vastos conhecimentos científicos. Nas reuniões mais selétas é convidada a tocar ao cravo as suas inspiradas composições. Artista por temperamento, nem por isso lhe desfalece, antes avulta e prepondera a flama, o pendor religioso. Lê os textos do Evangelho nos originaes latinos e comenta as suas passagens sob prismas novos. Dentre os que a estimam, Damiano e Madalena, não obstante a convivencia diuturna, são os seus maiores admiradores. E' que a joven, com tantos dotes de intelligência e coração, nunca teve uma palavra de superioridade jactanciosa, jamais se desinteressou do trabalho doméstico em suas minimas facetas. A filha de D. Inácio para atender as despesas domésticas teve que intensificar os trabalhos de agulha, auxiliada pela filha sempre incansavel e prestadia. Alcione nunca esqueceu os dias venturosos de lição espiritual, em companhia de Dolores, no mercado de verduras; entregava as costuras da progenitora, com a mesma humildade dos primeiros tempos. O prestígio da sua bondade granjeava para a tarefa materna maior aceitação. Como filha era um modelo de virtude familiar; como discípula tivera o louvor de todos os preceptores pela applicação irrepreensivel aos estudos; como amiga era sempre companheira afavel e carinhosa, pronta a cooperar nas situações mais difíceis, com a sabedoria do amor fraternal.

Madalena Vilamil e Padre Damiano, em tom confidencial, muitas vezes, analisaram-lhe os atos de exemplar pureza, com votos de sincera alegria e reconhecimento a Deus. A unica cousa que de algum modo os preocupava, era a indefinivel attitude de Alcione, com relação ao casamento e ao amor conjugal. Dois nobres rapazes de Avila já se haviam apaixonado por ela, sem lograrem outra retribuição que não de fraternal estima. A's vezes,

quando a progenitora lhe chamava a atenção para os imperativos da vida humana, costumava dizer:

— Ora, mamãe, sempre me pareceu que estes problemas nunca se resolverão pela necessidade e sim pelos sentimentos espontaneos. Uma necessidade atendida pode abrir caminho á outras maiores; ao passo que o sentimento é patrimonio de nossa alma eterna. Que me valeria aceitar a proposta de um fidalgo, tão só para satisfazer a situações exteriores? Não seria traír o coração que devemos consagrar a Deus?

Madalena Vilamil ouvia-a, entre satisfeita e orgulhosa. Aquele espirito de trabalho e decisão, de que Alcione dava testemunho, propinava inefavel conforto ao seu coração de mãe. O passado só lhe oferecia tormento e lágrimas. Muita vez, tivera diante dos olhos o cálice da angústia a transbordar; mas a afeição da filha era como bálsamo poderoso que anestesiava a úlcera das recordações. Sim! Alcione tinha sempre uma palavra mágica para qualquer dificuldade; um motivo de edificação nos fatos mais insignificantes. Desde que se associara ás palestras domésticas, insensivelmente a levava a esquecer os motivos do abatimento espiritual, que faziam dela uma prisioneira da melancolia, ensimesmada no seu passado. A intimidade do Evangelho dava-lhe á expressão verbal propriedades eufóricas. O exemplo de Jesus era applicado a preceito, em cada caso, apodítica e logicamente. Semelhante attitude, porem, não obedecia á posições hieráticas, a gestos estudados, a mimica do fanatismo. Tudo era espontaneo, como acontece na vida das grandes almas, que descobrem a presença permanente do Mestre em seus caminhos, sentindo-lhe a companhia divina, qual Amigo Invisível a lhes medir cada passo, cheios de compreensão e de júbilo.

Nada obstante essa dádiva de Deus á sua alma sofredora, a filha de D. Inácio não podia forrar-se a umas tantas preocupações mais fortes. O filhinho adotivo trazia-lhe o espirito inquieto, pela sua rebeldia constante. O que se dera com a educação de Alcione estava longe de vingar com a índole caprichosa de Robbie.

No tempo a que nos reportamos, começara ele a fre-

quantar as aulas de instrução primária, mantidas por Damiano, na igreja de São Vicente e todos os dias, voltava ao lar com queixas e reclamações. Interpelado, alegava as fadigas da caminhada, atento o pé defeituoso, encarecia as dificuldades para escrever com a mão esquerda, tinha sempre uma palavra mais áspera a respeito dos colegas.

Certo dia, regressou á casa debilhado em pranto convulsivo.

Madalena chamou-o, afagou-lhe os cabelos muito crespos e perguntou carinhosa:

— Que é isso? por que choras assim?

— Ah! não vou mais á escola do padre Damiano...

— Mas, por que! — meu filhinho?

— Os meninos disseram que a senhora não é minha mãe, que sou escravo dos portugueses!...

— Mas não deves dar importancia a isso, Robbie. O bom menino é obediente, não dá ouvidos a tolices. Talvez não chegasses a observar os companheiros vadios, se te entregasses inteiramente ás lições.

E vendo que o pobrezinho enxugava as lágrimas nas sáias maternas, Alcíone intervinha, dizendo:

— Perdoa, Robbie. Tu tens esquecido nossos conselhos de cada dia. Não viste ontem, na igreja, aquele menino cego? A irmãzinha guiava-o pela mão. Não tiveste tanta pena da sua cegueira e das suas feridas? Era uma criança tão infeliz e, como não podia ver padre Damiano, pediu-lhe a mão para beijar. Como não te lembras desses exemplos, quando os meninos ignorantes provocam a tua cólera? Quem muito reclama não sabe agradecer a Deus.

Como o pequeno não respondesse, Madalena perguntou:

— Quem sabe, meu filho, esqueceste de rezar o "Pai Nosso" pela manhã?

Robbie limpou os olhos ingenuos e fez um sinal de quem havia se esquecido, ao que a viuva Davenport obtemperou:

— Pois então, reza agora. A prece sempre alivia o coração.

Diante das duas — que tinham os olhos húmidos por ver a boa vontade da criança em se penitenciar, apesar da revolta que lhe vibrava no espirito — Robbie ajoelhou-se, cruzou as mãos e começou a oração dominical em tom maguado. Ao terminar, a mãezinha adotiva observou:

— Estas palavras, meu filho, são um legado de Jesus. Não reparaste na rogativa "perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores"? Trata-se de um pedido que o Salvador nos prescreveu, e se não perdoas aos teus coleguinhas malcriados, como poderás viver, mais tarde, enfrentando as dificuldades do mundo?

Entretanto, como acontece a muita gente adulta, que repete as expressões verbais, generosas e sublimes, nas orações mais significativas, sem lhes penetrar o sentido, conservando intactos a mágua da ofensa e o impulso de revide, o pequenino acrescentou:

— Mas os meninos da escola, mamãe, chamaram-me de moléque.

— Que tem isso — retrucou Madalena sensibilizada — se em casa sei que és meu filho e que Alcíone é tua irmã?

O pequeno pareceu meditar alguns momentos, enquanto mãe e filha ponderavam silenciosas a precocidade das suas objeções. Mas não tardou que ele se aproximasse da joven, que bordava com atençaõ, e depois de estender o braço, comparando as epidermes, rompesse a chorar abraçando-se a Madalena.

— A senhora está vendo? A mão de Alcíone é branca e a minha é escura; ela tem cinco dedos, eu tenho só dois!

— Deus quis assim, meu filho! — esclareceu a esposa de Cirilo fazendo o possível para não chorar também.

— Então Deus não é tão bom como a senhora falou, — advertiu — causando a ambas funda impressão.

Nesse ínterim, Alcíone levantou-se e disse, meliflua:

— Está bem, Robbie, agora chega de recriminações. Mamãe já te aconselhou, já rezaste, já te pedimos para

perdoar. Has de esquecer estas tolices. Vamos a aula de música.

O rapazelho fez uma expressão de enfado, mas foi ao quarto de dormir e voltou com o delicado instrumento. A irmã ensinou-lhe com ternura a tomar posição adequada, em seguida sentou-se ao cravo e feriu algumas notas. O aprendiz moveu o arco, dificilmente, acentuando logo a seguir:

— Creio que não vai. O ruído das cordas causa-me mal-estar em todo corpo.

— No princípio é assim mesmo — explicou a joven bondosamente — é preciso insistir.

E Robbie prosseguia no exercício, vencendo, pesadamente, os obstáculos iniciais. Exgotado o tempo regimental, Alcione tocava antigas músicas da mocidade de sua mãe, enchendo a casa de suaves harmonias.

A situação doméstica desdobrava-se sem alterações, quando Damiano trouxe a notícia da próxima chegada de um pupilo seu, que acabava de receber ordens num seminário romano. A's perguntas curiosas de Madalena e da filha, o velho amigo informava atencioso:

— Carlos é o meu único sobrinho e sempre foi credor do meu afeto. Seu pai descendia de antigos espanhóis domiciliados na Irlanda, após o desastre da Invencível Armada. Numa viagem ao continente, simpatizou com a irmã que Deus me havia dado, desposando-a pouco depois. Viveram em plena harmonia conjugal, cinco anos, quando pereceu meu cunhado num naufrágio, deixando a companheira aturdida e desolada. Por desventura da Emília, nada houve que lhe restaurasse as energias do espírito. Nem o filhinho de tenra idade, nem a fé religiosa conseguiram salvá-la da apatia a que se entregou até a morte. Debalde tentei arrancá-la da perturbação em que se engolfou sem remédio. A' hora da morte, entregou uma carta testamentária aos parentes do marido, na qual exprimia as últimas vontades, determinando que o filho único, tão logo atingisse a idade própria, fôsse internado num seminário romano, para consagrar-se ao

sacerdócio. Para isso, legava-lhe a pequena fortuna, alegando não desejar ao seu único descendente a dor incalculável da viuvez...

— Uma história bem triste — glosou Madalena Vilamil, refletindo no seu caso pessoal.

— E uma preocupação muito injusta de minha irmã — acentuou Damiano com firmeza — o pequeno Carlos esteve em minha companhia durante três anos, em sua primeira infância. Estudando-lhe o temperamento, fiz o possível por afastá-lo do caminho traçado pela determinação materna, mas seus tios irlandeses fizeram tamanha questão de atender ao espírito perturbado de Emília que não houve meios de subtrair a criança aos seus propósitos. Tive de assumir responsabilidades de tutor no seminário romano, e Carlos foi levado, talvez contra a vontade, a receber a tonsura.

— Mas sois contra a carreira do rapaz? — indagou a espôsa de Cirilo com interesse.

— Não é bem isso. Minha irmã, quando pretendeu afastar o filho das provações amargas da viuvez, ignorava os sacrifícios que dele exigia. Considero o sacerdócio tarefa sagrada, mas que ninguém deveria aceitar por imposição e sim por vocação natural, ou determinação firme, depois de grandes sofrimentos. Como Deus não se impõe ás criaturas, parece que nunca será possível tyrannizar no capítulo dos serviços divinos. O resultado é que, quando abracei o jóven seminarista ha dois anos, achei-o singularmente acabrunhado, dando-me a impressão de um homem repleto de batalhas interiores. Compadece-me da sua tremenda luta espiritual, mas nada pude fazer em seu favor.

Alcione parecia beber as palavras do caroavel ministro de Deus e enquanto ele tomava fôlego, ella obtemperou:

— E como definis a vocação religiosa, padre Damiano?

O velho sacerdote esclareceu sem rebufos:

— Antes de tudo, considero que a vocação religiosa não será o primeiro impulso para envergar um hábito convencional. Semelhante estado de espírito significará, pri-

meiramente, decisão firme para o trabalho e testemunho com Jesus. Ora, a meu ver, o lar é o primeiro dos estabelecimentos religiosos aqui na Terra. A dentro de suas paredes, nobres ou plebéias, ha sempre grandes tarefas a realizar. Que dizer de um filho que procurasse a sombra de um claustro porque seus pais vivem na luta, porque seus irmãos germanos não se harmonizam com o seu modo de pensar? Onde estaria a renúncia num caso como êsse? Certo, a virtude não estaria em retirar-se em busca de pousos mais cômodos. Se os trabalhos domésticos, porém, deixam de existir, se chegou a viuvez sem filhos, se sobreveiu o abandono do coração, em tais circunstancias admito a oportunidade de maiores sofrimentos, seja na prova rude dos que se encarceram em lágrimas dolorosas, seja nos testemunhos de amor universal, estendendo-se a dedicação fraterna a todos os sêres. Suponho que o ambiente doméstico resume a nossa officina primacial, segundo os designios de Deus. Aí se encontram material e ferramentas adequadas ao serviço da nossa salvação. Entretanto, se essa tenda nos falta, a circunstância significará talvez que fomos chamados, em nossa vocação religiosa, a importantes trabalhos de ordem coletiva.

A jóven, satisfeita com a enunciação do ponto de vista do interlocutor, não insistiu no assunto, mas Madalena perguntou delicadamente:

— E demora ainda a chegar o padre Carlos?

— Creio que não, pois já ha meses que está na Irlanda, onde celebrou a missa nova, em obediencia ao desejo dos parentes. No entanto, todas as providencias para sua instalação aqui em Ávila, estão tomadas perante as autoridades que nos regem. Tenciono tê-lo a meu lado, não só porque poderei auxiliá-lo com as minhas velhas experiencias, como tambem porque ainda não renunciei ao antigo ideal de uma excursão á América e nesse cometimento não posso dispensar companheiros de confiança.

A palestra fixou-se no plano da grande jornada, comentando-se as notícias gerais e vagas, obtidas em Castela a Velha, dos processos de vida na colonia.

Não decorrera um mês sobre esta conversa e o padre Carlos Clenaghan chegava inesperadamente, a-fim-de cooperar com o tio nos serviços religiosos da igreja de São Vicente.

Alto, magro, de maneiras excessivamente simpáticas pela bondade que evidenciavam, olhos muito lúcidos, o novo sacerdote impressionava pelo encanto do trato pessoal, dando a impressão de que se abeirava dos trinta anos. Naturalmente, a primeira visita em companhia do orientador de suas atividades, foi á casa de Madalena Vilamil, que o recebeu com sinceras demonstrações de carinho. Ao ser apresentado, porém, á filha da casa, o sobrinho de Damiano não conseguiu disfarçar a profunda impressão que lhe ela éausara. Ambos pareciam perturbados. A jóven, sentindo-se sob o magnetismo do seu olhar, empalidecera de leve.

— Alcione? — perguntou o padre, com inflexão carinhosa, não obstante demonstrar na voz a necessidade de readaptação ao castelhano. — Onde teria ouvido este nome? Tenho uma vaga intuição de já o ter ouvido.

— Entretanto, não é comum — acentuou o tio, satisfeito.

A primeira palestra não foi alem do comentario familiar de quem inicia novas relações. Carlos Clenaghan relatava as suas emoções ao contacto do altar irlandês, que lhe proporcionara o jubilo da missa nova, cantada. Falou-se da missão sacerdotal, dos serviços da igreja, das condições gerais da vida em Ávila. Alcione impressionava o recém-chegado, cada vez mais, com a ponderação do seu espírito esclarecido e afetuoso. O rapaz, que vinha repleto da teologia do seminário, de quando em quando ensaiava assunto difficil num quadro de teologia ou de história; no entanto, a filha de Madalena lhe respondia com precisão admiravel, em linguagem simples, a espelhar nos olhos a pureza do coração. Ela estava em dia com os clássicos gregos e romanos, enriquecendo a conversação de apontamentos notaveis, pontilhando cada parecer com as luzes de uma elevada sabedoria, cheia de compreensão e de amor. Ouvindo-a falar sem vaidade e afetação, o novo sacerdote tinha a impressão de ouvir

uma criança adorada, a falar da sua intimidade com Sócrates e Cícero, colocando cada filósofo no seu lugar, á face de Jesus, o amado Salvador que lhe enchia a alma de sublimes e ardentes inspirações.

Ambos experimentavam singulares idéias. Se não fôsse muito avançar, teriam declarado, num impulso espontâneo, que se haviam conhecido alhures, não obstante a filha de Madalena nunca haver saído de Castela a Velha.

O visitante retirou-se daquele primeiro encontro verdadeiramente encantado.

— Meu tio, estou maravilhado — confessou de regresso ao presbiterio — a jóven Vilamil dá a impressão de uma criatura anjelial, divinamente inspirada.

Damiano sentiu-se orgulhoso com o conceito, circunstância que o levou a pensar em pedir o auxílio espiritual da jóven, para que o pupilo firmasse diretrizes seguras na carreira sacerdotal.

No dia seguinte, Damiano chamou a amiguinha, após a missa, e falou-lhe em tom confidencial:

— Sei que as tuas orações e pureza devocional são preciosos tesouros, ante o amor de Jesus, sem que minhas palavras envolvam qualquer pensamento de lisonja a envenenar-te o coração. Falo como pai espiritual, pedindo o teu concurso fraternal para um outro filho, que assim o considero pelos laços do espírito.

— Conheço minha indignancia, padre Damiano — replicou a jóven com humildade — mas dispõe da minha insignificancia como julgardes mais acertado.

— Trata-se de Carlos, minha filha, para quem desejo o socorro de tuas sugestões fraternais. Não o vejo muito seguro em suas decisões, nos caminhos escolhidos, e temo um futuro desastre espiritual. Mas, ciente da nobre impressão que a tua sadia palestra lhe despertou, muito me agradaria que o orientasses em nossas tertúlias, robustecendo-lhe o animo vacilante na estrada sacrificial do sacerdotio cristão.

Ela baixou os olhos, entremostrando a perturbação do espírito humilde pela confiança nela depositada, e acrescentou:

— Não creio possa ter alguma cousa de mim mesma para auxiliá-lo, mas estou certa de que Jesus não nos faltará com o pábulo do seu amor inexgotável.

O velho eclesiástico não podia avaliar o efeito de suas palavras, mas reparou que a filha de Madalena voltou ao lar bastante impressionada.

Daí em diante, as visitas de Carlos á viuva Davenport repetiam-se todas as noites. Renovavam-se as encantadoras alegrias domésticas, multiplicavam-se as dissertações intimas e preciosas.

Á atração do jóven par tornava-se dia a dia mais forte. O sacerdote tinha a convicção de haurir naquela convivencia um salutar estímulo ás suas energias morais, á proporção que ela experimentava confortadora emotividade no seu trato. Ambos sentiam indefinível facilidade para o entendimento das cousas santas, sempre que se defrontavam no mesmo tema. Ele não ocultava o seu deslumbramento ao observar que a interlocutora lhe completava as elocubrações filosóficas, traduzindo em linguagem diserta os mais profundos teoremas. Começava a refletir, francamente, que Alcione constituia a personificação do seu ideal humano, a realidade viva e insofismavel dos seus sonhos mais íntimos, mas as algemas da convenção religiosa lhe atavam o espírito ao tronco do celibato.

Os dias sucediam-se com o júbilo discreto de duas almas unidas no mundo sublime das idéias e, no entanto, separadas no plano temporal.

Por vezes, o pupilo de Damiano experimentava enorme desejo de se revelar, mas a conduta irrepreensível da moça paralizava-lhe os impulsos, compelindo-o a converter toda a ansiedade num conjunto de gentilezas sutis.

Carlos interessava-se, afetosamente, por todas as cousas que a ela diziam respeito. Cooperava beneditinamente na educação musical de Robbie, acompanhava-a nas visitas aos desherdados da sorte e aos moribundos desesperados. Desdobrava-se em atenções carinhosas com as crianças que lhe ouviam as lições, simples e puras de moral cristã, e as horas de maior descanso passava-as em casa de Madalena Vilamil, ou na igreja de São Vi-

cente, quando Alcione turturina os canticos sacros do ritual. Em tais ocasiões, o sacerdote parecia alimentar o coração. O amor sincero e santo de duas almas tem mistérios profundos e singulares em suas fontes divinas. Basta, ás vezes, um gesto, uma palavra, um olhar, para contentá-lo e transfigurar a ansiedade em esperança sublime.

Isso dava ao padre irlandês motivo para cuidar-se com esmero. A fisionomia ganhava novas expressões de animo resolutivo, mais fraternal, expansivo, acolhedor no trato. Damiano tudo attribuia ao ambiente de Ávila e louvava-se pela resolução de fixar o sobrinho na Espanha, ignorando o drama silencioso de dois corações.

Alcione, por sua vez, tornara-se mais pensativa, sem nunca disfarçar, porém, a alegria que a felicitava em convivência diária com o jóven sacerdote.

A situação assim prosseguia quando chegou o Natal de 1681. A's vésperas do Ano-Bom, numa esplendorosa manhã de domingo, segundo os costumes da época, diversos rapazes presentavam as escolhidas com belos ramalhetes de flores, á saída do santuário, em terminando a missa.

Padre Carlos e Alcione contemplavam curiosamente a cena em que se recortavam os impulsos amorosos e espontâneos da juventude. Instintivamente, trocaram um olhar que dizia de toda a afetividade sublime que lhes palpitava na alma. O sobrinho de Damiano não resistiu á interpelação silenciosa da jóven que resumia os sonhos da sua mocidade e, retirando linda folha de trêvo de um jarrão proximo, ofereceu-a á dileta do coração, falando-lhe comovidamente, em tom muito discreto:

— Perdoa! Não te posso oferecer o ramallete da esperança para um noivado venturoso, mas dou-te esta folha de trêvo que é um símbolo da minha terra!

Ela recebeu a dádiva, muito trêmula, emocionada, palidíssima. Quis agradecer mas não conseguiu articular palavra. Naquela hora recebia, inesperadamente, a revelação direta do espírito que encarnava os seus mais lindos ideais de mulher. Ele compreendeu a perturbação natural e acrescentou:

— Não sofras por isso!... Quero apenas lembrar que, não fôra o compromisso assumido, poderia hoje dizer que, apesar dos meus quasi trinta anos, ousaria suplicar a Deus me concedesse a ventura de os conjugar ás tuas dezoito primaveras.

Alcione estatelou. No íntimo, obediente á lealdade, nada tinha a dizer senão que desejava, igualmente, realizar o sonho comum; que ele era o unico homem no mundo, capaz de lhe proporcionar a doce luz da felicidade conjugal, mas as convenções tambem lhe cerravam pesadamente os lábios. Aí que, notou no semblante do interlocutor algumas lágrimas que lhe corriam furtivamente dos olhos. Não pôde permanecer mais tempo na silente expectação de alma ferida. Dolorosa comoção empolgou-lhe a alma sensível e, com o pranto ardente a lhe fluir do íntimo, estendeu a mão carinhosa e trêmula, exclamando:

— Padre Carlos, pode crer que suas palavras me tocam o sacrario do coração!...

— Alcione, — falou o pupilo de Damiano profundamente comovido — se te fôr possível, doravante chama-me Carlos apenas, na intimidade. Dos outros suportarei o título de apóstolo sem o ser.

A jóven pronunciou um monossílabo que traduzia aqieciencia, enquanto o sacerdote acentuava comovido:

— Falaremos depois...

Naquela noite, em casa de Madalena, os dois disfarçavam a custo a ansiedade que lhes trabalhava no espírito. Carlos ardia em desejos de arrebatat Alcione da sala, a-fim-de lhe comunicar suas angústias infinitas, ao passo que ela implorava intimamente a Jesus lhe concedesse uma oportunidade, de modo a se lhe fazer compreendida. O ensejo surgiu, quando, após uma hora de música, o pequeno Robbie pediu ao Padre Damiano que o levasse até ás muralhas, passeando ao luar. O velho eclesiástico acedeu prazeroso. Apesar do frio, a noite ostentava beleza excepcional. Madalena fizera questão de ficar, alegando a costura e os quatro demandaram a Porta de São Vicente, em alegre entretenimento. Enquanto Damiano atendia aos caprichos do petiz, o joven

par encontrava a desejada oportunidade para expandir-se.

— Alcione, — começou o sacerdote comovidamente — o destino cercou-me o espírito de altas muralhas e colou-me aos lábios ferrea mordaca; entretanto, espero me perdões esta minha afeição sincera, pelo amor de Jesus, a quem serves com tamanho fervor. Sinto que não sei atendê-lo ainda, com o devotamento que te marca os gestos de santa e, por isso mesmo, aguardo a tua compreensão caridosa, quando não me possas retribuir em espírito...

Nunca a filha de Madalena experimentara tamanha luta íntima. O primeiro impulso do coração que ama é sempre o de consolar ou defender o objeto amado.

— Dize-me, — prosseguia o rapaz na sua paixão ardente — se de fato me compreendes e desculpas o meu desvario.

— Pelo muito que tenho chorado em minhas preces — respondeu a jóven suspirando — Jesus sabe que te entendo o coração.

A inflexão carinhosa dessas palavras não dava margem a dúvidas. Carlos Clenaghan, tão somente em face da declaração afetiva, sentia-se o mais venturoso dos homens.

— Teus olhos falavam-me, Alcione, mas eu esperei, ansioso que teus lábios confirmassem a minha felicidade. Que longas têm sido as minhas noites de longas vigílias! E' verdade que sou prisioneiro de uma convenção poderosa e terrível, mas tua compreensão e teu afeto representam, para mim, a visita e o interesse de um anjo por desventurado galé em cárcere sombrio!...

— Não digas tal, Carlos — tornou a jóven comovidamente, evidenciando embora a suprema luta íntima — o dever não pode, jamais, tornar-se um fantasma aos nossos olhos. Deus semeou a criação de infinita alegria e nós estamos no divino trabalho de acendramento espiritual. Toda obrigação nobre embeleza o caminho e não devemos andar tristes na tarefa, grandiosa ou simples, que nos foi confiada.

O sacerdote sentia a beleza da concepção, mas, obtemprou:

— Entretanto, para mim, a existencia tem sido madrastra.

— Acreditas, porém, que a vida se encerre nos dias fugazes do mundo? — revidou Alcione carinhosamente: para o nosso conceito de paz e felicidade são quasi mesquinhos os períodos de tempo que assinalam, na Terra, a infancia, a juventude e a velhice. Somos espíritos eternos. O mundo, Carlos, deve ser uma grande escola, onde o Senhor nos proporciona possibilidades benditas de trabalho e educação para a vida sem fim...

O rapaz enternecia-se ouvindo-a. Sua voz parecia vir de longe, da região da verdade e da esperança que lhe embalava os sonhos mais íntimos. Aqueles conceitos caíam-lhe no coração ferido como bálsamo precioso.

— Entretanto, — disse com inflexão amargurosa — por mais que me acolha ao manto da fé, não me furto ao pesar imenso, oriundo do voto de minha mãe, que me escravizou para sempre.

— Não inculpes tua mãe do círculo de obrigações e testemunhos que te cabem — advertiu ela criteriosamente: acima de qualquer decisão humana está Deus, que dispõe de infinitos meios para exercer sua vontade soberana. Além disso, tua mãe assim alvitando obedeceu a propositos muito dignos, oferecendo-te a Deus em doce consagração. E, se o Pai aceitou o voto maternal é que existem, certo, no conteúdo da decisão, imperativos da lei inelutavel de aperfeiçoamento pela dor.

Reparando que elle a escutava com alguma surpresa, continou:

— Crês, acaso, na afirmativa de muitos teólogos de que Deus cria as almas no ato mesmo do nascimento do corpo?

Carlos Clenaghan pareceu meditar longamente e retrucou:

— Não ignoro que muitos vultos da igreja antiga desautorizam essa opinião.

— Apesar das torvas cruzes do Santo Officio — acentuou a filha de Cirilo de olhos brilhantes — prefiro

acompanhar a corrente dos velhos pensadores, que admittiam a multiplicidade das existencias. E' impossivel, Carlos, que estejamos na Terra pela primeira vez. Os livros do padre Damiano fizeram-me sentir essa consoladora verdade. Ha quanto tempo teremos lançado as velas do barco de nossa vida, em procura do amor de Deus? Quantas vezes teremos naufragado em nossas intenções mais santas? Quantas vezes não teremos conduzido a embarcação ás penedias negras do crime? Ha mais de cinco anos, procuro ávidamente os indícios dessa lei poderosa que nos equilibra os destinos. Por vezes engolfo-me na leitura dos grandiosos pensamentos de quantos já perlustraram os nossos caminhos. Esses mensageiros da sabedoria e da paz não teriam sido portadores de mensagens vãs. E acima deles, temos a palavra de Cristo nos Evangelhos, dizendo-nos que o homem não atingirá o reino de Deus sem renascer de novo...

Padre Carlos estava muito admirado, como alguém que retomasse velhas idéias abandonadas de ha muito tempo. Mas, reconhecendo o efeito de suas asserções confortadoras, a filha de Madalena prosseguiu com serenidade:

— Neste mundo não será possivel acordar para os elevados dominios do conhecimento, sem nos voltarmos com atenção para o problema da dor. Desde cedo habitei-me a rebuscar comparações. Por que o leproso, ao lado dos de rosto brilhante? Por que se confundem, na mesma rua, os felizes e os desventurados? Seria justiça ministrar o pão a alguns e as pedras a muitos? No quadro da teologia atual, o Criador seria quasi cruel. Mas é tão grande a misericórdia divina que o Pai permite aos filhos a enunciação dos mais loucos raciocínios, até que se compenentrem da grandeza acolhedora do seu amor desvelado. Naturalmente, Carlos, somos espíritos integrando a enorme caravana da humanidade. Teremos falido inúmeras vezes, fugindo aos desígnios do Senhor para atender a nossos caprichos misérrimos. No entanto, a Providencia nos acolhe de novo na escola terrestre, dando-nos um corpo diferente e renovando-nos a oportunidade sacrossanta...

O jóven sacerdote tinha a impressão de ouvir um anjo a esclarecer a essencia dos mistérios divinos.

— De fato, — murmurou comovido — são idéias que aliviam a alma e nobilitam a vida.

— Quem poderá afirmar que o voto de tua mãe não signifique apenas uma contribuição para que os desígnios de Jesus se cumpram? E' inegavel que nossos corações se preparam para suportar as dores ríspidas da separação, achando-nos tão perto um do outro nas estradas da vida. Entretanto, estou certa de que nossas lágrimas hão de ser recebidas no céu, enriquecendo nosso patrimonio espiritual no futuro. O mostrador do Destino marcará a hora de unirmos nossas mãos para sempre... O roteiro doloroso nos descortinará a luz do noivado eterno, mas, até lá, importa sabamos retribuir a bondade de Deus com testemunhos de trabalho, abençoando os sacrificios.

Nesse momento, de coração aliviado pela claridade do ensinamento, Carlos tomou-lhe a mão entre as dele, tocando-a no fundo dalma e vendo-a retrair-se num movimento instintivo, não ocultou sua mágua, murmurando:

!— Alcione, reconhecemos que esta nossa afeição é tramada em sentimentos puros. Sei que minha condição sacerdotal acarreta responsabilidades pesadíssimas; não ignoro que, não só pelo meu título, como pela idade, era a mim que caberia, antes que a ti, exemplificar; mas, perdoa: o padre é também homem, carregado de fraquezas. Agora que sei corresponderes aos meus sentimentos mais íntimos, sinto que um fogo abrasador me devasta o espírito abatido. Quero deter o pensamento nas esperanças infinitas que me deixaste entrever, quero ampliar meus ideais aqui na Terra, anseio por fixar os impulsos dalma, na comunhão com Jesus e no entanto, o complexo das tendencias, os desejos insatisfeitos, me suscitam maiores inquietações. O amor não é apenas um sol que ilumina, é também vulcão que devasta... Relevame os impulsos impensados, ensina-me, corrige-me. Julgas que nossos sentimentos traduzam um pecado ás vistas de Deus?

— Não o creio, — respondeu carinhosa — o amor

é lei universal, que une o Criador ao Infinito de suas obras. Jesus passou pela Terra, amando sempre. Todas as nobres almas vindas ao mundo, não deram testemunhos diferentes e contudo, Carlos, seria um crime forçar a satisfação do nosso ideal na Terra. Devemos ser duas almas unidas numa só aspiração, mas conscientes de que nunca encontraremos os júbilos da união, sem a argamassa do sacrifício.

— Tudo isto, acrescentou o rapaz com tristeza — porque a igreja nos acorrenta a compromissos absurdos. Como doutrinar a família se não a possuímos?

— Não te deixes emaranhar em raciocínios revolucionários. No futuro, naturalmente, o ministro do Evangelho, no catolicismo, á exemplo do que já sucede com a Reforma, participará das alegrias doces de um lar; mas, por enquanto, Jesus não considerou conveniente a supressão dessa escola de ascetismo, que a igreja romana nos aponta. Se erramos tantas vezes em nossos mistérios mínimos, de ordem material, quantos crimes chegaríamos a cometer se invadissemos o terreno da fé, onde o Mestre é o mesmo para todos? A preocupação de concertar será talvez louvável, mas um cérebro desesperado, ao lado de muitos outros que se acomodam á situação por necessidade da experiencia, personifica a rebeldia criminosa. Não será melhor adotar a obediencia ativa e operante como o Cristo? O hábito sacerdotal pode ser, no conceito de nós ambos, em razão de nossos sofrimentos atuais, um instrumento de opressão e desventura; mas para quantas almas êle tem sido um refúgio de paz entre os infortunios da vida? Muitos o deshonraram pelos abusos, em nome de Deus, mas quantos o glorificaram na renuncia e na abnegação santificantes? Os missionarios generosos salvam os maus padres, como os justos salvam os injustos. O amor, Carlos, é a luz do caminho, mas o egoismo trás a cegueira. E' indispensavel guardar o coração contra o seu assédio. Quando enxergamos apenas as nossas conveniencias, tornamo-nos cegos desventurados. Vejamos as vantagens dos outros e a vida nos encherá de suas divinas compensações. Além do mais, o dia de hoje terminará com a noite. E' preciso

honrá-lo com o trabalho sadio e com a obediencia a Deus para que o amanhã seja o presente glorificado. Ninguem deverá aguardar a claridade no porvir, se se compraz em repouse nas trevas, durante o dia que passa.

O sacerdote bebia-lhe as palavras profundamente enternecido. Nunca ouvira apreciações tão justas, relativamente ao sacerdócio. No seminario, os preceptores eram pródigos de atitudes enfáticas e protocolares, enquanto os alunos permaneciam indecisos ou revoltados. Para uns, a igreja não passava de instituição humana, ao passo que para outros representava um cárcere do qual era necessário fugir por meio de criminosas acomodações. Alcione, na sua inspiração sublime, não pudera cicatrizar-lhe de todo a chaga espiritual, mas engrandecera a seus olhos a tarefa apostólica, fazendo-lhe sentir a grandeza de suas responsabilidades no caminho para Deus. Todavia, no mais recondito d'alma, ficara-lhe a êle um pensamento amarguroso. No fundo, era o egoismo ferido, a vaidade humana perturbada. As observações sábias da jóven pareceram-lhe desinteressente sentimental. Ela não experimentaria, talvez, a mesma afeição ardente que o excruciava. Suas idéias gerais revelavam enorme desprendimento do mundo. Carlos Clenaghan, na sua condição de homem, chegava quasi a ter ciúmes daquele Jesus tão amado e invocado a todo momento. Dominado por conjeturas tais, obtemperou:

— Tuas concepções são nobres e elevadas, mas em mim as características sentimentais se apresentam de outra fôrma. Compreendo a sublimidade do idealismo da igreja, tal como o expões, mas nunca poderei perdoar a iniquidade do destino privando-me de um lar e do sorriso das criancinhas. O ideal da paternidade sempre me perseguiu qual tremenda obsessão... Com o teu desprendimento sublime, talvez não possas compreender esta tortura espiritual.

— Enganas-te! Teus ideais são os meus. Esperei teu olhar, tuas mãos, teu verbo, teus pensamentos, em todos os lugares por onde passei, desde a hora em que despertei para o sentimento. Muitos homens passaram. Em alguns encontrei as possibilidades de uma paternal

afeição; noutros, apenas liames fraternais. Enquanto aguarda tua vinda, os sonhos de um lar povoaram minha alma, eu pedia ao sol que me desse seus raios ardentes, como rogava ás estrelas uma gota de sua formosura para tecer a rede de alegrias, de modo a solenizar tua presença, quando chegasses. Palpitavas em meu espírito com a primeira melodia saída de minhas mãos, quando tive a impressão de tocar ao compasso do teu carinho... Mas, logo que nos encontramos, compreendi que meus primeiros ideais deveriam ser renovados. Meus desejos evoluíram-se em silencio, porque Jesus havia estabelecido outros desígnios ás nossas lutas terrenas. De que me valeria recalçar, provocando nossa propria ruina? Reconheci-te no primeiro olhar. Nem me enganaria nunca. A alma é servida por estranhos poderes que o mundo ainda não conhece. Apesar disso, Carlos, senti que meus lábios se calavam sob a pressão de fortes arganéis. As condições em que nos encontramos eram como que uma grande mensagem. O Senhor recomendava-me adiar o idealismo da mulher, abnegando meus caprichos em favor de propositos mais altos. Compreendes agora?

Havia tamanha inflexão de ternura nessas palavras que Carlos Clenaghan sentiu-se vencido. Acabrunhado nas suas disposições interiores, accentuou:

— Tens razão, Alcione...

— Quanto ao lar e aos filhinhos — continuou a jóven carinhosamente — é indispensavel não nos perturbarmos com as visões falsas da experiencia diuturna. Padre Damiano está valetudinario, alquebrado nos trabalhos intensos da sua amada igreja; minha mãe tem sofrido, incessantemente, desde o primeiro dia de viuvez; Robbie é uma criança necessitada. Por que não ver, não sentir nos três os nossos filhinhos do coração? E sem falar dos mais proximos, onde colocas os pobres velhinhos e os enfermos que te procuram, ao desamparo? O título de um sacerdote inculca um pai.

O pupilo de Damiano enxugou uma lágrima.

— Pedirás a Deus, por mim — disse entristecido — rogarás ao Céu que mitigue minha dor, por não possuir a família direta.

— Sim, o lar deve ser uma ilha de suave descanso no vórtice das lutas terrenas, á feição de um santuário sagrado onde a criatura consiga estender seu amor á comunidade universal. Possuí-lo, será receber opima dádiva do Criador; entretanto, Carlos, para nos encorajar a todos nos testemunhos de sofrimento, bastaria recordar que Jesus passou pela Terra sem família direta.

Nesse instante, Damiano aproximou-se interrompendo o colóquio.

Alcione tinha o coração opresso por indefinivel angústia. Consultando as tendencias da sua sensibilidade feminina, experimentava o desejo de se encontrar novamente com o rapaz, tão logo se afastasse o velho amigo, para reafirmar o seu afeto, a sua dedicação sem limites. Enquanto trocavam banalidades sobre a beleza da noite, sua alma carinhosa padecia longo anseio. Depois da significativa confissão de Carlos Clenaghan, achava-o mais belo. Os olhos se lhe haviam tornado mais brilhantes, a fisionomia mais expressiva. Alcione chegava a recear pelas comoções que lhe vibravam no espírito sensível. Não havia sonhado tanto? Não era elle o homem esperado ansiosamente? Mas a lição cristã lhe falava, poderosa, no íntimo. Era preciso conservar-se com o Cristo, ainda que o mundo inteiro lhe fôsse adverso. Lutaria contra si mesma até o fim.

Nessa noite, porém, suas preces turvaram-se de lágrimas candentes. As declarações de Carlos não lhe saíam dos ouvidos e a filha de Madalena, pela primeira vez na Terra, sentia-se cativa de singulares pesadelos.

O pupilo de Damiano, por sua vez, estava impressionado e decidido a cultivar a sublime afeição, acima de tudo. Supunha haver aquilatado o amor sincero da jóven pela inflexão da sua voz, pelo impulso ardente que vislumbrava nas suas palavras de espiritualidade profunda. Experimentava ainda, nas mãos, o calor da mão tremula que se esquivara ao carinho, qual pássaro assustado. Alcione estava cheia de uma sabedoria diferente, mas a elevação espiritual de que dava testemunho exaltava-lhe ainda mais os desejos ardentes. Não renunciaria aos seus propositos. Debalde tomava os manuais de oração, no

afã de atenuar a inquietude que o atormentava, mas era como se espesso véu lhe vedasse os olhos dalma. Raciocinava, compreendia a sublimidade dos textos, mas não conseguia confeçoa-los ao coração. A palavra serena e sábia da moça forçava-o á reflexões mais sérias, mas, no curso dos dias, o sobrinho do velho sacerdote da igreja de São Vicente nada mais fazia que exacerbar os proprios desejos. De quando em vez, voltava a lhe falar no assunto, mas encontrava-lhe o coração sempre blindado na fé, inspirada e vigilante.

Decorridas algumas semanas, certa feita, encontrou-a sózinha, no santuário, retirando os adornos de antigo altar, após a missa.

Em tórno era tudo silêncio, naquela manhã banhada de sol. Damiano, terminada a missa, retirara-se ao presbitério, levemente indisposto. O jóven sacerdote, inflamado de paixão, achou que a oportunidade era ótima para expandir-se mais uma vez, recapitulando os idílios que fazem as delícias dos corações enamorados.

Após a saudação carinhosa, em que os dois manifestavam natural perturbação, o rapaz falou comovido:

— Não te admires de assim falar no recesso de um templo. Esta é a casa que Deus me facultou e não disponho de outro recurso. Ha muitos dias, venho espreitando a possibilidade de alguns minutos, para confiar-te as minhas infinitas inquietações.

O proprio Carlos notava que a jóven se tornara mais pálida pela comoção que lhe ia nalma. Contudo, solidamente apegada aos seus princípios de virtude, a moça respondeu esforçando-se por manter a maior serenidade:

— Inquietarmo-nos será enorme êrro. Se Deus nos honrou com os trabalhos, não nos esquecerá com os recursos da paz necessária ao cumprimento do dever.

— Compreendo, replicou êle quasi impaciente, mas começo a crer que me não amas bastante. Aproximo-me de ti, sedento o coração e vejo que as tuas objeções paralisam meus impulsos...

Assim falando, reparou que a jóven se tornara branca de mármore. Pela primeira vez, diante dele, Alcione

chorou. O apêlo era demasiado forte para que se contivesse impassivel.

— Desvairas, Carlos? — perguntou com angustiosa inflexão. — Admites minha amorosa dedicação estraçalhando os programas de Cristo? Deus conhece minhas vigílias em preces fervorosas. Desde que nos vimos pela primeira vez, dilúo as minhas aspirações mais antigas em lágrimas dolorosas.

Contemplando-a nessa atitude, o rapaz avançou alguns passos visivelmente emocionado. Tomou-lhe a mão, de leve, e de olhos marejados de pranto, acrescentou:

— Perdôa-me! O amor me alucina. Tenho feito o possivel por descansar a mente, confiante em Jesús e na certeza da vida eterna; entretanto, a paixão me obscurece a razão e caio sempre vencido nessas batalhas silenciosas do pensamento... Tua imagem, sempre ela, a me preocupar o cérebro e o coração atormentados! Vejo-te a cada hora, em tudo e em toda parte, sinto-te nos minimos episodios da vida e creio divisar teu sorriso até no fundo das hóstias consagradas...

— Não procedas assim, — disse a moça extremamente conturbada — tua dedicação afetuosa sensibilizame o coração de maneira intraduzivel, mas só Jesús é bastante digno do amor superno. Amo-te também, acima de todas as cousas da Terra, mas sou mísera criatura, Carlos. Repletemos nossa alma com a visão sublimada do sacrificio pelo dever. Não creias que eu possa viver sem sonhar com os teus carinhos, mas considera que não será justo colocar todas as nossas ansias nos aspectos exteriores da vida. A felicidade no plano imortal deve ser como a planta que nasce e se desenvolve gradativamente. Por que aniquilar o gérme de nossa ventura sublime, por simples inquietação de espirito inconformado? E se a primeira vergonhea da nossa união divina tem a profunda beleza de um ideal celeste, como será imensa a sua beleza quando se tornar em dadivosa fronde de amor, nos luminosos paços da eternidade?! Estamos no período das almas esperanças, quando as sementes brotam... Se é indispensavel adubar com lágrimas, não hesitemos um instante!...

O sobrinho de Damiano ouvia enlevado. Sentindo a sutileza delicada dos seus apelos feminis, apertou-lhe a mão entre as dele, mais fortemente e obtemperou:

— Concordo com a tua resignação admiravel, embora não participe das tuas virtudes celestiais; entretanto, penso que não se nega uma gota de orvalho á planta terra! Não me deixes orfão da tua ternura. Ouve, querida! Concede-me a dita de um beijo apenas e serei o mais ditoso dos sêres...

A moça fez um gesto de doloroso espanto, ao mesmo tempo que pervagava o olhar pela nave silenciosa:

— Não temas — prosseguia Carlos febrilmente — os santos que nos assistem são mais compreensíveis que os homens criminosos. Sob tétos humanos, envenenariam as nossas atitudes sagradas, mas aqui estamos na morada de Deus, que é Pai amoroso e sábio...

Alcione Vilamil, no entanto, fez um gesto de recuo e murmurou:

— Não posso!

— Por que? — revidou Clenaghan em tom de magua.

— Então, envolvida num halo de tristeza indefinivel, ela explicou:

— O incendio devastador começa de uma simples fagulha.

— Mas nós temos sido desherdados, Alcione...

— E que dizermos de um homem, — continuou com energia e serenidade — que, sentindo o frio do inverno, acendesse um lume imprudente no seio da floresta acolhedora, ameaçando a propria casa e a paz dos seus habitantes, tão só a pretexto de se livrar do frio?

Ante a inesperada resistencia, o pupilo de Damiano sentiu-se envergonhado.

— Sou bem infeliz, — disse amarguradamente — entretanto, estou convencido de que nunca traí meus deveres!...

— Lembremos, Carlos, os antigos apóstolos da igreja, quando advertiam que, depois de cumpridos todos os deveres, ainda nos deveriamos considerar servos inuteis, porque tudo nos vem da misericordia divina...

O rapaz admirava-lhe a energia afetuosa, caíra novamente em si do desvario momentaneo que lhe perturbava os sentidos, mas conservava-se inerte, deixando correr copiosas lágrimas.

Profundamente comovida, a jóven acentuou:

— Não posso dar o beijo que pediste mas posso dar-te o ósculo de minh'alma.

Retirou do pequeno altar proximo um crucifixo de prata, sobrepôs no peito do Crucificado minúscula folha de trêvo e acrescentou:

— Abaixo do céu, Carlos, és o meu maior afeto; entre nós, porém, está Jesús Cristo. Em nossa consciencia, o Senhor ainda não nos permite uma aproximação integral. Pois bem: confio a Jesús o beijo da minh'alma, para que seu misericordioso coração te entregue a minha pobre lembrança.

Em seguida, beijou a folha de trêvo, passando a pequena reliquia de prata ao escolhido, que osculou por sua vez a folha minúscula, com indizível carinho.

Aquela singular concessão pareceu calma-lo. Sorriu confortado, agradecendo com palavras afetuosas á noiva espiritual e obtemperando em seguida:

— E' preciso suportar o isolamento e cumprir o dever até o fim...

Alcione, quasi satisfeita, completou-lhe a concepção nestes termos:

— De cidade em cidade, há sempre alguma distancia a percorrer. E' intuitivo que da imperfeição de nossos espiritos á perfeição de Cristo há contar uma distancia quasi imensuravel... Portanto, qualquer discípulo sincero, para se unir ao Mestre tem de sobrepôr-se á limitação e mesquinhez da natureza humana, disposto a tolerar as fadigas da solidão inerente á grande jornada. Semelhante estado, Carlos, indetifica todos os que vão sentindo o tédio do mundo, ansiosos de novas luzes. Jesús nos aponta os caminhos e não seria justo que estacionássemos, alegando temor da soledade benéfica, que nos ensina a ver o proprio coração como um livro aberto!... Apenas aí, a sós conosco, podemos discernir mais claro o justo do injusto, o bom do máu.

Clenaghan retirou-se plenamente confortado, experimentando o espírito banhado em forças novas.

Os dias continuaram a sua marcha, ao mesmo passo que as gentilezas crescentes do novo sacerdote para com a filha de Madalena Vilamil iam-se tornando pasto da maledicencia devota. Espiolhava-se o assunto em surdina, quando o rapaz deliberou recorrer á experiencia do tio, para resolver a situação. Damiano recebeu-lhe a palavra confidencial com alguma surpresa. Carlos alegava que, dada a falta de vocação sacerdotal, pretendia rejeitar a batina, ainda que devesse contar com as mais ásperas censuras. Influía nessa deliberação o amor que Alcione lhe inspirava e que ele revelou ao tio pausadamente, na attitude espontanea, propria dos jóvens apaixonados. Padre Damiano mostrou-se logo muito preocupado, considerando a gravidade do caso, e aconselhou ao pupilo não resolver tão delicado problema com a precipitação dos espíritos levianos. Sempre fôra contrário á realização do voto da irmã, mas, em tal emergencia era imprescindível proceder com a maior prudencia. Fez ver ao sobrinho os obstáculos ponderosos, as ameaças dos novos rumos e, por último, já que se consideravam quasi como familiares de Madalena, sugeria que o assunto fôsse levado á análise da viuva Davenport e da filha, a quem interessaria, maiormente, toda e qualquer decisão. Carlos Clenaghan aceitou a idéia com visível satisfação.

Chegados a casa da filha de D. Inácio, encontraram-na só, á espera da jóven que havia saído em companhia de Robbie, momentos antes. O velho sacerdote aproveitou a oportunidade para explanar detidamente o assunto. A nobre senhora mostrava-se muito admirada, sem poder disfarçar a estranheza que a resolução de Clenaghan lhe causava. Madalena sentia-se assaz embaraçada para opinar judiciosamente em problema tão melindroso. Quando os ultimos esclarecimentos do padre Damiano se fizeram ouvir, a viuva Davenport respondeu muito pálida:

— Tudo isso é muito estranho para o meu coração de mãe, pois ignorava que entre minha filha e o padre Carlos pudessem existir laços afetivos de tal natureza...

—! Não será bem assim que devemos dizer — atalhou Clenaghan nobremente — o que meu tio acaba de expôr não passa, por enquanto, de pretensão minha. Não existem laços entre nós, mas sim inclinações; nem Alcione poderia presumir ou saber dos meus designios de alijar a batina.

— Ela ignora, então, as providencias em curso? — perguntou a senhora Vilamil bastante surpreendida.

— Sim — reafirmou Carlos com sinceridade — meu tio e eu deliberamos vir á vossa casa, dado a nossa confiança e intimidade. Não desejavamos resolver tão delicado problema por nós mesmos, quando a solução parece que nos afetará a todos.

A viuva teve um gesto expressivo, evidenciando o seu embaraço, mas o jóven sacerdote percebendo-lhe a estranheza, continuou:

— O ambiente convencional em que me encontro sufoca-me o coração. Tenho necessidade de emancipação espiritual. Não quero dizer com isso que abjure da crença que me alimenta o espírito desde a infancia e sim que não concordo com o celibato compulsorio, porque, para mim, o padre católico-romano jamais poderá colaborar santamente na edificação da família humana, deixando de constituí-la êle mesmo.

A filha de D. Inácio ouvia aquele desabafo um tanto constrangida. No íntimo, desejaria revidar, defender a missão do sacerdote, neutralizar uma providencia que poderia acarretar grandes amarguras á filha. A presença do padre Damiano, porém, não lhe consentia maior franqueza. Habitudara-se a estimá-lo quasi como ao proprio pai. Admitia o seu bom senso, aceitava a superioridade da sua longa experiencia da vida. Se êle deliberara afetar-lhe o assunto, é que teria razões ponderaveis para isso. Mal acabava de assim pensar, quando o velho sacerdote ponderou:

— Vejo, Madalena, que o caso te impressiona mais do que poderia supôr. E' natural, porquanto, o coração materno é sempre uma sentinela vigilante. Eu não ignorava que as preocupações de Carlos te maguariam a alma sensível, mas, minha filha, não tive remedio senão in-

formar-te devidamente, com a devida franqueza. Trata-se da ventura de dois corações muito jovens e eu me sinto incapaz de intervir mais decisivamente, mesmo porque, penso que meu sobrinho nada pode nem deve resolver, sem que Alcione seja ouvida.

A nobre senhora compreendeu os escrúpulos do velho sacerdote e confessou:

— Também julgo muito arrojadas as pretensões do padre Carlos, no sentido de enfrentar a sociedade em que vivemos, mas sou a primeira a desejar a felicidade de minha filha. Por ela, sinto que devo recalcar minhas concepções pessoais do dever e da vida. Aliás, devo esclarecer que Alcione nunca me deu a menor preocupação, sendo esta a primeira vez que me vejo compelida a examinar problema tão difícil, condizente ao seu futuro. Por isso mesmo, confio em que ela própria saberá elucidar-nos o que mais convenha...

Nesse comenos, Alcione entrou de surpresa, saudando afavelmente os amigos.

Mais alguns momentos e padre Damiano lhe pede atenção para o assunto em foco. Enquanto Clenaghan acompanhava as suas palavras visivelmente emocionado, a jóven recebia a notícia com intranquilidade e amargura.

— Como vêes, Alcione — terminava o velho sacerdote — as intenções de Carlos preocuparam-me sobremaneira e me sentí sem forças para resolver só por mim. Já me entendí com tua mãe e agora esperamos que te pronuncies sinceramente.

A moça dirigiu ao amado de sua alma um olhar de exprobração e, sentindo-se encarcerada num círculo de opiniões, onde a sua deveria prevalecer mais fortemente, esclareceu:

— Em consciência, padre Damiano, não posso concordar com tudo isso. Ao que suponho, Carlos está sendo vítima de grande equívoco. Alma alguma poderá ser feliz olvidando seus deveres. Nossa afeição seria condenável se forçasse um de nós a esquecer as obrigações justas.

Nesse instante, o moço contemplava-a entristecido, amargurado com aquela resistencia, ao passo que o tutor justificava:

— Compreendemos a delicadeza dos teus sentimentos, mas, vale advertir que, qual se tem dado com outros muitos, Carlos se desligaria dos votos sacerdotais, continuando ao serviço de Jesús, dentro do Evangelho. A resolução, portanto, apenas visaria atenuar as exigências tiránicas da igreja, com referencia á felicidade de dois corações nobres e sinceros.

— Padre Damiano — tornou a jóven algo conturbada — acredito na grandeza da sua complacencia para conosco e lamento bastante ser obrigada a contrariar seu generoso coração, pela primeira vez; mas a verdade é que não posso aplaudir esse plano. Admito que o celibato obrigatório representa, de fato, uma exigência tiránica, mas ninguem deverá eximir um homem dos compromissos assumidos conforme os designios de Deus. Nós que aceitamos a pluralidade da existencia na Terra, não podemos haver por meramente casuais os acontecimentos que levaram Carlos a envergar a batina. Quem sabe esta sua condição actual não seja uma repetição de experiencias progressas? Quem nos dirá que êle não tenha vivido noutra época, conspurcando o altar e que eu não tenha cooperado em suas quedas? Não será justo sofrermos ambos a consequencia de nossos erros? Ainda que assim não fôra, tínhamos a considerar, necessariamente, os designios de Jesús, sublimes e insondáveis. E' verdade que consagro a Clenaghan uma afeição intensa e divina, que confesso diante de mamãe pela primeira vez. Esta circumstancia, porém, não será motivo de queda espiritual, mas antes de estímulo para que redobre meus zelos pelo seu nome. O imperativo eclesiástico pode ser muito duro mas, creio não sermos os únicos a sofrer-lhe as consequencias. Outras almas, tão sinceras quanto as nossas, estarão sofrendo e confiando na bondade de Jesús Cristo.

O velho sacerdote não esperava da jóven outra attitude senão aquela, com que testemunhava a suprema elevação do seu espirito, mas estava surpreendido pela maneira como se exprimia, pela inflexão da voz, cuja emoção se casava á firmeza dos raciocinios.

Nesse interim, Clenaghan interveiu, murmurando:

— Teus pareceres, Alcione, evidenciam o acendramento de tua bondade; todavia, tenho refletido na renúncia dos meus votos como ato de coragem e fidelidade espiritual.

— Sim, para o mundo — aparteu Alcione — talvez fôsses uma criatura desassombrada; mas onde estaria a verdadeira coragem? Na decisão escandalosa de um dia? Ou no sagrado cumprimento dos votos empenhados para uma vida inteira?

O rapaz não pôde dissimular a enorme surpresa que o argumento lhe causava. Sob os olhares perscrutados de Madalena e do tio, Carlos parecia titubeante, acenando, porém, como a defender-se:

— Não sou, contudo, o primeiro a pensar nisso. Outros sacerdotes renovaram suas concepções e mudaram de roteiro, em vista das absurdas e criminosas posições de que eram vítimas.

Alcione pareceu meditar um momento e respondeu:

— Renovar concepções é um dever nobre de toda criatura, mas um pai somente se engrandece quando eleva consigo todos os filhos da sua casa; nunca, porém, deixando a família ao abandono. Um sacerdote de Cristo, Carlos, ainda que incompreendido no mundo, deve ser sempre um pai... Quanto a mudar de roteiro, é cousa outra que merece atenção especial. E' justo que um passageiro dessa ou daquela embarcação troque de navio em pleno mar, ou que se deixe ficar á tóa em porto diferente, acreditando abreviar a viagem; mas, que dizer de um comandante que assim procedesse com os que nele confiam? Não será melhor permanecer, tanto nas rotas perigosas como nas ondas mansas? E que é nossa vida neste mundo senão uma viagem para esferas mais altas? Dia virá que chegaremos ao porto da verdade e é necessário cumprir o dever até o fim. Para as almas vulgares, a existencia pode representar um conjunto de possibilidades de levianas experiencias, mas nós que já recebemos algum conhecimento das cousas divinas, não podemos interpretar a passagem pela Terra senão como santa oportunidade de trabalho e purificação!... Referimo-nos á organização tiranica da igreja, mas seria injusto es-

quecer que um instituto defeituoso apenas se regenerará quando prevaleça a atuação de seus elementos mais dignos. Os máus padres hão de desaparecer quando os sacerdotes inteligentes e generosos tiverem a coragem da renúncia a beneficio da igreja, permanecendo na tarefa por amor aos necessitados e ignorantes que Jesús lhes confiou!...

Damiano estava profundamente comovido e impressionado. Aqueles conceitos não pareciam derivar de um cérebro humano. Após longa pausa, o ancião, de olhos humidos, acrescentou solenemente:

— Creio que as explicações de Alcione nos vêm de mais alto. A claridade do dia do Pentecostes nunca morreu no mundo.

E dirigindo-se ao pupilo, frisava:

— Como vês, nada tenho a dizer. Minhas objeções de velho poderiam ser levadas a conta de impertinencia. Jesús te envia, contudo, pela propria eleita, a mensagem salvadora. Não hesites, meu filho, entre o capricho e o dever!....

A pequena assembléa familiar dispersou-se friamente. Carlos Clenaghan, comovidíssimo, despediu-se de Alcione enxugando uma lágrima. No dia seguinte, de manhã, compareceu á missa de rosto angustioso, demonstrando que as provas da véspera lhe haviam calado fundo no coração.

Damiano também estava mais impressionado do que se poderia supôr. As afirmativas da discipula ressoavam-lhe aos ouvidos em poderosas vibrações. Suas experiencias da vida eram rudes e longas, mas nunca se lhe deparara uma jóven com tamanha compreensão do sofrimento e do destino. Que fôra a sua vida de sacerdote senão aquele rigoroso programa esboçado pela jóven Alcione? Recordava os tempos difíceis, as horas de tentações mais ásperas, os sacrificios longos, as dores que pareciam sem termo, para concluir que Jesús lhe enviara luzes consoladoras pelos labios carinhosos daquele criatura que sempre estimara como filha.

Ainda assim, competia-lhe ponderar gravemente a situação. Era necessário subtrair Alcione ao ambiente de

Ávila. Além disso, impunha-se uma alteração de regime, visto que os dois se amavam intensamente e convinha distancia-los a titulo preventivo. Madalena Vilamil sempre esperara, pacientemente, a oportunidade de conhecer a América do Norte. Os acontecimentos pareciam favorecer e reavivar os seus desejos. Como, porém, realizá-los? Muitas vezes, as ocasiões haviam surgido, mas somente para as colônias espanholas e ele as recusara sempre, porque não seria razoavel submeter a senhora Davenport e os seus a penosas peregrinações.

Damiano lembrou-se do seu espicilegio. Talvez os documentos particulares lhe sugerissem algum empreendimento. Releu a carta de um amigo de Paris. Convidava-o a rever sua comunidade e trabalhar na capital francesa. Não seria difficil partir da França para o norte da América. Satisfeito com o achado, reteve a idéia durante um mês. Decorrido êsse prazo, quando as pretensões de Clenaghan já estavam esquecidas na residencia de Madalena, o velho sacerdote começou a tratar do assunto.

II

NOVAMENTE EM PARÍS

Madalena Vilamil acolheu o alvitre do velho sacerdote, entre cismas e esperanças. Desejava, sinceramente, poder um dia abraçar os Davenport. Nunca renunciara ao proposito de ouvir algum sobrevivente do naufrágio em que, segundo a carta de Blois, perdera o espôso amado. Os anos haviam corrido entre esforços angustiosos, mas nunca se lhe apagara na mente a figura de Jaques com a sua generosidade paternal. A's vezes, conjecturava que o carinhoso benfeitor de Blois tambem já houvera falecido. Ainda assim, seria sempre possivel encontrar Suzana ou algum dos irmãos de Cirilo, no Connecticut. Ao demais, sentia-se cansada e doente. Não seria prudente aproximar Alcione dos parentes? Temia morrer deixando a filha sem parentes proximos que lhe velassem pelo futuro. Em tempo, alimentara a esperança de um casamento feliz, mas agora estava certa de que êsse problema, na vida da jóven, era muito mais complexo do que poderia supôr. Se a morte lhe sobreviesse, poderia contar com a afeição sincera do padre Damiano, mas tambem notava que o velho amigo ia-se curvando para a terra, devagarinho, ao péso do intenso trabalho junto das almas. Quanto ao filhinho adotivo, não podia presumir nem esperar dele outra cousa que não fôsse preocupações e trabalhos ásperos. Alcione não poderia esperar de Robbie o concurso necessário no porvir. Antes, pelo contrário, ele é que não poderia prescindir do seu arrimo fraternal. E nada obstante, a espôsa de Cirilo

sentia-se sem coragem para aderir ao projeto. Compreendia as vantagens e o acerto da empresa, mas sentia-se ao mesmo tempo exausta de forças para tentar a jornada penosa. Não hesitaria, se a viagem estivesse definitivamente decidida e traçada em seus detalhes; entretanto, a permanência em Paris, antes da resolução definitiva, infirmava-lhe o ânimo. A capital francesa regorgitava de recordações doces e amargas para o seu espírito sensível. Rever os lugares onde conhecera a inolvidável ventura da mocidade não significaria abeirar-se do túmulo dos mais lindos sonhos e chorar para sempre? E enquanto ela assim relutava, Damiano intervinha solícito, valendo-se das ocasiões em que se encontravam a sós:

— Reconheço quão amargurosas são as tuas expectativas mas penso que a felicidade de Alcione e as necessidades de Robbie justificam teu sacrifício. Creio que o ambiente de Ávila já proporcionou ás duas crianças o máximo de experiencia. E chegados a este ponto, nutro os meus receios pelo sobrinho. Alcione nos deu vigoroso exemplo de fé e sacrificio, recusando-lhe os planos de rapaz impetuoso, sacrificado na sua vocação; mas, não será o caso de auxiliarmos agora a generosa menina, prodigalizando-lhe um balsamo ao coração dilacerado? E' que, não obstante o bom senso e a grandeza d'alma, ela deve ter o coração repleto de amor. Isso é inegavel. Considero crueldade expô-la, diariamente, ao exame da sua chaga. Em cada pormenor da igreja, como em cada paisagem de Ávila, seus olhos carinhosos hão de ver a figura do amor torturado e insatisfeito. Por outro lado, pressinto em meu sobrinho manifesta incapacidade de renúncia. A meu ver, êle deu tréguas ao problema, sem o quitar no coração. Quando menos esperarmos, voltará ao assunto com argumentos novos. Não julgas que mais convem prevenir subtraindo Alcione ás tentações? Confio bastante nela, na sua conduta irrepreensível, mas imagino que a medida lhe beneficiará o espírito impressionavel.

— Vossa opinião é respeitavel, padre Damiano, mas por mim, penso que Paris fica demasiado longe...

— E contudo, a mudança para outra região espanhola pouco adiantaria. Com referência ao caso de meu sobrinho, êle encontraria logo qualquer pretexto para continuar junto de Alcione, e no que diz com a viagem a América do Norte, a França ou a Inglaterra, somente, nos oferecem facilidades.

— Tendes razão, — acentuou a filha de D. Inácio convicta.

— Pois reflitamos no caso — concluia o velho sacerdote — certos de que, nas feridas do amor, a distancia sempre foi remédio de benéficas reacções.

A espôsa de Cirilo passou a considerar a conveniencia da iniciativa, comunicando á filha os seus projetos. Alcione exultou de alegria. O ambiente acanhado de Ávila feria-lhe o coração; os comentários maliciosos apoquentavam-na. Todavia, em revelar-se jubilosa, não se referiu a tais cousas, alegando apenas a esperançosa perspectiva de melhor saúde para sua mãe e para a educação de Robbie. Ante a opinião da jóven, Madalena ganhou novo ânimo. As primeiras providencias foram dadas, com grande espanto de padre Carlos.

Enquanto Damiano comunicava a Paris a deliberação de partir, a filha de D. Inácio vendia a chacara aos Estigarríbias. Realizou o negócio sem preocupação e sem máguas, mesmo porque, seus velhos amigos Dolores e João de Deus haviam partido para a colonia, com certas vantagens materiais, de acôrdo com os patrões. Quanto ao mais, Ávila não lhe oferecia motivo a saudades acerbadas. Amparada nas esperanças da filha, estava resolvida á partir, ainda que tivesse de enfrentar maiores dificuldades na capital francesa. Enquanto permanecia irresoluta, Alcione incumbira-se de lhe dissipar os últimos receios. Não lhes faltaria trabalho nas cidades grandes. A costura era trabalho remunerativo em qualquer parte. Além disso, Robbie teria ensejo de prosseguir mais firmemente na música. Padre Damiano asseverava não ser impossivel conseguir serviço pago ao seu violino, em alguma igreja. Nesse caso, Madalena animava-se, chegando a esperar com visível satisfação o dia da partida.

Clenaghan, no entanto, mantinha-se em attitude re-

servada. O tutor lhe confiara a igreja de São Vicente com severas recomendações. Fizera-lhe sentir maiormente o quadro de responsabilidades que o cercavam e induzia-o a manter o espírito de renúncia e sacrifício no coração, qual fogo sagrado da sua tarefa. Carlos, porém, parecia alheio aos exercícios religiosos. Alcione era sua preocupação máxima. Inumeras vezes buscava-lhe a companhia carinhosa para aliviar o coração, mas encontrava sempre a expressiva nobreza da sua alma cristã, adjurando-o a consumir-se inteiramente pelo dever bem cumprido, á face do Eterno.

Na véspera da separação que o deixaria mergulhado em saudades angustiosas, buscou-a de maneira a lhe falar intimamente, antes de se apartarem definitivamente. Depois de longas considerações afetivas com que traduzia as penas íntimas do coração, assim falou:

— Não sei se poderei suportar para sempre o cativo em que me encontro. Sou um pássaro engaiolado, ansioso de liberdade...

— Somos escravos do Cristo — atalhou ela, resignada.

— Farei o possível por viver em observância ás verdades que me ensinaste; mas, se um dia for compelido a modificar meu roteiro, irei buscar-te na França ou na América, a-fim-de construirmos o castelo de nossa ventura...

Muitissimo emocionada, Alcione advertiu:

— Espero que nunca interfiras no que Deus organizou, ainda que se destacassem as razões mais poderosas, porque, acima de tudo, Carlos, suponho que deveremos aguardar nossa ventura entre as luzes do céu.

O pupilo de Damiano calou-se e a palestra prosseguiu entre juras e compromissos afetuosos.

No dia seguinte, pela manhã, as ultimas despedidas lhe provocaram lágrimas copiosas. Abraçou o velho tio comovidamente, dirigindo a todos palavras de reconhecimento e amor, com os votos sinceros de feliz jornada. Alcione estava sufocada. O dever falava-lhe fôrtemente ao espírito, mas a separação doía-lhe nas fibras mais recônditas. No último instante, as lágrimas lhe saltaram

dos olhos. Damiano dava mostras de forte emoção. A senhora Vilamil permanecia recolhida em si mesma. Apenas Robbie mostrava enorme alegria pela novidade da excursão e quasi maravilhado com as suas roupas novas.

Velho companheiro de lutas que se conservava ao lado de Clenaghan, abraçou os viajantes e, reconhecendo a comoção do antigo sacerdote, falou sensibilizado:

— Padre Damiano, não nos conformamos com a sua partida, não somente pela falta de sua palavra animadora, como tambem porque não acreditamos que se esqueça de Ávila, onde residiu e trabalhou longos anos!...

— Sim, meu amigo, — respondeu o interpelado sem hesitação — sem dúvida que não poderei alijar as confortadoras lembranças da igreja de São Vicente e das pessoas queridas que aqui ficam; mas, por outro lado, não ha esquecer que em toda parte servimos ao Senhor.

Cada qual fazia por se mostrar mais esperançado e confiante no futuro.

Novos adeuses, ultimos abraços, e o carro espaçoso partiu aos solavancos e ao trote dos animais pelo caminho empedrado e poeirento.

A viagem em direção ao litoral da Galiza não foi muito facil; entretanto, com alguns dias de penosa jornada, a pequena caravana atingia Vigo, de onde uma embarcação holandesa a conduziria ao porto do Havre. Madalena Vilamil conservava-se melancólica, presa de recordações dolorosas da França. Damiano a todos encorajava formulando vastos projetos de futuro. Não seria difficil seguir de Paris para a América, mais tarde ou mais cedo, e essa promessa entretinha e exaltava o otimismo geral. Para distraír Alcione e Robbie, o velho amigo descrevia a beleza dos sítios mais atraentes da capital francesa, falando com entusiasmo da suntuosidade dos templos e dos passeios gratiosos pelas águas do Sena. Madalena ouvia-o atenta, identificando os sítios de suas venturosas excursões em companhia do marido e parecia perder-se num abismo insondável de saudades ansiosas e lindas recordações.

Final, chegaram a Paris depois de longo tempo e de experimentarem os maiores incomodos na viagem.

O padre Amancio Malouze, da confraria dos Agostinhos e companheiro dedicado de Damiano, esperava-os solícito. Segundo a notícia enviada de Ávila, preparara uma casa modesta no burgo de São Marcelo para Madalena e os seus, reservando um apartamento no prebiterio de São Jaques para o velho amigo de muitos anos. A filha de D. Inácio, da caleça em que se encontravam em transitio, reparava com admiração as ruas e praças do seu conhecimento. Luis XIV reinava ainda e a cidade atestava uma administração vigilante e cuidadosa. Depois de atravessar o burgo de São Vitor, a viatura penetrava o de São Marcelo e parava ao lado de modesta casinha. Desceram todos, enquanto padre Amancio, muito gentil, oferecia a singela residencia. A filha de D. Inácio experimentava enorme estranheza pela mudança brusca de ambiente. Procurou, porém, adaptar-se á nova situação. Insistindo pela nota das despesas, fez questão de pagar tudo, embora Damiano e o amigo fizessem o possivel por evitar o feito. Somente mais tarde, o velho sacerdote retirou-se para São Jaques, quando a organização de todos os projetos tranquilizara Madalena e os seus.

Alcione não conseguia dissimular a surpresa que lhe causava a extensão de Paris, com as suas expressões de vida intensa. No íntimo, rogava a Deus lhe fortalecesse o espírito para os trabalhos que lhe estivessem ali reservados, pronta á execução dos seus deveres.

A primeira necessidade dos Vilamil foi atendida daí a dois dias; padre Amancio lhes angariou ótima serva, uma velhinha desamparada e dona de nobres sentimentos. Luisa captou logo as simpatias de Madalena e da filha. Ha muito que ela se via quasi em abandono. As famílias abastadas recusavam os serviços de gente mais idosa e a sua situação era das mais precárias. Tal circunstancia aproximou-a mais fortemente da nova patrão, constituindo valioso arrimo para a espôsa de Cirilo, que necessitava incrementar o proprio trabalho remunerado, para atender aos gastos domesticos.

Prementes dificuldades, no entanto, esperavam a filha de D. Inácio, que, a breve trecho se encontrou em maiores apuros. Nem sequer pudera sair á via pública, a-fim-

de visitar o tumulto dos pais, como tanto desejava. A mudança de meio trouxera-lhe a revivescencia da enfermidade dos pés, com carater agudissimo. Padre Damiano, por inexplicáveis circunstancias, tambem adoeecera em casa do colega, em S. Jaques. Alcione, depois de atender aos encargos caseiros, ia todos os dias de um a outro bairro, grandemente preocupada com os dois enfermos. Em casa, tomava as lições do irmão adotivo, buscava praticar o francês em longas conversações com Luisa e cuidava, com infinitos desvelos, das melhoras da progenitora. Esta, muito impressionada com a evasão dos reduzidos recursos que trouxera de Ávila, procurava instruir a filhinha para que a obtenção de trabalho em Paris lhe fôsse facilitada. Em vão, enviou-a em procura de Colete e de outras amizades dos tempos idos. Madalena tinha a impressão de que forças impiedosas haviam varrido todos os traços parisienses em que concentrava as suas lembranças cariciosas. Alcione, apesar-da fé que lhe fortalecia o coração, permanecia igualmente preocupada. Era indispensável atender ao tratamento materno, cuidar dos pagamentos á serva, prover as necessidades de Robbie. Em suas visitas a Damiano, abstinha-se de lhe confiar as graves inquietações. O velho sacerdote, contraíndo inesperadamente implacavel moléstia dos pulmões, definhava dia a dia. A jóven, porém, criou coragem e solicitou o socorro do padre Amancio, a-fim-de lhe angariar algum trabalho. Costurava, bordava, ensinava música e talvez não fôsse difficil obter colocação nalguma officina honesta, ou em casas abastadas. O novo amigo dos Vilamil pôs-se em campo. Antiga costureira nas vizinhanças da ponte de São Miguel, autorizou padre Amancio a lhe mandar a candidata para lhe conhecer as habilitações.

Alcione apresentou-se. Madame Paulete, que mascarava os péssimos costumes com atitudes beatas, não gostou do seu porte nobre e da sua candura. Era demasiado pura e simples para servir-lhe aos propositos obnoxios.

Após observá-la metulosamente, a costureira esboçou um gesto significativo e sentenciou:

— Lamento bastante, mas não é possível utilizar seus serviços, por enquanto.

— Por que, Madame? — perguntou a filha de Madalena com inflexão de tristeza, por ver aniquilada a sua esperança.

A interlocutora procurou ocultar os verdadeiros sentimentos, acentuando:

— Sua dificuldade de pronúncia não satisfaz as exigências da freguezia.

— Mas poderei costurar sem inconveniente e com o tempo creio poder satisfazê-la no referente á linguagem.

— Não posso — disse a outra inflexível — a clientela de bom gosto exige muitos recursos verbais.

Alcione, muito humilde, deixando transparecer grande amargura na voz, insistiu:

— Madame Paulete, certamente a senhora está com a razão; entretanto, ousaria apelar para sua bondade. Tenho muita necessidade de trabalho!... Minha mãe está gravemente enfêrma e, além disso, todas as despesas da casa correm por minha conta... Se a senhora pudesse admitir-me em sua oficina de costura, pode crer que praticaria uma ação caridosa e justa, com o nosso eterno reconhecimento. Quem sabe terá outros serviços de que me possa ocupar, honestamente, em sua casa? Sem conhecimentos em Paris, estamos em luta com os maiores obstáculos.

Essas palavras, porém, embora denunciasses extrema aflição de uma filha carinhosa, não produziram efeito. Madame Paulete, com expressão algo ironica, voltou a dizer:

— Infelizmente não estou em condições de atendê-la; mas, minha menina, não será só a costura que lhe poderá valer. Ha muitas mulheres da sua idade ganhando a vida em Paris, com menores esforços.

Enquanto Alcione, surpreendida com insinuação tão ingrata, sentia-se impossibilitada de responder, a interlocutora concluia impiedosamente:

— Com seus modos simples e com a sua juventude não seria difícil...

Alcione sufocou as lágrimas dentro do peito e des-

pediu-se. Atordoada com o borborinho das ruas, voltou á casa, submersa em graves cogitações. Madame Paulete fôra cruel, mas cumpria colocá-la em sua posição e esquece-la. Compreendia a inutilidade de se entregar a lamentações estéreis. Certo, Deus não lhe havia concedido as claridades divinas da fé para as horas tranquilas da existência. Seu coração detinha o depósito sagrado a-fim-de aprender a nortear-se para o mais alto, ainda que desabassem todas as tempestades mais violentas. Esse pensamento tranquillizou-a. Não acreditava em Jesus como Salvador distante, sim como Mestre amado, presente em espirito, ás lições dos discípulos entre os sofrimentos e experiencias do mundo. Sentia-se em momentos de testemunho. O Senhor não a esqueceria. Da sua inexgotavel bondade viriam recursos inesperados. Prosseguiria esforçando-se e estava certa de que a mão de Jesús viria em seu socorro.

Engolfada em profundas meditações, entrou em casa, morta de cansaço. Tal como sucedera um dia a Madalena, Alcione também tivera necessidade de tranquilizar o espirito materno com palavras que disfarsassem as realidades amargas.

De olhos esperançados, a espôsa de Cirilo interrogou ansiosa:

— E o trabalho?

Esboçando um sorriso de paz espiritual, a jóven acentuou:

— A oficina me admitirá por estes dias.

A senhora Vilamil deu um suspiro de alívio e murmurou:

— Graças a Deus! Que me dizes de Madame Paulete? E' pessoa respeitavel?

— Pouco conversamos, mas, ainda assim, me pareceu pessoa muito estimavel e digna.

— Ainda bem — exclamou a mãezinha, despreocupando-se. — Meu maior receio provém de conhecer alguma cousa dos abusos parisienses. Nem todas as costureiras são criaturas dedicadas ao lar.

— Pode ficar tranquila, mamãe, — revidou a jóven

por desfazer os temores maternos — em qualquer circunstância não esquecerei seus bons exemplos.

Madalena Vilamil envolveu-a num olhar de carinho imenso, no qual transparecia a máguia de não poder locomover-se e trabalhar. Mais comovida, falou depois de longa pausa:

— Conheço de experiencia propria o que significa pleitear umas tantas cousas neste Paris. Antes de nasceres, minha mãe esteve de cama longo tempo. As necessidades tornavam-se cada vez mais prementes e tive de sair á cata de recursos, com a diferença que eu rogava favores e tu pedes trabalho.

Em voz pausada, entrou a relatar velhas reminiscencias, pintando ao vivo o quadro das falsas amigas de D. Margarida, quando lhe atiraram em rosto certas observações ingratas e implacáveis.

Quando terminou, chorava copiosamente, mas Alcíone tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a com enternecimento, por dizer:

— Esqueçamos, mãezinha! Por que recordar cousas tristes? Deus não esquece os seus filhos. Certo que não nos faltará recurso e amparo!... Breve estarei trabalhando, com vencimentos que nos satisfaçam as necessidades. Além disso, padre Damiano, logo que melhore arranjará serviço musical para Robbie, na igreja. Depois a senhora melhorará e conseguiremos bordados para fazer em casa. Não é verdade que temos um mundo de boas esperanças á nossa frente?

A enferma pareceu adquirir nova expressão de bom ânimo.

— Teu otimismo é contagioso, — murmurou mais tranqüila — no entanto, com referencia ao padre Damiano, tenho triste nova a dar-te. O reverendo Amancio esteve aqui, na tua ausencia, para cientificar-nos do seu estado. O médico já perdeu as esperanças, pois afirma que o velho amigo está tísico e terá poucos meses de vida.

A moça escutava os informes sem dissimular a dor que lhe causavam. A progenitora, porém, prosseguia em tom pesaroso:

— Um pormenor muito grave da situação, segundo

informa padre Amancio, é que o nosso benfeitor não dispõe presentemente de qualquer recurso. Notei-o muito preocupado por esse motivo, porquanto, alega que o generoso sacerdote precisa custear certas despesas inadiáveis, a-fim-de poder continuar no presbiterio de São Jaques do Passo Alto, tal como, por exemplo: aquisição de utensílios e de um criado, visto ter de ficar isolado, por se tratar de mal contagioso.

— Então o padre Malouzec não pode auxiliá-lo nisso? — perguntou Alcíone compungida e aflita.

— Notei-o pouco disposto a fazê-lo.

— E que lhe disse a senhora?

— Fiz-lhe ver que nossas necessidades tambem eram duras, nestes seis meses sem trabalho, mas, ainda assim, que esta casinha está á disposição do enfêrmo. Minha declaração desconcertou-lhe um tanto o espirito prático e todavia, tenho preocupações muito justas.

— Providenciaremos para obter o dinheiro — esclareceu a moça, resoluta:

— Como? — perguntou Madalena assaz impressionada. Se precisamos no mínimo de duzentos a trezentos francos para atender ás despesas de instalação do doente em pequeno pavilhão separado.

— Estou certa de que não nos faltará a soma precisa — confirmou a jóven. Amanhã cedo irei encorajá-lo e tratar do assunto.

— Com os nossos sofrimentos atuais, acrescentou Madalena, creio que fica liquidado o projeto de viagem a América.

— Não diga tal, mamãe! Nas noites mais escuras a esperança é um raio mais forte.

A palestra continuou entre motivos de mútuas consolações.

Na manhã seguinte, apesar de muito preocupada com o insucesso da véspera, a jóven chegava ao quarto do enfêrmo, antes das nove horas. Não se avistava com o amigo havia três dias. Encontrou-o muito desfigurado, excessivamente pálido, olhos encovados. Empurrou de mansinho a porta entreaberta, a-fim-de surpreende-lo. Reparou-lhe na fisionomia cansada e deteve-se na obser-

vação detalhada de suas características. Com efeito, piorara muito. As mãos, a reterem volumoso livro cujas páginas lia atentamente, pareciam de cera. A respiração revelava-se algo acelerada. Alcione reprimiu a própria amargura, dominou a emoção e exclamou sorridente:

— Lendo a Bíblia?

Damiano fez um gesto de grande alegria, saudando-a com ternura. Ela o abraçou e arrebatando o livro, procurou ver que meditações o preocupavam no momento. Eram as exortações do Eclesiastes: — “Tudo (1) tem o seu tempo determinado e ha tempo para todo o proposito debaixo do céu; ha tempo de nascer e tempo de morrer.”

— Discordo — murmurou solícita — que o senhor adoentado como se encontra, esteja a ler estas cousas tristes.

O sacerdote esboçou um sorriso algo desalentado, acrescentando:

A' tua mãe, Alcione, talvez não tivesse coragem de falar com esta franqueza sôbre o meu caso. Ela é demasiado sensível e já tem sofrido muito. Não seria razoavel aumentar-lhe as amarguras. Eis porque preciso desabafar contigo, não obstante a tua mocidade. Já sei que este meu mal é incuravel e não posso deixar de concluir que, para mim, vem perto a hora da partida. Estejamos, pois, fortalecidos em Jesús, porque, como nos diz a Bíblia, a carne é tambem um vento que passa e nós somos filhos da eternidade!

A moça escutava-o comovida, olhos marejados de pranto. Desde a infancia habituara-se a encontrar naquella afeição os melhores estímulos de coragem para as lutas da vida. Estimava-o, qual se fôra seu pai. Instintivamente, lembrou-se do tempo das vigorosas prégações evangélicas em Ávila. Ninguém diria que aquelle homem robusto, insinuante e sugestivo pela sua palavra franca, chegaria áquelle estado de miseria organica. Seus olhos lúcidos denunciavam o desassombro e a serenidade de todos os dias, mas a expressão geral evidenciava enorme astenia. Quis responder, consolá-lo com palavras ani-

(1) Eclesiastes: 3:1-2. (Nota de Emmanuel).

madoras, mas nada lhe ocorreu. Forte constrição da garganta lhe embargava a voz. A franqueza do velho sacerdote desarmara-lhe o espírito carinhoso. Impossível ensaiar palavras que iludissem a gravidade da situação, quando o proprio Damiano sentia-se tranquilo e conformado. Percebendo-lhe o enleio, o religioso continuou:

— Não falemos de mim, Alcione. Conta-me antes o resultado da diligencia de ontem. Conseguiste trabalho?

A pobre menina fez um gesto triste e sentiu-se no dever de falar francamente ao grande amigo da sua infancia.

Quando terminou a exposição amarga, o sacerdote comentou:

— Imagino como terás sofrido nesse contacto directo com a escuricia humana; entretanto, não sofras por isso. Agradece a Deus o te haver revelado Madame Paulete, tal qual é, antes de assumires qualquer compromisso, pois quando nos comprometemos com o mal, ainda que inocentemente, aliciamos grandes dificuldades por nos libertarmos dos seus odiosos laços. No teu caso, pois, devemos estimar a esmola de uma santa lição. E' que, ás vezes, naquilo que denominamos maldade e ingratidão do mundo, pode existir um socôrro divino em nossa propria defesa.

A jóven enxugou as lágrimas e sorriu concordando.

— O trabalho honesto não falta — prosseguiu o religioso paternalmente — temos outros amigos em París. Espero a visita de um colega a quem pedirei se interesse por tí. O padre Guilherme é um companheiro de lutas que conheceu Carlos e sua mãe, ainda na Irlanda. Estou certo de que nos auxiliará.

A jóven, notando-lhe a preocupação sincera, procurou esquivar-se ao assunto que lhe dizia respeito. E vendendo-lhe os pés descalços, perguntou:

— Onde está o agasalho de lã? O senhor não pode ficar assim...

Ele sorriu e informou:

— Guardei-o na mala.

— Por que? — insistiu surpreendida.

— Creio que, para a semana me recolherei ao pavi-

lhão dos indigentes, na Misericórdia, ou na casa dos pobres de São Ladres.

— Não pode ser — exclamou a filha de Cirilo contristada — não podemos concordar com o seu recolhimento a casas religiosas, como indigente. Nós ainda aqui estamos...

Assim falando, a menina Vilamil tinha o aspecto desolado de uma filha angustiada.

— Que tem isso, Alcione? — tornou o religioso serenamente — não devo sobrecarregar teu coração, que enfrenta agora tantas lutas em silêncio! Além disso, não será útil o meu internamento nas instituições piedosas?! Atualmente não poderei ocupar-me dos officios eclesiásticos, mas lá, entre os necessitados, talvez encontre algum serviço nas prédicas evangélicas aos mais desditosos.

A resignação do velho amigo, provocava-lhe pranto copioso.

— O catre da indigencia — continuou Damiano — deve proporcionar meditações sadias. E não será isso um acréscimo de misericórdia? Basta lembrar que o Mestre não o teve. Seu derradeiro pouso foi a cruz; seu último caldo um pouco de vinagre; sua última lembrança do mundo a coroa de espinhos!...

Alcione esboçou uma atitude de profunda compreensão e disse:

— Não rejeito as lições de Jesús e rogo á sua infinita bondade nos proteja o coração para os testemunhos necessários, mas creio que o Mestre atenderá minhas súplicas e entenderá meus rogos filiais!... Diga-me se lhe não falta dinheiro para as despesas imediatas.

E embora convicta de não encontrar recursos com a progenitora, asseverou, confiando em Jesús:

— Pode crer que, não obstante as dificuldades do momento, ainda temos recursos suficientes para cuidar das suas melhoras.

Damiano parecia acanhado, em vista da sua carencia absoluta de meios, mas, esforçando-se por confessar a verdade acabou murmurando:

— De fato, meus recursos estão exgotados com as

despesas que fui obrigado a fazer aqui em São Jaques, mas não nos preocupemos com o dinheiro, filha...

— Não, não é o dinheiro que me preocupa e sim as suas necessidades... Não concordo com a sua transferência para a Misericórdia. Se não puder ficar aqui, ficará em nossa casa.

E como o sacerdote experimentasse certa dificuldade para redarguir, Alcione continuou:

— Perdoe-me se intervenho ousadamente em tal assunto, mas o que reclamo tem prerrogativas de direito — o direito da amizade. Sempre o considerei um pai. Diga-me: quanto pede o reverendo Amancio pelas suas novas acomodações?

De olhos brilhantes no testemunho de humildade daquela hora de extremas provações, Damiano respondeu:

— Duzentos francos para a aquisição de utensílios e pagamentos iniciais a um serviçal.

— Ora essa! — disse a generosa menina revelando despreocupação — nunca mais me fale em se reunir aos indigentes por tão ínfima quantia! Queira assumir o compromisso, porque depois de amanhã trarei o dinheiro. Temos maior quantia lá em casa e não nos fará falta de maneira alguma.

O velho amigo dirigiu-lhe um olhar de reconhecimento.

Ainda trocaram idéias e consolações por algum tempo, ficando ela de voltar daí a dois dias, e o velho sacerdote falou da esperança que tinha na proxima visita do padre Guilherme, que, por certo não lhes faltaria com prestimosa cooperação.

Alcione despediu-se, mostrando-se confortada, mas tão logo alcançou a rua, sentiu-se presa de extrema preocupação. Onde conseguir duzentos francos para socorrer o amigo doente? Debalde excogitava meios de satisfazer a promessa. Os vizinhos eram gente paupérrima. Obter qualquer adiantamento em oficinas de trabalho, era impossível, porquanto, não alcançara nem mesmo um trabalho certo. De alma oprimida, lembrava que não poderia confiar o assunto á progenitora, fazendo-a sofrer mais que ela propria. Entretanto, era indispensável conseguir o dinheiro. Andava depressa e contudo, concentrada em

angustiosa meditação. Começou por pedir fervorosamente a Jesús lhe inspirasse um meio lícito. Já proximo de casa, notou que alguém cantava á porta de uma velha igreja do bairro de São Marcelo, para ganhar a vida. Era um cego. Aproximou-se e deu-lhe alguma cousa do pouco que tinha consigo. Imediatamente, nasceram-lhe novas idéias. Não seria viavel um concêrto com o concurso de Robbie, num local bem concorrido? Poderia cantar ao som do violino do irmão adotivo. Talvez conseguisse dessarte a quantia necessaria para socorrer de pronto o padre Damiano. Essa perspectiva alegrou-a. Entrou em casa tão satisfeita que a progenitora perguntou interessada:

— Como vai o padre Damiano? Pelo que leio em teu rosto, êle não está assim tão mal.

— Seu estado ainda é grave, mas achei-o calmo e otimista.

A senhora fez um gesto de admiração e acrescentou:

— Que ha, Alcione? Vejo-te muito mais animada e satisfeita...

— E' que já fui avisada que amanhã poderei comparecer ao serviço.

— Graças a Deus! — Bendita a hora em que aprendeste a costura!...

Em seguida, Alcione chamou Robbie ao pequeno quintal, para cientifica-lo do plano.

— Um concêrto? — disse o rapazote impressionado.

— Sim, mas é preciso guardar segredo. Mamãe soffreria muito se viesse a saber. Se não arranjarmos o dinheiro, padre Damiano irá parar na Misericórdia e talvez nunca mais o vejamos. Cantaremos só amanhã, porque depois é possível que eu arranje trabalho para nós.

O pequeno arregalou os olhos estrábicos e concordou:

— Então vamos.

E passaram logo a trocar idéias e conchavar no tentame para o dia seguinte. Isto feito, entraram em casa de semblante alegre. Justificando o ensaio, Robbie pediu para tocar alguma cousa, não obstante a hora impropria. Madalena concordou e Alcione disse que ia cantar para distraí-la. Ambos tomando posição, recordaram velhas

melodias castelhanas, canções aragonesas, versos populares da Andaluzia. Apesar do sofrimento dos pés, a senhora Vilamil sorria encantada, murmurando:

— Nossa casa hoje está muito alegre! Que dia adorravel!... Foi pena ter deixado em Ávila o meu velho cravo...

Robbie entusiasmava-se em lhe ouvindo as expansões e exhibia arcadas mais difíceis e mais seguras. Luísa ria e chorava de contentamento e emoção. A jóven cantou quanto lhe veiu á lembrança. Repetiu as raras canções francesas que conseguira aprender e recitou numerosas poesias de Lafontaine.

E assim terminou o dia entre cariciosas alegrias domésticas.

Na manhã seguinte, Alcione beijou a mãe ao despedir-se e preveniu:

— Logo, voltarei para a refeição e ao tornar ao trabalho quero que me concedas a companhia de Robbie, pois creio que tenho de regressar mais tarde, á noite.

Madalena disse que sim e abençoou-a com as suas blandicias de mãe.

Alcione andou muitos quilometros de ruas e praças, estudando o local adequado á iniciativa. Algo cansada, parou junto ao templo de Nossa Senhora e entrou. Descansou longamente em preces fervorosas, lembrando que não haveria melhor local para o empreendimento que o adro daquela casa consagrada á Mãe Santíssima. Não vacilou. Voltaria ao bairro de São Marcelo para trazer o irmão adotivo. Começariam o concêrto ao cair da tarde, confiantes no interêsse popular.

Entrou em casa muito esfogueada de sol, tomou a refeição e saiu com o rapaz. Tiveram o maior cuidado no retirar o instrumento, para não serem percebidos por Madalena e pela criada.

Emocionada, naquela conjuntura de angariar o dinheiro indispensavel ao velho amigo, Alcione penetrou novamente na igreja e orou, implorando o socôrro divino.

As brisas suaves do crepúsculo corriam mansamente quando os dois artistas improvisados tomaram posição e preludiam as primeiras notas, justamente quando a

multidão em massa afluía ao templo. Numerosos carros iam e vinham. No firmamento escampo de nuvens, Vésper cintilava. Alcione começou a cantar, mas, com tanta harmonia e sentimento, que, dir-se-ia um anjo baixado á Terra para transmitir aos homens as suaves belezas do crepúsculo. Em breves instantes, transeuntes, clérigos, fidalgos e gente do povo, formavam em tórno compacta assistência. Cada canção era aplaudida freneticamente. A cantora inspirava profunda simpatia a-pesar-da malícia de alguns cavalheiros presentes. Algumas velhinhas ouviam-na, lacrimosas. E assim transcorreu uma hora de franco successo. Dois padres generosos mandaram acender tochas, para que o concêrto se prolongasse até mais tarde. Alcione cantava sempre. Sentia-se corar de vergonha quando as dádivas lhe caíam na bolsa, mas, vinham-lhe á mente o padre Damiano e a progenitora, e experimentava enorme consolação, julgando-se quasi feliz. E enquanto agradecia as palmas com ademanes graciosos, Robbie arrancava cristalinos acórdes do seu violino. Todos se impressionavam com a beleza da jóven, a contrastar os traços grosseiros do pequeno violinista. Houve mesmo quem lhe sussurrasse no ouvido:

— Parece um morcego ao lado de uma cotovia!...

Compreendeu o sentido da frase, mas, interpelada pelo irmão adotivo, que não entendia muito bem o francês, procurou confortá-lo, dizendo:

— O auditorio está entusiasmado e calculo que já temos quasi cem francos. Não desanimemos.

— Estou bem fatigado — alegou o rapaz.

— Lembra-te de mamãe e do padre Damiano...

O menino pareceu refletir e fazia vibrar o instrumento com maior entusiasmo.

Nesse interim, surgiu poucos metros distante uma carruagem de família rica. No seu sotaque espanhól, Alcione cantava, no momento, velhas modinhas francesas. Impressionados, talvez, com o quadro inédito, os dois passageiros da viatura deram ordem de parar. Um cavalheiro prematuramente envelhecido, aparentando mais de cincoenta annos sem os ter, desceu do coche dando o braço a uma senhora muito magra e abatida. Dominado por

estranha emoção, encaminhou-se resolutamente para o grupo, como que forçando a companheira a seguir-lhe o passo lesto e resolutamente. A' certa distancia, podiam ver a cantora, que parecia coroada pela luz das tochas resplandecentes.

— E' o retrato de Madalena! — disse, empalidecendo.

— Vamo-nos embora — murmurou a companheira num ensaio de recuo — deve ser alguma vulgar cantora de rua.

— Não, não — respondeu o desconhecido em voz muito firme, como a indiciar que viviam em constante desacôrdo — se queres, vai-te e manda-me o carro depois.

— Isso não, — revidou visivelmente enfadada, deixando-se ficar junto dele, que se mostrava de mais a mais enlevado e atento á cantora, cuja voz melodiosa enchia o silêncio da noite e lhe falava misteriosamente ao coração.

Quando ela cantou uma velha música espanhola, êle não se conteve, levou a mão ao peito e disse á companheira:

— Lembras-te do Carroussél de junho de 1662? Não foi esta uma das melodias de Madalena?

A senhora, apesar de muito contrariada, redarguiu:

— Sem dúvida... Recordo-me perfeitamente do baile de Madame de Choisy...

Êle aproximou-se mais. Estava tão embevecido que se fazia notado dos circunstantes, e a despeito do carrancudo semblante da companheira. O desconhecido, porém, parecia não dar por isso. Entregue á contemplação da cantora, envolvera-se no suave magnetismo da sua personalidade, sem se dar conta de tudo mais.

No momento em que Alcione terminava uma doce cantiga de Castela a Velha, êle aproximou-se dos dois artistas e perguntou delicadamente:

— A Senhoraita que conhece tantas músicas da Península, conhecerá uma velha melodia espanhola, chamada "A Calhandra Aragonesa"?

— Perfeitamente, e se faz gôsto posso canta-la para o senhor.

— Terei imenso prazer.

Alcíone advertiu ao irmão adotivo como devia ensaiar as primeiras notas.

— Não me recorde bem — acentuou o violinista.

— Ora, Robbie, como é-isso? E' uma daquelas primeiras melodias que mamãe te ensinou.

O menino fez grande esforço mental e concluiu:

— Já sei...

Algumas arcadas harmoniosas assinalaram o introito de inefável beleza e, daí a momentos a voz límpida e aveludada da jóven se fazia ouvir, em religioso silêncio da assembléia numerosa. Obedecendo, talvez, a secretos impulsos do coração, Alcíone imprimia novo encantamento espiritual em cada acórde. Dir-se-ia o nenioso gorgeio de um pássaro abandonado na vastidão da noite.

A música, muito delicada, realçava antiga lenda que traduzia o lirismo popular:

No manto da noite amiga,
Ouve esta velha cantiga,
Guarda no peito a canção
Da calhandra do caminho,
Que errava sem ter um ninho
Na verdura de Aragão.

A pobrezinha vivia
Numa perene agonia,
Em dolorosa mudez;
Era a imagem da saudade,
Nos andrajos da orfandade,
No luto da viuvez.

Mas, em certa primavera,
A pobre, que andava á espera,
Reparou, findo o arreból,
Que chegava de mansinho,
Olhos cheios de carinho,
Seu amado — o rouxinól.

Desde essa hora divina,
A calhandra pequenina
Que errava de déu em déu,
Enfeitou-se na vitória,
Encheu-se de vida e glória,
Cantando no azul do céu.

Brincava na paz da fonte,
Ia ao longe, no horizonte,
Sob o sol, sob o luar...
Fôsse noite, fôsse dia,
Transbordava de alegria,
Nas penugens de seu lar!

Mas, um dia, o companheiro
Deu-lhe o olhar derradeiro
Da bolsa de um caçador!...
A calhandra infortunada
Tombou sem vida na estrada,
Na angústia do seu amor.

No manto da noite amiga,
Ouve esta velha cantiga,
Guarda no peito a canção
Da calhandra do caminho,
Que errava, sem ter um ninho,
Na verdura de Aragão.

Quando terminou, o cavalheiro levou o lenço ao rosto, como se fôra enxugar o suor, mas, na verdade, dis-farsando as lágrimas que lhe brotavam dos olhos. Depois de consultar o bolso, retirou um pacote de moedas e entregou-o á cantora, nestes termos:

— Tome lá, senhorita, esta lembrança lhe pertence. Sua voz me deu emoções que procuro em vão, há vinte anos.

E enquanto Alcíone hesitava diante de uma espórtula tão vultosa, o desconhecido insistia:

— Isto é nada, comparado ao que lhe fico a dever.

A companheira bem que o fisgava com olhares de censura, mas êle permanecia alheio e indiferente ás suas atitudes. A cantora, porém, mostrava-se sumamente reconhecida.

— Deus o recompense, senhor!

Robbie também lhe mandou um olhar de enorme satisfação, através do qual transparecia o desejo de encerrar o ato. E, como se estivesse apenas esperando o cavalheiro desconhecido para terminar o trabalho da noite, a filha de Madalena agradeceu a todos, comovida-

mente, e retirou-se com humildade, amparando o irmão adotivo que se mostrava exaustado pelo esforço dispendido.

O casal, por sua vez, retomou o carro, sob forte impressão.

— Quanto deste á cantora? — perguntou a mulher abruptamente.

— Trezentos francos.

— Ainda havemos de acabar indigentes, graças ao teu sentimentalismo — exprobrou amuada.

— Se lhe houvesse dado três mil escudos, nem assim pagaria a terna emoção que me despertou nalma saudosa...

E recaíram em penoso silêncio, enquanto a carruagem rompia a escuridão da noite.

Alcíone e Robbie regressavam ao lar, tomados de imensa alegria. Quando se viram longe do adro de Nossa Senhora, o pequeno comentou:

— E' bem duro pedir, não achas, Alcíone?

— Não é tanto assim — respondeu-lhe resignada — a necessidade, Robbie, ás vezes, nos ensina a afabilidade e a doçura com o próximo. Nunca reparaste que as crianças muito independentes costumam ser caprichosas e ásperas? Assim também, já crescidos, é util que venhamos a precisar do concurso de outrem, por tornarmo-nos mais carinhosos, mais sensíveis ao afeto fraternal...

— Isso é verdade — concordou o pequeno — são raros os meninos brancos que me tratam bem.

— E' porque ainda não sabem o que é a vida. Se um dia a necessidade lhes bater á porta, compreenderão, talvez imediatamente, que somos todos irmãos. Suponho que Deus, sendo tão bom, facultou a pobreza e a doença no mundo para que aprendessemos a sua divina lei de fraternidade e auxilio mútuo.

Robbie muito admirado, ponderou:

— Desejava sentir essas cousas conformado, assim como te vejo, mas a verdade é que, quando me humilham, soffro muito. Faço enorme esforço para não reagir com más palavras e confesso que, por vezes, se não fôsse a mão doente, agrediria alguns meninos.

— Não agasalhes esses pensamentos, procura fazer exercícios mentais de tolerancia. Reflete, contigo mesmo,

como tratarias as crianças negras se fôsses branco, imagina qual seria a tua attitude com os doentes, se fôsses completamente são.

O pequeno violinista meditou longamente e respondeu muito sério:

— Tens razão.

— Sem dúvida, isto que aqui te digo requer muito esforço, porque só o pecado oferece portas largas ao nosso espirito. A virtude é mais difficil.

O menino pareceu refletir algum tempo e obtemperou, mudando o rumo do diálogo:

— Quem será aquele homem tão bom que nos deu tanto dinheiro?

Alcíone fez um gesto significativo e respondeu:

— Eu também estou impressionada. Deve ser algum enviado de Deus.

— Mas parecia tão triste...

— Também notei isso. Que Jesús o abençoe pelo auxilio que nos deu. Amanhã levarei ao padre Damiano o pacote que parece conter mais de duzentos francos, e com o restante vou pagar a Luisa o que lhe devemos e chamar um médico para tratamento mais sério da saúde de mamãe...

Mal havia terminado as explicações, o pequeno tropeçou, caíndo ao solo, desamparadamente. Ante a fôrça moral que a irmã adotiva exercia sobre elle, levantou-se com esforço, acrescentando:

— Não te incomodes, não foi nada. Cai porque precisei resguardar o violino...

A jóven, contudo, inclinou-se comovida.

— Como vês, Robbie, — disse intencionalmente — não apenas pediste nesta noite. Trabalhaste muito. Estás cansado... Vamos procurar um carro que nos leve a São Marcelo. E' um luxo que hoje poderemos pagar.

Ele concordou de bom grado e não tardaram muito a reentrar em casa, onde Madalena já se mostrava inquieta.

No dia seguinte, em vez de sair para o trabalho, conforme dizia á progenitora, Alcíone dirigiu-se a São

Jaques do Passo Alto, com o socorro destinado ao velho sacerdote.

Damiano contou o dinheiro com atenção e observou:

— Trezentos francos, minha filha? Sei que Madalena luta com enormes dificuldades. Onde guardavas esta quantia?

Enfrentando aquele olhar penetrante, cheio de preocupações afetuosas, Alcione deu-se por vencida e confessou o feito da véspera. Sem dinheiro e sem relações, resolvera dar um concêrto público com Robbie, no adro da igreja de Nossa Senhora. O rendimento fôra muito além da expectativa.

O enfermo abraçou-a, comovidissimo, cheio de gratidão pelo sacrifício.

Depois de contar os episodios da feliz aventura e dar as impressões do seu contacto com a massa popular, Damiano lhe ponderou:

— Sem dúvida Jesús te protegeu nessa aventura singular, compadecendo-se das nossas necessidades. Entretanto, minha filha, penso que não deves reincidir nessas exhibições. Ao lado das pessoas generosas, ha sempre muitos exploradores e numerosos vadios. Temo por tua mocidade e pela inocencia de Robbie!...

E enquanto ela concordava, pensativa, o eclesiástico prosseguia explicando:

— Tenho o pressentimento de que encontrarás, agora, uma occupação muito nobre, com ótima remuneração.

— Será uma ditosa surpresa! — exclamou a moça com infinita alegria transbordante dos olhos.

— Padre Guilherme aqui esteve ontem por duas vezes. De manhã, falei-lhe a teu respeito e prontificou-se a tomar logo as primeiras providencias. A' noite, voltou com a noticia auspiciosa. Uma família sua conhecida precisa dos serviços de uma jóven educada, de irrepreensivel conduta. Esclareceu que a remuneração é das mais generosas. Trata-se de um casal que, ha três anos chegou da América do Norte em busca de saúde para a filhinha unica, que se encontra doente. O chefe da família é um homem abastado, que, além de proprietário em Paris, representa vasta zona comercial de fumo da colonia, em

ligação com o comércio europeu. A dona da casa, de conformidade com as informações do padre Guilherme, é católica praticante e rigorosa no culto. Tem uma filhinha que a impressiona, em extremo, por isso que, da mais tenra idade, parece fuigr á ternura maternal e, presentemente, com quasi treze anos, vive presa de grande nervosismo e estranhas preocupações. Os pais deliberaram tomar uma governanta que lhe seja enfermeira e educadora, ao mesmo tempo. E, por coincidência, di-lo ainda o Guilherme, trata-se de gente irlandesa, que passou longos anos na América.

Alcione alegrou-se. Assim entretidos, formularam vastos planos. Ao despedir-se com a idéia de chamar um médico para a progenitora, Damiano lhe disse:

— Ficamos então combinados. De hoje a três dias, Guilherme te apresentará nessa casa de sua confiança e que fica, creio, nas proximidades de São Landry, na Cité. Farás ver á Madalena as vantagens do cargo. Quem sabe terá soado o minuto da nossa completa tranquillidade? Não estará aí, talvez, o ensejo para tua mãe realizar o velho sonho de uma viagem ao Connecticut? Por mim, morrerei mais sossegado se puder partir com esta esperança.

A jóven sorriu e observou, resignada:

— O senhor tem razão. Tudo isso poderá acontecer.

Muito animada, a filha de Cirilo Davenport chegou á casa, onde não teve dificuldade em convencer a progenitora de quanto lhe dissera o velho sacerdote. Madalena Vilamil concordou. O cargo de governanta e educadora seria mais convincente. A costura, em contacto com tanta gente desconhecida, não era um penhor de tranquillidade. A pobre senhora acabou por sentir enorme satisfação, e quando soube que se tratava de família ligada á América do Norte, não occultou a velha esperança de conhecer o Novo Mundo.

Nesse dia, á tarde, o Dr. Luciano Thierry, procurado pela jóven Vilamil, por indicação dos vizinhos, visitou a enferma submetendo-a a rigoroso exame. Enquanto permanecia a seu lado, o médico não poupou prognos-

ticos otimistas; mas ao retirar-se, chamou Alcione em particular e disse:

— Menina, o caso de sua mãe é muito mais complexo do que se pode imaginar. Claro que não pouparei todos os recursos ao meu alcance, mas penso que ela dificilmente se levantará da cama.

— A moléstia é tão grave assim? — inquiriu a moça, evidenciando aflição.

— O reumatismo assumiu caráter muito sério. Os pés e joelhos me parecem definitivamente inutilizados, condenados a inanição. Mandarei algumas pomadas para fomentações e digo-lhe que sua progenitora ainda poderá viver alguns anos. Da paralisia, porém, só Deus poderá libertá-la.

A filha de Madalena agradeceu, naturalmente acobrunhada, mas procurando reforçar as energias íntimas. Jesús, que sempre lhes enviava recursos nos grandes momentos da vida, não as deixaria sem amparo.

No dia combinado, lá se foi com o padre Guilherme, para estrear o novo emprêgo. E experimentava enorme conforto em saber que teria, doravante, o pão assegurado para si e para os seus, mercê de atividade honesta e digna. Instruiu Luisa na aplicação dos remédios á progenitora, fez recomendações a Robbie e beijou Madalena, prometendo regressar á noite, conforme ficara previsto e combinado.

Passava de meio dia, quando o padre Guilherme procurou Damiano para exprimir-lhe o seu reconhecimento.

— O Sr. Davenport ficou radiante: a senhora Suzana não estava em casa no momento, mas o chefe da família, bem como o velho Jaques, ficaram ótamente impressionados com a sua pupila. Deixei-a, portanto, num ambiente de franca simpatia.

• Ouvindo aqueles nomes, Damiano manifestou a mais viva curiosidade. Efetivamente, êle os ouvia a miúdo, repetidos nas conversações de Madalena. Cercando-se de grande prudencia, perguntou:

— De que região da América procede essa família?

— Do Connecticut.

O eclesiástico experimentou o primeiro abalo íntimo; todavia, buscou controlar-se e continuou:

— O nome Davenport não me é estranho. Se me não engano já ouvi um colega referir-se a um tal Samuel, que, ha muitos anos, residiu em Belfast.

— Isso mesmo — confirmou o outro, satisfeito — trata-se do pai deste Cirilo Davenport, rico negociante de fumo, de cuja residencia venho neste instante. Ha vinte anos, aproximadamente, a família que se empobrecera com a perseguição dos ingleses, na Irlanda do Norte, retirou-se para a América, onde adquiriu sólida fortuna. Na mocidade, porém, o Sr. Davenport trabalhou, modestamente, aqui em Paris...

— Ah! — disse Damiano, quasi aterrado. Intensa palidez inundara-lhe o semblante vincado de rugas.

— O Samuel a que se refere — prosseguia Guilherme, loquaz — pelo que infiro das missas celebradas em sua intenção, deve ter falecido há uns dez anos.

Justificando a expressão fisionomica, o velho sacerdote de Ávila observou:

— Este mal do peito sempre me causa torturas momentaneas.

E levantou-se para tomar um copo d'agua.

— Escuta, Guilherme, — continuou a dizer pausadamente — o casal Davenport tem uma vida feliz? Naturalmente que êstes assuntos me preocupam, dado que a minha pupila vai agora conviver com eles.

Assim se manifestando, visava obter por meios indirectos qualquer informação sôbre o passado conjugal de Cirilo. Sem cuidar de que versava assunto delicadissimo, o interpelado acentuou:

— O Sr. Davenport é casado em segundas núpcias. A primeira espôsa, ao que estou informado, era espanhola, de Granada. Chamava-se Madalena Vilamil e morreu no surto variólico de 63.

Damiano não sabia como dissimular a comoção. Debalde procurava um meio de parecer despreocupado. O amigo, porém, tudo attribuia ao seu precário estado de saúde.

— A falecida foi sepultada no cemitério dos Inocentes. Já lhe visitei o tumulo em companhia dos senhores Jaques e Cirilo.

— Quem é esse Sr. Jaques? — inquiriu Damiano, apesar da emoção.

— E' sogro do Sr. Davenport e, ao mesmo tempo, seu tio, pois o negociante de fumo é casado com uma prima, em segundas núpcias. Aliás, o bom velhinho que se encontra hoje beirando o sepulcro, pelos muitos achaques da senetude, foi por muitos anos professor aqui na França.

— Em Paris?

— Não, em Blois.

Damiano estava satisfeito, não poderia ter mais dúvidas.

— Deus abençõe Alcione para que saiba servir nessa casa com amor cristão — concluiu serenamente — não desejo outra cousa.

Muito habilmente desviou depois a palestra noutros rumos, de maneira a não se traír pela intensa emoção. Mas, quando Guilherme se retirou reiterando-lhe agradecimentos, entregou-se a profunda e dolorosa meditação. Acabava de palpar o enigma sem poder atinar com a chave. Naturalmente, o drama sinistro que adivinhava por trás da situação, fôra urdido por alguma intelligencia perversa. Recordava as mínimas revelações e confidencias da senhora Vilamil, nas longas conversações de Ávila e não podia duvidar da inveracidade dos acontecimentos que Madalena aceitara como verdade inconcussa. Sempre lhe parecera estranho o fato de haver Cirilo Davenport desaparecido, sem qualquer noticia direta da América, para a espôsa distante. Considerava tambem, que, se Madalena o havia por morto, o mesmo se dava com o marido, que lhe venerava a suposta sepultura. Quem havia tramado, assim, contra a felicidade de dois corações? Rememorou as confidencias que a filha de D. Inácio lhe fizera a respeito da personalidade de Antero de Oviedo. Seria êle o autor do nefando delicto? Depois de laboriosas reflexões, concluia que, se não fôra êle o único criminoso, devia ter sido cúmplice ativo do feito abomi-

navel. Em seguida, mente cansada, passava a refletir nos estranhos, insondáveis designios da Providencia Divina, que haviam conduzido Alcione ao segundo lar paterno. Experimentava profunda ansiedade por se dirigir, mesmo doente, á residencia do Sr. Davenport, mas a tarde começava a cair, muito fria e receava os acessos de tosse. Não descansaria, porém, enquanto não se avistasse com a jóven, de modo a ouvir-lhe as primeiras impressões. Para isso, deu ordens ao criado que mandasse um carro a São Marcelo, para que a menina Vilamil o visitasse nas primeiras horas da noite, depois de regressar ao lar.

Quando a moça entrou em casa, cerca de dezenove horas, já encontrou a viatura que a esperava, recomendando-lhe a progenitora não se demorasse em seguir para São Jaques do Passo Alto, porquanto, o chamado de Damiano lhe dava muito que pensar. Receava que o velho amigo tivesse piorado. A jóven atendeu com presteza. Depois de responder as primeiras arguições maternas sobre o novo cargo, declarando-se muito satisfeita e bem impressionada, dirigiu-se ao bairro próximo, assaz preocupada.

O velho sacerdote de Ávila abraçou-a comovido.

— Como foste de serviço, minha filha?

— Primeiramente, fale-me da sua pessoa. Como vai? Ficamos aflitas com o negócio do carro. A saúde piorou?

— Nada. Vou muito bem. Chamei-te tão somente para saber como te dêste com o novo emprêgo.

A moça tranquilizou-se, exclamando:

— Ora graças a Deus!

— O padre Guilherme, — prosseguiu Damiano solícito — aqui esteve e deu-me informações, mas preciso falar-te sériamente, em particular. Tiveste boa impressão da casa e da gente?

— E' muito interessante o que pude observar, porquanto, o Sr. Davenport e a espôsa não me eram de todo desconhecidos.

— Como assim? — indagou Damiano, intrigado.

E' que assistiram ao concêrto lá no adro de Nossa Senhora e, por sinal que foi o Sr. Cirilo quem me deu os trezentos francos que eu lhe trouxe.

— Como tudo isso é significativo! — exclamou o sacerdote muito emocionado. — E como te receberam?

— O Sr. Davenport e o tio, bem como a pequena Beatriz, de quem vou cuidar, trataram-me com excepcional carinho. A menina parece nervosa e acabrunhada, mas tem muito bom coração. Como primicias da tarefa, conversamos quasi todo o dia, valendo-me eu da occasião para falar-lhe dos ensinamentos do Cristo como verdadeiro e legítimo remédio para todas as necessidades da vida e do coração. Ela está mocinha e creio que me compreenderá. Contudo, não posso dizer o mesmo da senhora Suzana. Esta, quando voltou de uma visita elegante, encontrando-me em casa, não disfarçou a contrariedade. Não sorriu quando o marido lhe falou que eu era a cantora da noite em que haviam estacionado na praça da igreja, afirmando que essa circumstancia depunha contra mim. Acrescentou que o padre Guilherme estava, por certo, enganado na escolha, pois solicitara uma governanta mais velha, com maior experiencia da vida. Quando me disse que meus serviços não lhe convinham, a pequena Beatriz fez grande bulha, afirmando o contrario. A enferma abraçou-se comigo, a gritar, provocando a intervenção do pai e do avô, que acorreram pressurosos. Esclarecido o motivo de suas lágrimas, o Sr. Davenport cravou na esposa um olhar muito austero e decidiu que eu ficasse de qualquer maneira. Vendo, porém, o enfado da senhora, pedi permissão para desistir, mas não fui atendida. O Sr. Jaques foi a meu favor, recriminando a conduta da filha. Reconhecendo-se isolada no seu ponto de vista, a senhora Suzana passou então a tratar-me com brandura, concordando com a minha permanencia ao lado da filha.

Damiano que a escutava com atencão, valeu-se da pausa e interrogou:

— E os nomes nessa família irlandesa não te preocuparam?

— Sem dúvida que me ocorreram pensamentos estranhos, em contacto com as pessoas da casa. Cirilo Davenport é o nome de meu pai, e os nomes de Jaques e Suzana parecem muito ligados ás recordações da mamãe.

— Porventura não te perguntaram pelo teu nome de família?

— Sim, mas deu-se um fato muito interessante, que me compeliu a permanecer um tanto retraída. Quando cheguei, o Sr. Jaques me contemplou muito admirado e disse ao sobrinho: — “é o retrato de Madalena Vilamil”. Tive um grande susto ao ouvir essa inesperada referencia ao nome de mamãe, mas supponho que trataram de pessoa importante de suas relações. Dentro em pouco, soube que a família é Davenport. E fiquei atrapalhada para responder ao Sr. Cirilo, quando procurou saber meu nome. Se dissesse Vilamil, ou Davenport poderiam supôr que estava querendo insinuar-me e classificar-me como parente da casa; vendo a senhora Suzana tão agastada com a minha presença e para não lhe parecer petulante, disse, então, que me chamo “Alcíone da Chácara”. Essa resposta foi boa porque me tranquilizou a consciencia, visto ser esse o nome com que me tratavam lá em Ávila, na intimidade. Assim, padre, creio que não ofendi a dona da casa, nem faltei á verdade.

Damiano fez um gesto de quem se tranquilizava e sentenciou:

— Procedeste muito bem. A prudencia salva sempre.

E depois de consultar o coração aflito e receoso das amarguras revelações, disse á interlocutora com inflexão de carinho:

— Agora, vamos aos motivos da inquietação que me obrigou a chamar-te.

Voz pausada, evidenciando forte emoção, iniciou as confidencias, reportando-se ás afirmativas de Madalena e confrontando-as com as do padre Guilherme.

A filha de Cirilo tudo ouvia com penoso assombro. Estupefacta, não conseguia responder. Quando êle se referiu ao que se passara junto do tumulo da progenitora, no cemitério dos Inocentes, as lágrimas lhe rolaram dos olhos.

Sumariando as suas conclusões, Damiano acentuava:

— Não podemos ter qualquer dúvida, mas eu espero que te mantinhas sobranceira á prova que nos visita e precisamos enfrentar. Sei quão amargas devem ser tuas

lágrimas, mas, estou certo de que Deus te amparará o coração afetuoso.

— Não choro por mim, padre Damiano, e sim pela mamãe, cujos padecimentos me cortam o coração.

Impressionado com o acento comovedor dessas palavras, o velho amigo considerou:

— Se vês que não podes continuar na casa dos teus parentes irlandeses, poderemos arranjar uma desculpa que justifique a tua desistencia. Se quiseres, dada a complexidade e gravidade do caso que nos defronta, poderemos induzir tua mãe a voltar para Castela. Estou doente, é verdade, mas isso não é motivo para deixar de acompanhá-las. E assim guardaríamos lá o doloroso segredo, para sempre!...

Alcione recordou a figura do progenitor quando lhe pôs nas mãos uma bolsa recheada, lembrou o acolhimento que lhe dispensara no ambiente doméstico e ponderou:

— Não podemos fugir. Não seria Deus que me conduziu á casa paterna para que eu aprendesse alguma virtude das que se ligam á divina humildade? Não creio que meus parentes precisem de mim para alguma cousa, mas, sinto que necessito deles para acendrar meu coração.

O velho sacerdote acolhia, profundamente comovido, aquela preciosa lição de renúncia. Observar a atitude angélica de Alcione representava enorme confôrto para o seu espírito cansado. Por isso mesmo, calara-se para que ela, nobre e humildemente, continuasse a derramar-lhe na alma exausta as sublimes consolações da discípula de Jesus.

— Além disso — prosseguiu Alcione depois de uma pausa — se meu pai estendeu-me a carinhosa mão na via pública, proporcionando-me tanta alegria sem saber que eu era sua filha, como poderei abandona-lo agora, ciente de que me deu a vida? Não seria renegar os ensinamentos do Cristo? O Sr. Cirilo Davenport me conquistou pela sua generosidade. A partir de hoje, confiou-me a filhinha como se me conhecesse de ha longos anos, obrigou-me a sentar á mesa da família, ordenou que seu carro particular me trouxesse a São Marcelo. Não posso admitir que meu pai procedesse conciente-

mente contra minha mãe. Atrás de tudo isso deve existir uma trama criminosa.

Muito sensibilizado, o eclesiástico replicou:

— Tuas razões são sagradas e concordo com o teu parecer, de que Jesús te conduziu ao lar paterno com algum objetivo; mas, se sugeri o retôrno á Espanha foi pensando nos teus padecimentos morais, bem como na hipótese de Madalena ter agravados, algum dia, os seus sofrimentos já quasi intoleráveis.

Alcione meditou um minuto e redarguiu serenamente:

— Sim, por minha mãe todos os sacrificios serão poucos, mas buscarei ocultar com os meus beijos a realidade dolorosa. Jesús me auxiliará para que ela não sáia dêste mundo conhecendo as verdades amargas... Amará meu pai até o fim, como símbolo da ventura que a espera no céu e será, para mim, como a santa de um altar, ligada a Deus; mas, estando meu pai ainda no mundo, não será razoavel cooperar para que ambos se unam para sempre na eternidade?

— Mas, o teu esforço penoso? E os sacrificios diários por desenvolver dignamente a tarefa em tal situação?

— Cinjo-me ás proprias lições que me destes desde a infancia. Será que Jesús peregrinou pela Terra, somente para que o admirássemos? Teria sido escrito o Evangelho apenas para que os homens encontrassem nas suas páginas motivos de apologias brilhantes? Sua palavra, padre, não me inculcou, sempre, que permaneceremos no mundo com o santo objetivo de purificar o coração? Deus quer que nos amemos uns aos outros. Sua misericordia, de quando em quando, reúne fortuitamente os proprios inimigos, por verificar se já estão prontos á tarefa sacrossanta do amor. Se a Providencia Divina me conduz agora aos braços paternos, por que e como contrariar seus insondáveis designios?!

— Deus te abençoe os propositos sublimes — murmurou o sacerdote sensibilizado até as lágrimas — amanhã ou depois, farei uma visita aos Davenport, não obstante o meu precário estado de saude. Preciso observar de perto os personagens do nosso drama, afim de legi-

timar as minhas ilações. Irei como teu tutor, ratificar a apresentação do padre Guilherme e então, estudarei fisionomias e sondarei corações. Recomendando-te, porém, muita cautela, para que tua mãe permaneça alheia a esta nova amargura do seu caminho. Será mesmo de alta prudência não desceres do carro de teu pai á porta de casa, mas distante e de maneira a evitarmos qualquer surpresa dolorosa.

Ela concordou e conversaram ainda alguns minutos, até que se despediu com as novas recomendações de prudência e votos de tranquilidade, do velho sacerdote.

Decorridos dois dias, com enorme dificuldade, Damiano tomou um carro em companhia de Guilherme, afim de vingar seus propósitos no elegante palacete das cercanias de São Landry. Prevenida de véspera, a família Davenport aguardava-o com homenagens afetuosas, recebendo-o com excepcional carinho.

Logo ás primeiras palavras, notou que Alcione gozava da simpatia geral, embora as atitudes de Suzana indiciassem preocupações indefiníveis. De pronto a conversa generalizou-se animada. O professor de Blois, agora ancião venerando pelos cabelos de neve, comentava o concurso da igreja nos planos educacionais da época, destacando a cooperação preciosa dos padres integrados no conhecimento de sua missão divina. Damiano surpreendia-se com a vivacidade intelectual do velho educador. Cirilo, de quando em vez, intervinha com alguma observação, dando impressão de homem ativo e trabalhador, mas de alma envelhecida, em virtude do véu de tristeza inalterável que lhe ensombrava o rosto. A espôsa parecia amavel, embora pouco expansiva. A um canto da sala, a filha de Madalena descansava num divã ao lado da jóven Beatriz, em attitude humilde.

Debalde o sacerdote procurara, de início, um meio de provocar as recordações do passado e lê-lo na fisionomia de cada um. Depois das primeiras impressões, acentuou intencionalmente:

— Pois que estou com um pé na sepultura, folgo em ver que Alcione ingressa numa casa nobre, que lhe proporcionará o bem-estar que desejo.

— Que é isso, reverendo Damiano? — atalhou Jaques generoso. — Se, revigorado, qual o vejo, nos fala em morrer, que não direi eu com os meus achaques sem remédio? A velhice é uma escola rigorosa de meditação, mas eu ainda me recuso a pensar na morte.

— Sou, porém, muito mais velho que o senhor.

— Vê-se logo que é gentileza sua; olhe que a bondade é um dom precioso, mas não pode excluir a verdade.

E mudando o rumo da assertiva, continuava:

— Quanto á sua pupila, pode ficar descansado. Padre Guilherme andou muito bem inspirado trazendo-nos esta amiguinha para Beatriz e para nós mesmos. Ela não será aqui uma serva e sim uma filha. Pode estar certo disso.

— Sem dúvida — confirmou Cirilo com um gesto franco.

— O que mais nos impressionou, desde a chegada, — continuou carinhosamente o velhinho — foi a extraordinária parecença com a primeira mulher de meu sobrinho, a quem eu considerava como propria filha. Creio que, se a senhorita fôsse filha de Madalena, talvez não se parecesse tanto com a finada... Os caprichos da natureza são profundos, porque, na verdade, nunca esquecemos a falecida.

Nesse instante, o olhar do sacerdote de Ávila cruzou casualmente com o da dona da casa, e teve a impressão de que ela se perturbava, assaltada por algum pensamento menos digno. O amigo da senhora Vilamil desejou sinceramente conhecer certos detalhes referentes á presumida morta, mas não se sentia com ânimo de abordar de chofre tão delicado assunto. Poderia parecer imprudente e atrevido aos Davenport, que o recebiam com tanta cordialidade e aprêço. Nessa altura, atreguando-se a palestra, o visitante notou que o velho Jaques tinha sinais antigos de variola, nas rugas do rosto. Não esperou outra inspiração e perguntou, com delicadeza:

— Pelo que estou vendo, Sr. Jaques, a "bexiga" também não o poupou, noutros tempos...

— Ah! sim, na variola de 63 nossos padecimentos foram terríveis.

— Eu também muito sofri nessa época, aqui em Paris, onde viera a convite de alguns colegas. E estive tão mal, — acrescentava sorrindo — que quasi me sepultaram vivo, num dos cemitérios improvisados.

A filha de Jaques recordou fortemente o minuto em que livrara a rival de semelhante destino e fez um gesto instintivo de espanto.

— Nessa ocasião, — explicou o professor — residíamos em Blois, mas Suzana teve oportunidade de observar muita cousa triste, nesta cidade, pois aqui chegou no dia imediato ao da morte de Madalena.

— Ah! por favor, senhora Davenport — exclamou Damiano, mostrando-se muito impressionado — conte-nos a sua experiencia. Não poderás esquecer o pavoroso instante em que me ameaçavam com o sepultamento, apesar de me sentir no gozo de todas as faculdades... Foi um minuto terrível...

— São recordações muito amargas, padre, — retrucou Suzana aparentemente tranquila. — Como não ignora, meu marido era casado em primeiras núpcias, aqui em Paris, e tendo êle seguido para a América, a família ficou em dificuldades, quando irrompeu a pavorosa epidemia. Madalena Vilamil era como se fôsse uma irmã. A carta que escreveu a meu pai, para Blois, era um apêlo que não podia ficar sem resposta. Logo que pude, vim até cá, por trazer-lhe os meus prestimos. A pobrezinha, porém, havia sido sepultada na véspera. Todavia, ainda pude encontrar seu pai com vida, assistindo-lhe os últimos momentos. D. Inácio, velho fidalgo espanhol, tinha em sua companhia um sobrinho chamado Antero de Oviedo, que foi um arrimo para todos, naqueles dias tão amargos! Ajudei-o a providenciar o enterramento do tio ao lado da sepultura da filha, no cemitério dos Inocentes e, nos poucos dias de minha estada em Paris, pude testemunhar a brutalidade dos carregadores desalmados, que farejavam cadáveres todas as manhãs, nas casas contaminadas.

O sacerdote de Ávila já conhecia o bastante para inferir a conveniencia de Suzana no drama que negrejava o destino de Madalena, e acrescentou:

— A senhora deve ter sofrido muito.

— Foram dias tormentosos, efetivamente; voltei a Blois tão impressionada que só melhorei quando me vi no mar, a caminho da colonia. O mesmo deve ter acontecido a Oviedo Vilamil, que nos escreveu de Versailles comunicando a resolução de partir para a América espanhola.

Damiano não tinha mais dúvidas. A resolução sinistra só poderia caber a Antero e Suzana, enquanto Madalena estava no leito, entre a vida e a morte. O plano perverso obedecera á complicada urdidura. Dificilmente disfarçando a emoção, entrou a falar de outros assuntos, a-fim-de tornar o ambiente menos pesado.

Regressando ao seu quarto de enfermo, em vão ex cogitava um meio de aclarar a situação, concluindo, por fim, que toda a tentativa, nesse particular, acarretaria mais graves problemas. Que adiantaria restabelecer a verdade com o aniquilamento de toda uma família? Pensou na pequena Beatriz, na attitude confiante de Jaques, no semblante grave e triste de Cirilo e firmou o proposito de não intervir na marcha dos acontecimentos, para só confiar na Providencia divina.

Daí a quatro dias, quando Alcione foi visitá-lo, indagou carinhosamente das suas impressões.

— Vou bem, — disse ela resignada — estou começando a compreender que, dia a dia, Deus nos chama á determinada situação para que lhe executemos a vontade santa.

Damiano sorriu, como que desencantado do mundo, e obtemperou:

— Tenho quasi certeza de haver descoberto a trama que destruiu a felicidade de tua mãe, mas julgo que nada se pode fazer por deslindá-la. Como discipulos do Evangelho, devemos compreender que não se deve abandonar o combate ao mal, em hipótese alguma; entretanto, neste nosso caso, a batalha deve desenrolar-se em campo de silencioso sacrificio.

— Compreendo e estou pronta para a batalha, como sempre.

— Não te agastes com o dizer que a senhora Su-

zana participou, a meu ver, da tragédia que infelicitou tua mãe.

— Posso lamentar, mas devo reconhecer que, se Deus me pôs no seu caminho, é que tenho de aprender alguma cousa em contacto com ela. Que será? não sei. De qualquer modo, porém, rogo a Jesús não me abandone. Reconheço que minha mãe tem provado infinitos martírios, mas os criminosos, padre, são mais desventurados que os sofreadores. Mamãe, no leito da enfermidade pertinaz, goza de mais tranquilidade que a senhora Suzana no seu palácio. Enquanto Robbie nos alegra com o seu afeto, Beatriz parece detestar a progenitora, trazendo-a em constante acabrunhamento. Tenho, hoje, grandiosas lições diante do meu espírito. Antes mil vezes padecer a calúnia e o abandono, que tisonar a consciência com a nódoa do crime. Este, padre Damiano, o quadro permanente que tenho diante dos olhos.

— Lembraste bem, — murmurou o sacerdote meneando a cabeça encanecida.

— Meu pai e a segunda espôsa, — prosseguiu a jóven — são profundamente infelizes na vida conjugal. Por vezes, longamente altercam sôbre ninharias da vida social. Não raro, êle se afasta exasperado, enquanto que ela se desfaz em lágrimas. Tenho a impressão de que Beatriz é o unico êlo que os mantém presos aos compromissos contraidos. Tudo isso não será uma lição bem amarga?

O sacerdote considerou a exposição judiciosa e concordou:

— Tens razão. Contudo, minha filha, não fôsem as circunstancias imperiosas que nos impõem silêncio, haveria que denunciar o crime, para que os autores não ficassem impunes.

— Pode crer, porém, — exclamou Alcione, depois de refletir um instante — que a senhora Davenport está sendo punida todos os dias. Não poderemos, por certo, conhecer o gráu da sua conivencia no delicto, mas tenho podido observar a sua luta expiatoria. As meditações dêstes dias têm-me ensinado que devemos tratar os peccadores não como criaturas perversas ou indesejáveis, mas como doentes necessitados de medicação constante.

Não foi assim que Jesús nos tratou em sua missão divina? Tenho, agora, a convicção de que o Mestre encarou os romanos como pessoas atacadas pela moléstia da ambição e da tirania; os judeus como enfermos da vaidade e do egoísmo destruidores; e de certo terá visto em Judas um companheiro dementado, tanto quanto em Pilatos um irmão perseguido pela doença do medo.

O sacerdote estava comovidissimo. Tais interpretações lhe valiam como balsamo confortador. E mal se recobrava do assombro quando Alcione continuou:

— Suponho legítima esta presunção, porque a identificamos com a bondade do Cristo, em todos atos de sua vida e até nos derradeiros instantes da cruz. Conduzido ao madeiro entre dois ladrões, nos quais devemos enxergar dois doentes do mundo, bastou que um deles mostrasse o desejo sincero de melhorar-se recobrando a saúde, e o Senhor lhe prometeu o paraíso.

— Sim — disse o religioso emocionado; estas idéias devem fluir do céu para o teu coração purificado. Deus te proteja nos caminhos longos e escabrosos, porque as almas nobres, qual a tua, surgem na Terra como partícipes das aflições do Cristo. O mundo prepara sempre um calvário para as vidas cristãs, mas o Mestre te reservará a corôa da vida...

— Não diga isso, o senhor me atribue a bondade que lhe pertence. Estou muito longe de compreender verdadeiramente o Cristo, mas, não obstante, certa de não ter vindo a êste mundo para descanso e gôso fictícios. Aliás, nosso raciocínio deve ser claro: se o Salvador veio á Terra provando os testemunhos mais ásperos, vertendo sangue e lágrimas, por que darmos tanta importancia a algumas gotas de suor, vertidas em beneficio proprio?

Damiano agradeceu com um olhar de júbilo íntimo.

E dividindo a mocidade entre o palacete paterno e a casinha materna, humilde, Alcione Vilamil, em árdua tarefa, rogava a Jesús não a abandonasse na dolorosa missão.

III

TESTEMUNHOS DE FÉ

Impressionado com a argumentação do velho Gordon e cedendo á insistencia da família, Cirilo Davenport havia desposado a prima, em segundas núpcias, entre cariciosas alegrias dos amigos e afeiçoados da Nova Irlanda, passando a residir em companhia de Jaques, que assim o exigira, visando alguma consolação no deserto da sua viuvez. Breve, o nascimento de Beatriz vinha trazer um laço mais forte ao casal, mas o filho de Samuel jamais encontrara a emoção de ventura haurida no primeiro matrimonio. Parecia-lhe ter a alma mutilada, que o lugar de Madalena era impreenchivel. Fugia instintivamente do lar, entregando-se a trabalho incessante. Por vezes, singular estranheza se apossava dele, ao atentar nas atitudes afetivas de Suzana, sem éco no seu espirito. O coração palpitava-lhe de sentimentalismo ardente, reconhecia que nada perdera quanto á possibilidade de amar, e contudo, parecia que somente a primeira espôsa era a dona da chave de penetração no seu mundo íntimo. O ambiente doméstico, por mais que ela se esforçasse, reservava-lhe sempre penosas surpresas. A disposição dos objetos provocava censuras, os pratos nunca estavam a seu gôsto. Continuamente insaciado, insatisfeito, de quando em quando impunha-se a intervenção conciliadora de Jaques, para que os atritos não degenerassem em conflito. Depois de longas e acrimoniosas altercações, Suzana recolhia-se ao quarto, chorosa e desesperada, enquanto o marido se retirava a um canto da varanda,

distraíndo-se com a fumaça de grande cachimbo, e pensando consigo mesmo: — “No tempo de Madalena, não era assim...” Dada sua constante applicação ao trabalho, conseguira angariar fortuna sólida e invejavel situação na colonia; no entanto, intraduzível tristeza lhe pairava invariavelmente no semblante. Apenas a filha, pela profunda afinidade espiritual manifestada, conseguira atenuar os sofrimentos que o atormentavam. Desde que Beatriz atingira os cinco anos, estabelecera-se entre pai e filha um apêgo cada vez mais forte. A menina parecia singularmente distanciada da progenitora, que, em vão, se esforçava por insinuar-se á sua estima. As ansiedades e dedicações de Suzana se tornavam inúteis. A attitudinal paternal de Cirilo plasmando a alma da filhinha, absolutamente de acôrdo com os seus pensamentos, dificultava a atuação materna. Sem jamais conseguir uma harmonia perfeita com a segunda espôsa, o filho de Samuel parecia vingar-se do destino, subtraindo a pequenina á sua influencia e dando ensejo a que Beatriz se desenvolvesse entre caprichos de toda sorte. Em breve tempo Suzana não tinha nenhuma autoridade sôbre a filha, que só obedecia ao pai. No íntimo, a prima de Cirilo sentia-se qual réu, que, não obstante resguardado da justica humana, resgatava duramente o crime praticado. Não encontrara a felicidade esperada em seu criminoso sonho. Os momentos raros de alegria conjugal eram pagos multiplicadamente em angústias martirizantes, pelo que costumava comparar sua ventura á uma gota de vinho numa taça de fêl. Além do mais, os remorsos perseguiram-na, implacáveis. Se encontrava um doente, recordava-se de Madalena; se entrava num cemitério, surgia-lhe o espectro da vítima. Quando alguém se referia a júbilos domésticos, ela sentia o amargor das suas experiencias; se as amigas comentavam as esperanças da prole, lembrava a filha de D. Inácio e sentia mais vivo o aguilhão da consciencia.

Tamanha era a desdita do casal, que um padre da colonia lhe recomendou mais attenção para o culto doméstico do Evangelho. Duas vezes por semana, reunia-se a pequena família para a leitura e comentário das lições do

Cristo. Jaques, porém, era talvez o único que se aproveitava legitimamente dos ensinamentos de cada noite. Suzana via em cada palavra uma acusação, furtando-se ao aproveitamento. Cirilo considerava as sentenças evangélicas como simples fórmulas convencionais da religião, sem sentido lógico para a vida prática, e a pequena Beatriz ouvia a leitura e interpretação do avô com o devido respeito, sem nada assimilar ao espírito infantil. O velho professor de Blois, todavia, não desanimava.

Quando a pequena manifestou os primeiros sintomas da enfermidade nervosa que a acabrunhava, os pais, como loucos, deliberaram transferir-se temporariamente ao Velho Mundo, em busca de recursos médicos. Debalde Suzana insistiu para se fixarem na Inglaterra. Cirilo foi inflexível. Ficariam em França. Uma vez forçado a viver na Europa, preferia Paris, onde se sentia identificado com as suas antigas recordações. Aí poderia cuidar da saúde da filha e orar no tumulto da primeira esposa. E não houve como demovê-lo dessa resolução.

Assim que, regressou ao Velho Continente o reduzido grupo familiar, sem prazo prefixado de regresso, sendo que Cirilo, aproveitando a oportunidade, poderia centralizar a representação de vasta zona do Connecticut, para o comércio do fumo, florentíssimo então.

Perdurava a mesma angustiada situação para os Davenport, em Paris, quando Alcione lhes entrou em casa. Casa rica de recursos financeiros, mas pobre de alegria e de paz.

Jaques e o sobrinho exultavam com a chegada da jóven, tão parecida com a morta inesquecível e pelas suas maneiras carinhosas e cativantes. Beatriz parecia encontrar em sua companhia o medicamento indispensável. As longas conversações com a governanta desvelada, pouco a pouco lhe modificavam as atitudes. Suzana, entretanto, teve agravado o seu íntimo mal-estar com a presença de Alcione. Não conseguia soffrer a onda de ciúme e egoísmo que a empolgava. Muitas circunstancias cooperavam para isso. Não tolerava a menina simples e generosa, pelos seus traços identicos aos da rival que eliminara do seu caminho. Além de tudo, aquelas atenções

que Cirilo lhe dispensava, doíam-lhe penosamente no coração inculto. Complicando a questão, o velho pai, bem como a filhinha, adoravam a jóven serva, manifestando-lhe extremo carinho. Debalde procurava um pretexto para despedi-la. A moça estava sempre calma e disposta a ceder aos seus caprichos. Aquela suave humildade causava-lhe irritação. Por mais que elevasse a voz, em ordens intempestivas, Alcione tratava-a respeitosamente, em atitude de nobre serenidade. A princípio, acrescentou-lhe outras ocupações, além dos deveres de governanta e preceptora. A jóven era obrigada a tratar de todos os demais serviços leves da casa, inclusive a costura. Observando, todavia, que a moça a tudo atendia primorosamente, Suzana chamou-a certa vez:

— Alcione!

— Senhora!...

— Hoje é necessário que substituas a lavadeira, que se encontra doente.

— Sim, senhora.

E num momento desdobrava-se em atividades no tanque espaçoso, esforçando-se por cumprir perfeitamente a tarefa insolita. Entretanto, vendo-a entregar a tal mister, não se conformou a pequena Beatriz, que, depois de um olhar reprovativo á progenitora, correu ao pai, pedindo-lhe providencias.

Cirilo atendeu de pronto. Vendo a governanta da filhinha azafamada na lavanderia, começou a altercar com a esposa, recriminando-a com aspereza. Beatriz agarra-da a êle, reforçava-lhe a censura. Suzana justificava-se. Não poderia atender ao ritmo doméstico, exautorada nas suas determinações. O marido porém, não lhe aceitava as alegações, secundado por Beatriz, que acusava a progenitora de perseguir Alcione com os serviços mais grosseiros. A filha de Madalena trabalhava, cabisbaixa e humilde, mas, quando viu a dona da casa em pranto convulsivo, exasperada com as censuras que lhe eram dirigidas acremente, adiantou-se com delicadeza e acentuou:

— Sr. Davenport, espero que me desculpe a intromissão na conversa, mas pode crer que a pequena Beatriz está enganada. D. Suzana não me mandou substituir a

lavadeira, fui eu mesma que, sabendo que a lavadeira adoeceu, ofereci minha cooperação no tanque, para aliviar os muitos serviços domésticos.

— Ah! sim, — acrescentou Cirilo algo desapontado.

— O senhor não se preocupe, — concluiu Alcione — eu estou bastante habituada a estes trabalhos.

Essas palavras eram ditas com tanta sinceridade e boa vontade que o chefe da família regressou tranquilamente às suas atividades, enquanto a esposa olhava para a governanta sem disfarçar a surpresa. Beatriz, muito modificada em sua primeira atitude de revolta contra a decisão materna, aproximou-se da jóven, tentando ajudá-la. Muito afetuosamente, contemplava Alcione, seduzida pela sua bondade, como a lhe pedir explicações. A filha de Madalena percebeu-lhe o desejo e falou:

— Então, Beatriz, consideras a limpeza da roupa como serviço pesado? Não penses assim. Deve ser muito sagrado, para nós todos, o asseio das cousas caseiras.

— Mas ha criadas para isso, explicou a menina procurando justificar-se.

— No entanto, devemos estar habilitados para qualquer trabalho digno. Se todas as servas adoessem, haveríamos de vestir roupa suja? Não admitirás isso, por certo. Além do mais, cuidar da roupa que nos faz tanto bem, deve constituir motivo de satisfação sincera.

A menina, muito sensível, estimava devéras a governanta, mas objetou:

— No entanto, sempre ouvi dizer que cada serviçal deve estar no seu lugar.

— E não erras, pensando assim, mas essa verdade não impede o dever de ampliarmos nossas experiências em todo e qualquer trabalho honesto. Não estimas tanto as lições de Jesús? Pois em Cristo encontramos o verdadeiro ânimo de trabalho. O Mestre Divino nunca se ausentou do lugar sublime que lhe compete na Criação e no entanto carpintejou na modesta oficina de Nazaré; exegeta da lei perante os doutores de Jerusalem, serviu o vinho da amizade nas bodas de Caná; médico da sogra de São Pedro, enfermeiro dos paráliticos, guia dos cegos, amigo das crianças, mas também laicão dos discípulos,

quando lhes lavou os pés, no cenáculo. E nada obstante o contraste e a diversidade de tantas tarefas, Jesús não deixou de ser o nosso Salvador, em todos os momentos.

A filhinha de Suzana, entre admirada e comovida, observou:

— Tudo isso é verdade... Como não pude compreender antes?

E começou a ajudar no trabalho do tanque.

Esses pequeninos incidentes domésticos começaram a impressionar profundamente a segunda esposa de Cirilo. De que fonte poderia Alcione haurir tanta compreensão e tamanha força? Alcione estava sempre pronta a lhe atender as menores exigencias, sem modificar a atitude de serenidade e dedicação. Chamada aos proprios misteres da cozinha, desincumbiu-se dos deveres que lhe eram confiados, a contento geral.

Decorrido quasi um ano, Suzana adoeceu gravemente. A filha de Madalena consagrou-lhe o máximo de seus carinhos. Nessa ocasião, justamente em face dos sofrimentos que a martirizaram, foi que ela se rendeu á bondade da serva, tornando-se-lhe desvelada amiga. A residencia de Cirilo experimentava profundas transformações. O chefe da família, bem como Jaques, insistiam para que a jóven se transferisse definitivamente para o palacete da Cité, mas Alcione alegava que a mãe era parálitica, que tinha um irmão adotivo necessitado da sua assistencia, e um tutor muito amigo que se abeirava da morte.

Inúmeras vezes, a filha de Madalena Vilamil era obrigada a desviar, delicadamente, o desejo de Suzana e da filha, de lhe visitarem a progenitora enférma.

— Mais tarde, senhora Davenport, estaremos preparados para recebê-la; por enquanto, sou eu quem lhe pede para não ir. Quero ter a satisfação de apresentá-la á mamãe quando ela puder sentir o prazer de melhores mais positivas.

E Suzana justificava-lhe a solicitação.

A modificação de Beatriz trouxera grande paz ao coração paterno. Cirilo não cabia em si de contentamento, em lhe observando a jovialidade e a saúde. Nunca poderia explicar o fenomeno afetivo que com êle se passa-

va, mas, era tal a estima e admiração que tinha pela moça, que, no íntimo, não sabia a qual das duas queria com mais ternura. Jamais confiara a quem quer que fôsse as suas reconditas impressões, mas desde que Alcione lhe entrou em casa, começara a sentir uma serenidade desconhecida. Ela lhe parecia assim como alguma cousa da morta inolvidável. Por vezes, quando a governanta acompanhava a família ao cemitério dos Inocentes, tinha impetos de afagá-la paternalmente, enxugando-lhe as lágrimas copiosas. Em tais ocasiões ela recordava os sofrimentos de cada um dos personagens do drama doloroso e desfazia-se em lágrimas. A família Davenport levava tudo a conta de sentimentalismo, temperamento hipersensível, e as suas atitudes passavam despercebidas, sem mais comentários.

A's quartas e domingos, praticavam, na intimidade, o culto doméstico do Evangelho.

Num sábadó, á refeição, foi Jaques a lembrar:

— Alcione, amanhã faremos nosso estudo e meditação do Novo Testamento e receberíamos, com prazer a sua cooperação.

— Ganharei muito em vos ouvir — acentuou placidamente.

O alvitre do generoso velhinho mereceu aplauso geral. Cirilo fez ver que seria muito interessante ouvir a governanta de Beatriz no comentário das lições de Jesús. Alcione esquivava-se ás provas de aprêço, com extrema humildade. Viria, a-fim-de aprender, exclamava bondosamente.

Na tarde seguinte, reunidos em tórno da grande mesa aristocrática, o pai de Suzana explicou atencioso:

— Ha muito tempo, minha filha, — dirigia-se á Alcione com muito carinho — aconselhados por um sacerdote americano, deliberamos fundar nossa igreja laica, por considerar que a família é o nosso primeiro santuário.

— Resolução louvavel — disse a filha de Madalena, entre a ternura e o respeito. — Minha mãe tambem sempre me disse que o lar é o nosso templo divino.

Magnetizado pela doçura das suas palavras, Cirilo

Davenport ansioso de alcançar a fé que lhe suavizasse as lutas da vida, perguntou:

— Não discordo, Alcione, desse conceito, mas, já o tenho discutido muitas vezes com meu tio. Por que entreter o culto evangélico no lar, quando temos numerosas igrejas? Só aqui no centro contamos mais de vinte. E os outros bairros de Paris? E as instituições religiosas? Por que esta diversidade de cultos se os fins são os mesmos? Não seria mais justo reservar as possibilidades da devoção para os officios religiosos de carater público?

O filho de Samuel assim se manifestava porque nunca pudera compreender a utilidade prática da igreja doméstica. A seu ver, os textos evangélicos constituíam material de análise privativa dos padres, e chegava quasi a considerar inútil a leitura isolada das anotações apostólicas. Alcione, atenta e prazerosa, respondeu:

— Neste discrimine, Sr. Davenport, como não se trata de opinião nossa, pessoal, mas de ensinos do Mestre, peço-vos relevar a minha franqueza. Tenho a convicção de que, em toda parte, estamos na casa de Nosso Pai e estou certa de que virá o dia em que tomaremos por templo de Deus o mundo inteiro. Mas, em nossa actual condição, não nos custa reconhecer o proveito das igrejas e o carater sagrado do culto doméstico, no que concerne aos ensinos de Jesús. Tambem no confôrto de nossas casas, ha sempre ótima disposição para atender aos nossos familiares enfermos, mas isso não proscreeve a necessidade dos hospitais. Os pais generosos ensinam sempre os filhinhos; mas nem por isso deixam de ser uteis as escolas. Em materia de fé, nossa estranheza radica na viciação dos deveres religiosos. Costumamos attribuir ao sacerdote o que nos compete realizar. Um padre poderá funcionar como generoso preceptor, indicando os caminhos rétos, mas nós transitamos para Deus e é imprescindível não parar. O ministro da fé atenderá ao conjunto, mas, para que as alegrias cristãs vibrem perfeitamente em nossa alma, não ha que olvidar a necessidade de estabelecer o culto do Senhor, dentro de nós mesmos. Assim entrevisto, o lar é o templo mais nobre, porque oferece oportunidade diária de esforço e adora-

ção. Cada criatura de nossa convivência sob o mesmo teto, representa um altar para o culto da bondade, do carinho, da compreensão. Cada borrasca doméstica é um ensejo para a distribuição de esperança e fé. Cada dia afanoso enseja possibilidades de testemunhar confiança em Deus. Enquanto isso ocorre na intimidade, as instituições religiosas podem funcionar como hospitais dos espíritos combalidos, como celeiros de esfomeados, como fontes de informações sublimes aos ignorantes. Qualquer doente esperará a volta da saúde, mas, colimando reintegrar-se no plano de esforço diuturno; o faminto se alimentará de modo a prosseguir no seu caminho; e o ignorante será instruído para que se habilite a aplicar o que aprendeu. Por este prisma, podemos aquilatar o valor das pequenas realizações domésticas. Acredito que o lar seja o ninho onde o espírito humano cria em si mesmo, com o auxílio do Pai Celestial, as asas da sabedoria e do amor, com que ha de conhecer, mais tarde, as sendas divinas do Universo.

A reduzida assembléa não podia ocultar a enorme expressão de assombro. Os Davenport estavam longe de presumir naquela jóven de atitudes tão tímidas, tais provas de conhecimento espiritual. Pela primeira vez, Cirilo ouvia um argumento que o satisfazia plenamente. Com estupefação geral, Beatriz quebrou o silêncio, dirigindo-se ao avô nestes termos:

— Não te disse, vovô, que ela sabe muita cousa nova sobre Jesús?

— Não diga isso, Beatriz — murmurou Alcione toda humilde — eu sou apenas uma curiosa das lições evangélicas. Como tínhamos em Ávila a nossa pequena igreja doméstica, a funcionar quasi todas as noites, familiarizei-me com o assunto.

— Sem dúvida, — replicou Cirilo impressionado — as tuas explicações, Alcione, falam profundamente á alma. Os negócios materiais da minha vida sempre me criaram certa atmosfera de incompreensão para as lições do Cristo. Sempre considerei o lar fortaleza da nossa felicidade na Terra, mas nunca como base para enriquecimento de dons espirituais.

— Isso é natural — prosseguiu a moça enternecida — as forças que nos encarceram o coração nas grades de uns tantos problemas temporais, costumam ser violentas e rudes. Entretanto, Deus não se cansa de nos atrair aos seus braços misericordiosos. As circunstancias mínimas da existencia humana induzem a pensar nisso. Logo que abrimos os olhos neste mundo, encontramos pais carinhosos que nos encaminham para o bem; nossa infancia, quasi sempre, está cercada de sábias advertências dos preceptores, que nos orientam para a verdade. Uma idéia lógica surge, fatalmente, em nosso cérebro: tantos mensageiros de bondade viriam á nossa estrada tão só para informar-nos o coração, sem utilidades práticas para a propria edificação nossa? Muita gente, nos mais variados credos, depõe nas mãos de seus ministros o que lhes cumpre fazer, mas isso é um êrro grave. Deus nos chama pela maneira como Jesús procurou os discípulos. Para realizar a união divina é preciso marchar, na "terra" de nós mesmos, não obstante os maus dias e as noites tenebrosas!...

Cirilo não podia disfarçar a admiração. Agora, sentia dôscortinar-se aos olhos dalma um mundo deslumbrante, que até então não conseguira surpreender. As palavras da jóven modificavam-lhe, num minuto, todas as presunções exegéticas. Começava a sentir que a vida, sob qualquer de seus aspectos, revestia-se da mais profunda significação. No seu conceito, o homem deixava de ser um exilado em miserias trevas, que se encontraria mais tarde com Deus, ou com a punição eterna. A Terra figurava-se-lhe escola, onde cada homem recebia uma divina oportunidade, entre milhões de possibilidades sublimes e infinitas.

— No templo de prégações públicas — concluia a filha de Madalena sem afetação — poderemos receber as inspirações externas, ao passo que no culto íntimo entramos em contacto com o proprio eu, recebendo divinas mensagens na conciencia. Os diversos ministros religiosos têm fórmulas convencionais; nós, como sacerdotes da propria iluminação, temos as expressões espontaneas da vida.

Jaques remetera-se a prolongado silêncio, como se estivesse chegando a um mundo novo de preciosas revelações. E Suzana, vendo o companheiro quasi extático, considerou, eminentemente comovida:

— Em verdade, Alcione, teus raciocínios abrem novos horizontes ao nosso espírito. Sempre estudamos o Evangelho, mas, de minha parte, devo confessar a dificuldade em me adaptar aos ensinamentos... Sinto-me tão pecadora, tão humana, que, cada lição me sôa como rigorosa censura. Por que experimento assim, as santas narrativas, como dilacerantes acusações?

A jóven fitou-a com olhos muito lúcidos e esclareceu:

— Tais impressões devem ser passageiras. O Evangelho é mensagem de salvação, nunca de tormento. Na realidade, conhecemos a extensão da nossa indigência e o gráu das nossas fraquezas; mas a misericórdia divina restaria imota sem as nossas quedas e dolorosas necessidades. O Cristianismo jamais será doutrina de regras implacáveis, mas sim a história e a exemplificação das almas transformadas com Jesús, para glória de Deus. Se as lições do Mestre apenas nos oferecessem motivos de condenação, onde estariam as grandes figuras evangélicas de Maria Madalena, Paulo de Tarso e tantas outras? No entanto, a pecadora transformada foi a mensageira da ressurreição; o inflexível e cruel perseguidor convertido, recebeu de Jesús a missão de iluminar o gentilismo.

Suzana seguia a exposição, de olhos muito brilhantes. Nunca sentira tamanha impressão de bem-estar, no trato das leituras santas. Nas confissões, que nunca chegara a conjugar com a grande falta da sua vida, nada recebia dos sacerdotes, senão amargas recriminações. Os padres lhe ministravam penitencias mas nunca lhe ofereciam roteiro seguro. Sempre dera ao altar valiosas contribuições monetarias, mas agora chegava á conclusão de que era indispensável cooperar, com todas as energias espirituais, para o proprio aperfeiçoamento.

— Tuas interpretações — asseverou a senhora Davenport — são altamente consoladoras. De uns tempos

para cá, venho refletindo amargurada na inutilidade de muitos ensinamentos recebidos na infancia. Por que terei aprendido a virtude e não a cultivo a rigor? E, com tais dúvidas íntimas, passo analisar as criaturas com profundo pessimismo, chegando a crer que a humanidade, de modo geral, vive negando Jesús a cada momento.

Alcione, que prestava especial atenção aos conceitos expendidos, obtemperou:

— Por infelicidade nossa é, de fato, enorme a bagagem das nossas fraquezas neste mundo; mas, se o Pai não desanimou e nos oferece, diariamente, ensejo de nos levantarmos para o seu amor, por que haveremos de viver em descrença contumaz? Viver sem esperança é o piór de todos os males. Quando nos preocupamos sinceramente com a iluminação espiritual, compreendemos a significação de todas as cousas. A propria miseria humana tem o seu lugar e a sua expressão educativa. Antes de tudo, é essencial refletirmos na extensão da bondade do Mestre. Lembremos que São Pedro o negou três vezes, na hora mais cruel; que Tomé duvidou da sua sabedoria e misericordioso poder e nem um nem outro foi jamais expulso da sua divina presença. O mundo tem inúmeros criminosos, exploradores, ociosos e devassos, mas tudo isso deve ser examinado por um prisma diferente. O pecado é moléstia do espírito. No excesso da alimentação, na falta de higiene, no desregramento dos sentidos, o corpo sofre desequilíbrios que podem ser fatais. O mesmo se dá com a alma, quando não sabemos nortear os desejos, santificar as aspirações, vigiar os pensamentos. Sempre acreditei que as enfermidades dessa natureza são as mais perigosas, porque exigem remédio de mais dolorosa aplicação.

Suzana estava eminentemente surpreendida. Aquelas explicações, tão simples, tocavam-lhe o coração nas fibras mais sensíveis. Sómente agora identificava a sua moléstia espiritual. Nos dias mais tristes da vida conjugal, entre remorsos e revoltas, muita vez indagara de si mesma os motivos que a levaram a desventurar a filha de D. Inácio. Nas horas acerbas, chegava á penosa conclusão de que um verdadeiro amor jamais sacrifica al-

guem nos seus impulsos. Em troca da sua violencia, nada adquirira senão remorsos para si e insaciedade para o companheiro. Não teria sido melhor cooperar para a felicidade inalterável do primo com Madalena? Se lhe não fôsse possível a edificação do lar alcansaria, pelo menos, a tranquillidade de consciencia. Entretanto, como dizia Alcione, deixara-se empolgar pelo desregramento dos desejos, desviara-se dos sentimentos justos e caíra em terrível enfermidade espiritual. Enfim, comovera-se em demasia, fóra de seus hábitos, tinha os olhos molhados de pranto.

Cirilo, por sua vez, muitíssimo impressionado com os esclarecimentos, imitava o velho tio, parecendo mergulhado em profundo cismar.

Rompendo o forçado silêncio, o velho educador de Blois tomou a palavra e disse com brandura:

— As interpretações da menina são novas e confortadoras para nós. Pelo visto, muito nos poderá ela auxiliar, no referente aos sagrados ensinamentos. Não será melhor que todos nós a ouçamos, hoje, no culto? Dessarte, saberemos como funcionava a sua igreja doméstica, em Ávila, e poderemos enriquecer as nossas experiencias.

Alcione sempre humilde e sincera, tentou esquivar-se, mas Cirilo e Suzana reforçaram a proposta do bondoso ancião e não houve como eximir-se á delicada incumbência.

Jaques entregou-lhe o pesado volume, mas antes de o abrir, ella explicou:

— Em nosso grupo familiar de Castela a Velha, meu tutor dizia que o estudo das letras santas é comparavel a uma pesca de luzes celestiais. O rio da vida, afirmava, está sempre correndo e é indispensavel energia serena e vontade ardente, a-fim-de mergulharmos na coleta dos valores divinos. Enquanto o homem se mantiver tibio, desencantado, indiferente ou pessimista, difficilmente poderá encontrar no Evangelho algo mais que os sublimes apelos do Senhor. Em tais condições negativas, recebemos os convites do Cristo, mas, frequentemente ficamos ignorando a tarefa, somos chamados ao banquete da verdade e da luz, mas comparecemos como comensais bi-

sonhos, mal sabendo como iniciar o succulento repasto. O ensinamento de Jesús é vibração e vida, e como o estudo mais simples demanda o esforço de comparação, não podemos versar o Evangelho sem esse esforço. Muitos procuram, nestas páginas, sómente motivos de consolação, esquecendo a essencia do ensino. Mas seria um contra-senso vir o Mestre a nós, dos paços gloriosos da imortalidade, apenas para nos adoçar o coração onusto de perversidades e fraquezas humanas. Jesús é a fonte do conforto e da doçura supremos. Isso é inegavel. No entanto, reconhecemos que uma criança que sómente receba consolações e mimos paternos, arrisca-se a envenenar o coração para sempre, na sede insaciável dos caprichos. Não; não devemos acreditar que o Cristo só haja trazido ao mundo a palavra revigoradora e afetuosa, senão também um roteiro de trabalho, que é preciso conhecer e seguir, em que pesem as maiores difficuldades. Para isso, é indispensavel tomar os nossos sentimentos e raciocínios como campo de observação e experiencia, trabalhando diariamente com Jesús na construção da arca íntima da nossa fé. Naturalmente que essa edificação não prescinde do material adequado, constituido pelas virtudes e conhecimentos nobres que adquirimos no curso da vida. São esses os elementos que procuramos, em nossa pesca das luzes celestiais, para que, recebendo as consolações de Jesús, sejamos igualmente operosos trabalhadores.

A pequena assembléia entreolhava-se grandemente surpresa. Cada qual parecia mais deslumbrado com o comentário da jóven intérprete.

— Em Ávila, — continuou ella com a maior simplicidade — nunca nos reunimos no culto doméstico sem supplicar o socorro da inspiração divina. Padre Damiano esclarecia sempre que Deus não poderia ter enviado as “linguas de fogo” da sua sabedoria apenas aos doze discípulos de Jesús. As chamas do seu amor infinito aquecem a humanidade inteira. Basta lembrar que, se os sinais do céu foram vistos sómente sobre os Apóstolos, no dia inolvidavel do Pentecostes, ninguem poderá contestar a extensão dos beneficios á multidão que os ouvia,

exultante de júbilo. A revelação dirigia-se a todos, o contentamento celestial foi distribuído sem exclusividade. Baseado nisso, meu tutor asseverava que devemos fazer o estudo evangélico não apenas com as nossas malícias e necessidades humanas, mas com o auxílio silencioso e invisível, do céu!...

Após estas considerações, que despertaram fundo enternecimento nos ouvintes, orou em voz alta, suplicando a Jesús lhes concedesse o benefício de suas inspirações sacrossantas, para que se integrassem no conhecimento da sua vontade. Feita a prece comovedora, tomou do livro, e perguntou:

— Sr. Jaques, gostaria me dissésseis qual o método aqui adotado para a leitura.

— Costumamos ler cinco a dez versículos de cada vez, comentando-os em seguida. Presentemente estamos na segunda epístola de São Paulo a Timóteo, tendo ficado, na última reunião, no segundo capítulo, versículo 10.

— Lá na Espanha, — explicou a jóven delicadamente — liamos apenas um versículo de cada vez e êsse mesmo, não raro, fornecia cabedal de exame e iluminação para outras noites de estudo. Chegámos á conclusão de que o Evangelho, em sua expressão total, é um vasto caminho ascensional, cujo fim não poderemos atingir, legitimamente, sem conhecimento e aplicação de todos os detalhes. Muitos estudiosos presumem haver alcançado o termo da lição do Mestre, com uma simples leitura vagamente racionada. Isso, contudo, é êrro grave. A mensagem do Cristo precisa ser conhecida, meditada, sentida e vivida. Nesta ordem de aquisições, não basta estar informado. Um preceptor do mundo nos ensinará a ler; o Mestre, porém, nos ensina a proceder, tornando-se-nos, portanto, indispensável a cada passo da existencia. Eis porque, excetuados os versículos de saudação apostólica, qualquer dos demais conterà ensinamentos grandiosos e imorredoiros, que impende conhecer e empregar a benefício proprio.

— Será então mais útil — advertiu Cirilo sumamente interessado — assim também procedermos.

Alcione procurou a epístola indicada e leu o versículo 11 do segundo capítulo:

— “Palavra fiél é esta: que se morrermos com êle, também com êle viveremos”.

Franca a palavra, todos, exceto a pequena Beatriz, que se mantinha calada, opinavam que os homens apegados a Jesús, no fim da vida, podiam morrer em paz, certos de que o Senhor lhes abriria, além-tumulo, as portas gloriosas da redenção.

Depois de ouvir a opinião de cada um em particular, Alcione explanou:

— Certo, a esperança em Cristo será sempre um refúgio indispensável na hora da partida, mas a advertencia apostólica nos convoca a ilações mais graves. Lembremos os perversos que aceitam Jesús na hora extrema. Muita gente, portadora de crimes inomináveis faz ato de fé no leito de morte. Enquanto têm saúde e mocidade, vivem ao léu, entre caprichos e desregramentos; mas tanto que o corpo quebrantado lhes dá idéias de morte, alarmam-se e desfazem-se em rogativas a Deus. Podem, criaturas que tais, esperar de pronto, imediata, a glória do Cristo? E os que se sacrificam nas aras do dever enquanto lhes resta uma partícula de forças? Claudicaria a justiça, em suma, se afinal a virtude se confundisse com o crime, a verdade com a mentira, o labor com a ociosidade. Certo que será sempre útil recorrer á misericórdia do Senhor, ainda que manchados até os cabelos, bem como acreditar que, para toda enfermidade, haverá remédio adequado. Penso, porém, que a assertiva de Paulo não se refere ao termo da vida corporal, fenomeno natural e apanagio de justos e de injustos, de piedosos e de ímpios. Bafejado pela divina inspiração, o amigo do gentilismo aludiu, por certo, á morte da “criatura velha”, que está dentro de todos nós. E’ a personalidade egoistica e má, que trazemos conosco e precisamos combater a cada dia, para que possamos viver em Cristo. A existencia terrestre é um aprendizado em que nos consumimos devagarinho, de modo a atingir a plenitude do Mestre. No plano da propria materialidade, poderemos observar êsse imperativo de lei. A infancia, a mocidade

e a decrepitude, em seu aspecto de transitoriedade, não podem representar a vida. São fases de luta, demonstrações da sagrada oportunidade concedida por Deus para nós expurgarmos da grosseria dos sentimentos, da crosta de imperfeição. Costuma-se dizer que a velhice é um atafude de fantasias mortas, mas isso apenas se verifica com os que não souberam ou não quiseram "morrer" com o Cristo para alcançar a fonte eterna da sua vida gloriosa. Quem se valeu da possibilidade divina tão sómente para cultivar ilusões balofas, não poderá encontrar mais que o fantasma dos seus enganos caprichosos. A criatura, porém, que caminhou de olhos fixos em Jesús em todos os pormenores da tarefa, essa, naturalmente, conquistou o segredo de viver triunfante acima de quaisquer circunstancias adversas. Jesús palpita em seus atos, palavras e pensamentos. Seu coração, na pobreza ou na abastança, será como flor de luz, aberta ao sol da vida eterna!...

Cada qual dos ouvintes revelava jubiloso interesse. A explanação de Alcione lhes tocara o coração. Quando a filha de Madalena fez uma pausa mais longa, Cirilo Davenport acentuou:

— Agora, sim! Encontrei um modo prático de compreender. O tesouro evangélico, interpretado desta maneira, dá idéia de preciosa mina de valores espirituais. Quanto mais nos aprofundamos em meditação, esforço e boa vontade, mais filões auríferos irão surgindo aos nossos olhos.

Alcione sorriu satisfeita. Ninguém, ali, poderia entender a vibração do seu contentamento; mas a verdade é que, considerando a confissão paterna, transbordava de alegria íntima.

— O senhor comparou muito bem, — disse — as palavras do Mestre estão cheias de apelos maravilhosos, de socorros divinos, de mensagens do céu. Basta que nos esforcemos para lhe ouvir a voz e receber os dons.

Jaques continuava muito impressionado.

— Senhorita, — indagou — vê-se que a sua educação religiosa é muito diferente da que conhecíamos até agora. Encontro-me a termo de uma existencia consa-

grada ao ensino, e apesar da minha paixão pelos autores antigos, nunca pude sair do círculo do meu tempo, circunscrevendo o serviço da fé aos atos de adoração. Jamais pude compreender a igreja como oficina de trabalho ativo, nem o culto doméstico do Evangelho como escola de preparação para o esforço terrestre; no entanto, por suas observações sinto que ha métodos de interpretação que não conheço, e posso declarar pelo que ouvi da sua intelligencia moça, que estes processos de aprendizado são sedutores. Desejaria saber se isso é comum nas escolas e lares de Espanha.

A jóven sorriu agradecida e esclareceu:

— Estas luzes, Sr. Jaques, eu as recebi do meu tutor, em nossas reuniões familiares de Ávila; mas devo acrescentar que esta orientação não está generalizada na patria de minha mãe, mormente em Castela a Velha, onde o Padre Damiano foi ameaçado duas vezes pelas perseguições do Santo Officio, por haver tentado chamar a atenção do povo para este sistema de estudo e exegese.

— Que horror! — exclamou Cirilo num gesto significativo, — é quasi inacreditável que a igreja mantenha tal instituição.

— Não podemos inculpar a igreja, — retificou Alcione carinhosamente — o Cristianismo, em tempo algum, autorizaria institutos dessa natureza. Devemô-los aos maus padres, cujo coração ainda não pôde compreender a suprema grandeza do Cristo.

O velho educador, sinceramente impressionado com as definições ouvidas, tornou a perguntar:

— Onde poderei avistar-me, mais a miude com o Padre Damiano?

Alcione esboçou um sorriso melancolico e respondeu:

— Nôso velho amigo está á morte, na paróquia de São Jaques do Passo Alto. Quasi diariamente, á noite, vou recolher seus últimos pensamentos. Não obstante o combate ha muitos meses travado com a terrível enfermidade, vê-se que êle está nas ultimas. Com a sua morte próxima, perderei neste mundo um segundo pai.

A noticia ecoou lugubrememente na sala. Observando a nuvem de tristeza que sombreava o semblante de Al-

ção, todos entraram em profundo silêncio. Foi aí que a jóven lembrou:

— Agora, agradeçamos a Deus o socorro que nos foi enviado através da inspiração. As mais das vezes, temos a certeza de que devemos, em grande parte, o pão material ao proprio esforço, mas o mesmo não se dá com relação ao alimento espiritual. Este nos vem sempre de Deus, do seu paterno coração, que nos cumula de infinitos recursos. Temos na Terra a lei da necessidade, mas o Senhor tem a do suprimento. Agradeçamos a sua misericórdia e apliquemos as dádivas recebidas, porque novos elementos fluirão, para nossa alma, dos seus inexauríveis celeiros de sabedoria e abundancia.

Encerrada a reunião familiar com uma prece de reconhecimento, Alcione retirou-se deixando á familia Davenport singulares impressões.

Ela parecia fortemente inspirada, quando dizia que Damiano estava ás portas da morte. Logo que chegou á casinha do burgo de São Marcelo, encontrou a noticia alarmante. Um portador ali estivera para comunicar aos Vilamil que o velho sacerdote agonizava. As frequentes hemoptises da noite lhe haviam aniquilado as ultimas forças. Madalena, não obstante a atrofia dolorosa das pernas, supplicou á filha que a levasse em sua companhia, num carro mais espaçoso, a-fim-de ver o abnegado amigo pela última vez. A filha ouviu-a, angustiada, e dentro de poucos minutos, á bôca da noite, um carro vagaroso saía de São Marcelo para a residencia do padre Amancio. Alcione recomendara muito cuidado ao cocheiro. Chegando ao destino, Madalena Vilamil conseguiu descer com grande sacrificio. Dois homens trouxeram larga poltrona, para conduzir a enferma ao quarto do moribundo. Alcione auxiliava o transporte da progenitora, com infinito carinho.

Lá chegadas, o agonizante pareceu reanimar-se.

Robbie e a irmã adotiva aproximaram-se respeitosos e pediram-lhe a benção, enquanto a senhora Vilamil pedindo que a poltrona fôsse deposta á cabeceira do moribundo, tomou-lhe a destra muito pálida, em confortadora saudação fraternal.

Damiano tinha os olhos profundamente lúcidos e brilhantes, mas na feição cadavérica pairava uma expressão de agonia dolorosa.

— Que é isso, padre?... — murmurou acabrunhada.

Ele fixou nela o olhar enternecido e murmurou:

— A moléstia incuravel, Madalena, é um escoauro bendito de nossas imperfeições. Que seria de minh'alma se a moléstia do peito não me ajudasse a expungir os maus pensamentos? Quantos bens ficarei devendo á solidão e ao sofrimento? O Senhor que mos deu, lhes conhece o inestimavel valor. Eu, que não chorava ha muitos anos, alcancei novamente o beneficio das lágrimas... Muitas vezes, ensinei do púlpito, mas o leito me reservava lições muito maiores que as dós livros...

A filha de D. Inácio quis responder, testemunhar seu reconhecimento imorredouro, dizer dos votos que fazia a Deus pelo seu restabelecimento, mas, na sua desolação não encontrava palavras com que traduzir o seu pesar. Não conseguia, porém, reter as lágrimas que lhe rolavam, abundantes, dos olhos.

O moribundo prosseguiu após uma pausa mais longa:

— O catre amigo e silencioso me trouxe a recordação de todos os júbilos e dores que ficaram no passado distante... Sem conseguir adaptar-me a esta vida de Paris, tenho vivido quasi que absolutamente das nossas velhas lembranças de Espanha. Tenho grande saudade da nossa vida tranquila, em Ávila; dos fraternos serões da Chácara; dos colegas da igreja de São Vicente... mas estou certo, Madalena, que a vida não acaba com o corpo e convencido de que Deus nos reunirá, em outra parte, onde não haja prantos nem morte... Ha diversas noites que sou visitado pela sombra dos entes amados, que me antecederam no tumulo... Ainda hoje, depois da última hemorragia, enxerguei o vulto de minha mãe a dizer-me palavras de consolação e coragem... Algumas crianças amadas, lá da nossa igreja antiga de Castela, falecidas ha muito tempo, me vieram ver a noite passada e me abraçaram com carinho... Amancio pensa que estou sendo vítima de pesadelos, dado o meu esgotamento fisico, mas eu não posso concordar...

A senhora Vilamil aproveitando uma pausa, fez um esforço e obtemperou carinhosamente:

— Não deveis pensar nisso. Lembrai-vos que precisamos do vosso amparo paternal. Deus vos restituirá a saúde, para que nossa alegria não desapareça para sempre. Recordai nossa viagem á América...

Damiano procurou, a custo, o olhar de Alcione, dando-lhe a entender o cuidado com que se deveriam conduzir naquelas circumstancias e acentuou:

— Pede a Deus pela minha saúde espiritual, porque seria impossivel restaurar a do corpo, minha filha! A morte não é uma separação eterna. Estou certo de que Jesús me permitirá voltar a teu lado, se minha vinda for útil... Quanto á viagem ao Novo Continente, não te preocupes. Alcione está muito jóven e Robbie quasi que ainda não passa de um menino... Poderás ser muito feliz na companhia deles, aqui mesmo...

Madalena enxugou as lágrimas murmurando:

— Tendes razão, padre! Tambem eu estou chumbada ao leito para meditações necessárias. Minhas pernas paráliticas nunca me permitirão tão longa viagem!...

— Não te lastimes, porém, pensando nesses obstáculos, certa de que a misericórdia do Todo Poderoso nunca andou atrasada. Quando nos parece tarda, é que algum motivo existe, que não podemos compreender de pronto...

A filha de D. Inácio continuava chorando enternecidamente. Em seguida, o velho sacerdote dando a perceber que desejava mudar de assunto, fez um sinal chamando Robbie á cabeceira. O menino atendeu, compungido.

— Por que não trouxeste o violino? — indagou com interêsse.

— Alcione me disse que o senhor estava mais doente — esclareceu respeitoso.

— Isso quer dizer, meu filho, que preciso mais de te ouvir.

A irmã adotiva aproximou-se e interrogou com ternura filial:

— Desejaveis ouvir alguma cousa, padre?

— Sim, Alcione. Se fôsse possivel, a Ladainha de Nossa Senhora, que cantaste na primeira missa de Car-

los, na igreja de São Vicente. Recordas? Dêsse modo lembrariamos o amigo distante, bem como o recanto de Castela, onde fomos tão felizes!...

— Poderei pedir a padre Amancio que nos empreste o violino do côro de São Jaques — exclamou a jóven esforçando-se por conter as lágrimas.

— Seria um grande consôlo!

Ouvido um dos três clérigos, que se conservavam no quarto, prontificou-se a buscar o instrumento.

Daí a minutos, a voz cristalina de Alcione enchia o aposento, arrebatando os ouvintes a um plano de misteriosa luz espiritual. Robbie acompanhava o canto, com extrema felicidade em cada nota de sublime harmonia. O moribundo parecia extático. A ladainha, muito antiga, abria-lhe novos horizontes de claridade maravilhosa. Madalena tinha um lenço colado aos olhos, enquanto o lacaio e os religiosos choravam comovidos.

Quando terminou, o agonizante chamou a jóven e lhe falou debilmente:

— Alcione, Deus te abençõe por esta alegria...

Depois contemplou a senhora Vilamil demoradamente, e trocando com a moça significativos olhares, voltou a dizer:

— Faze pela paz espiritual de tua mãe tudo o que possas! E se tiveres, algum dia, qualquer necessidade mais forte, uma dificuldade mais premente, lembra-te de Carlos, minha filha! Sei que não te encontras sozinha no mundo, mas não posso esquecer que acima de tudo devemos considerá-lo teu irmão!...

Surgindo a dispnéia das horas derradeiras, Damiano não mais podia conversar senão por monossílabos. Após entendimento com a progenitora, a joven Vilamil acerrou-se do moribundo, murmurando:

— Padre, levarei mamãe e Robbie, de volta a São Marcelo, mas estarei novamente aqui, dentro em pouco, para ficar convosco!...

— Não te incomodes, nem deixes Madalena... por minha causa...

Mas, acompanhando os seus ao lar, Alcione regres-

sou sem demora, a-fim-de assistir o velho amigo até o fim.

As restantes horas da noite êle as passou em coma, assistido pelo afeto da filha de Cirilo, que lhe enxugava o suor álgido com extrema dedicação.

Quando a aurora se fazia anunciar em clarões muito rubros, o velho Damiano verteu a última lágrima e entregou a alma ao Criador.

Um emissário, chegava, pela manhã, ao palacete da Cité, entregando uma carta da governanta de Beatriz, endereçada á Suzana e em cujas linhas explicava a sua ausencia ao trabalho.

A família Davenport comoveu-se. A' tarde, uma caruagem elegante parava á porta do presbiterio de São Jaques do Passo Alto. Dela desceram Jaques e Cirilo, que iam prestar afetuosa homenagem ao morto.

Impressionados com o abatimento da jóven, ambos se desdobraram em gentilezas e expressões confortadoras. Cirilo procurou o padre Amancio e fez questão de pagar as despesas do enterramento, acrescentando generosa dádiva destinada ao lacaio que servira ao tutor de Alcíone, a quem estimava como propria filha. A jóven agradeceu com lágrimas. Depois de uma hora consoladora, despediram-se atenciosos.

Ao crepúsculo, a filha de Madalena assistiu o modesto funeral, de coração confrangido. Por muito tempo deixou-se ficar na silenciosa mansão dos mortos, em prece comovedora ao Altíssimo. Só tarde da noite, passos vacilantes, regressou ao lar, experimentando indefinível amargura.

IV

REENCONTRO

Um ano depois da morte de Damiano, houve na casa humilde do burgo de São Marcelo, grande e inesperada surpresa.

Orientado pela paróquia de São Jaques, Carlos Cle-naghan bate á porta de Madalena Vilamil, ansioso e comovido. Nos primeiros meses que se seguiram á morte do tio, resolvera abandonar a batina, apesar do ressentimento dos colegas. Jamais pudera esquecer Alcíone, jamais conseguira manter um equilibrio entre o dever e os impulsos da mocidade. Enquanto recebia as longas cartas de Damiano, a palavra amorosa do tutor lhe so-freava as preocupações tormentosas; mas, tão logo se viu sem o preservativo dos seus conselhos, entrou a meditar resolutamente na mudança de situação. Anelava um lar, ardentemente, jamais renunciaria á afeição de Alcíone, não conseguia sopitar o desejo de ser pai e espôso feliz. Após algumas lutas em Ávila, desprezara o apelo dos superiores hierárquicos e, sem dar qualquer satisfação do feito aos parentes irlandeses, desligara-se do voto sacerdotal, cheio de esperança no futuro. Seu primeiro cuidado foi correr a Paris, por buscar a noiva amada. Como o receberia ela? Conhecia-lhe a pureza dos princípios e a formosura do carater cristão. Suspeitava que lhe não sancionaria a decisão, atento o conceito que fazia da fé; mas, faria o possível por demonstrar-lhe o seu amor imenso, convencê-la-ia com instancias afetuosas, tanto mais quanto ela, agora, já não poderia contar com

a assistência paternal de Damiano, que a morte arrebatara, e no lar, pelas notícias que recebia frequentemente, em Castela a Velha, arcava com muitas dificuldades, em vista da moléstia incurável da progenitora. Talvez os trabalhos do mundo lhe houvessem modificado a opinião, relativamente ao enlace para uma vida tranqüila e risonha. Oferecer-lhe-ia o braço protetor, voltariam á Espanha, onde pretendia continuar, em Ávila ou Valladolid, dedicando-se ao comércio. Ebrio de esperanças, Clenaghan erguia castelos maravilhosos na mente exaltada. Edificariam um lar venturoso, Madalena Vilamil seria também uma segunda mãe, aprimorariam a educação de Robbie e teriam filhinhos amados. Impossível que ela relutasse, quando não desejava senão a suprema felicidade de ambos, diante de Deus e dos homens.

Enlevado nestes sublimes projetos, esperou que alguém viesse atender. Depois de alguns instantes de espera em que o coração lhe palpitava descompassado, surgiu a figura de Robbie, que lhe caiu nos braços afetuosamente. Conduzido ao interior, foi enorme a alegria da filha de D. Inácio ao receber as carinhosas saudações do amigo, e não menor a surpresa quando êle falou da sua renúncia eclesiástica.

Depois de longa troca de idéias e impressões afetuosas referentes á vida em Castela e á enfermidade que aniquilara Damiano, o ex-padre aproveitou certas observações mais íntimas e sentenciou:

— Como bem pode avaliar, nunca poderia esquecer Alcione, e ciente de que o seu coração de mãe carinhosa, compreende e justifica os meus propositos, devo dizer que aqui estou para reconduzi-las aos caros penates... A senhora não gostaria de regressar á Castela para revivermos nossos tempos mais venturosos?...

Aquelas palavras eram pronunciadas com tanto carinho que a senhora Vilamil sentiu lágrimas de reconhecimento a lhe aflorarem dos olhos.

— Não sei se Alcione me perdoará haver procedido em desacôrdo com o seu ponto de vista, mas tenho para mim que procedi nobremente. Fui lógico, sincero, coerente, creia. De que me valeria continuar sem a vocação

imprescindível? Desde que a senhora saíu de Ávila, de balde procurei repouso para o espírito atormentado. A ansia de construir um lar tornou-se-me em obsessão permanente. A's vezes, quando erguia a óstia consagrada, assustava-me com as sugestões da natureza... Enquanto o padre Damiano me escrevia as suas exortações, eu me sentia fortalecido para prosseguir na batalha silenciosa; mas, verifiquei depois que seria inutil combater o impossível...

A pobre enferma recebia a confissão com tristeza inexplicavel, e tendo o rapaz notado que o coração maternal se encontrava embaraçado para responder, prosseguiu:

— Se lhe fôr possível, ajude-me neste passo... Quem sabe recuperará a saúde, regressando comigo? Se lhe provar, poderemos residir nas cercanias de Ávila, organizaremos uma chácara como aquela onde a senhora viveu longos anos e que está sempre em suas recordações!...

Falava como filho afetuosos, pondo no olhar e na voz toda a ternura do coração bem formado. Depois de ligeira meditação, a senhora Vilamil ponderou com acento triste:

— Sou muito grata á tua lembrança! Ah! quem me dera voltar para esperar a morte, contemplando o céu da Espanha! A paisagem de Guadarrama nunca sairá de minh'alma...

E depois de enxugar o pranto da evocação amarga, voltava a dizer:

— Esta cidade parece marcar as horas mais terribes de meu destino. Aqui em París conheci, na mocidade, a pobreza mais dura, experimentei a ironia de pessoas cruéis e ingratas, perdi meus pais carinhosos, abracei meu espôso pela última vez! Agora, neste mesmo lugar, encontrei a paralisia completa, vi morrer o padre Damiano em situação quasi miseravel!... Desde que aqui cheguei, jamais pude arrastar-me do leito para uma visita ao tumulto dos meus progenitores inesqueciveis. Não sei se estarei condenada a exhalar, também aqui, o derradeiro suspiro... Por meu gôsto, devo confessar francamente, estou ansiosa por voltar á Espanha; entretanto, preciso ouvir Alcione que me tem sido verdadeiro anjo guardião

nos dias amargos, de necessidade e sofrimento. Como mãe, não me sinto com ânimo para induzi-la a casar-se. Minha filha, antes de tudo, tem sido para mim uma conselheira respeitável. Não seria justo obriga-la a aceitar minhas idéias, mas podes crer que eu receberia o assentimento dela com o maior contentamento. Voltei á França no proposito de conseguir recursos para demandar as plagas americanas, mas, logo que o padre Damiano apresentou os primeiros sintomas da enfermidade do peito, perdi as esperanças!...

Clenaghan estava mais esperançado. Sentia-se plenamente garantido, no tocante ás concessões maternas. O sincero desabafo de Madalena encorajava-lhe as pretensões. A pobre senhora, extremamente abatida, inspirava-lhe simpatia e enternecimento filiais. Tal qual acontecera á progenitora, a filha de D. Inácio viu chegar, devagarinho, o mal do coração. Suas noites estavam agora povoadas de aflições repetidas. Alem das pernas inchadas pela continuidade da mesma posição no leito, sentia-se presa de outros sintomas alarmantes. Em vão, Alcione e Luisa preparavam tisanas e applicavam fomentações, em cansativas vigílias. A senhora Vilamil piorava sempre. Esse o motivo pelo qual as observações de Carlos lhe falavam tão fortemente ao coração.

— Pois bem, — acrescentou o sobrinho de Damiano mais animado — Deus ha de permitir que a senhora encontre a meu lado a tranquillidade merecida.

— Alcione decidirá — acentuou a enfêrna resignada — até que minha filha se pronuncie, nada poderei dizer em carater definitivo.

A conversação afetuosa continuou, permanecendo Clenaghan em São Marcelo, a espera de Alcione, que regressava habitualmente á noitinha.

Mal começavam a brilhar no céu os primeiros astros, a filha de Cirilo voltou da sua faina diária.

A surpresa foi demasiado chocante para sua alma sensível. Cumprimtenteu o rapaz, muito pálida, na attitude de íntima e penosa expectativa. Naquella hora, o pupilo de Damiano, entestando com a sua superioridade moral, sentia-se acovardado para as explicações indis-

pensáveis. A princípio, a moça julgou que êle tivesse vindo a Paris no só intuito de visitar o sepulcro do tio generoso, prestando-lhe a derradeira homenagem e valendo-se de alguma autorização especial para levar a efeito tão longa excursão, sem a batina comum. Mas, em breves minutos, Carlos, não sem enleio, notificava-lhe a verdade. Estupefacta, Alcione indagou:

— Como pudeste cometer semelhante desvario?

O rapaz, algo confuso, tentava esclarecer:

— Supúts que seria melhor assim... Era impossivel continuar. O coração inquieto, desde que vieste, nunca me permitiu reharer a paz interior. Pedí a Deus me inspirasse a melhor solução, supliquei ardentemente do céu um recurso, até que o proposito de renunciar ao compromisso eclesiástico de todo me empolgou.

No íntimo, a filha de Cirilo estava profundamente comovida com aquella espontanea confissão de fraqueza, mas certa de que o dever espirital deve ser cumprido até o fim, alcançou energias para observar:

— Pediste, mas não oraste. Como te sentiste forte para esquecer as obrigações assumidas, sem considerar a questão do proveito proprio? Será isso a renúncia cristã? Não creio. Declaras que imploraste uma inspiração do céu e resolveste o problema distanciando-te do compromisso; mas eu não posso admitir, em nenhuma hipótese, que Deus nos dispense dos seus trabalhos; nós é que por vezes ouvimos o apelo da natureza inferior e abandonamos o serviço divino, em prejuizo de nós mesmos...

— Não desconheço, Alcione, — aventou humilde — que minha attitude inesperada desagradaria muito ao teu bondoso coração. Entretanto, o que aconteceu é humano e peço me perdoes pelo muito bem que te desejo... Esquece esta falta, dize que me comprehendes e serei feliz!...

A nobre criatura, pelo tom carinhoso com que o dizia, comprehendeu que Clenaghan desejava reatar os antigos laços afetivos. Experimentou sincero desejo de lhe tomar as mãos, ternamente, confessando os seus anseios e saudades. Êle agora estava livre. Observando-o, naquella attitude amorosa, recordou as jóvens da sua idade, que se apresentavam a cada passo, em Paris, exhibindo os seus

eleitos. Muitas vezes, quando acompanhava Suzana á certas festividades públicas, vinha-lhe á mente Clenaghan, ao contemplar os pares venturosos que perambulavam nas praças e jardins. E sentia, então, frio no coração. A propria Beatriz, aos quinze anos, começava a receber as visitas afetuosas do noivo. A filha de Madalena fitou o rapaz, demoradamente e teve ímpetos de ceder ao primeiro impulso, mas a consciencia lhe dizia que resistisse, que era indispensavel atender a Deus acima de quaisquer contingencias mundanas, e que ainda não havia cumprido todos os deveres, para que pudesse pensar na sua felicidade pessoal.

Muito sensibilizada pela attitude humilde, penitencial do bem amado, retrucou:

— Não me suponhas capaz de condenar-te por cousa alguma desta vida. Apenas lamento o que veiu a succeder, porque é razoavel te deseje no caminho da fidelidade a Jesus, até o fim.

Sinceramente embaraçado, o ex-eclesiástico não sabia como reatar a explanação dos seus projetos. A senhora Vilamil, contudo, acudiu a socorrê-lo, advertindo:

— Carlos, minha filha, faculta-nos o ensejo de regressarmos á Espanha.

— Sim, — prosseguiu o rapaz — agora estou liberto e apto para reorganizar a vida, mas nada quero fazer sem te ouvir. Desde que nos vimos, compreendi que Deus não me poderia destinar outro coração feminino, alem do teu. Tomo, portanto, tua progenitora como testemunha da minha afeição pura e devo dizer que vim a Paris só para buscar-te. Estou certo de que acreditas no meu devotamento e, de que nos uniremos para sempre, eternamente felizes sob as benções de Deus.

A jóven contemplou-o ofegante, como se estivesse em hora das mais dificeis de toda sua vida, implorou a inspiração de Jesús e silabou:

— E' impossivel!...

Clenaghan empalidecera. Adivinhava nos olhos da escolhida que a sentença não lhe provinha do coração.

— Por que? — indagou exaltado — que poderá impedir nossa ventura na Terra? Serei assim tão detes-

tavel? Desde que te ausentaste tenho vivido como louco. A saudade e a inquietação começaram a nevar-me os cabelos. Voltemos a Castela, Alcione! Levaremos tua mãezinha por dar-lhe uma vida tranquila e feliz!...

Tais palavras ecoavam nos ouvidos da jóven, como doce harmonia de uma felicidade inatingivel. Contemplou a progenitora, que parecia aguardar sua decisão, ansiosamente, mas recordou tambem o palacete da Cité, onde seu pai não era menos doente da alma, arrostando absconsos pesares. Lembrou as reuniões evangélicas em que Cirilo Davenport ouvia as lições de Jesús e as suas explicações, como se estivesse a receber suas mensagens do céu; considerou as transformações de Suzana, a mudança de Beatriz, o enternecido carinho do velho Jaques... Seu coração estava sufocado. Fitou o escolhido, longamente, e esclareceu em voz pausada:

— Não posso, Carlos! A felicidade tem base no dever cumprido. Ainda não terminei minha tarefa de filha, como queres que assumas novas obrigações?!...

Isto, ella o dizia desfeita em lágrimas. O pupilo de Damiano, todavia, longe de conhecer todas as angústias e sacrificios daquela alma heróica, tomou as suas palavras alusivas ao dever cumprido como acuatorias da sua renúncia eclesiástica e objurgou:

— Queres dizer que ainda não concluí minhas tarefas sacerdotais e desejo assaltar novo plano de obrigações?

Acabrunhada por ver-se incompreendida, Alcione reviu mentalmente a figura do padre Damiano, relembrou a sua franqueza, que chegava a ser quasi áspera, e certificou-se de que necessitava de muita energia para defender-se dignamente naquelle lance. Recobrando a serenidade íntima, em virtude da poderosa confiança em Cristo, explicou-se com bondade sincera:

— Que não terminaste o serviço começado, é inegavel; mas semelhante circunstância, Carlos, já entrou no dominio de minha compreensão. Somos agora como duas criaturas a quem se reservou uma herança de ventura imortal, sob a condição de executarem determinadas tarefas. Infelizmente, não pudeste chegar á conclusão da

tua. Toda vez que fugimos ao desígnio sagrado de Deus, erramos no labirinto da indecisão e da amargura. Não te doerá o coração arrebatá-lo aos deveres que o Pai me destinou? Consideras, então, o amor como cousa tão frágil que se despedace num momento, apenas porque não nos foi dada a satisfação passageira de um capricho sentimental? Onde colocas a divina união das almas? Nossa concepção deve ir muito além da alucinada impressão dos sentidos...

O sobrinho de Damiano e a enferma ouviam-na, profundamente admirados. Alcione fizera-se de uma palidez transfiguradora, parecendo haurir as palavras em fonte estranha á esfera material. Ouvindo, contudo, tantas alusões a compromissos, o ex-padre supôs que suas obrigações espirituais não ultrapassavam o acanhado círculo familiar do burgo de São Marcelo e objetou humildemente:

— Curvo-me ás tuas exortações, mas, podes crer que não abandonei a batina tão só pela inquietude dos desejos humanos. E' verdade que sou um homem carregado de fraquezas, mas também tenho um coração. Se é inegável que encareço ardentemente a tua companhia, não é menos certo que te desejo tomar sob os meus cuidados afetuosos. Que te prenderá em Paris, se te vejo sobrecarregada de trabalhos mortificantes? De um lado, vejo D. Madalena presa a um leito de dor, de ti segregada durante o dia e ao demais, carecida de outros ares; de outro lado, o nosso Robbie necessitando educação. Entre os dois, tu, abatida e inquieta para dar conta exata dos teus encargos. Não será mais justo atenderes aos meus apelos? Tua progenitora se confugiria aos teus constantes e diretos cuidados e Robbie tomaria o lugar de primeiro filho em nosso lar. E' impossível que Jesús nos negue a benção a propositos tão elevados. Sairias então do labirinto de vicissitudes e responsabilidades de governanta, não precisarias pensar nas viagens diárias a Cité nos dias de chuva, nem se atribular em casa alheia por tua mãe distante, quando a tempestade se forma no céu! Se puderes, esquece o meu passado de sacerdote e pensa, ao invés, que, com tua inspiração permanente alcançarei

novas forças para ser um homem de bem nas lutas da vida. Esquece o mal que eu tenha praticado pelo muito de bem que poderei fazer com o teu auxilio constante. Medita na tranquilidade futura de D. Madalena que está definhando a olhos vistos!... Será que nenhum dos meus argumentos te poderá convencer?

Tocada novamente pela doce humildade do querido postulante, Alcione chorava. Elle jamais poderia aquilatar a intensidade da sua angústia. Ela não poderia afastar-se de Paris sem lacerar a consciencia. Jesús não a conduziria, sem uma finalidade, á casa paterna, onde era tratada como filha, não obstante o título de serva com que se apresentava. Em profundas reflexões, lobbrou no olhar da progenitora sincero desejo de se afastar de Paris, para sempre. Adivinhava-lhe os pensamentos mais secretos. Longos instantes passaram, em que se sentia atormentada por terríveis indecisões. Reportou-se ás últimas palavras de Damiano, quando lhe recomendara procurasse o socorro de Clenaghan nos transes mais difíceis. Firme, porém, no proposito de manter ilibada a consciencia até o fim das lutas humanas, enxugou as lágrimas e reafirmou:

— Não posso... Sei o que mamãe tem sofrido em tão longos anos de martírio, físico e moral, e espero que Deus nos estenda a mão, para que suas dores sejam aliviadas; no entanto, agora, não me é possível deixar Paris...

A filha de D. Inácio esboçou um gesto de resignação, respeitando, sem discutir, a decisão da filha. Não assim, o pupilo de Damiano, que deixou transparecer no olhar uma profunda desconfiança.

— Ah! compreendo agora, — disse desapontado — não podes sair de Paris! Louco que fui, presumindo que a vida aqui seria a mesma de Ávila. As atrações parisienses modificam as criaturas...

Notando-lhe a profunda tristeza, a jóven Vilamil experimentou indefinível aflição por se declarar abertamente, revelar a natureza dos sagrados deveres que a escravizavam prisioneira, mas a verdade dolorosa lhe

morria no coração. Ferida nos mais nobres sentimentos encontrou fôrças para murmurar:

— Não debes fazer semelhante juízo a meu respeito...

E muito enleada sob o olhar indagador do rapaz, que a envolvia em atmosfera de humilhação, concluía:

— Ouve, Carlos! Quando houver cumprido meus deveres, quando minha conciencia permitir que pense em mim, irei procurar-te onde estiveres! Guardaremos eu e mamãe, toda a nossa gratidão e confiança em ti. Não importa hajás renunciado o ministerio sacerdotal, porque, então, quando me sintas livre, poderemos iniciar nova e venturosa tarefa.

Clenaghan, entretanto, ouviu-a quasi friamente, com o ciúme que lhe envenenava o coração. Conturbado pelas sugestões inferiores, cada afirmativa de Alcíone, agora, lhe parecia diferente. Teve a impressão de que ela se deixara levar em Paris pelas promessas de algum homem criminoso e inconciente. As palavras "quando me sintas livre" toavam-lhe dolorosamente. Sentia-se estranho a tudo e não pôde murmurar senão evasivas ligeiras, até o momento em que se despediu para voltar ao hotel.

Alcíone compreendeu o que se passava com êle, mas, ainda que amargurada, chamou Luisa para os serviços de cada noite, relativos ao tratamento de sua mãe e cumpriu, rigorosamente, o programa do lar. Madalena Vilamil se envolvera num véu de tristeza silenciosa. Então, fazendo o possível por dissimular as amarguras íntimas, a jóven procurou desfazer o ambiente pesado, pedindo a Robbie para tocar alguma cousa, enquanto lia á enfermã certas páginas de sua predileção.

No dia seguinte, pela manhã, saíu de casa como de costume, a-fim-de esperar o carro do Sr. Davenport, na pequena praça e defronte da igreja mais próxima. Um carro ia-lhe no encalço, discretamente, sem que ela o suspeitasse. Era Carlos que, informado na véspera por Madalena, das regalias e atenções que a filha desfrutava na casa onde servia, resolvera não deixar Paris sem uma prova da singular transformação que injustamente attribua á criatura eleita. Cada pormenor da conversa com a senhora Vialmil, no dia anterior, gravara-se-lhe inde-

level no coração. Por que motivo ella não esperava o carro á porta de casa? Não havia necessidade de caminhar quasi um quilómetro para encontrar a viatura. Preocupado com essa primeira observação, reparou a caruagem garbosa que Alcíone tomou a breve trecho. A suntuosidade do veículo pareceu-lhe excessivamente inadequada para a jóven humilde dos idos tempos de Ávila. Seguiu-a, mais ou menos de perto, até que chegou ao destino. Viu-a descer e receber com evidentes mostras de satisfação o abraço acolhedor de um homem que a esperava junto do rico portão de acesso ao jardim. Considerou o palacete de linhas nobres, poucos passos distante do seu carro de aluguel e, dando ouvidos ao despeito venenoso, concluiu que Alcíone não era mais aquella criança meiga e carinhosa que entregava costuras nas ruas empedradas da cidade onde se haviam encontrado e embebido de sublime e santo idealismo. Perplexo, alimentando mil idéias erroneas, deliberou fugir no mesmo dia, da capital franceza, demandando o Havre, onde não lhe seria difficil o retórno á Espanha.

Mandando tocar de volta ao burgo de São Marcelo, procurou despedir-se de Madalena.

Quando annunciou a intenção de regressar, a pobre senhora não ocultou a surpresa amarga:

— Não posso crer que volte tão depressa, — afirmou com bondade.

— Não se preocupe por isso, — exclamava o rapaz fingindo-se tranquilo — não vim com a intenção de demorar. Tenho alguns amigos que me esperam no Havre, por estes dias.

A resignação da enfermã, aliada ao seu profundo abatimento, inspiravam-lhe sincera preocupação, mas não podia suportar o ludíbrio de que se julgava vítima.

— Alcíone vai sentir muito a tua partida súbita.

Carlos sentiu que o coração se lhe descompassara no peito e acrescentou:

— Pode ser que não. De qualquer modo, porém, vejo-a satisfeita e isto me conforta o espírito. Muito desejava reconduzi-las á nossa cêspede distante, mas reco-

nheci que a providencia não é mais possível, por inoportuna.

Madalena esboçou um gesto triste, murmurando:

— Tenho desejado, ardentemente, sair de Paris, mas minha filha discorda e eu creio que terá razões ponderosas para isso.

— Mas, que razões seriam essas? — perguntou Cle-naghan excitado.

— Desconfio que o meu médico desaconselha a medida, porquanto, ha muito venho apresentando sintomas de grave afecção cardíaca... Vejo que Alcione me oculta esse detalhe, carinhosamente, mas, devo dizer, isso nada me assusta. Tenho sofrido demais para disputar uma longevidade improdutiua.

Carlos não concordou, intimamente, atribuindo as palavras da pobre senhora a simples fruto do carinho maternal. Depois de longa pausa, desejando reforçar a nociva atitude mental, perguntou:

— Alcione foi sempre bem tratada na casa onde trabalha?

— Sim, — confirmou Madalena, convicta — lutámos terrivelmente, nos primeiros dias de Paris, visto haver adoecido o padre Damiano, mas desde que minha filha se empregou na Cité, nunca mais sofremos qualquer necessidade. Com o seu salário, não somente foram atendidas as despesas domésticas, como também tivemos a alegria de saber que nada faltou ao nosso velho amigo.

— E a senhora está informada a respeito dessa família que lhe contratou os serviços de governanta?

— Trata-se de um rico negociante de fumo, — informou a interpelada, com atenção. (1)

— E a senhora nunca visitou essa gente?

— Nunca, até agora. De ha muito venho desejando visitar a casa que acolheu Alcione como filha; entretanto, estou a espera de melhoras que me permitam faze-lo.

O rapaz calou-se. Quis manifestar á enfôrma a ve-

(1) Compelida pelas circunstâncias, a jóven Vilamil nunca forneceu á progenitora o nome exato da família a que servia. — Nota de EMMANUEL.

nenosa desconfiança que o consumia, exteriorizar todo o rancor que lhe afluía ao espírito despeitado, mas a doce resignação de Madalena Vilamil, presa ao leito naquele estado, inspirava-lhe respeito sagrado. Era preciso ter um coração bem cruél para tirar a derradeira partícula de esperança e tranquilidade daquela alma sofredora de mãe sacrificada.

Com estranho brilho nos olhos o sobrinho de Damiano voltou a dizer:

— Onde está Robbie? Quero abraça-lo antes de partir.

A filha de D. Inácio percebeu nessas palavras a funda contrariedade que absorvia o interlocutor, compreendeu quanto lhe maguava a atitude firme de Alcione, com relação ao desejado regresso á Espanha e esclareceu conformada:

— A' esta hora Robbie deve estar na igreja de São Jaques do Passo Alto, em trabalhos de limpeza que padre Amancio lhe confiou.

E como notasse que Clenaghan se dispunha a partir em deploravel estado de espirito, a pobre senhora aduziu:

— Não te vás querendo mal a Alcione, Carlos! Podes crer que minha filha nunca te esqueceu a bondade fraternal e a sublime afeição. E' bem possível que, intimamente ela deseje partir em busca da felicidade junto do teu coração, mas, talvez por minha causa sacrificasse os mais caros desejos. Conheço-lhe o espirito de sacrificio. Sou testemunha silenciosa das suas lutas nesta casa, onde sua dedicação é o nosso manancial de bençãos!...

O ex-sacerdote, porém, obsecado pelo ciume que lhe applicava óculos negros nos olhos da imaginação exacerbada, não prestou maior atenção ás afetuosas afirmativas, para aceitar apenas as proprias suspeitas. Olhos fixos, como que alheio ao ambiente, despediu-se de Madalena, que o recomendou á proteção divina. Horas depois, abraçava Robbie, pela última vez, tomando rumo norte, regressando a Ávila profundamente desolado.

A' noite, Alcione foi informada da precipitada deliberação do rapaz.

— Carlos pareceu-me bastante abatido e desespera-

do, — afirmava a progenitora — e lastimei sinceramente vê-lo em tão penosa conjuntura.

A jóven, com expressão de indefinível tristeza, acentuou:

— Jesus ha de lhe proporcionar ao coração aquilo que presentemente não lhe podemos dar.

— Qual será o motivo, — perguntou a enférra com interêsse — que leva o pobre Clenaghan a sofrer tanto? Ele é moço, talentoso, cheio de possibilidades e no entanto daqui saiu como se fôra um pária da sorte!...

— A senhora não presume — aventou Alcione com um gesto significativo — seja isso a primeira consequencia da sua renúncia ao voto contraído? Clenaghan, para nós, é criatura muito amada, mas, nem por isso, podemos isentá-lo da rede de amarguras e tentações que constriuge a criatura quando se evade ao mais sagrado dos deveres. Continúo a pensar que uma consciencia pura é o melhor tesouro do mundo. Nas melhores posições terrenas o homem será positivamente um desventurado, sem o refúgio dêsse santuário interior, onde Deus nos fala, consolando e esclarecendo, em sua infinita misericordia!...

A doente pôs-se a meditar nessas verdades sublimes, enquanto a filha, adivinhando a onda de preocupações acerbas que afogava o sêr amado, retirava-se para orar em silêncio, de modo a diminuir as proprias amarguras.

Dentro das vibrações poderosas de sua fé, Alcione pareceu consolada, buscando nas tarefas ingentes de cada dia o olvido das penas amargas.

Não se haviam passado muitos dias do incidente, quando Madalena Vilamil começou a apresentar sintomas de acentuada fraqueza. A moléstia do coração não se limitava, agora, a sintomas vagos e intermitentes. Surgiram as dispnéias noturnas, que lhe reavivavam a lembrança dos derradeiros dias de sua mãe, na velha casa de Santo Honorato. Face macilenta, angustiada, contemp-lava demoradamente a filha, como a lhe anunciar o fim proximo. Passava as noites a falar das experiencias da vida, das necessidades de Robbie, da gratidão devida á boa serva, dando a entender que se preparava corajosamente para a grande jornada. Alcione tudo ouvia re-

calcando as lágrimas de amor filial. Compreendia a gravidade do mal e dissimulava o prognóstico médico, revelando-se confiante em melhoras futuras. Ainda assim, não conseguia arrebatara a carinhosa progenitora á invariavel amargura que lhe ensombrava a frente.

Uma noite em que as tisanas caseiras não atenuavam a aflicção dolorosa, Madalena chamou a filha e falou francamente:

— Alcione, algo me diz ao coração que me reunirei a teu pai, muito breve...

— Ora, mamãe, — exclamou a jóven, solícita — combatamos a tristeza! Sejamos confiantes, Deus ouvirá nossas preces.

El dosando cada palavra com o mel das consolações carinhosas, continuava:

— Logo que a senhora puder viajar, voltaremos a Espanha. Notei que a senhora entristeceu quando recusei a proposta de Carlos; mas, tratando-se da sua saúde a cousa é outra. Pense que teremos novamente um clima restaurador e não se preocupe com os desgostos que aqui passou. A mão de Jesús nos traçará o roteiro.

Em lhe ouvindo palavras tais de confôrto e piedade filial, tomou a mimosa mão da filha e selou-a com um beijo, acrescentando:

— Não te mortifiques, filhinha! Jamais duvidarei, perderei a confiança em Deus; antes continuarei tudo esperando do Pai misericordioso que nos acompanha lá dos céus; mas julgo, também, que a resistencia fisica após mais de vinte anos de enfermidade, vai chegando a termo... Estas dispnéias não podem enganar.

Depois, fixando o olhar enternecido nos olhos da filha afetuosa, prosseguiu, melancólica:

— Não ficarás zangada comigo se te dissêr que estou muito saudosa. Desde que Cirilo se foi, nunca mais senti o prazer da vida... Reconheço, contudo, que o Senhor tem sido magnanimo, concedendo-me socorros inesperados. Basta lembrar que meu pobre espôso morreu no mar, enquanto eu me via socorrida num oceano de lágrimas, por teu amor. Tua afeição tem sido meu santo consólo, iluminado refúgio sôbre a Terra... Jesus te con-

cederá tudo o que te não pude dar na minha pobreza de mãe!...

A moça ouvia-lhe os conceitos carinhosos, de coração sufocado. Nunca a progenitora lhe parecera tão triste, jamais se queixara assim, em qualquer outra circunstância passada. Então, começou a soluçar, mas a enfêrma aafagando-a com ternura, prosseguiu:

— Não chores... Para esta hora temos nos preparado desde a tua infancia... Não sei em que dia o relógio da eternidade terá marcado meu derradeiro alento neste corpo; mas nós ambas estamos cientes de que a veste carnal é também uma ilusão. Estou certa de que Jesus me restituirá a companhia de Cirilo, para sempre. Cercar-te-emos, então, do nosso afeto e te esperamos num mundo mais feliz, onde não haja lágrimas, nem morte. Se pudesse, ficaria contigo, a-fim-de partirmos juntas; mas, algo me diz que não poderei realizar este desejo. Não fôssem tua afeição e as necessidades de Robbie, creio que partiria sem qualquer outro laço... Tenho, portanto, a consciencia tranquila, embora não me possa furtar a estas preocupações! Se morrer de um instante para outro, confio o nosso Robbie aos teus cuidados!... Ele é uma criatura caprichosa, difícil de educar, mas não cabe repetir recomendações que bem conheces. Não o afastes das noções de trabalho e dever.

Diante de tanta resignação, Alcione sentia certa dificuldade para iludir a triste realidade, no intuito de confortar o coração materno, mas, ainda assim, lidando por mostrar-se esperanças, falou com brandura:

— Confiemos em Deus acima de tudo! A senhora, mamãe, tem estado muito sózinha, tem-se entregado em excesso aos pensamentos de morte. Sinto que nossa casa necessita de alegria. Reanime-se para nós. Vou pedir uma licença temporária para ficar a seu lado, e com um saldo de vencimentos que tenho a receber, vamos comprar um cravo. Quem sabe a música, que a senhora sempre cultivou, não virá melhorar nosso ambiente?

A senhora Vilamil tentou um sorriso apagado, obtemperando:

— Teus sacrifícios já são muitos.

— Amanhã mesmo, pedirei aos pais de Beatriz que me ajudem na aquisição. Não ha de ser difícil. Recordaremos nosso antigo repertorio espanhól e creio que vais sentir muita satisfação em reviver essas lembranças.

— Sim, certamente que nos sentiremos transportadas a Castela, onde, tantas vezes, encontramos a felicidade nas cousas mais simples...

Observando a consolação que o assunto produzia, a candida Alcione prosseguiu:

— Ah! como estou satisfeita por vê-la confortada com este projeto. Teremos muitas vantagens com essa compra. A senhora vai experimentar novo ânimo e Robbie, por sua vez, poderá ter minha cooperação, novamente, nos seus estudos domésticos. E depois, quando as suas melhoras se positivarem, pensaremos, seriamente na mudança, á procura de melhor clima, onde a senhora possa ficar boa.

A enfêrma mostrou-se mais consolada com as palavras carinhosas da filha e considerou:

— Teu plano me reconforta pela ternura que traduz e rogo a Deus te abençõe tanta bondade. Agora, porém, quero fazer-te dois pedidos, dado as minhas preocupações.

A filha demorou nela o olhar inteligente e respondeu comovida:

— A senhora não deve pedir-me cousa alguma e sim mandar sempre.

— Pois desejaria — disse algo hesitante — que me conduzisses ao cemitério, a-fim-de orar no tumulto de meus pais, assim satisfazendo uma velha aspiração de minh'alma. Não poderei ajoelhar-me junto dos sepulcros, mas talvez consiga chegar até lá, carregada na poltrona, tal como quando visitei o padre Damiano pela última vez...

A moça não conseguia ocultar a impressão de penosa surpresa.

— A outra cousa que desejo — continuou confiante — é que tragas até aqui a senhora a quem serves e que tem sido tão generosa contigo, isso para que lhe peça maternal amparo á tua mocidade, caso eu morra mais cedo, como aliás pressinto.

Alcione procurou não traír na face a estranha emo-

ção que experimentava. Madalena pleiteava duas cousas inadmissíveis. Mas, longe de quebrar o padrão de tranquilidade da querida enferma, concordou nestes termos:

— Tão logo se encontre mais forte para viajar de carro, iremos ao tumulto de meus avós, mas, penso que mamãe não deve afligir-se por isso. Que é a sepultura, mamãe, senão um monte de cinzas? Quanto á progenitora de Beatriz, hei-de trazê-la a São Marcelo na primeira oportunidade. Espero, porém, que a senhora esteja descansada na fé em Deus. Repousemos a mente na inextinguível bondade divina. E' certo que temos muitas e grandes necessidades, mas o Altíssimo tem tudo para nos dar e sómente espera saibamos compreender a sua misericórdia.

A enferma calou-se, conformada. A moça, no entanto, confiava-se a Jesus em preces fervorosas. Como solucionar o delicado problema? Não encontrava recursos para atender mentalmente á questão obscura, mas contava com o socorro de Cristo no momento oportuno.

No dia seguinte, um tanto acanhada, dirigiu-se a Cirilo, falando-lhe receosa:

— Sr. Davenport, espero não me leve a mal se lhe pedir um grande obsequio...

— Dize, confiante, minha filha! — respondeu o chefe da casa com inflexão afetuosa. — Poderá dispôr de mim em qualquer circunstância.

Ela esboçou um gesto de reconhecimento e continuou:

— E' que minha mãe, apesar de doente, gosta muitíssimo de música e, de tempos a esta parte, noto-a excessivamente tristonha. Pensei, então, em pedir-lhe um adiantamento sôbre os meus ordenados, afim de comprar um cravo de segunda mão. Creio que isso reavivará o ânimo da pobre enferma.

Cirilo Davenport ouviu-a comovidíssimo.

— Com muito prazer, — respondeu, solícito — e se quiseres eu próprio me incumbirei da compra.

— Não, não, — atalhou a jóven, temendo a informação do enderêço — o senhor não precisará ter esse incômodo. Padre Amancio, em São Jaques, me fará esse

favor. E' pessoa entendida e não fará uma aquisição muito cara.

Cirilo contemplou-a edificado com aquelas reiteradas provas de humildade e concluiu:

— Esperarei, então, a conta das despesas e podes estar certa de que tenho nisso grande satisfação.

Ela ia referir-se ao plano do resgate, mas o interlocutor antecipou-se dizendo:

— Não penses em pagamento. Ha muito que Beatriz me pediu um instrumento dêsses para que o guardasses em penhor de nossa amizade. Não será esta a ocasião de satisfaze-la?

Alcione rejubilava-se de encontrar tamanha generosidade.

Não se passaram muitos dias e a casinha pobre de São Marcelo, todas as noites se impregnava de melodias maravilhosas. A doente amada submergia-se em ondas de sonoridade divina, encontrando ternas consolações ás penas diuturnas. Robbie tambem percebeu que a sua mãe adotiva não estava longe do termo fatal. Nessa angustiosa perspectiva, imprimia ao violino acôrdes de profunda beleza, traduzindo saudade e sofrimento indefiníveis. Alcione, a seu turno, mostrava-se incansavel no carinho dispensado á enferma idolatrada. Cada noite eram recordadas velhas árias castelhanas, antigas musicas da juventude de sua mãe, que a filha de D. Inácio escutava entre lágrimas de profunda emoção. Para Madalena, a ternura dos filhos era uma gloriosa compensação do mundo aos seus martírios inominaveis de espôsa e mãe.

— Tenho a impressão, minha filha, — dizia com um sorriso de sincera conformação — que nossa casinha se transformou num templo. Estou quasi convencida de que tenho agora a estação religiosa, da qual poderei partir para a vida espiritual.

A filha multiplicava as expressões confortadoras e as melodias cariciosas vibravam no ar, transportando a enferma a sublimes estancias de puro gôzo espiritual.

Semanas se passaram assim, contemporizadoras, até que um dia Madalena acusou astenia geral. Grandemente assustada, Luisa esperava por Alcione com angustiosa

ansiedade. Robbie, porém, logo que chegou do trabalho, resolveu procurar o socorro do médico assistente. A enferma estivera desacordada alguns minutos e, em seguida, sucessivas aflições lhe causavam verdadeiro tormento.

A' tarde, como de costume, Alcione voltou ao lar, experimentando dolorosa surpresa com a gravidade do caso. Abraçou a mãezinha, mal podendo conter as lágrimas.

— Que foi isso, mamãe?

Percebendo a angústia que lhe transparecia do olhar afetuoso, a doente buscou tranquiliza-la:

— Creio que não estou piór!... Talvez seja alguma perturbação do estômago. Aliás, nunca me sentí tão bem como nas últimas semanas.

O coração filial, porém, adivinhava naqueles olhos tímidos um esforço supremo para tranquiliza-lo. Ambas estavam convictas de que o fim se avizinhava. A jóven fez o possível para renovar-lhe as fôrças com palavras encorajadoras, murmurando em seguida:

— Suponho que, por estes dias, poderemos ir ao cemitério, visitar o túmulo dos nossos entes caros, como a senhora deseja. Reanime-se, mamãe! Pense nos passeios que gostaria de fazer, pense na saúde e verá que as dores desaparecem.

Entretanto, naquele momento, era a progenitora quem se esforçava por consolar a filha ansiosa.

— Ora, filhinha, — objetava com um sorriso forçado — que iria fazer ao cemitério? Não sei onde tinha a cabeça, quando pensei e desejei conhecer a sepultura de papai, visitando igualmente a de mamãe!... Com o correr dos dias, fui ponderando melhor e acabei compreendendo que era mesmo um capricho extravagante. Nossos amados não devem mesmo lá estar, envolvidos em montes de lodo. Cheguei mesmo a sonhar com mamãe a elucidar-me da impropriedade do meu desejo, afirmando que seu coração está comigo, junto de mim, fortalecendo-me nas provações em curso...

Alcione ouvia confortada e surpreendida. A senhora Vilamil fez uma pausa mais longa, devido á dispnêia e prosseguiu, ofegante:

— Espero, porém, que Deus me ajude a realizar o outro desejo. Quando pensas que vamos ter a visita dos teus patrões?

Alcione esboçou um gesto indefinível e asseverou:

— Os pais de Beatriz, segundo creio, não tardarão a vir...

— Ainda bem que assim é, pois quero agradecer-lhes o bem que nos têm feito, no desdobramento de nossas lutas em Paris.

A chegada do médico em companhia de Robbie, interrompeu o diálogo.

O facultativo examinou a doente com minuciosa atenção, formulando conceitos otimistas que Madalena acolhia com melancólico sorriso, mas, ao retirar-se, chamou Alcione em particular, afiançando-lhe gravemente:

— Apesar de nossos esforços e da tua valiosa dedicação, minha boa menina, tua mãe está chegando a termo de vida.

A moça não conseguia articular palavra, sufocada pela dolorosa surpresa, enquanto o velho esculápio prosseguia:

— Qualquer medicação não passará de paliativo destinado a manter-lhe uns restos de vitalidade. Pelos meus conhecimentos e longa prática, digo que ela poderá expirar de um momento para outro; mas, na melhor das hipóteses, não irá além de um mês...

Enquanto a desolada Alcione enxugava as lágrimas discretamente, o médico procurava conforta-la, exclamando:

— Procura entregar o caso a Deus. Não te martirizes com a idéia de perdê-la, porque a paralisia de tua mãe é um dos casos mais angustiosos que conheço, de ha muitos anos, na minha clínica. D. Madalena tem sofrido heroicamente, não seria justo perturbar-lhe o coração nestes dias em que se prenuncia o termo de longos padecimentos...

Alcione olhou-o reconhecidamente, murmurando:

— O senhor tem razão.

No dia seguinte, a jóven Vilamil chegou ao palacete da Cité, assomada de profunda tristeza. Olhos encova-

dos, muito pálida, esperou que Suzana se levantasse, e quando a atividade doméstica entrou no ritmo habitual, chamou-a por obséquio, em particular, assim falando:

— Senhora Davenport, infelizmente a situação em que me encontro obriga-me a importuna-la com um pedido de licença por alguns dias. Creio que minha mãe não terá mais que um mês de vida... Ontem sofreu a primeira crise cardíaca mais grave, e o médico me declarou que suas horas estão contadas...

A filha de Jaques condeou-se, sinceramente, da governanta de Beatriz, pela comoção e humildade com que lhe confiava a amargura do seu lar e respondeu com interesse amistoso:

— Sem dúvida. Faço questão que permaneças ao lado de tua mãe, pelo tempo que fôr preciso. Não tens somente um irmão adotivo?

— Sim, — disse a moça, desejando conhecer a intenção da pergunta.

— Neste caso, poderei combinar com Cirilo e tua mãezinha, se julgares conveniente e útil, virá para nossa casa. Como sabes, temos muitas dependencias desocupadas. Com isto não estou considerando a pausa das tuas obrigações, mesmo porque, ha muito preeíndia oferecer-te alguma oportunidade de repouso, mas no que concerne ao tratamento da enféma. De antemão, estou convencida de que a providencia daria a Cirilo muito prazer. Aqui, na Cité, os recursos são mais faceis e tua mãe seria uma doente tambem nossa...

A filha de Madalena confortou-se com tamanha afeabilidade, verificando o poder regenerador do Evangelho sobre aquela alma, e respondeu comovida:

— Pode crer, senhora Davenport, que minha mãe e eu lhe seremos eternamente reconhecidas pela lembrança amavel; no entanto, minha progenitora não poderia deixar nossa casinha. Seria impossivel transportá-la...

— Já que assim é — explicou Suzana atenciosa — levarás contigo uma de nossas criadas para ajudar no trabalho necessariamente aumentado nestes transes.

— Agradeço muito, senhora, mas nós temos uma

velha criada de confiança, que se incumbe de todos os serviços. A senhora pode estar descansada.

Suzana, porém, desejando externar, de qualquer modo, o desejo de ser útil, buscou uma centena de escudos, colocando-a nas mãos da governanta, a murmurar:

— Então, leve êste dinheiro. Talvez sobrevenha alguma despesa imediata.

Alcione aceitou, emocionada e quando pretendia retirar-se, a dona da casa perguntou solícita:

— E o teu endereço? Antes que te vás, desejo sabe-lo, para que Beatriz lá chegue de vez em quando e nos traga notícias.

— Nossa casinha — esclareceu a filha de Madalena dissimulando o embaraço, — não tem uma característica com que se possa identificar, mas a senhora pode ficar tranquila que eu aqui virei sempre que fôr possivel e, no caso de qualquer occorrenca mais grave, não deixarei de mandar um portador.

Mais uma vez, Suzana preocupou-se com as evasivas da moça, nesse particular, mas não fez qualquer objeção. Todos os familiares se interessaram pelo caso e procuraram expressar votos sinceros de solidariedade e de feliz desfêcho.

Alcione afastou-se apressadamente para o arrabalde de São Marcelo, toda entregue a penosas cogitações. Observara em Suzana sincero desejo de aproximar-se. Que aconteceria se os Davenport lhe descobrissem a residencia? Infelizmente, o estado da progenitora não lhe permitia ponderar a possibilidade de se retirarem para alguma aldeia distante. Rogava a Deus o socórró divino de sua bondade nas inquietantes expectativas que lhe assaltavam o espírito. Prometia a si própria voltar sempre á Cité, para desviar da segunda espósa de seu pai a idéia de uma visita a São Marcelo, cujas consequencias seriam demasiadamente dolorosas para todos. De volta ao lar, verificava que a doente querida não obtivera qualquer melhora. Fez o possivel para dissipar os pensamentos que a torturavam, entregando-se á tarefa de enfermeira carinhosa, com todos os desvelos do coração.

Os dias escoavam-se com expectativas atrozes. A se-

nhora Vilamil alcansava apenas rapidos minutos de repouso, para voltar logo ás dispnéias angustiantes. De quando a quando, vinha o médico e esperançava a enfêrma com palavras amigas, meneando, porém, desoladoramente a cabeça, tão logo se via a sós com a filha, a comentar a situação.

A pobre moça não sabia como atender á complexidade dos problemas torturantes. De três em três dias, corria á Cité, onde, exibindo olhos fundos e consideravel abatimento, procurava tranquilizar os Davenport. Ante as interrogações afetuosas de Cirilo, ou de Suzana, alegava que a enfêrma estava melhor e mais forte, ansiosa por lhes desvanecer a intenção da visita.

A situação, porém, era outra. A filha de D. Inácio, ao fim de três semanas, apresentou os sintomas inequívocos da morte. O facultativo recomendou o derradeiro socôrro da religião. Desfeita em lágrimas, seguida de Robbie que não sabia como disfarçar a imensa dor, Alcione pediu a assistência do padre Amancio, dadas as relações de amiazde. Madalena Vilamil confessou-se, recebeu religiosamente as bençãos da extrema-unção. O velho pároco de São Jaques do Passo Alto dirigiu-lhe palavras de fé e consolação, que a nobre senhora recebeu com serenidade.

Mas, nada obstante a firmeza dos seus princípios religiosos, não conseguia eximir-se á mágua da separação da filha e de Robbie, as duas afeições que lhe haviam sustentado a alma sofredora, por longos anos de provações atrozés. Naquela noite que se seguira ás últimas providencias religiosas, a moribunda parecia mais lúcida. Seus olhos haviam adquirido brilho diferente. Dizia entrever paisagens extra-terrestres, que a criada tomava á conta de alucinações.

Enquanto Robbie soluçava baixinho, no quintal, Alcione aproximou-se do leito e perguntou, como costumava fazer todas as noites:

— Mamãe, a senhora prefere agora a leitura?

A agonizante tinha as faces banhadas de suor. E enquanto a filha lhe enxugava a fronte, respondeu na sua aflição:

— Hoje, minha filha, gostaria que lesse o Novo Testamento, o capítulo da Paixão.

Sufocando as impressões dolorosas, a jóven tomou o livro e leu vagarosamente, observando o profundo interesse maternal pela triste narrativa da passagem de Jesus pelo Horto.

Nessa noite, por mais que se esforçasse, Alcione não conseguiu fazer o comentário. Com inaudita dificuldade, continha as lágrimas que lhe bailavam á flor dos olhos. A enfêrma interrogou-a com o olhar muito lúcido, e ela respondeu beijando-a:

— A senhora hoje está fatigada. Minhas palavras poderiam incomodá-la... Além disso, quero preparar-lhe umas gotas calmantes para o sono necessario.

A moribunda pareceu conformar-se e perguntou:

— Onde está Robbie?

A jóven foi buscá-lo imediatamente. Instado por ela, o rapazinho enxugou o pranto, compôs a fisionomia como pôde e acorreu á cabeceira da mãezinha adotiva. Madalena deu-lhe a destra muito branca, que êle beijou enternecido; mas, notando-lhe o abatimento extremo, o nariz afilado pela dor da agonia, as unhas roxeadas, os olhos fulgurantes dos últimos lampejos, não pôde atender aos rogos da irmã e rojou-se de joelhos, a soluçar convulso. A senhora Vilamil deitou á filha um olhar de quem roga cooperação e passando a mão descarnada e tremula pela sua cabeça, perguntou:

— Por que choras assim, meu filho?

Alcione procurava ergue-lo com delicadeza, mas Robbie como que desejando desabafar com a moribunda, que sempre o tratara com ternuras de mãe, murmurou em pranto:

— Ah! que será de mim se a senhora morrer?

— Que é isso, Robbie? — falou Alcione com afetuosa energia — pois mamãe está doente e cansada e tu não tens pena de vê-la com tanta necessidade de dormir?!...

Madalena sorriu tristemente, mostrando que desejava consolá-lo e disse com esforço:

— Deus é Pai, meu filho, e nunca nos separará em espírito... A morte aniquilla o corpo, mas a alma é in-

destrutível... Não chores assim, porque essa atitude demonstra falta de confiança no Todo-Poderoso...

— Sei que a senhora não me esquecerá — disse o rapaz comovedoramente — e que, se partir, pedirá por mim, lá no céu... mas por que não morro em seu lugar, se vivo tão escarnecido neste mundo? Sem a senhora como suportarei as ironias da rua e as sátiras ferinas daqueles próprios meninos que me são confiados para os serviços de música, na igreja?

— E vendo que Madalena olhava para a filha, como a inculca-la sua substituta, para o futuro, Robbie reclamava em tom de lástima:

— Alcione trabalha fóra o dia inteiro, nunca terá tempo de ouvir-me!... Luisa não me pode compreender. Se a senhora se fôr, a casa para mim fica vazia, sem ninguém...

A filha de D. Inácio deixou escapar uma lágrima.

— Se Deus me chamar, Robbie, lembra que estarei aqui te guardando em espirito... Seguirei teus trabalhos com o mesmo interesse, cuidarei da tua saúde, dar-te-ei forças para ouvir os ditos ingratos do mundo, enquanto o Todo Poderoso fôr servido...

Alcione avaliou a angústia materna e abraçando-se com o irmão adotivo, observou:

— Vamos, Robbie! Estás muito nervoso. Luisa te levará um cordial, logo que te deites. Quem te disse que mamãe vai morrer? Não achas que é ingratidão atormenta-la com estes pensamentos lúgubres?

O rapaz atendeu e retirou-se amparado pela irmã, a esfregar nervosamente os olhos.

Alcione regressou ao quarto da agonizante para desmanchar-se em carinhos. De minuto a minuto, passava-lhe na fronte um fino lenço, enxugando o suor abundante. Em dado instante, Madalena Vilamil pareceu sossegar. A' dispnéia sucedia uma relativa serenidade. Em preces fervorosas, a filha observou, porém, que os olhos estavam demudados, qual se apresentam nas febres intensivas. A moribunda parecia delirar de alegria. Começara um período de perturbação natural, em muitos

casos de desprendimento, no qual a senhora Vilamil não sabia se estava na Terra ou noutra região.

— Por que vos demorastes tanto, padre? — insistia em perguntar, dando a entender que falava a uma sombra.

— A quem se refere, mamãe? — inquiriu Alcione impressionada.

— Padre Damiano aqui está... Não o vês?

E olhando, ansiosa, para um canto do aposento, a moribunda perguntava:

— Ah! quem sois vós?

Mas, quasi no mesmo instante, olhos desmesuradamente abertos, rematava:

— Minha mãe!... minha mãe!...

Alcione acompanhava-lhe o pranto natural, rogando a Jesus lhes enviasse o socorro divino da sua misericórdia.

Depois de um minuto, a filha de D. Inácio voltava a dizer:

— Minha mãe veio interpretar, para nós, a leitura evangélica... Sim, todos nós temos um horto de agonias, que atravessaremos a sós, no esforço valoroso da fé... todos teremos um caminho doloroso e um calvário... mas, além de tudo isso... a criatura de Deus encontrará a ressurreição e a vida eterna...

A moça, que a ouvia entre lágrimas, não duvidou da visita espiritual de que era testemunha. Decorridos alguns instantes, nos quais a agonizante dava a entender que recebia a voz do invisível, voltou a interpelar as sombras:

— E Cirilo, minha mãe? — por que não veio em sua companhia?

Os traços de Madalena iluminaram-se de contentamento.

— Amanhã? — bradou a moribunda desvairada de júbilo.

Em seguida, misturando as impressões espirituais com as do plano físico, dizia á filha surpresa:

— Teu pai chegará amanhã! Como me sinto melhor, minha filha!... Nosso quarto está cheio de luzes! Minha mãe diz que chegou o tempo da minha cura e que partirei com ela, amanhã, ao entardecer...

A moça estremeceu. Seu pai viria no dia seguinte? Como interpretar semelhante afirmativa? Tratar-se-ia de uma expressão confortadora ou de promessa justa do plano espiritual? Fundamente espantada, pedia a Deus lhe iluminasse a razão para o entendimento de sua divina vontade.

Desde essa hora, Madalena semi-inconciente, dava a impressão de preparar-se para o amanhã jubiloso.

— Vai, minha filha, — dizia inquieta — abre a grande mala e traze os dois grandes cadernos de anotações de teu pai, a velha Bíblia, o livro de orações...

Alcione sentia-se compelida a obedecer maquinalmente. Minutos depois, as pequenas lembranças de Cirilo estavam alinhadas sobre a mesa rústica, ao lado das drogas medicamentosas. Só então, quando as viu a todas, envolvendo uma a uma em delicioso olhar, conseguiu entrar em branda sonolencia, como quem repousa após cumprir um sagrado dever. Alcione, porém, continuou vigilante, certa de que a mãezinha amada vivia na Terra os minutos derradeiros. Pela madrugada, voltaram as crises. Madalena abandonava o corpo, devagarinho, entre dispnéias dolorosas e visões do mundo espiritual, que lhe deixavam o espírito meio confuso. Pela manhã, duas vizinhas solícitas vieram ajudar nos afazeres domésticos. Alcione, sempre colada á cabeceira da mãe, que continuava a falar em voz alta, prosseguia em oração silenciosa, imprecando a intervenção de Jesús no lutuoso transe.

Voltemos agora ao palacete da Cité, onde, não obstante as informações tranquilizadoras da governanta de Beatriz, reinava certa inquietude pela sua ausencia prolongada. Todos sentiam a sua falta, não no trabalho propriamente dito, mas na assistencia que seu coração dedicado sabia proporcionar a cada um. O culto doméstico, sem a sua presença, parecia desprovido das luzes ardentes que caíam sobre os textos aparentemente obscuros, dilatando generosas e divinas inspirações.

Na véspera daquele mesmo dia em que a jóven aguardava o traspasse da progenitora, os Davenport comen-

tavam, durante o almoço, a sua demora, quando Suzana obtemperou:

— Alcione cá esteve há cinco dias. Tranquilizou-nos sobre o estado da enférma, mas eu tenho necessidade de visitá-la, de qualquer modo.

— Muito bem, — respondeu Cirilo com atenção — tambem acordei hoje com a idéia fixa de fazer o mesmo. Poderemos então faze-lo amanhã.

— E o enderêço? — objetou a senhora — até hoje, por mais que me esforçasse, não consegui obtê-lo. Quando o solícito, Alcione fica perturbada e ha muito, por isso, deixei de lhe exprimir o sincero desejo de me aproximar dos seus.

— E' o acanhamento natural, — justificou o chefe da casa, com bonomia.

O velho professor de Blois, interviu murmurando:

— O enderêço? E' muito fácil. Sabemos que Alcione tem relações afetivas com o pessoal da igreja de São Jaques do Passo Alto. Basta recordar que ali visitamos os despojos do seu tutor...

— E' verdade, — concordou Cirilo — como não me havia lembrado antes? Mandaremos o cocheiro tomar informações ainda hoje.

Suzana, que se interessara vivamente pela lembrança paterna, tomou as primeiras providencias, chamando o servo para a incumbencia.

— Então, Cirilo, — disse a dona da casa — poderemos ir amanhã cedo a São Marcelo, caso tenhas tempo disponível.

— Eu tambem vou — disse Beatriz, resolutamente.

Observando a attitude da neta, o velho Jaques lembrou:

— Será menhor irmos todos. Além de atender á uma obrigação agradável, creio que faremos belo passeio, em arrabalde que pouco conhecemos.

O chefe da família concordou alegremente, apesar da objeção que a espôsa fazia com o olhar.

No dia immediato, por volta das dez horas, elegante carruagem entrava na ruazinha modesta, em que Madalena curtia a sua pobreza. Muitos moradores entreolhavam-se espantados.

Arrancada por Luisa da cabeceira da moribunda, cuja agonia se prolongava dolorosamente, Alcíone foi á porta atender a quem a chamava com tanta insistencia. Reconhecendo que os Davenport se aproximavam sorridentes, seu primeiro impulso foi recuar, tal o assombro. Nunca encontrara na vida momento tão amargo. Quis caminhar, sorrir, mostrar-se calma e no entanto seus lábios se cianozaram, enquanto estranho palôr lhe cobria a face num rictus de espanto. O coração batia-lhe descompassado. Que iria succeder em tais circumstancias? A moribunda, desde a madrugada, falava em voz alta, da chegada do espôso. Impossível evitar que os Davenport a ouvissem. Num ápice, porém, lembrou-se do seu contacto com as lições de Jesús e procurou dominar-se. Certo, o Evangelho não seria apenas um roteiro para os momentos fáceis. Era indispensável provar-lhe o valimento em todas as situações da vida. Olhou instintivamente o céu e disse consigo mesma: — “Senhor, ajudai-me a compreender vossa divina vontade!”

Seu desfalecimento durara um instante. Energias cariciosas balsamizavam-lhe o coração dorido e ansioso. Não podia lhes determinar a fonte, mas estava certa de que Jesús lhe enviava sua benção.

Nesse comenos, os visitantes já estavam junto dela, menos risonhos, por haverem percebido na sua attitude algo de grave, que não podiam prever.

— Que foi, Alcíone? — perguntou Suzana preocupada, abraçando-a. — Assim tão pálida? A doente piorou?

Mais calma, a jóven teve fôrças para murmurar:

— Mamãe está expirando.

Cirilo e Jaques, sinceramente compadecidos, abraçaram-na, comovidamente. Beatriz, como se desejasse prestar serviço immediato, adiantou-se ao grupo, varando casa a dentro. Alcíone acompanhou-os á pequena sala de visitas, que dava justamente para o quarto da agonizante, convidando-os a sentar-se, com a gentileza que lhe era inata. Percebendo o empenho que tinham em socorrê-la naquele transe, seu primeiro desejo era correr ao quarto da moribunda e esconder as lembranças paternas, que lá estavam em cima da mesa; mas Suzana e Cirilo poderosamente

samente atraídos para o quarto da moribunda, levantaram-se procurando lá entrar, no intuito de prestar qualquer auxílio.

A moça empalideceu e exclamou:

— Por favor, não entrem agora!...

A voz timbrava um mundo de aflições, que ninguem poderia perceber. Cirilo, porém, afagando-lhe a cabeça num gesto afetuoso, tentava dissipar-lhe a inquietude:

— Não te acanhes, minha filha! Tuas dores são nossas também!...

Ela os acompanhou quasi cambaleante.

Nesse momento, Madalena deu um grande grito, mixto de emoção e júbilo.

— Cirilo!... Cirilo!... — bradou, julgando-se visitada por uma sombra — por que demoraste tanto? Ai! que longos anos de separação, que noites de angústia! Mas, agora me levarás contigo para o mundo onde não existem sorvedouros do mar!...

O casal dava mostras de profundo terror. Magnetizado por estranha fôrça, o filho de Samuél colou-se á cabeceira do leito. Não podia enganar-se. Era Madalena, sim, envelhecida e semi-morta. As mãos de cera, as rugas do rosto, a cabeleira mal-tratada de agonizante, não revelavam a carinhosa e bela companheira da mocidade; mas aqueles olhos profundos e lúcidos, a voz inesquecível, não podiam deixar qualquer dúvida.

— Que vejo? Que vejo eu? — murmurava o negociante de fumo terrivelmente surpreso.

Madalena, como que alucinada de alegria e de dor, estendia-lhe as mãos cadavéricas, exclamando:

— Vê como Alcíone cresceu, moça e bela!... Nunca contemplemos juntos a nossa filha!... Ela foi o meu consôlo na viuvez, o meu refúgio nos dias de saudade... Vê nossa casa como está pobrezinha! Mas Deus habita conosco em santa paz! Antes que a notícia da tua partida para o céu me chegasse aos ouvidos, eu já havia perdido tudo da nossa felicidade de outros tempos... Fiquei só, Cirilo, mas Jesús começou a restituir-me a ventura que desaparecera... Não haverá no mundo hora mais feliz

do que esta em que nos reunimos, para sempre, depois de tão longa separação...

Alcione, revelando poderosa energia moral, aproximou-se da moribunda, enxugou-lhe o suor e afagou-a murmurando:

— E' preciso acalmar-se, mamãe...

— Não estou alucinada, filhinha, — retrucava Madalena de olhos fulgentes — não vês o que vejo no limiar da morte... Ainda não podes divisar as feições de teu pai, que voltou do sepulcro para me levar com êle...

— Minha mãe tem experimentado longos delírios, — exclamava Alcione timidamente...

Mas, voltando-se para os dois circunstantes, observou que Suzana, lívida de marmore, ajoelhara-se enquanto o progenitor fixava a agonizante, com ares de alucinado.

— Tua lembrança — continuou a dizer Madalena dirigindo-se ao espôso — sempre andou conosco, em tudo e em cada dia. Ali estão os teus cadernos de anotações, tua Bíblia, o livro de contos irlandeses...

Cirilo Davenport esboçou um gesto de profundo espanto, como a registar a confirmação da tremenda surpresa.

— Estão limpos e intactos... — prosseguia a moribunda, dando satisfações do seu cuidadoso dever — todas as semanas, repetiamos o trabalho de conservação e limpeza, com o pensamento em ti, para que nos visses lá do céu!...

O filho de Samuel, mudo e tremulo aproximou-se da mesa. Sua palidez aumentava á medida que ia reconhecendo antigas notas de trabalho na Sorbona.

Suzana, a seu turno, jamais poderia definir a angústia que lhe oprimia o coração. Via o que nunca poderia prever, na sua perversidade de outrora. Madalena Vilamil ali estava á sua frente, desafiando-lhe a consciência onusta de acerados remorsos. Anos de angustiosa expiação íntima haviam passado. Quantas vezes procurara, á sombra dos altares, um bálsamo para as torturas do coração? Tudo inutil! Apenas, naqueles últimos tempos, conseguira um farrapo de esperança com o culto doméstico, em que Alcione esclarecia tão bem o proble-

ma das fraquezas humanas e da bondade de Deus. Agora, entretanto, sentia-se convocada ao testemunho pungente. Somente agora compreendia a primeira impressão de repulsa quando Alcione lhe entrara em casa, simpatizada por todos. Era impossível que ela ignorasse o segredo terrível. Contudo, pelas palavras da moribunda, pela situação geral, compreendera que a filha de Madalena dispusera-se a um sacrificio quasi sobrehumano. Filha de Cirilo, suportara o papel de serva em sua casa e vítima do seu crime, nunca levantara a voz para fazer a mínima acusação... Quem teria dado forças áquella criatura tão simples, para tolerar tamanho opróbrio do destino, sem um gesto de indignação e desespero? A filha de Jaques lembrou as magnificas inspirações no culto doméstico do Evangelho. Alcione sempre se referira a Jesus como divino hóspede do seu coração. Do Mestre é que devia escorrer o manancial de tantas energias. E foi assim, ali, defrontando sua vítima nas vascas da morte, que a infeliz criatura experimentou sincera e dolorosa contrição. Os sofrimentos de Madalena e os heroísmos de Alcione falavam-lhe muito alto daquele Cristo, que tantas vezes lutara por compreender, sem resultados apreciáveis. Entendia, afinal, que um exemplo, ás vezes, podia substituir um milhão de palavras. Naquelle momento, por certo, Jesus lhe impunha a confissão do crime nefando. Angustiosa batalha travava-se-lhe no íntimo atormentado. Onde estaria Antero de Oviedo, o comparsa da trama sombria? Não seria melhor atribuir-lhe a culpa do feito execravel? A família Davenport estava certa de que ela apenas assistira á morte de D. Inácio. Sempre afirmara ter chegado a Paris no dia seguinte ao sepultamento da rival e para comprova-lo tinha o documento do cemitério. Seu velho pai era testemunha da sua saída de Blois e podia conferir mentalmente a data da sua chegada a Paris. Ela tambem já havia lutado muito. O consórcio, não obstante a vida de fausto que levavam, nunca lhe dera a felicidade ardentemente esperada. Alguns fios brancos já lhe riscavam a cabeleira, traduzindo o cansaço da vida. Não seria, tambem, mais acertado preservar a ventura de Beatriz, isentando-a da venenosa

recordação de uma mãe ignóbil? E seu venerando pai? Como receberia a confissão dolorosa? Nessa terrível batalha em que os impulsos inferiores propendiam para exibir uma falsa inocência, para que o sobrinho de D. Inácio fôsse o único culpado, Suzana Davenport sentia-se morrer. Daria mil vezes a vida para tomar o leito da agonizante e entregar-se á morte, em seu lugar. Quando o mal estava a pique de triunfar concretizado em ato extremo, ela relembrou o vulto de Alcione nos seus sacrificios diários. Quanto não teria sofrido a pobre menina para suportar o serviço a que fôra conduzida, talvez ignorante de que, ao procurar a subsistência, batia á porta do proprio pai? E Madalena? Quantas privações duras e amargosas não deveria ter experimentado? Acervo sentimento de pejo empolgou-a inteiramente. Sentiu-se, depois, envolvida nas alocações evangélicas do culto familiar. Jesús estava sempre pronto a acolher os desamparados, os falidos, os criminosos e impenitentes do mundo; mas não era lícito recalçar. O Mestre fornecia recursos á retificação dos erros; entretanto, o maior dos crimes deveria ser o reincidir no mal, perante o Mestre, tendo a noção de seus ensinamentos. Um vulcão de lavas ardentes rompia-lhe do peito, devorava-lhe o cérebro em cachoar de brasas vivas. Em meio de tanta desolação íntima, dúlcida voz lhe falava á consciencia dilacerada: — "Confessa! Confessa e acharás o caminho para Deus!..."

Nesse instante, Cirilo Davenport aterrado com os documentos que revirava nas mãos, voltou-se para Alcione, buscando esclarecimentos, mas, vendo-a tão calma e transparente de candura, desistiu de lhe maguar o coração tão cedo sacrificado e dirigiu-se automaticamente a Suzana, que se mantinha muda e genuflecta.

Alcione percebeu que se iniciava o penoso processo de reparação e aclaramento, e sentou-se ao lado da moribunda, murmurando com carinho:

— Quem sabe, mamãe, a senhora desejará um pouco d'água?...

— Não... não... — dizia a moribunda — parecendo interessada em não perder de vista a silhueta de

Cirilo — onde está Robbie? Quero apresentá-lo a Cirilo como nosso filho de criação...

Cirilo, porém, profundamente acabrunhado, retirara-se a um canto do quarto, onde Suzana continuava ajoelhada.

— Que pensa de tudo isso? — inquiriu êle extremamente pálido.

Ela teve a impressão de que aquela voz era um li-belo terrível. Como se despertasse de medonho pesadêlo, respondeu confusa:

— E' ela!...

— Mas... explica-te — insistiu transfigurado pelo sofrimento.

A filha do professor de Blois, no último esforço para vencer-se a si mesma, olhou para Alcione como a buscar na sua efigie a energia precisa á confissão dolorosa, afirmando em seguida:

— Foi o maior crime da minha vida!

Cirilo fez um esforço inaudito para não baquear aturdido.

— Que diz? — perguntou aterrado.

Mas, Suzana enterrara novamente a cabeça nas mãos e o marido, cambaleante, deu alguns passos, abriu a porta e chamou o velho Jaques. O venerando ancião, pela fisionomia estuporada do sobrinho, compreendeu de relance que algo havia de muito grave. Beatriz ficou só, folheando um livro.

— Meu tio, — exclamou Cirilo amargamente, designando a moribunda — esta é Madalena e Alcione é minha filha!...

O velho Jaques estuporou-se também. Era ela, sim! Não obstante o abatimento físico da extrema hora, identificava a filha de D. Inácio Vilamil, detalhe por detalhe. E sentia-se estrangulado pela surpresa angustiosa. Dava a impressão de se haver petrificado pelo sofrimento. Queria amparar Cirilo, mas todo o corpo lhe tremia ao impulso da violenta comoção. Foi o proprio sobrinho que lhe deu a mão, impedindo-o de tombar, alí mesmo diante da moribunda. Nesse instante, porém, Jaques orou com fervor jamais sentido em toda a vida, exorando forças

para atender a amarga conjuntura do momento. Passado o primeiro choque, teve forças para interrogar:

— Como se explica isso?

A filha levantou-se, em pranto convulsivo, emocionada com o testemunho inelutável, e arrostando a angústia paterna, abraçou-se ao velho progenitor, como a procurar o perdão de um espirito sempre generoso.

— Meu pai!... meu pai! — clamava entre lágrimas.

Foi aí que Cirilo respondendo a pergunta do tio, exclamou quasi sufocado:

— Suzana deve saber tudo!... Já me afirmou que esse foi o maior crime de sua vida!...

O velhinho, estupefacto, recordou maquinalmente a remota noite de Blois, quando a filha se agastara com a sua adesão ao projeto do sobrinho, de esposar a senhora Vilamil. Parecia-lhe ter diante dos olhos o quadro que o tempo não conseguira esfumar, ouvindo a confissão de Suzana, de que também amava o rapaz. Relembrou as suas atitudes no lar, a ogerisa constante á Madalena, a insistencia em desposar o primo viuvo, lá nas plagas americanas.

De pronto repassou a tela das reminiscências vivas, para fixar depois o olhar na moribunda e na filha, considerando a dolorosa jornada de ambas. De que paragens de dor chegava Madalena Vilamil até ali, com as rugas lavadas de lágrimas e coberta de cãs prematuras? Pelas informações de Alcione, deveria ter vivido muito tempo na Espanha... Quem a teria conduzido a regiões tão distantes? A exemplificação da filha constituia, naquele momento, um atestado de glória espiritual. Somente agora compreendia o brando e irresistível magnetismo que ela exercia sobre todos os de casa. Era preciso, entretanto, ter um coração perpetuamente unido a Deus para praticar o amor qual o fazia a jóven humilde, que ali se encontrava em atitude confiante, no cumprimento de um dever sagrado quão doloroso. O quadro o impressionava para sempre. Ponderando tudo isso, Jaques Davenport convocou as suas possibilidades morais para conservar a serenidade imprescindível e obtemperou com afetuosa energia:

— Avalio que ação negra se mascara por detrás da nossa angústia!...

E observando que os dois se achavam incapacitados de dominar a própria emoção, lembrou sensatamente:

— Deus está nos mostrando o igneo bulcão de amarguras em que Madalena consumiu as energias de esposa e mãe! Podemos imaginar que espécie de infamia lhe argamassou o infortunio. Mas, penso que se a pobrezinha foi reduzida a tamanha expressão de sofrimento, em toda a vida, não devemos perturbar-lhe o sono da extrema hora. E' preciso defender a paz dos mortos!...

Ditas essas palavras, dirigiu-se a filha, exclamando:

— Vai-te para casa com a Beatriz. Depois nos falaremos.

E voltando o olhar para o sobrinho, murmurava comovido:

— Quanto a tí, meu filho, que Deus te dê forças!...

Suzana contemplou a moribunda pela última vez e encaminhou-se para a porta, vacilante. Beatriz, que esperava calmamente na sala, não dissimulou o espanto ao ver a transfiguração da progenitora.

— Que foi, mamãe? — interrogou ansiosa.

— Não te assustes, — esclareceu a infeliz com dificuldade — a mãe de Alcione está expirando... Vamos. Teu pai e teu avô ficam até mais tarde...

— Pobre Alcione! — murmurou a mocinha ingenuamente.

Enquanto a carruagem regressava, depois do meio dia, no quarto modesto de Madalena Vilamil a cena dolorosa continuava. Jaques identificou um por um os papéis que estavam sobre a mesa. Depois de muito lagrimar, sentou-se contemplando a morta, com grande amargura. Sufocado de dor, o espôso apoiava-se no leito mortuario, como querendo galvanizar as ultimas manifestações da agonizante com indomável ansiedade. Jamais Cirilo conhecera pranto tão acerbo. Obedecendo ás reclamações insistentes da progenitora, Alcione trouxe Robbie ao aposento.

— Este, Cirilo, — dizia a moribunda exânime — é também nosso filho pelo coração... Crie-o amorosamente

desde o dia em que nasceu... Ajudar-me-ás a pedir por êle aos pés de Jesús! Nunca o deixaremos só!...

E dando a impressão de querer consolar o rapazinho, acrescentava:

— Estás vendo, Robbie? Por que temer os padecimentos do mundo, se temos outra vida? Não dêes importancia aos que te escarneçam, meu filho!... Tudo passa na Terra!... Por que haverás de permanecer em tristeza no mundo, quando sabes que te esperamos no céu?

Fez uma longa pausa, que ninguem se sentia com coragem de interromper. Ao cabo de alguns instantes, acentuava com placidez inconcebível, dirigindo-se ao filho adotivo:

— Toma a benção a teu pai, Robbie!... Pede-a também ao amigo que o acompanha!... (1)

Então, verificou-se a cena tocante, que provocava novo contingente de lágrimas copiosas. Com sincera humildade, o pequenote atendeu, beijando a mão dos dois homens para êle desconhecidos.

O filho de Samuel contemplou-o, comovido. Jamais poderia dizer porque o pequeno descendente de escravos o atraía tão fortemente. Num gesto espontaneo, abraçou-o com ternura e murmurou:

— Serás também meu filho!...

Decorreram longas horas, pesadas, tristes.

A' tarde, Madalena Vilamil pareceu mais serena e mais lúcida. Em dado instante chamou a filha e declarou:

— Minha mãe e padre Damiano também chegaram... é o momento de partir...

Alcione recordou a revelação da véspera e ajoelhou-se. Em preces silenciosas, rogou a Jesús recebesse a progenitora em seu reino de verdade e de amor, que lhe atenuasse as últimas amarguras. A moribunda manifestou desejos de confortar a filhinha, formulando carinhosas promessas de amor maternal; contudo, seus lábios apenas denunciavam o esforço supremo. Em profundo

(1) Madalena Vilamil permanecia entre as impressões de dois mundos, como acontece á maioria dos agonizantes.

— Nota de EMMANUEL.

desespêro íntimo, Cirilo estendeu-lhe a mão, que ela apertou fortemente, como a selar uma eterna aliança e, aos poucos, entregava-se ao grande sono.

Belos tons de crepúsculo invadiam a natureza, quando a moribunda partiu. Pesada angústia desabara sôbre a casa de São Marcelo, onde se ouvia a voz de Robbie em dolorosos lamentos de criança ferida.

O velório teve a presença de numerosos vizinhos, tão pobres quanto os Vilamil.

No entanto, Cirilo Davenport, embora taciturno e desesperado, tomou todas as providencias que a situação exigia. A modesta vivenda encheu-se de servas improvisadas, proporcionando a Alcione e á velha Luisa o repouso que necessitavam. O cadaver foi amortalhado régicamente. As pessoas presentes, que tinham relações com a morta, surpreendiam-se em face de tamanha generosidade.

O espôso de Madalena Vilamil não saberia explicar o seu estado íntimo. Mil pensamentos lhe turbilhonavam no cérebro incandecido. Tinha ansias de conhecer todos os informes de Suzana, para avaliar a natureza da sua falta e puni-la sem quartél. Procurava recordar as lições do culto doméstico, concernentes á confiança em Cristo e ao perdão, mas os ensinamentos evangélicos pareciam-lhe agora envolvidos em nuvem distante. A idéia de uma reparação á espôsa ofendida e sacrificada, era a nota dominante no seu espirito. Procuraria conhecer toda a extensão do crime que reduzira a companheira a situação tão amarga, castigaria severamente os algozes. Desejava aproximar-se das recordações filiais, sentando-se junto de Alcione com a poesia do seu coração de pai; mas, era indispensavel resolver primeiramente o caso da espôsa traída. Depois de tranquilizar a consciencia, então elevaria Alcione ao merecido altar. Aquilatava-lhe o valor moral, a grandeza dos sentimentos. Quanto não teria sofrido antes de fazer-se simples cantora da rua, qual a encontrara pela primeira vez?!... Êle ainda não sabia entregar a Jesús as situações sem remédio no mundo, desejava dar uma satisfação plena ao seu amor proprio ofendido. A seu ver, impunha-se, antes de tudo, resta-

belecer a honra pessoal. Submerso em amargura sombria, passou a noite vigeil, sem um momento de tréguas á mente incendiada por idéias quasi sinistras. Que fizera Madalena durante tantos anos na Espanha? Quem havia forjado a burla da sua morte? Como vivera em separação tão amarga? As conjeturas atropelavam-se-lhe no cérebro, sem resposta. Depois de uma consulta ao cemitério dos Inocentes, recebia na manhã seguinte a noticia de que era impossivel abrir um tumulo na mesma zona onde se haviam sepultado os variolosos de 63. Embora não pudesse satisfazer o desejo de inumar a morta inesquecível ao lado dos despojos do fidalgo espanhol, ordenou que os funerais se fizessem com o destaque possivel. Alcione acatou-lhe os mínimos desejos, com humildade. Padre Amancio, solícito, cuidou de todos os pormenores, sem disfarçar a surpresa que a attitude dos Davenport lhe suscitava.

Quasi á noitinha, grande carro estacionou junto ao palacete da Cité. Dela apeavam-se Jaques e Cirilo, acompanhados de Robbie e Alcione. Na antiga casinha de São Marcelo, apenas ficara a velha serva aguardando solução definitiva a seu respeito.

Cirilo demandou o ambiente doméstico, assomado de poderosa inquietação. Suzana recebeu-o desfigurada, abatida, parecendo haver envelhecido vertiginosamente.

— Não temos tempo a perder; — disse elle com expressão rancorosa — precisamos ouvir-te na sala de leitura. Onde está Beatriz?

— Por piedade! — exclamou ella desesperada — poupa-me a vergonha de apresentar-me á nossa filha como criminosa!

— Não posso — respondeu Cirilo inflexível — ignoro que providencias terei de tomar para desobrigar-me com a minha consciencia e não quero que Beatriz mais tarde possa julgar-me injustamente.

Muito pálida, Suzana encaminhou-se ao local indicado. Nesse momento, a pedido de Alcione, Robbie era recolhido ao leito por um velho criado.

Daí a minutos, a filha de Madalena, muito constrangida, figurava ao lado dos Davenport para as investi-

gações amargas. Depois de sentados, Cirilo dirigiu-se á Beatriz nestes termos:

— Minha filha, ontem tivemos a revelação de que Alcione não é tua governanta e sim irmã mais velha. A moribunda que fomos visitar e que o túmulo recebeu hoje á tarde, era minha primeira espôsa — Madalena Vilamil! Nunca pude saber o drama cruél que se formou no meu caminho, mas tua mãe, que deve ter lembranças bem nítidas do passado, vai expôr certos fatos que nos poderão esclarecer.

A jóven Davenport tornou-se lívida. Jamais pudera imaginar que, por trás da felicidade doméstica dormissem angústias como a daquela hora inesquecível.

Suzana, que se assentara um tanto afastada, afigurava-se antes uma ré acabrunhada e aflita, sem saber como iniciar a confissão do seu crime.

O velho Jaques, referto das experiencias da vida, contemplava a filha num misto de dor e de vergonha. Cirilo tinha os olhos fuzilantes de ansiedade. Alcione recolhia-se em preces fervorosas no santuario do coração.

A infeliz criatura começou, difficilmente, a revelar detalhe por detalhe, a enorme culpa da sua vida. De vez em quando, um soluço abafado a interrompia. A confissão prolongava-se por mais de uma hora, e, como se obedecesse a poderosos imperativos da consciencia, Suzana não omitiu a menor particularidade. Emocionadissima, pintava os seus estados dalma na época em que estudava todas as possibilidades do plano criminoso, para conquistar definitivamente o homem amado. Minudenciou as attitudes de Antero Oviedo, descrevendo os antecedentes de suas relações com elle, os passeios que faziam e nos quais o sobrinho do fidalgo espanhol dava-lhe a conhecer a imensa paixão pela prima. Por fim, em frases comovedoras, narrou as cenas da varíola de 63, a visita ao cemitério dos Inocentes, as sugestões sinistras que um nome lido ao acaso, no velho registo de notas funebres lhe suscitara.

Quando terminou, sob o olhar aterrado do progenitor e do companheiro, e com os soluços abafados das duas jóvens, ajoelhou-se e suplicou:

— Conheço a vileza do meu crime e Jesús, que me preparou a alma para fazer esta confissão dolorosa e horrível, é testemunha dos longos sofrimentos que tenho amargado. A paixão me levou ao desvario de comprometer para sempre a paz de minha alma. Realizei o louco intento, valí-me de todos os recursos, meus e de meus amigos, para esposar Cirilo, crente de que, de parceria com Antero poderia corrigir um erro do destino. Mas a verdade é que nunca encontrei um ceífil da felicidade ardentemente desejada... Os criminosos não podem lograr, nunca, a realidade do seu ideal. Aprendi cruelmente que não pode haver paz fora do dever cumprido; que não há alegria sem aprovação da consciencia tranqüila. E' verdade que infelicitei Madalena com a minha insanias de amor, mas não o é menos que lhe invejo agora a calma espiritual, a fé sincera e confiante com que se entregou a Deus no último transe! Ai de mim! O conforto material que o mundo me concedeu é uma ironia da sorte. Para mim que atravesso a vida taganteada pelo remorso impiedoso, os palacios são túmulos dourados, tudo se resume em punhados de sombra e de miséria! Sei que perante Beatriz sou mãe desnaturada e alma mesquinha; que perante meu pai sou a imagem da ingratidão imperdoavel; que perante Alcione sou mulher sem coração! Para Cirilo não passarei de malvada e diabólica; mas, se puderem, pego-o de joelhos que me ajudem o espirito cansado com o perdão da imensa falta! Não sei quantos anos me restam de vida neste mundo, mas prometo-lhes humilhar-me a todo o instante, penitenciar-me como serva de todos, a-fim-de trabalhar pela minha salvação... Jesús que me deu a coragem de confessar o crime, não me há de faltar com as energias necessárias ao esforço regenerador!...

Nesse momento, fez uma pausa mais longa. Jaques, estático, permanecia calado. Alcione e Beatriz choravam amargamente. O marido infelicitado, porém, parecia demontado pela dor. Olhos arregalados como a fitar o passado de sombras, Cirilo Davenport transportara-se em espirito ao ano de 63, esquecerera momentaneamente todos os trabalhos e deveres das segundas núpcias. A' sua

frente via Madalena ultrajada, humilhada, perseguida. Sentia-se rodeado de inimigos implacáveis, que se haviam alojado em seu proprio coração. A idéia de vingança se lhe embutira no cérebro com vigor incoercível. Apesar dos conhecimentos evangélicos, não podia libertar-se da velha concepção que impunha lavar com sangue a dignidade ferida. Pela primeira vez, experimentava o supremo ultrage ao nome, á honra pessoal, ao amor proprio ofendido.

Enquanto se perdia em dolorosas reflexões, Suzana ficou nele o olhar e exclamou compungidamente:

— Perdôa-me e terei forças para me transformar!...

Soluços amargos acompanharam o apêlo. Mas o filho de Samuel, com feições de louco sacou de um punhal e, cambaleando e rugindo, ameaçadoramente, acercou-se da postulante, bradando:

— Não há perdão para o teu crime, Suzana! As víboras hediondas devem ser esmagadas.

Entretanto, num ápice, Alcione colocou-se entre elle e a infeliz. Observando a attitude impulsiva e resoluta do progenitor, abraçou-se á filha de Jaques e, quando viu que a mão armada ia desferir o golpe, exclamou com acento inescusável:

— E Jesús, meu pai?

O braço ultriz pendeu inerte. Era preciso recordar Aquele que não desdenhara o madeiro infamante. Cirilo sentiu-se apossado de estranhas e novas sensações. Pela primeira vez, Alcione lhe chamava "meu pai". Por que não lhe seguir a exemplificação de sofrimento e sacrificio? Madalena havia partido em paz. Quem sabe poderia acompanhá-la na mesma tranqüilidade de coração? Por que arruinar o porvir com uma acção execravel? Recordava, agora que as lágrimas lhe manavam dos olhos doridos, as lições evangélicas do culto doméstico. Ninguém poderia sanar um mal com outro mal, resgatar um crime com outro crime. O pranto corria-lhe em onda volumosa, quis andar livremente, mas uma sensação de súbito mal-estar lhe anulava as forças. Não conseguiu senão arrastar-se com dificuldade e apoiando-se em Alcione, que acabava de acomodar Suzana no divã, entre-

gou-lhe a arma perigosa, como a dizer que renunciava a toda idéia de vingança por suas próprias mãos. Jaques e Beatriz perceberam que Cirilo sentia algo de grave e correram a ampara-lo.

— Meu pai, meu pai — dizia a filha de Suzana em tom angustiado — não te entregues assim ao sofrimento!...

Mas o progenitor não mais respondeu ao chamado dos circunstantes e foi conduzido ao leito, desfalecido, em deplorável situação.

Cirilo Davenport não resistira ao sofrimento que lhe causara a revelação tenebrosa. Alguns vasos cerebrais se romperam em penhor de morte. Mais de um médico foi convocado a salvar o rico negociante de fumo, mas não houve meios de o sequestrar ao coma.

Beatriz estava inconsolável. Enquanto Jaques e Suzana atendiam á situação angustiosa, no quarto do enfermo, Alcione, considerando que a mocidade é sempre mais inquieta e inconformada, dirigiu-se ao aposento da irmã, no intuito de lhe preparar o espirito em tão graves circunstâncias. Era indispensável manter-se acima do proprio sofrimento, por corrigir o que fôsse possível.

— Ah! Alcione, — exclamava a mocinha soluçando — como detesto minha mãe!...

— Não digas isso! — revidava a interlocutora emocionada — então, Beatriz, em tão poucos momentos de provação e testemunho, já esqueceste o perdão que Jesús nos ensinou? Recorda os deveres filiais que devem ser sagrados em nossa vida!...

A filha de Suzana, contudo, dando expansão a velhos sentimentos, não concordava, murmurando:

— Mas a mãe que Deus me deu é desleal e criminosa!...

— Por que não dizer antes que D. Suzana foi doente do espirito quando lhe despontaram os primeiros sonhos da mocidade? Não seria mais nobre julgar assim? Por que, Beatriz, ver tão somente o mal, quando Jesús sempre nos inclina a ver as qualidades mais preciosas da criatura? Nesta casa, há velhas servas trazidas da América, que abençoam tua mãe todos os dias, pelos benefícios

dela recebidos... Nada se perde no caminho da vida... Quem encontra forças para julgar os proprios erros já recebeu do Senhor alguma luz.

E vendo que Beatriz se lhe conchegava ao peito, com lágrimas angustiosas, continuava:

— Não te penalizou vê-la soluçante, em confissão que nos foi particularmente dolorosa? Não lhe notaste a expressão de vergonha e padecimento quando se ajoelhou a exorar perdão? Cala as tuas maguas e procuremos compreender a mensagem que Jesús nos destinou.

— Mas, quanto haverá sofrido tua mãe em consequência dêsse crime?

— Sim, sofreu e lutou muito, mas hoje descansa das fadigas terrenas abençoando, talvez, as lágrimas vertidas neste mundo. E, porque tenhamos chorado muito, não será justo atormentar a mãe que Deus te concedeu!...

— Oigo as tuas observações carinhosas, quero guarda-las no espirito, mas não posso! A lembrança da confissão desta noite destrói minha felicidade, alguma cousa me turva o pensamento... desejo raciocinar esquecendo o mal, e não posso.

— E' porque ousas enfrentar as penas do mundo sem o Cristo. Estamos na Terra para adquirir ou provar alguma virtude. Na realização dêsse escopo não podemos desafiar a luta sózinhas! E' imprescindível buscar a companhia do Divino Amigo, para sermos esclarecidas a tempo! Jesús tem uma palavra luminosa para cada situação, uma energia inspiradora a cada momento mais amargo, desde que lhe busquemos o socôrro divino!...

A jóven Davenport sentiu profundamente o alcance sublime da advertencia e acalmou-se. Daí a instantes, voltou a dizer:

— Compreendo, sim, a elevação de teus conselhos fraternos; entretanto, não me furto ao receio de que papai não resista a esta tragédia que nos aperta o coração... Esperarei que Henrique chegue para contar-lhe o que se passa. Muitas vezes tem êle falado da possibilidade de nos casarmos breve. Se o papai não escapar da morte, concordarei, pois assim, pelo menos poderei

deixar a companhia de mamãe e oferecer ao vovô a tranquilidade para o resto dos seus dias.

— Não penses tal. Não poderemos desamparar tua mãe. Quanto ao mais, nada dirás ao Sr. de Saint-Pierre. Não temos o direito de confiar a ninguém a dolorosa revelação do nosso caso. E' preciso lançar a rega do silêncio e da paz á fogueira das locubrações tormentosas, para que nossa existência não se transforme em voraginoso inferno.

Beatriz concordou.

Dentro de poucas horas o noivo aparecia cheio de interêsse familiar. Outras visitas se sucederam durante a noite. Fatigadíssima, Alcione manteve-se no seu papel de serva, em que todos a conheciam. A alvorada encontrara Cirilo agonizante. Decorreram vinte e quatro horas do tremendo choque, o filho de Samuel desprendia-se do mundo para a vida espiritual.

O palacete da Cité logo se cobriu de crepes negros. Pesada atmosfera se espalhou no solar do abastado comerciante de fumo.

No dia seguinte o velho Jaques teve forças para providenciar o enterramento do sobrinho, ao lado do túmulo de Madalena Vilamil. O amoroso casal, que vivera separado pela astúcia maliciosa do mundo, reunia-se agora para sempre.

Os funerais realizaram-se com muita pompa, na tarde imediata á do falecimento. Numerosos eclesiásticos acompanharam o feretro com luxuosas exéquias. A viuva, com ares de alucinada, seguiu o cortejo amparada por Alcione, que lhe dava o braço com zêlos filiais. Mas, quando os padres disseram as últimas palavras do ritual para que o corpo baixasse á campa, ouviu-se estranha gargalhada no ambiente silencioso e triste.

A assistencia numerosa entreolhou-se atônita e curiosa!

Suzana Davenport havia enlouquecido.

V

PROVAS REDENTORAS

A vida familiar no palacete da Cité tornara-se bem amarga. A viuva Davenport perambulava pelos aposentos, dementada e combalida. O velho Jaques, dominado pelos dissabores acerbos, vivia entre o leito da decrepitude e as lágrimas sem consolação. Beatriz, na sua mocidade cheia de sonhos, ainda não saíra da penosa estupefação, dando mostras de singular abatimento.

Foi aí que Alcione fez valer as virtudes da sua fé, por maneira a satisfazer plenamente os novos deveres. Nunca abandonava Suzana, de quem se fizera enfermeira dedicada e afetuosa. Robbie continuava trabalhando em São Jaques, vindo sómente três vezes na semana, visitar a irmã adotiva, sempre mergulhado em profunda melancolia.

Certa ocasião em que o velho professor entabou com o rapaz uma palestra mais longa, Alcione foi chamada pelo generoso velhinho, que a interpelou carinhosamente:

— Não posso consentir que o nosso Robbie continue ausente desta casa, por motivos de serviço. Considero mais acertado que deixe a igreja de São Jaques do Passo Alto, vindo morar conosco. Não podemos esquecer que êle é teu irmão, isto é, filho adotivo da nossa querida morta.

— Sim — respondeu a jóven, solícita — nada tenho a opôr, mas olhe que seria uma falta grave o privar meu irmão dos benefícios do trabalho.

— Mas Robbie, Alcione, é muito doente para desdobrar-se em tantas ocupações.

— Mas o senhor não está de acôrdo comigo, relativamente ás vantagens de uma vida laboriosa? Não quero parecer cruél, antes quero reconhecer a generosidade do seu coração, com semelhante lembrança; mas o amor ao trabalho é uma das mais nobres heranças que mamãe nos deixou. Basta lembrar que, embera paralítica, ela costurou por muitos anos para nos criar e manter. Além do mais, é sempre útil ao enfermo entreter-se com alguma cousa. A inatividade costuma induzir-nos a falsas apreciações dos desígnios de Deus, a impaciencias, a desesperações e rebeldias...

Percebendo que o amoroso ancião anotava-lhe mentalmente as palavras com sincera atenção, acrescentava dirigindo-se ao rapaz:

— Não é verdade que sempre ganhaste muito com a dedicação ao trabalho, Robbie?

— Sim, isso é incontestavel.

Mas, deixando perceber que desejava umas tantas alterações de regime, acrescentava:

— Entretanto, se possível, gostaria de tranferir-me de São Jaques para outra parte. As recordações de São Marcelo me acabrunham e depois aquelas crianças ironicas muito me atormentam com os dichotes e indirectas.

— Ora, Robbie, — murmurou Alcione com bondosa austeridade — ainda te preocupas com as tolices de meninos ignorantes?

— Estão sempre a tecer comentários dos meus aleijões...

— E que tem isso? Quando cumprimos nosso dever perante Deus e a consciencia, a grosseria ou a ingratição dos outros são relegadas ao baixo plano a que pertencem.

O bondoso ancião acompanhava a neta, admirado de ver como conseguia aliar tão facilmente a energia á meiguice.

— Se invocas as lembranças de São Marcelo, — prosseguiu a moça ternamente — dando-me a entender tua saudade de mamãe, recorda que ela cumpriu o seu dever até o fim, nunca nos pediu uma casa mais confortavel,

nunca reclamou contra as aguas da chuva que invadiam nosso quarto, conservou-se de agulha na mão enquanto Deus lhe permitiu a graça de trabalhar, enriquecendo o nosso esforço... Os aleijões do corpo, Robbie, são melhores que os da alma...

O rapaz experimentou certo abalo em ouvindo as últimas palavras. Reconhecendo-lhe a estranheza, Jaques procurou intervir carinhosamente:

— Alcione tem razão, — exclamou atencioso — o trabalho é uma benção de Deus. Não te debes agastar, meu caro Robbie, com os obstáculos encontrados. Todos nós temos uma dificuldade a vencer na vida. O proprio Jesus não caminhou sôbre flores.

E dirigindo á neta um olhar significativo, murmurava:

— Apesar disso, minha filha, espero não te aborreças se eu pedir a Henrique a colocação do rapaz mais proximo de nós. Poderá, por exemplo, empregar-se nos serviços de São Landry.

O filho adotivo de Madalena agradecia com a expressão satisfeita, enquanto a jóven concordava:

— Não tenho objeção a fazer, desde que Robbie continue a descobrir, cada dia, a grandeza do espirito de serviço.

Daí a alguns dias, Henrique de Saint-Pierre, o noivo de Beatriz, conseguia a mudança desejada, com grande júbilo para o rapaz, que se transferiu definitivamente para a Cité, podendo assim ficar em contacto diário com a irmã adotiva.

A dedicação de Alcione á viuva Davenport era um exemplo vivo de amor, a calar fundo no coração dos familiares. A propria Beatriz parecia mais concentrada nos problemas graves da vida. Aquele ar de despreocupação que lhe caracterizava a juventude, desaparecera. Tornara-se mais acessível aos criados, ouvia com interesse as advertencias do avô, que não se sentia muito encorajado a prosseguir enfrentando as borrascas fortes do mundo. O noivo notara, satisfeitissimo, aquela transformação. A jóven Davenport aliava, agora, á beleza juvenil, larga dose de reflexão ao cogitar dos problemas do destino e

do sofrimento. A dor abria-lhe novas possibilidades de inspiração religiosa. A perturbação mental da progenitora impedia o culto doméstico, tais as condições precárias do seu organismo; mas, sempre que lhe era possível, lia e meditava longa e atentamente o Evangelho de Jesús. Sua conversação tornara-se mais rica e substancial. Alcione tinha com isso grande consólo.

Havia um mês que morrera Madalena Vilamil.

O estado mental da viuva apenas se agravara. Noites inteiras passava ela em gritos alarmantes, em sinistras visões. Alquebrado pelos anos, cheio de achaques e mais pelos desgostos profundos que lhe golpearam o coração, o tio de Cirilo esperava a morte resignado. Beatriz atendia aos múltiplos encargos domésticos e apenas Alcione velava pela doente, com as suas infinitas reservas de amor cristão.

A's vezes, alta noite, a demente sacudia-a com gestos de pavor:

— Vês, Alcione? Satan vem chegando com as suas sentinelas perversas! Ah! que desejam de mim? Já confessei tudo... Esta casa não é lugar de demonios! Voltam para os infernos!... (1)

E rojava-se de joelhos, exclamando:

— Deus me livrará das fúrias do maligno. Porque confessei a verdade, Satanaz persegue minh'alma! Não a levarás, bandido!

— Não se exalte, senhora Suzana, — observava a moça com doçura. — Vamos orar pedindo a Deus calma e resignação. Tranquelize-se! O poder das trevas se anula ante a luz divina. Vamos fugir para os braços de Deus, como as crianças que buscam o cólo materno quando uma fera se aproxima!...

Suplicava a proteção de Deus, em voz alta, no que era seguida, palavra por palavra, pela infeliz demente.

Terminada a rogativa, Suzana mostrava-se mais calma, agradecia com sorrisos infantis e ponderava:

(1) Todas as manifestações de Espíritos obsessores, no tempo antigo, eram tomadas á conta de aproximação de Satanaz. — Nota de EMMANUEL.

— Só o teu coração compreende as minhas necessidades! Todos me dizem que estou alucinada, que não vejo senão perturbações do meu proprio espirito! Meu pai me manda reagir sem que eu possa faze-lo; minha filha crê que eu esteja sendo vítima de ilusões! Entretanto, Alcione, o demonio vem sempre ao meu quarto tripudiar do meu remorso intraduzível! Quando oras comigo, êle se pronuncia a sair, mas faz um sinal dando a entender que voltará no primeiro ensejo!...

— Acalme-se, senhora — procure pensar na magnanimidade da Providencia Divina. Quando se aproximarem os maus Espíritos, ofereça-lhes um pensamento de sincera confiança no Altíssimo. Peça-mo-lhes perdão pelo mal que acaso lhes tenhamos feito em outras eras, humilhem-nos recordando Jesús, que era imaculado e aceitou a cruz imposta pelos algozes...

A enfôrma escutava-lhe as exortações carinhosas, de olhar desvairado e respondia:

— Teus conselhos são justos... Sabes que meu estado não é apenas uma alucinação...

— Sim, a senhora não mente.

Ao ouvi-la, Suzana Davenport, em pleno desequilibrio das faculdades mentais, exhibia olhares mais estranhos e replicava, com os seus remorsos pungentes:

— Já menti quando sacrifiquei tua mãe, mas agora desejo só a verdade... porque deixei a falsidade, Satanaz me atormenta...

— Tudo isso, porém, passará depressa! — esclarecia a jóven pacientemente.

— Sim, passará... passará..., — concluia a enfôrma atenuando a exaltação.

Em seguida, a filha de Madalena vigiava, em prece, até que a progenitora de Beatriz conseguisse adormecer. O ambiente doméstico continuava carregadissimo.

Numa noite de grandes perturbações, Suzana dirigiu-se á carinhosa enfermeira, em pranto convulsivo:

— Não me deixes ir para o cárcere! Já estou sendo castigada rudemente, minha santa menina! Não será melhor que a morte me colha aqui mesmo, como lição para todo mundo? Muita gente na Cité há de evitar o

pecado, quando souber que estou morrendo atormentada, no seio das cousas que pertenciam a tua mãe!...

— Não pense nisso! — dizia a interlocutora generosa, tranquilizando-a. — Ninguém a levará daqui. Esta casa é sua e pessoa alguma poderá atentar contra os seus direitos.

— Hoje, — voltava a exclamar a louca de olhos esgaseados — vi o infame Padeiro (1) aproximar-se de meu pai e soprar-lhe alguma cousa aos ouvidos... Daí a momentos, êle e Beatriz declaravam-se resolvidos a me afastar de casa.

— A senhora ficará comigo, — murmurou a jóven Vilamil consolando-a — não precisa inquietar-se porque, antes de tudo, Deus nunca nos abandonará.

Com efeito, no dia immediato, ao almôço, dando a impressão de que houvera pensado muitissimo, antes de apresentar a proposta, Jaques falou muito trêmulo:

— Minha querida Alcione, Beatriz e eu estivemos pensando na dilatação dos teus sacrificios e no melhor meio de atender á situação da nossa doente. Como talvez não ignores, temos estabelecimentos em Paris, onde a enfôrma pode ser bem tratada, sem exigir tanto da tua verbal dedicaçào.

— Pensa, assim, em afastá-la do convívio doméstico? — perguntou a filha de Madalena surpreendida.

— Efetivamente: as prolongadas vigílias te consomem a saúde. Por minha vez, não te posso ajudar, dado o meu grande esgotamento físico.

— Não, não, — retrucou Alcione firmemente — não concordo. D. Suzana não deve, não pode sair daqui. Estou habituada ás vigílias e, além disso, a pobrezinha haveria de sofrer muito.

— Mas estaria a salvo de qualquer necessidade no estabelecimento onde tencionamos interna-la.

— Mas isso não lhe garantiria a tranquillidade nem melhoras quaisquer, pois o de que ela mais necessita é

(1) O povo de Paris dava ao Espirito das trevas a designação de Padeiro, afim de não pronunciar a palavra "Diabo". — Nota de EMMANUEL.

de carinho, no transe doloroso por que passa. Estou certa de que não lhe faltariam enfermeiras dedicadas, mas, ainda assim, sempre se consideraria abandonada por nós, no meio de doentes de toda a especie, quando pode perfeitamente tratar-se ao nosso lado, sem que lhe falte o conforto da ternura familiar.

Beatriz, que prestava grande atençaõ aos argumentos da irmã, objetou:

— Tua atitude é nobilissima, porém nós não podemos pôr de lado a tua saúde. Além disso, as observaçoẽs de minha mãe, no estado de loucura em que se encontra, são muito impressionantes para quantos nos visitam.

— Pois eu me comprometo a tê-la sob a minha guarda exclusiva. Não se preocupem comigo. Sinto-me forte. Os cuidados com a doente vêm constituindo para mim um grande consôlo. A ausência de deveres immediatos nos inclina, por vezes, a reflexões indevidas. Eis porque a companhia de D. Suzana tem sido de imensa utilidade para mim. Desde a partida de mamãe, sinto certo vazio na alma... Ao tocar o cravo para a enfôrma, recordo-me que seu espirito deve estar satisfeito. Será possível que desejem suprimir semelhante satisfaçào ao meu trabalho diário?

Beatriz lembrou a realizaçào das suas aspiraçoẽs de moça, sua infânciã confortada e a juventude feliz; comparou-a com a exemplificaçào de Alcione e sentiu os olhos razos dagua. Nem ela nem o avô se atreveram a falar mais na remoçào da enfôrma.

Nesse ínterim, quando se levantaram da mesa, o velho Jaques valeu-se da oportunidade de estarem a sós os três e chamou a atençaõ da filha de Madalena para certo problema que o preocupava:

— Alcione, — disse afavelmente — aproveitando êste momento de calma, devo dizer-te que mandei buscar, por pessoa de confiança, tua certidào de batismo, em Versailles; mas, quero crer que fôsses batizada na Espanha, por iniciativa de Antero de Oviedo, porquanto em Versailles nada se encontrou.

— Ah! sim... — murmurou a moça hesitante — posso saber o motivo da providencia?

— E' a necessidade de regularizarmos a questão da herança paterna. Beatriz e eu precisamos atender a essa parte.

A jóven Vilamil fez um gesto de grande admiração e exclamou:

— Por favor! Não façam isso!... Renuncio voluntariamente em favor de Beatriz. Sua felicidade, seus bens, são os meus.

— E' impossível, minha filha — respondeu o avô atenciosamente — é justo pensarmos no teu futuro. O destino dá muitas voltas e não seria razoavel descuidar da tua situação, quando te assiste um direito sagrado!...

— Agradeço tanta dedicação, — acentuou a moça com firmeza e ternura — mas a minha renuncia á herança material de meu pai é decisão que não posso modificar.

— Por que? — interrogou Beatriz ansiosa de reparar com a irmã o copioso quinhão de sua fortuna.

— Já que me perguntam, devo esclarecer. Minha irmã se casará muito breve e não temos o direito de degradar D. Suzana no conceito do genro, que, afinal de contas, será tambem seu filho... Henrique de Saint-Pierre sempre enxergou na futura sogra uma desvelada amiga. Neste amargo período de enfermidade, tem-na tratado com especial carinho. Seria justo desfazer uma atitude tão nobre, tão só por uma razão de possibilidades financeiras, que passam com o tempo? Creio que não. Beatriz, por certo, receberá das mãos do Altíssimo alguns filhinhos que lhe enriquegam o coração feminino. Que seria das pobres crianças, quando se recordassem da avó, entre observações descaridasas e pouco dignas? Naturalmente que Saint-Pierre é incapaz de desfazer o noivado pela revelação do pretérito, mas nunca poderia subtrair do lar futuro o máu pensamento, acérca da progenitora de sua companheira. Com o tempo, semelhante recordação poderia tornar-se para a querida Beatriz um fardo bastante pesado... Nem todo o dinheiro do mundo bastaria para lhe restituir a tranquilidade. Isso posto, que motivo nos poderia induzir a tornar D. Suzana mais desventurada do que é? Descermos a certas explicações num

processo de herança, seria enlamear sua memória para sempre. Seria um ato muito indigno de nós. Creio que meus pais, na vida espiritual em que se acham, aprovam plenamente esta conduta.

O generoso ancião e a neta estavam profundamente surpreendidos. Nunca poderiam pensar que o desprendimento da filha de Madalena atingisse tamanha renuncia. Beatriz permanecia emocionada, sem saber manifestar a gratidão que lhe vibrava na alma. Foi o amoroso velhinho que rompeu o silêncio, considerando:

— Gostaríamos de restabelecer a verdade, apesar de bastante dolorosa. Estou certo de que Henrique se conformaria, de bom grado, e que Beatriz não sofreria qualquer dissabor de futuro, satisfeita e feliz por se edificar no teu exemplo. Quem sabe poderias ponderar o assunto com mais vagar e modificar tuas idéias neste particular?

— Não, não creiam, minha resolução é irrevogavel.

— Essa resolução, Alcione, — prosseguiu o velho educador — não poderia parecer menosprezo a um esforço de teu pai? Se Cirilo pudesse ver-te e falar-te, certamente que te arguiria por isso.

A interpelada compreendeu que tal argumento era lançado de maneira mais peremptória, ao seu coração afetivo, no intuito de lhe modificar as disposições íntimas e retrucou com argumento ainda mais forte:

— A consciencia me diz que o nosso amado ausente me abençoa as intenções. Além de tudo, meu progenitor deixou-me uma herança muito sùblime, para que eu viesse a preocupar-me com dinheiro. Deu-me um avô generoso e uma irmã devotada... E acaso deixei de receber êsse legado santo?

Jaques experimentou alguma cousa no coração cansado, como nunca sucedera em todo o curso de sua longa existencia. Reconhecido e feliz, murmurou:

— Deus abençõe todos os teus caminhos!...

— Suas bençãos, meu avô, são para mim uma riqueza eterna...

Beatriz, sensibilizada ao extremo, beijou-a e retirou-se enxugando uma lágrima.

E, dada a desistencia completa de Alcione, a situação

no palacete dos Davenport continuou sem modificações apreciáveis.

A enfêrma, atendida em suas mínimas necessidades pela enfermeira afetuosa, continuava gozando a consideração de suas prestigiosas relações parisienses. Não raro, nobres damas da Côrte visitavam-na, testemunhando-lhe carinhosa atenção. Retiravam-se, muitas vezes, fortemente impressionadas pelo que ouviam da pobre demente.

— Acreditas, Marcelina, — dizia a enfêrma a uma colega da juventude — que o demo não nos persiga diariamente? Vejo-o em luta constante, trabalhando por aniquilar minh'alma... Será que tu também tens algum crime a confessar? Se cometeste alguma falta grave, liberta-te do remorso quanto antes! Satanaz está nos espreitando!...

E rematando as considerações com gargalhadas sibilantes, gritava:

— Ah! Ah! Ah!... Vamos tirar as máscaras, vamos tirar as máscaras!...

As visitas, quasi sempre se retiravam impressionadas e admiradas com a paciência da enfermeira.

Um ano fazia que Cirilo e Madalena haviam falecido, quando o velho Jaques apresentou sintomas alarmantes. O velho médico da família recomendou o máximo cuidado, porque o enfermo tinha a existencia por um fio, podendo morrer de um momento para outro. Enquanto Beatriz se desfazia em lágrimas, Alcione duplicava a coragem, de modo a atender aos doentes, como se fazia necessario. Um portador foi enviado ao norte, afim de solicitar a presença de Carolina e dos seus.

Quando a senhora de Nemours chegou com os dois filhos, o progenitor estava a despedir-se.

A irmã de Suzana mui raramente vinha a Paris e por ocasião da morte do cunhado e da enfermidade da irmã, limitara-se a escrever, enviando á viuva condolências e votos de pronto réstabelecimento. Mas, percebendo que o velho pai estava prestes a deixar o mundo, dera-se pressa em se abeirar do seu leito, em vista da pequena fortuna do antigo educador de Blois.

Carolina encontrou a irmã em lamentavel estado.

Não obstante as preocupações egoísticas de um temperamento somítico, não abraçou Suzana sem chorar. A desventurada viuva dirigiu-lhe comovedoras exortações, que lhe calavam fundo no espirito.

— Talvez não saibas, Carolina, — dizia exaltada — que me tornei criminosa aos olhos dos homens e diante de Deus... Condenei Madalena Vilamil ao destêro e á miséria, para desposar Cirilo, na América... Fiz tudo quanto quis, mas Deus deixa agora que o diabo me peça contas de meus atos condenáveis!...

— Acalme-se... — exclamava Alcione em attitude de serva devotada. — A senhora está se entregando a emoções muito fortes com a chegada de sua irmã.

— Quem é esta enfermeira tão adequada ás nossas necessidades? — perguntava Carolina á Beatriz, com interesse.

Vendo, porém, que a irmã encontrava certa dificuldade em se explicar, a propria Alcione esclareceu:

— Sou empregada da senhora Davenport, ainda ao tempo que ela gozava saude.

— Pois bem, minha menina, — replicava a visitante como quem se sente bem ao reconhecer que outros tomam para si o trabalho ou a dificuldade que lhe pertencem — Deus ha de ajudá-la pelo devotamento com que cumpre os seus deveres.

Carolina permanecia allí, sob forte impressão.

— A loucura de Suzana é bem singular, — disse espantada — por que se referirá a crimes que absolutamente não praticou?

— Diz o médico, — esclareceu a enfermeira com serenidade — que essa perturbação é comum a maioria dos que têm o cérebro transtornado. Em vista de D. Suzana haver-se casado com o primo que a ela se unia, em segundas núpcias, parece sempre preocupada com o assunto, alegando situações imaginárias.

— A explicação do facultativo é muito plausivel, — acrescentava a tia de Beatriz — minha irmã era muito amiga de Madalena Vilamil e, possivelmente, lembrar-se-á muito da extinta, nos delirios de sua demencia.

— Acresce notar, — ajuntava a filha de Madalena

— que meu nome é Alcione Vilamil e esta circunstância não deixará de influir no ânimo da enferma, sempre em minha companhia...

— Isso é muito curioso, — explicava a interlocutora — mesmo porque suas feições são muito semelhantes ás da primeira espôsa de Cirilo, quando moça.

— Muitos dizem isso, — confirmava a moça com humildade.

A senhora de Nemours não ocultou a simpatia que a enfermeira lhe inspirava, tecendo-lhe francos elogios, junto de Beatriz.

No dia immediato ao de sua chegada, eis que o velhinho generoso, depois de longos padecimentos físicos, despede-se do mundo com grande serenidade. Alcione resistiu a todos os embates, heroicamente, transformando-se num anjo de socôrro para cada um, em particular.

Depois dos funerais, foi de balde que um dos jóvens, filho de Carolina, insistiu para regressarem ao norte. A espôsa do Sr. de Nemours alegava, confidencialmente, precisar conhecer o testamento paterno. O progenitor deixara regular quantia em dinheiro de contado, e Carolina queria tomar conhecimento das suas últimas disposições.

O documento, no entanto, aberto daí a três dias, reservava grande surpresa ao seu coração egoista. Jaques Davenport deixava a pequena fortuna para Alcione Vilamil, declarando que sua resolução obedecia ao fato de que as filhas e os netos se encontravam devidamente amparados por vastas possibilidades financeiras, e que a sua deliberação testamentária nada mais representava que um ato de gratidão para com a enfermeira amada, a cujo carinho se sentia ligado por eterno reconhecimento.

Alcione chorou, comovidamente, ouvindo a leitura e, enquanto Beatriz não conseguia dissimular a satisfação que lhe vagava nalma, a tia mergulhava-se em contrariedade intraduzível.

Reconhecida a última vontade do morto, Carolina Davenport entrou a pensar seriamente na possibilidade de uma destituição. A' noitinha, aproximou-se da filha de Suzana, falando-lhe do assunto com gravidade.

— Beatriz, — começou a dizer a senhora de Nemours

algo irritada — não posso calar a estranheza que me causou a disposição testamentária de papai. Francamente, estou decepcionada.

— Pois eu, titia, muito pelo contrário, penso de outro modo. Acho que vovô praticou um ato de grande justiça.

— Como assim? não vejo razões que justifiquem esse ato. Nunca acreditei que meu pai olvidasse a prole para valorizar apenas os serviços de uma criada. Estou disposta a pleitear a anulação do testamento. Meu velho pai deve ter sido lamentavelmente enganado...

— Não diga isso! — tornou a sobrinha revelando nobre preocupação. — Alcione, em nossa casa, desempenha o papel de uma filha. Sou testemunha da sua extrema dedicação. Aliás, até ontem, a senhora não lhe negou os maiores elogios...

— Sim, como serva. Não podia, porém, supôr que papai houvesse atingido êsses extremos de consideração.

— A senhora, minha tia — esclareceu Beatriz com a delicadeza firme de quem não está disposto a ceder — é porque tem vivido ausente, anos consecutivos. Naturalmente, não pode aquilatar as elevadas qualidades de que Alcione é portadora. Ainda é bastante feliz neste mundo, para conseguir enxergar as almas que desempenham a tarefa dos anjos. Desde que se casou, vive tranquilamente em sua propriedade, ao lado do espôso abastado e dos filhos que participam do seu bem-estar, inalterado até hoje. Aliás, devo dizer que esta opinião era a de vovô, sempre queixoso da sua ausencia. Nós, porém, não podemos partilhar com a senhora a mesma apreciação. O falecimento de meu pai nos trouxe lições muito amargas, que Alcione nos tem ensinado a compreender com a sua bondade sem limites... Em todo o curso da moléstia de minha mãe, seu devotamento tem tocado ao heroísmo.

A interlocutora parecia ouvir superficialmente os argumentos da jóven, respondendo com certa secura:

— Não posso aceitar a opinião da tua mocidade inexperiencede. A meu ver, Alcione é criatura com muitos predicados excelentes, mas não lhe vejo outros títulos que os de serva.

E mostrando o ciúme que lhe envenenava o espírito, em virtude da predileção paterna, rematava:

— Suzana está demente, mas eu ainda não perdi a razão. Não concorde com a decisão testamentária e recorreréi á justiça.

A sobrinha, contudo, endereçando-lhe um olhar autoritário, sentenciou:

— Jamais supús que a senhora descesse á tal deliberação apenas por alguns milhares de francos, concedidos por um coração generoso á uma orfã. Saiba, porém, minha tia, que não ficarei inativa ante os juizes de Paris. Sua reclamação poderá vingar mas eu darei a Alcíone, publicamente, um legado que possa equivaler á pequena herança deixada por vovô... Assim, nossos amigos terão ciência de que a reclamação não parte desta casa, e sim de um espírito inconformado e mesquinho.

Ante a nobre atitude de resistencia, a senhora de Nemours fez um gesto de forte irritação e murmurou desolada:

— Insultas-me? E's muito nova para discutir comigo. Estou a ver que tu e a serva transtornaram a cabeça do velhinho doente, induzindo-o a testamento tão singular...

— Poderá julgar como lhe ditam os sentimentos propios.

Carolina corou, fortemente excitada e resmungou:

— Volto hoje mesmo para casa. E ficas ciente, Beatriz, que não precisamos do dinheiro de papai, nem do teu. Tratei do assunto da herança, porque todos somos obrigados a honrar a justiça, mas nunca precisarei dessa miséria de alguns escudos. E que Deus te proteja, para que a serva intrusa não te cause sérias decepções.

A sobrinha lançou-lhe um olhar altivo e murmurou muito calma:

— Agradeço a sua decisão de partir. E' melhor que o escandalo fique só entre nós e que a senhora renuncie á primeira disposição que me levaria tambem a público, como sua adversária.

Não obstante a preocupação de abandonar o palacete da Cité, naquela mesma noite, Carolina Davenport, con-

tida pelos filhos, esperou pela manhã, quando se retirou de Paris despedindo-se da sobrinha secamente.

Por essa época, Henrique de Saint-Pierre começou a cooperar mais assiduamente na solução dos negocios que envolviam a antiga residencia de Cirilo. No círculo de tantas dores e preocupações, somente a perspectiva do casamento próximo de Beatriz oferecia ensejo a determinadas esperanças de paz. A noiva aguardava as melhores da progenitora para marcar a data do consórcio. Desde ha muito, o rapaz manifestava desejos de não adiar o enlace por mais tempo; no entanto, Beatriz não se sentia bem, entregando a Alcíone o pêso de todos os encargos, relativamente á enfermã. Suzana, logo após o falecimento do velho professor, atingira um estado especial de inércia, piorando sempre a olhos vistos. As duas filhas de Cirilo revezavam-se devotadamente no sentido de amparar a doente com todos os recursos ao seu alcance. Alcíone andava abatida e todavia as lutas agravavam-se, cada vez mais.

Certa noite, Robbie, já quasi homem feito, demorou-se mais que de costume. A filha de Madalena inquietou-se, sentindo que algo de grave sucedera, amargurando-lhe o coração. De fato, enquanto confiava á irmã os pensamentos que a atormentavam, um portador do abade Durville, clérigo de São Landry, pedia sua presença urgente.

— Senhorita — exclamou respeitosamente, dirigindo-se á moça, que o ouvia surpreendida — o Sr. Robbie ha duas horas foi vítima de um desastre, quando mal havia saído da igreja...

— Que foi? — inqueriu Alcíone sem disfarsar a enorme aflição.

— O rapaz ia distraído quando um carro o colheu, brutalmente! Os cavalos espantaram-se e o cocheiro não teve tempo de evitar o desastre lamentável.

— E como está êle?

— Muito mal. As feridas do peito sangram com abundancia, mal pode falar e pediu ao Abade Durville que a prevenissem com urgencia.

— Não ha tempo a perder, — murmurou Beatriz.

Daí a minutos, o carro dos Davenport saía ás pressas conduzindo as duas irmãs.

Em um recanto da igreja de São Landry, o filho adotivo de Madalena experimentava o esgotamento rápido de suas forças. O sangue borbulhava, incessante, das feridas abertas. Debalde um médico applicava os recursos limitados da sua ciencia. O affluxo de sangue cederia em determinadas regiões, mas a incisão profunda ao longo do peito era uma fonte inestancavel. Não havia mais esperanças. Durville e alguns companheiros assistiam-no, certos de que o músico estava perdido.

Percebendo a seu lado a irmã muito querida, o rapaz pareceu concentrar as energias supremas, no desejo de lhe transmitir os últimos pensamentos. A voz era-lhe como um sopro. Alcione inclinou-se, esforçando-se para não chorar; beijou-o com enternecimento fraterno e sentou-se, ali mesmo, para que a fronte dilacerada lhe repousasse no regaço fraterno. O ferido esboçou um sorriso leve que sensibilizou os assistentes.

— Então, Robbie? como foi isso? — perguntou a irmã, quasi colando os lábios aos seus ouvidos.

— Deve ser... a vontade de Deus... que se cumpriu...

Alcione, muito comovida com a doce resignação do moribundo, voltou a dizer:

— Levar-te-ei comigo para casa. Haveremos de tratar das feridas, com atenção. O carro nos espera á porta.

O ferido tentou fazer um gesto que significasse a sua impossibilidade absoluta, chegando tão somente a murmurar:

— Não posso mais...

Beatriz procurou o facultativo que tirava o avental tinto de sangue e pediu licença para remover o rapaz. O doutor, entretanto, não concordou, exclamando:

— E' inutil! A providencia apenas agravaria os padecimentos do infeliz. Seus minutos estão contados. O grande ferimento do peito, produzido pela pata do animal, é irremediavel.

— O caso é assim tão grave? — indagou a filha de Suzana, alarmada.

— A morte é uma questão de momentos — respondeu o médico um tanto displicente.

Alcione, que compreendia a situação, inclinara-se para o moribundo, como se estivesse acariciando um filhinho.

— No instante em que se verificou o desastre, — esclarecia o Abade Durville em voz alta, — quis prender o cocheiro culpado, afim de puni-lo, como de justiça, mas Robbie não consentiu, dizendo-se o unico culpado do incidente.

O rapaz olhou a irmã, longamente, ansioso de ler no seu rosto a aprovação de sua attitude. A filha de Madalena entendeu a sua linguagem silenciosa e murmurou:

— Fizeste muito bem, Robbie. E' preciso não disputarmos com o mundo, afim de encontrarmos o caminho que conduz a Deus.

O agonizante teve uma expressão de grande conforto íntimo e, reunindo as suas reduzidas possibilidades orgânicas, falou entrecortando as palavras:

— Desde que mandei os gendarmes libertar o cocheiro, por entender que me cabia a culpa... sinto que não tenho mais a pele negra, que tenho a mão e a perna... curadas... veja Alcione...

E fazendo um esforço ao qual não podia corresponder a mão quasi hirta, continuava murmurando:

— Minha mão tem agora cinco dedos... e tenho a impressão de que me curei dos olhos para sempre... Somente não posso levantar-me e acompanhar-te... mas depois que dormir... penso que ficarei bom.

A irmã adotiva acentuou vertendo algumas lágrimas:

— São estas as provas redentoras, meu querido Robbie! Deus te restitue a saúde da alma, por te considerar novamente digno.

Mas o médico que conversava com Beatriz e o abade Durville, á distância de dois passos, acrescentava:

— Creio que a pobre rapariga não conhece o delirio da morte. O agonizante começa a desvairar. Deve ser o fim.

Longe de ouvir a opinião descriteriosa do mundo,

Alcíone conchegava o irmão de encontro ao peito, elevando-se a Jesús em preces fervorosas.

— Sinto... muito sono... — disse Robbie num sôpro débil.

A filha de Madalena afagou-o com mais ternura e o músico adormeceu para sempre, no mundo, para despertar numa vida mais alta.

O doloroso incidente que arrebatara o irmão adotivo para a esfera espiritual, deixara Alcíone muito mais abatida do que fôra de prever. Saint-Pierre cuidou dos funerais com a maior solicitude. Terminadas, porém, as cerimônias fúnebres, que se haviam revestido de tocante simplicidade, a jóven Vilamil começou a experimentar penosa angústia no coração. Nunca sentira tamanha sensação de soledade no mundo. Robbie era o último traço da sua infância e da sua juventude. Amargurosa saudade empolgou-lhe o coração. A antiga chácara de Ávila ficara muito distanciada no tempo. Dolores e João de Deus, os bons amigos da meninice, jamais haviam dado sinal de vida do seu longínquo recanto; padre Damiano e sua mãe haviam partido, seu pai e o avô lhes haviam seguido os passos no caminho da morte, Carlos afastara-se pela incompreensão, Robbie descera á sepultura.

Dominada pela tristeza dos espíritos solitários, a filha de Madalena recolheu-se ao aposento particular. Aí chegando, chorou convulsivamente, em atitude contrária a todos os seus hábitos. Abraçando o velho crucifixo, junto do qual tantas vezes D. Margarida e Madalena haviam chorado, dizia sentidamente:

— Ah! meu Jesús, não me desampares!...

Foi aí que a pobre louca, dando pela sua falta, aproximou-se, depois de abrir a porta levemente cerrada, exclamando de olhos inexpressivos, num impulso maquinal:

— Alcíone!... Alcíone!...

A interpelada enxugou o pranto, recolocou o crucifixo no lugar primitivo, levantou-se solícita e foi ao encontro da enfêrma, murmurando:

— Ah! como me esqueci da senhora!...
E abraçando a pobre demente, conduziu-a com muito carinho ao quarto de dormir.

VI

SOLIDÃO AMARGA

Suzana Davenport ainda viveu pouco mais de dois anos, após a morte de Robbie. A filha de Madalena passou todo êsse tempo em largos sacrifícios domésticos, exemplificando o amor mais puro. A progenitora de Beatriz teve agonia prolongada, recuperando a razão nas derradeiras horas. Olhos fixos na filha, tomou-lhe a mão e colocou-a nas mãos de Alcione, dando a entender que a filhinha, em tempo algum, deveria esquecer de tomar a irmã como um símbolo.

Alcione descansava agora de uma luta imensa, mas, afeita ao trabalho desde os mais tenros anos, chegava a estranhar o repouso.

O proximo casamento de Beatriz, com os numerosos trabalhos consequentes, foi por ela encarado como um alívio á solidão que começava a experimentar. Todas as horas do dia, em carinhosa dedicação, eram consagradas ao bordado e á costura, surpreendendo a irmã pelo gôsto artistico e habilidade, em cada detalhe do serviço. Beatriz não conseguia eximir-se ao pêso das recordações dolorosas, mas o consórcio com o homem amado revigorava-lhe as esperanças. O palacete da Cité, sempre envolvido num manto de saudades, dava a impressão de um jardim abandonado que começasse a reflôrir. Os servos evitavam referencias á morte dos antigos senhores, para que os rebentos de alegria nova não fôsem arrancados. Se acaso via a irmã entristecida, Alcione fazia questão de tanger as teclas de assunto confortador, para que a moça

não se entregasse á tristeza e ao mal-estar. O culto doméstico do Evangelho foi restaurado. O proprio Henrique de Saint-Pierre associou-se ao movimento, partilhando das reflexões religiosas com muita satisfação. A inspiração da filha de Madalena causava-lhe surpresa cariciosa. Sua palavra penetrava problemas complexos da existencia, como se já tivesse vivido numerosos séculos, em contacto com os homens. Para Henrique, tais reuniões tinham carater providencial. Indirectamente, a irmã de sua noiva, sem qualquer intenção, preparava-lhe o espírito para as tarefas sagradas do lar, para os beneficios do casamento. O rapaz começou por abandonar as companhias perigosas que, não raro, tendiam a comprometer-lhe o nome e a saúde; a vida revelou-lhe profundos segredos, seu coração parecia agora aberto para o orvalho divino do sentimento superior. Incansavel no trabalho, Alcione estendeu o culto dominical aos serviços numerosos. Todos puderam participar das benções de Jesus, no vasto salão que Beatriz mandou preparar jubilosamente. O movimento familiar continuava em santas vibrações de fraternidade e alegria. A moça Vilamil organizou hinos de carinhosa devoção a Deus, que as crianças dos servidores entoavam, com encanto singular. O cravo parecia falar harmoniosamente da fé, sob a pressão dos seus dedos. A filha de Suzana não çabia em si de contente. A grande residencia de Cirilo perdeu o aspecto sombrio, adquirido em todo o curso da moléstia da viuva Davenport. Júbilo sadio estabelecera-se entre todos. Quando alguém demonstrava indisposições súbitas, recordava-se o ensinamento de Cristo e o culto doméstico ia ganhando todos os corações.

O enlace de Beatriz e Saint-Pierre realizou-se, com muita simplicidade e concorrência das relações mais íntimas.

Alcione acompanhou satisfeita todos os tramites do auspicioso evento, mas, passado êle, entrou num período de grande abatimento, do qual apenas saía nas horas rápidas do culto familiar. A filha de Madalena não conseguia furtar-se á saudade dos seus inesquecíveis ausentes e, simultaneamente, experimentava a falta do trabalho

ativo, que se tornara a incessante religião dos seus braços fraternos.

A irmã impressionou-se. Que fazer para arranca-la daquela melancolia que a empolgava devagarinho? Ela esquivava-se ás festas sociais, não tinha inclinação para os prazeres do seu tempo. Tendo passado dos trinta anos, seus traços fisionómicos conservavam a beleza da primeira juventude, revelando, ao mesmo tempo, a madureza do espirito. Beatriz começou a pensar, seriamente, em inclinar-lhe a alma sensível e afetuosa para um casamento feliz. Dominada por êsses pensamentos, a espôsa de Saint-Pierre aproximou-se certo dia da irmã e lhe disse, com bondade:

— Tenho andado bastante cuidadosa de tí e preciso cooperar para que a tristeza seja banida do teu coração e dos teus olhos!...

— Por que te afligires, minha querida? O repouso involuntário de nossas mãos costuma agravar o esforço dos pensamentos. Não estou acabrunhada, podes crêr. Tenho meditado um pouco mais e essa circumstancia te induz a perceber máguas imaginárias em meu espirito.

Beatriz abraçou-a com enternecimento e falou:

— O coração me diz que não estou enganada. Consomes-te a olhos vistos. Por vezes, Alcione, quando em passeio com Henrique, não posso evitar que meu júbilo se misture ao remorso...

— Mas, como assim, querida?

— Não me conformo em ser feliz só por mim, quando mereces as bênçãos do céu, muito mais que eu.

Depois de ligeira pausa, a filha de Suzana continuava:

— Quem sabe desejarias fazer alguma viagem que te distraísse? Essa providência seria mais que justa, após tantos anos de luta e sacrificio. Quando não quisesse ir a país estrangeiro, poderias descansar em alguma praia e fortalecer-te em contacto directo com a natureza.

— Mas, se eu estou muito bem e nada me falta?

Beatriz contemplou-a, com mais carinho, e, quasi supplicante, tornou a dizer:

— Alcione, desejava lembrar uma possibilidade, pelo

que espero me perdões com a tua generosidade fraternal...

A irmã comoveu-se com o acento caricioso daquelas palavras e obtemperou:

— Dize sem receio. De que se trata?

— Tenho pedido a Deus, ansiosamente, me conceda a alegria de ver-te formando igualmente um lar, onde um espôso fiél illumine a tua estrada com as bênçãos de uma ventura sem fim. Se te pudesse ver amada por um homem leal e puro, cercada pela ventura de filhinhos carinhosos, como seria feliz!... Dá-me a satisfação de te auxiliar a refletir nesse particular...

Beatriz notou que a irmã fazia enorme esforço para reter as lágrimas. Adivinhando o seu embaraço para responder, a espôsa de Henrique ganhava animo para prosseguir:

— Eu e meu marido vimos pensando na colonia distante, onde os nossos bens materiais são consideráveis. Henrique vem ultimando alguns negócios e creio que daqui a alguns meses, tomaremos a nova decisão. Meus tios insistem pelo meu regresso e, além deles, temos na América velhos amigos de meu pai a nos esperarem de braços abertos. Claro que não dispensamos tua companhia e peço-te permissão para ir meditando, desde já, na tua felicidade futura. Na minha terra natal encontrarás relações carinhosas e devotadas, e quem sabe? Talvez Jesús tè reserve por lá um espôso fiél e cristão, que faça por ti tudo o que te desejamos de coração.

Alcione comoveu-se profundamente. O terno respeito de Beatriz, a delicadeza da sua exposição, penetraram-lhe o espirito como um bálsamo celestial. Demonstrando o interesse de sua dedicação fraterna, respondeu reconhecidamente:

— E se te dissesse que tenho meu coração prisioneiro, desde a primeira mocidade?

A espôsa de Saint-Pierre, com um franco sorriso, revelava o prazer que a declaração lhe causava. Se a filha de Madalena Vilamil já havia elegido o homem do seu afeto, não lhe seria difficil contribuir eficazmente para a sua ventura. Ansiosa e confortada, Beatriz insistia de olhos muito brilhantes:

— Ah! conta-me tudo! Certo, o feliz eleito de tua alma não estará aqui em Paris. Quem sabê é algum gentilhomem espanhól, a esperar tua resolução ha longo tempo?

Reconhecendo a sinceridade da irmã, Alcíone passou a historiar a sua juventude, recordando a figura de Clenaghan com a vivacidade dos seus imensos tesouros afetivos. Longas horas, estiveram ambas no divã, desfiando o rosário das lembranças queridas. A filha de Suzana seguia as palavras da irmã, demonstrando enorme estupefação, pela sua capacidade de sacrifício. Alcíone crescia espiritualmente, cada vez mais, no seu conceito. Ao terminar o relato de suas acridoces reminiscencias, a jóven Vilamil esclarecia:

— Quando nos encontrámos, pela última vez, aqui em Paris, notei que êle não podia compreender os meus deveres filiais. Estava taciturno, talvez irritado com as lutas da sorte. Não podia ver em mim senão a noiva que lhe atendesse ao ideal humano, mas eu ainda retinha comigo deveres sagrados para com meus pais, e não pude acompanhá-lo de volta á Castela. Êle não se despediu de mim, mas o fez de mamãe, antes de se pôr a caminho do Havre; e mamãe sempre dizia que o notara bastante transformado, suspeito e desesperado. Sofri com isso muito mais do que se pode imaginar, mas entreguei a Jesús as minhas máguas íntimas. Lembro-me, perfeitamente, que, impossibilitada de lhe revelar o que ocorria entre minha mãe e meu pai, que o destino havia separado, prometi que o procuraria a qualquer tempo que as circunstancias permitissem...

— E não terá soado essa hora de conciliação? — interrogou Beatriz ansiosa por lhe renovar o bom ânimo.

— Tenho pensado nisso, sinceramente, nestas últimas semanas, — confessou a filha de Madalena, prazerosa, por sentir-se compreendida. — Estou certa de que Carlos confia na minha sinceridade e não terá desposado outra mulher. Nesta fase de minha vida, talvez lhe possa ser útil, poderia concorrer para seu retôrno á vida religiosa, embora sem esperança de reintegrá-lo no ministério sacerdotal.

— Que dizes? — murmurou a espôsa de Saint-Pierre com infinito carinho. — Não penses obrigá-lo a retomar um serviço contrário á sua vocação. Teu coração e o do homem amado têm direito ao banquete da vida. Hás de casar-te e conhecer a felicidade que parecia remota e irrealizavel. Quefo beijar teus filhinhos, num futuro risonho.

O semblante de Alcíone iluminou-se, mostrando a beleza do seu mais secreto ideal de mulher. Ruborizada e quasi feliz, perguntou:

— Supões, acaso, Beatriz, que Deus ainda me concederá semelhante felicidade?

— Por que não? — voltou a dizer a interlocutora com sereno otimismo. — Estás moça e bela, como aos vinte anos. E' preciso cuidarmos imediatamente do contacto com Ávila.

A filha de Madalena dirigiu á irmã um olhar significativo e indagou:

— Estarias de acôrdo que eu fôsse até lá? Tenho desejado surpreender Carlos com o exato cumprimento de minha palavra.

— Sem dúvida, — respondeu Beatriz bem humorada, ao perceber que novas esperanças brotavam daquela alma generosa e santificada — se fôsse possível, acompanharte-ia. Creio não ser possível, mas tudo se arranjará de maneira a visitares Castela a Velha, na primeira oportunidade.

— Irei sózinha, — esclareceu Alcíone de olhos vivazes.

No dia seguinte, ao almôço, Henrique de Saint-Pierre partilhava do entusiasmo de ambas.

— Beatriz me fez ciente de tuas intenções — disse-lhe, em tom fraternal — e podes crer que já estou á espera de Clenaghan, com justa ansiedade. Preciso de um companheiro para o desdobramento de nossos negocios. Claro que não necessitamos de capital, mas sim de um auxiliar operoso e leal, que nos ajude a zelar o patrimonio adquirido. Sinto que teu futuro espôso solucionará o nosso problema.

— Ah! sim, — respondeu Alcíone risonha, — Carlos é um homem honesto e trabalhador. E' verdade que

faltou ao compromisso sacerdotal, falta essa que não pude aprovar, desde os primeiros tempos em que a decisão não passava de projeto; mas nada se poderá dizer contra a sua lealdade. E' portador de um carater nobre e de valorosos sentimentos.

— Para nós, será um irmão, — disse Beatriz satisfeita.

— Certamente, — continuou Saint-Pierre atencioso, — já se entenderam sôbre a nossa transferencia para o Novo Mundo?

— Sim, — acentuou a filha de Madalena, confortada.

— Pois bem, — prosseguiu o novo chefe da casa — Clenaghan irá conosco, como pessoa da família. Quanto a tí, Alcione, conheço o plano de viagem á Espanha, onde cuidarás da agradável surpresa ao teu escolhido. Quisera seguir-te e mais a Beatriz, mas negocios urgentes impedem faze-lo. Pôderei, no entanto, mandar um empregado ao Havre, afim de conhecermos o movimento das embarcações mais seguras. Se queres, poderei designar alguém que te acompanhe na viagem tão longa...

Sinceramente reconhecida, a moça obtemperou:

— Não ha necessidade, Henrique. Poderei seguir só, visto conhecer o caminho. Além disso, Ávila é como se fôsse minha segunda patria. Tenho lá inumeras amizades.

— Não temos qualquer objeção a fazer. Apenas formulo votos ao céu para que a tua ventura se processe rapidamente. Dirás a Carlos Clenaghan que o esperamos nesta casa, com interêsse e simpatia. Para mim, Alcione, — acrescentava Saint-Pierre comovidamente — nunca fôste a governanta de Beatriz, mas nossa irmã muito amada, pelos laços sacrossantos do espirito. O companheiro de tua escolha será pessoa sagrada aos nossos olhos. Em chegando a Ávila, anima-o a vir em tua companhia, com presteza. Esperaremos tua volta, para então marcar a viagem para a colonia.

Alcione não sabia como traduzir sua gratidão. Em frases carinhosas, manifestou o agradecimento sincero d'alma, ficando ali mesmo aprazada a viagem a Espanha.

Precisamente dai a um mês, Beatriz e o espôso acompanhavam a irmã até o Havre, onde Alcione, corajosamente tomou a embarcação que a levaria ao porto de Vigo.

Após as despedidas, quando o navio se afastava da costa francesa, levado por ventos favoráveis, a filha de Madalena encontrou-se á sós com as suas profundas recordações. As figuras da progenitora, de Robbie e padre Damiano apresentavam-se-lhe á mente, mais vivas que nunca. Era necessário muita energia para não cair em pranto, em face da saudade que lhe pungia o coração. Aqui, era um detalhe do mar, que havia impressionado o irmão adotivo; acolá um aspecto da costa que provocara certas explicações do velho sacerdote. Recolhida em sentimentos carinhosos, a filha de Cirilo desembarcou em terra espanhola, com o peito oprimido de infinitas esperanças. Nunca mais tivera noticias de Clenaghan, era bem possível que não mais estivesse em Castela a Velha; no entanto, suas relações de Ávila não faltariam com os informes precisos.

A condução para a cidade da sua meninice não foi difficil. Em poucos dias, chegava ao seu destino. Embora provocasse a estranheza de muitos o fato de encontrar-se desacompanhada, Alcione mostrava uma attitude superior aos olhares curiosos que pareciam interroga-la. Não encontrou qualquer differença na paisagem. O berço de Teresa de Jesús repousava na terra pobre, cioso de suas velhas tradições.

A's dez horas do dia, dava entrada em humilde hotel, naturalmente fatigada e deliberou não procurar as amizades antigas, até que se alojasse convenientemente, de maneira a não se tornar pesada a ninguem, pela sua chegada imprevista. Identificou, de pronto, velhos conhecidos da mocidade, a quem, entretanto, não se revelou, por não haver bastante intimidade. Depois de refeita da fadiga imensa, chamou um pequeno servidor da hospedaria, perguntando-lhe um tanto acanhada:

— Meu amiguinho, você poderá informar-me se reside aqui em Ávila, um senhor chamado Carlos Clenaghan?

Após refletir um momento, o rapazote esclarecia:

— Sim, senhorita, conheço.

A viajante verificou que o coração lhe palpitava com mais fôrça.

— Sabe se é de origem irlandesa, domiciliado em Castela há alguns anos? — voltou a interrogar atenciosamente.

— Sim, é isso mesmo e sei mais que foi padre, nou-
tro tempo. Hoje é comerciante abastado.

Alcione ouviu-o comovida. Não podia enganar-se. Pensou, então, em surpreender o espírito do amado em intimidade cariciosa. Convidá-lo-ia, por um bilhete a comparecer, á tarde, junto a nave da igreja de São Vicente. Encontrar-se-iam na casa consagrada a Deus, onde, tantas vezes, haviam tecido muitas rêdes de sonhos e esperanças, sempre desfeitos pelo vendaval das realidades dolorosas. Agora, porém, era lícito tratar do seu porvir venturoso. Escrever-lhe-ia sem se dar a conhecer no bilhete, declarando-se chegada de Paris, com notícias alvigeiras para o seu coração. Quando chegasse ao velho templo, vê-la-ia então, compreenderia a sua fidelidade e devotamento. Logo após o reencontro, visitariam juntos as antigas relações afetuosas, buscariam rever o sítio de sua infancia, bem como a casa modesta em que sua mãe trabalhara tantos anos, curtindo as maiores privações.

Assim procedeu embalada por santas expectativas do amor desvelado e confiante.

O rapaz que a esclarecera, longe de adivinhar o romance da nova hóspede, foi emissário da breve notícia ao ex-religioso, que leu o bilhete assaz intrigado. Carlos identificaria aquela letra, entre mil manuscritos diversos. Mas era impossível, em seu modo de ver, que Alcione estivesse na cidade. A autora da grafia, por mera coincidência, deveria ter o mesmo tipo de letra, que jamais conseguira esquecer, no círculo das experiências pessoais. Não conseguia concatenar outras explicações. Curiosidade febril avassalava-lhe a alma. Que notícias de Paris poderiam ser enviadas ao seu coração? De ha muito considerava Alcione perdida, no capítulo das suas aspirações mais sagradas. Dela não deveria esperar qualquer mensagem. Todavia, dilatando as ponderações, começou a

imaginar que se tratasse de algum recado de Madalena Vilamil ou de Robbie, amigos dos quais não tinha notícias, desde que regressara da França, onde fôra na suposição de encontrar a noiva conformada aos seus caprichos de homem apaixonado. Presa de intensa sofreguidão, aguardou o crepúsculo ansiosamente.

Antes do entardecer, Alcione dirigiu-se ao velho templo que constituia um centro de lembranças sagradas ao seu espírito sensível. Ajoelhou-se e orou á frente dos nichos, recordando, a cada passo, o velho sacerdote a quem consagrara o devotamento de filha afetuosa.

De olhar indagador, de quando em quando, prescru-
tava o caminho, a ver se Clenaghan atendia ao convite.

Por fim, quando o céu desmaiava aos derradeiros clarões crepusculares, um homem surgiu no adro, fazendo-lhe o coração vibrar em ritmo acelerado.

O sobrinho do padre Damiano aproximava-se. Alcione notou-o um tanto abatido, parecendo cansado das lutas da vida. Intenso desejo de proporcionar-lhe consolação e confôrto, aflorou-lhe nalma sensível.

Prestes a atravessar a portaria primorosa, o ex-religioso viu que alguém avançava ao seu encontro.

— Carlos!... Carlos!... — disse a filha de Madalena com infinita emoção.

O recém-chegado estacou tomado de assombro. Enorme palidez cobriu-lhe a fisionomia, quis prosseguir, mas as pernas tremulas paralizavam-lhe o impulso. A inesperada presença de Alcione enchia-o de profunda admiração. Debalde procurava palavras com que pintasse o estado de espirito, em que o júbilo se confundia com a dor. A filha de Cirilo tomou-lhe a mão e falou com meiguice:

— Não me reconheces? Venho cumprir minha promessa.

— Alcione!... — conseguiu dizer o interlocutor num misto de sentimentos indefiníveis.

Um abraço carinhoso seguiu-se á essas palavras. Compreendendo-lhe a perturbação natural, a moça procurou confortá-lo:

— Ah! se eu soubesse, antes, que te causaria este forte abalo, não teria feito esta surpresa!... Perdôa-me...

Carlos se debatia intimamente entre idéias antagônicas. Diante dele estava a mulher amada, que as lutas da existencia não fizeram esquecer. Alcione era sempre o seu maravilhoso e unico ideal. As experiências vividas longe da sua dedicação e dos seus conselhos, eram provas amargas que, aos poucos, lhe atassalhavam o coração repleto de santas esperanças. Mas, simultaneamente, recordava com estranheza a atitude da jóven em Paris, quando não pudera apreender todo motivo das suas elevadas preocupações filiais. No seu conceito, a eleita trocara o seu amor pelos atrativos do mundo. Jamais conseguira olvidar aquele palacete da Cité, onde a moça havia penetrado intimamente apoiada ao braço de um homem.

Mal se desembaraçava no meandro dessas reflexões, quando a interlocutora voltou a dizer:

— Vamos respirar o ar fresco da noite que desce. Deus me concede a dita de reatar os inefaveis colloquios de outros tempos, neste mesmo ambiente das nossas primeiras emoções.

O ex-sacerdote acompanhou-a maquinalmente. Antigo banco de pedra parecia esperá-los para a revivencia dos mesmos idilios.

Clenaghan perguntou pelos amigos, recebendo com dolorosa surpresa a noticia da morte de Madalena e Robbie, impressionando-se vivamente com a descrição do desastre que vitimara o músico. Alcione o embevecia com os comentarios criteriosos quanto emotivos. Tudo, na sua elocução vibrante, ressumava amor e devotamento. Ele a contemplava com paixão, dando mostras de que esperava, ansiosamente, aquele bálsamo divino que lhe manava dos labios. Em dado instante, respondendo a uma observação que lhe ela fazia com mais carinho, o ex-sacerdote acentuou:

— Nunca pude forrar-me á mágua que a tua atitude me causou. Senti que me tratavas friamente.

— Naquela ocasião, Carlos, Jesús me pedia teste-

munhos de filha, aos quais não poderia fugir senão pelos atalhos escusos da crueldade.

Ignorando ainda toda a extensão dos sacrificios da eleita de sua alma, o pupilo de Damiano objetou:

— Mas, se me oferecia para trazer tua mãe e Robbie em nossa companhia? Poderíamos ter sido infinitamente felizes se a isso não te opusesses...

A tonalidade impressa a essas palavras fez com que a interlocutora enrubecesse, calando-se.

— Que fazias, naquele palacete da Cité? Por que saías de casa a pé e ias tomar um carro discretamente? Ignoras que te segui os passos sem que me visses e que observei o homem que te abraçou, no portão, quando lá chegavas sorridente? Ah! Alcione, não podes compreender todo o veneno que me lançaste nalma confiante. Jamais poderia imaginar que Paris te transformasse o espirito, a ponto de olvidar nossos compromissos e contrariar tua mãe enférma, cuja evidente preocupação era abandonar a capital francesa para voltar á vida simples de Ávila, onde havíamos afagado tantas esperanças e fomos tão felizes!...

A moça, depois de prestar muita atenção aos seus gestos e palavras, sentenciou:

— Não devias ter ido tão longe no teu julgamento. Agora que nos reencontramos para nos compreendermos de uma vez para sempre, devo tudo dizer com franqueza. Sabes quem era aquele homem que me recebeu de braços abertos, naquela manhã?

Deteve-se ante a muda espectação do companheiro e prosseguiu:

— Aquele homem era meu pai!...

— Teu pai! — exclamou Clenaghan aterrado.

Elle pausadamente começou a relatar todos os acontecimentos de Paris, a partir do instante em que a enfermidade do padre Damiano lhe impusera desdobrar-se em tarefas mais práticas. A' medida que se desdobravam as revelações, o rosto de Carlos mais se anuviava. O ex-sacerdote sempre reconhecera na jóven as qualidades mais primorosas, mas não e nunca a supusera capaz de tamanha renuncia. Extremamente comovida com a

evocação de suas reminiscencias dolorosas, Alcione re-matava:

— Não acreditas que tenha cumprido meu dever sagrado? Não admitas que meu coração pudesse haver esquecido a tua generosidade e o teu amor. Desde o nosso primeiro encontro, venho arquitetando um meio de enriquecer-te a alma de idealismo e confiança. Sempre sonhei, para o teu caminho, um mundo de felicidades nobilitantes. Antigamente, tuas obrigações sacerdotais impuseram-nos a separação; mesmo assim, porém, vibrava na ansiedade ardente de embelezar teu roteiro de nobres aspirações. Lutei para que não abandonasses o que sempre considerei uma sublime tarefa; entretanto, hoje busco harmonizar minhas idéias com a tua decisão e sinto que a consciencia pura é o melhor dote que te posso trazer para a nossa eterna aliança...

Ouvindo-a, generosa e confiante, Carlos Clenaghan sentia-se pequenino e miseravel.

— Perdôa-me!... — disse, banhado em lágrimas de sincera conjunção.

— Compreender-te-ei agora por toda a vida, — esclarecia Alcione de olhar muito lúcido — mas... por que choras? Temos ainda numerosas oportunidades de servir a Deus e a nós mesmos. Prometí que te procuraria logo que Jesús me permitisse o júbilo do dever cumprido e aqui estou para cuidar da tua, da nossa felicidade. Creio que não tens qualquer necessidade material, mas o marido de minha irmã, que, aliás, desconhece o passado que te confiei em carater confidencial, põe á tua disposição bastos recursos para grande prosperidade na América. Se quisesses, poderíamos partir talvez no ano próximo, recomeçando o destino numa terra nova. Lembro que minha mãe sempre suspirou pelo Novo Mundo... Quem sabe sua alma generosa me inspira, agora, o caminho mais certo, apenando-nos com a possibilidade de partir?!... Henrique de Saint-Pierre espera-te como a um irmão. Além disso, tenho tambem regular peculio que deposito em tuas mãos. Não tenho outra preocupação direta, presentemente, a não ser tu mesmo!...

E observando que o moço mantinha-se calado, em pranto, prosseguia com solicitude:

— Releva-me se te falo assim abertamente. A confiança de um coração não pode morrer. Dize-me, pois, se queres partir, para tentar vida nova sob as bênçãos de Deus. Estou certa de que viveremos felizes, em perpétua e santa união...

— Não posso! — sussurrou Clenaghan lastimosamente.

— Por que? — indagou Alcione plenamente confiante.

Ele esboçou um gesto tímido, revelando a vergonha que o assomava e explicou com indizível tristeza:

— Estou casado ha mais de dois anos.

A moça sentiu que o sangue lhe gelava nas veias. Jamais pudera admitir que o dileto do seu coração fôsse capaz de olvidar antigos juramentos. O inopinado da revelação esmagava-lhe a alma toda. Lágrimas ardentes, arrancadas do íntimo, afloravam-lhe aos olhos, mas, na meia sombra da noite, buscava dissimulá-las cuidadosamente.

Vendo que tardava em manifestar-se, Clenaghan apertou-lhe a mão e perguntou com a delicadeza de uma criança:

— Poderás perdoar-me outra vez?

A filha de Madalena recuperou as energias íntimas e falou com serenidade:

— Não te preocupes comigo, Carlos. Reconheço, agora, que a vontade de Deus é outra, a nosso respeito. Não chores nem sofras.

Extremamente comovido com aquela prova de humildade e renuncia, o ex-sacerdote ponderou:

— Sou casado, Alcione, mas não feliz... Nunca pude esquecer-te. Certamente, Deus nos criou para a união eterna. Cada cousa do lar, cada pormenor da vida doméstica lembra-me teus sentimentos nobres, porquanto minha mulher não pode substituir-te.

— Sim, — disse a moça com desvelado carinho — tambem creio que há um casamento de almas, que nada poderá destruir. Este deve ser o nosso caso. O mundo

nos separa, mas o Altíssimo nos reservará a aliança eterna do céu.

O pupilo de Damiano tinha o peito oprimido por indefinível angústia. Coração prisioneiro das indecisões de quantos se afastam do dever divino, voltou a dizer:

— Quem sabe, Alcione, poderíamos repudiar as algemas terrestres e construir nossa felicidade longe daqui?... Minha mulher e eu vivemos em rixas constantes, atravessando a vida sem paz, sem uma dedicação verdadeiramente sincera. Estou pronto a seguir-te, desde que aproveites este recurso extremo, em detrimento de meus compromissos atuais.

— Isso nunca! — exclamou a filha de Madalena com bondade enérgica — amemos os trabalhos de nossa estrada, por mais duros que nos pareçam. Jamais construiríamos um ninho de ventura e de paz, na árvore do crime. Deus nos dará coragem nesta fase difícil. A existência na Terra não constitui a vida em sua expressão de eternidade. Quando o Senhor desatar os laços a que te prendeste num impulso muito natural e humano, encontrarás de novo meu coração... A esperança é invencível, Carlos. Toda inquietação, toda amargura, chegam e passam. A alegria e a confiança no porvir eterno permanecem. São bens do patrimônio divino no plano universal...

Ouvindo-lhe os conceitos profundos, oriundos da fé poderosa que lhe caracterizava o espírito, Clenaghan chorava num labirinto de remorso e sofrimento.

— Se for possível, — prosseguia a moça com generosidade — desejaria conhecer tua companheira de lutas. Talvez pudesse incliná-la á melhor compreensão das tuas necessidades. A's vezes, basta uma simples conversação para renovar a opinião de uma criatura. Não crês que eu possa contribuir, de algum modo, em teu favor, com semelhante aproximação?

O infortunoso Carlos sentia-se comovido nas fibras mais íntimas, com o generoso oferecimento, redarguindo em tom melancólico:

— Quitéria não é digna dessa esmola da tua bondade. Basta dizer-te que, conhecendo a ligação afetiva existente entre nós, pelas minhas sucessivas referências

e por informações de antigas amizades nossas, em Ávila, sempre alude á tua pessoa com laivos de ironia e rancor.

A filha de Cirilo entrou em silenciosa meditação. O destino não lhe permitia nem mesmo aproximar-se do lar edificado pelo eleito de sua alma. Sua afetividade, bem como o espírito de renúncia não poderiam ser compreendidos. Restava-lhe regressar á casa de Beatriz, conformar-se com a nova situação e esperar por Clenaghan num outro mundo, aonde fôsse conduzida pela mão da morte. Longa pausa estabelecera-se entre ambos. Foi aí que lhe nasceu a idéia de consagrar-se á solidão da vida religiosa, no intuito de trabalhar no seu elevado idealismo.

— Não ficas maguada pelas minhas confissões? — perguntou o ex-sacerdote angustiado.

— De modo algum, — respondeu, esforçando-se por lhe parecer satisfeita — tua esposa tem razão. Depois de visitar o velho sítio de minha infância e a casinha tosca onde minha mãe, tantas vezes, me exemplificou a resignação, voltarei á França sem perda de tempo.

— Quando nos veremos novamente? — interrogou êle inquieto.

— A vontade de Deus no-lo dirá mais tarde. Até lá, meu querido Carlos, não esqueçamos a dedicação aos nossos deveres e a obediência aos divinos desígnios.

— Deixas-me em Castela, amargurado para sempre. Creio que jamais poderei apagar o remorso que tisonará minh'alma doravante. Aprenderei, duramente, a não atender aos primeiros impulsos do coração. Se fôsse menos precipitado no julgar, poderia oferecer-te, agora, a minha fidelidade perene. Esqueci, porém, a prudência salvadora e mergulhei num mar de angústias torturantes. Andarei, na Terra, como náufrago sem porto.

E terminando amargamente as suas considerações, rematava:

— Pede a Jesús por mim, para que o desespero não me faça mais infeliz.

— Não te percas em semelhantes idéias — exclamou a filha de Madalena completamente senhora de si — estamos neste mundo, de passagem para uma esfera

melhor. Por certo que a nossa felicidade não se resumiria em atender, por algum tempo, aos nossos desejos, com o olvido das mais nobres obrigações. E' indispensavel encarar as dificuldades com ânimo decidido. Luta contra a indecisão, pela certeza de que Deus é nosso Pai, misericordioso e justo... Se nos vemos novamente separados, é que ha trabalhos convocando-nos a testemunhos mais decisivos, até que nos possamos reunir nas claridades eternas.

Clenaghan prestava acurada atenção a cada uma de suas palavras sábias e carinhosas. Em seguida á uma pausa, Alcíone prosseguia cheia de amor e compreensão:

— Não maltrates tua mulher, sempre que o seu coração não te possa entender integralmente. Quando assim for, faze por ver nela uma filha. Quando não filha de tua carne, filha de Deus, seu e nosso pai. A bondade liberta o ódio e a desesperação agrava os laços mesquinhos. A confiança em que o Pai Celestial nos ajudará nos testemunhos diários, transforma nosso espirito para uma vida mais alta, ao passo que a revolta e a dureza nos prendem espiritualmente ao lódo das mais baixas provações. Ainda que tua companhia seja ingrata, perdôa-lhe como amigo compassivo. Nenhum de nós está sem pecado, Carlos. Por que condenar alguém ou agir precipitadamente, quando também somos necessitados de amor e de perdão? Vive no otimismo de quem trabalha com alegria, confiante no Divino Poder. A' nossa frente desdobra-se a eternidade luminosa!... Embora separados no plano material, nenhuma fôrça da Terra nos desligará os corações. Muitas obrigações poderão encarcerar-nos transitoriamente na Terra, mas o élo do amor espiritual vem de Deus, e contra êle não prevalecem as injunções humanas...

Ante as observações judiciosas de Alcíone, Carlos pôde reconfortar-se, de algum modo, para retomar a luta purificadora. Só muito tarde, separaram-se em penosas despedidas.

A filha de Madalena disfarsando a dor que a empolgava, cumpriu rigorosamente a promessa. Depois

de beber na taça da saudade revendo os antigos sítios das primeiras esperanças, sem mesmo se dar a conhecer ás relações de outros tempos, regressou a Vigo onde se demorou quasi um mês, em meditações silenciosas e doridas. Sua permanencia em Ávila poderia acarretar complicações á vida doméstica do homem escolhido. A jóven espôsa de Clenaghan, possivelmente, criaria pesadelos de ciúme sem justificativa. Diariamente, á tardinha, Alcíone aproximava-se da praia, contemplando as velas pandas que se afastavam no estendal das aguas movediças. Profunda saudade dominava-lhe o coração. Após longos dias, nos quais procurava rememorar, uma a uma, as velhas advertencias do Padre Damiano quando, na vida religiosa, resolveu retirar-se do mundo para a soledade dos grandes pensamentos. Não desejava, de nenhum modo, atirar-se ao repouso permanente da sombra, mas, sentindo-se na plenitude de suas energias orgânicas, refletia que não era lícito pensar na morte do corpo e sim no melhor meio de atender ao trabalho, de coração voltado para Jesús. Se partisse em companhia de Beatriz, naturalmente não lhe faltariam as bençãos da vida familiar, mas, o coração não se conformava com a idéia de repouso constante. O destino não lhe dera um lar proprio, onde lhe fosse possível consagrar-se inteiramente ao homem amado e aos filhinhos do seu amor. Seus pais já haviam partido para uma vida melhor, o irmão adotivo lhes fôra no encalço. Na condição de mulher, tomaria, então, o hábito religioso, afim de atender aos trabalhos de Cristo. Não faltariam os desherdados, os doentes, os enjeitados, para quem Jesús continuava passando sempre, nas estradas do mundo, distribuindo energias e consolações. Consagrar-se-ia ao serviço de socôrro ás criaturas, em beneficio dos que necessitassem. Iria ao encontro do Mestre, pelo aproveitamento mais nobre do tempo de sua vida.

Nessa disposição espiritual, regressou a Paris, onde a irmã a esperava ansiosa quão saudosa.

Apesar de serena e confortada na fé, não podia mascarar o abatimento e a tristeza que lhe pairavam na alma sensível, e foi com lágrimas que relatou á Beatriz o re-

sultado da longa excursão. A esposa de Saint-Pierre, visivelmente emocionada, buscava confortá-la:

— Tudo isso passará com o tempo. Na América has de achar lenitivo ao coração sofredor.

Mas a filha de Madalena comunicou-lhe a resolução de tomar outro rumo. Vestiria o hábito religioso, dedicar-se-ia ao serviço de Jesús, enquanto lhe restassem forças no mundo. A irmã tentou dissuadi-la.

— E nosso lar? — perguntava a filha de Suzana, ansiosa por lhe modificar a decisão. — Como nos seria dolorosa a falta de tua companhia.

Alcíone quis dizer que se sentia quasi só, distanciada das afeições primitivas, mas, para não suscetibilizar a irmã devotada, objetou solícita:

— Pedirei, mais tarde, para visitar a América e passarei contigo o tempo que for possível, mesmo porque, não é justo olvidar que teus futuros filhinhos serão também meus.

E não houve como lhe modificar o intento. De nada valeram as exortações de Henrique, os rogos da irmã, os carinhosos pedidos dos servos. A filha de Cirilo tinha uma palavra generosa e um sincero agradecimento para todos, mas justificava o caráter sagrado de suas intenções.

A mudança de Henrique de Saint-Pierre para o Novo Mundo, já estava definitivamente aprazada, quando Alcíone assentou a data do seu ingresso num modesto recolhimento de freiras carmelitas.

Na véspera, sem que alguém o soubesse, visitou o túmulo da progenitora, levando-lhe a homenagem do seu respeito filial, naquele instante grave da sua vida. De frente do sepulcro, de alma colada ás recordações afetivas, pôs-se de joelhos e monologou baixinho:

— Ah! vós que experimentastes largos anos de reclusão e sacrifício; vós, minha mãe, que fostes tão devotada e carinhosa, ajudai-me a levar a Jesús o voto silencioso de fidelidade até o fim dos meus dias! Não me desampareis nas horas escuras, quando a saudade se fizer mais amarga ao meu coração. Inspirai-me pensamentos de fé, paciência e compreensão das cousas divinas. Auxiliai-me

nos trabalhos, abençoa-me nos testemunhos. Não esqueçais, no céu, da filha a quem tanto amastes na Terra!...

Em seguida a prolongada meditação, voltou ao palacete da Cité, despediu-se afetuosamente de todos os servos e já na manhã imediata, Saint-Pierre e sua mulher abraçavam-na compungidos, á porta do mosteiro.

Um ano de noviciado passou, no qual a filha de Madalena deu provas exuberantes de um coração puro e de uma conciencia ilibada.

No dia que precedeu a resolução definitiva, a superiora chamou-a com austeridade, num gabinete particular, e sentenciou:

— Minha filha, estás francamente decidida a abandonar o mundo e os seus gozos?

— Sim, madre — respondeu humildemente.

— Deves saber que cousa alguma do passado te poderá acompanhar até aqui.

A moça fez um gesto expressivo e rogou:

— Compreendo-vos; entretanto, pediria permissão de levar para minha cela um objeto muito caro.

— Que é?

— Um velho crucifixo que pertenceu a minha mãe.

— De acôrdo.

Depois de uma pausa, a madre abadessa voltou a perguntar:

— Que outros pedidos tens a fazer?

A nova professanda lembrou-se de Carlos, que não poderia excluir do coração e de Beatriz, a quem se sentia ligada por santo reconhecimento, e indagou:

— Desejava saber se poderei participar de algum trabalho na América, mais tarde, e se poderei futuramente pleitear minha transferencia para algum convento de Espanha.

— Tudo isso é possível — esclareceu a superiora.

— E os teus bens?

— Assinarei amanhã o título de doação do que possúo, a beneficio da nossa Ordem.

— No momento crítico de tua resolução, Alcíone Vi-

lamil deve estar morta para o mundo profano. Que nome desejas adotar na suprema união com Cristo?

— Maria de Jesús Crucificado, — disse candida e naturalmente.

Terminou o interrogatorio.

No dia seguinte, pela manhã, em solene ritual, cercada pela admiração das companheiras e de numerosos clérigos, a filha de Madalena ajoelhou-se ante o altar de Jesús coroado de espinhos, e fitando o maravilhoso símbolo da cruz, de olhos brilhantes e confiantes, repetiu enternecida a frase sacramental:

“Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a sua palavra.”

VII

A DESPEDIDA

Estamos nos primeiros anos do século XVIII. Alcione Vilamil, agora Irmã do Carmelo, é um exemplo vivo de amor cristão. Tendo passado dos quarenta anos, a fisionomia conservava a beleza da madona esculpura pela virtude. Muitas vezes, na solidão de si mesma, nos primeiros dias de reclusão, refletiu se não teria sido melhor acompanhar Beatriz na América. O amor de Carlos, porém, lhe falava mais alto á consciencia. Tal como outrora a progenitora, em seus padecimentos, absolutamente presa á lembrança do marido, a filha de Cirilo sentia-se em perene viuvez de coração. A seu ver, não poderia seguir para a América, onde seria naturalmente convocada ao espírito de novidade, quando sabia o eleito de sua alma ligado ao solo de Espanha. Em sua luminosa compreensão da vida, via em Clenaghan um fraco, não um criminoso; e no recôndito dalma alimentava a esperança de aproximar-se um dia do seu lar, de maneira a lhe ser útil. Quando êle a visse envergando o hábito religioso, certo que a espôsa lhe respeitaria a condição, abstando-se de qualquer sentimento menos digno a seu respeito. Inconcebível, então, a tentativa de novas atividades na América, quando entrevia possibilidades de auxiliar o pupilo de Damiano em suas necessidades do coração.

Não obstante êsse poderoso magnetismo do amor, também nutria o sincero proposito de visitar a irmã, no Connecticut, plano êsse que ainda não fôra possível reali-

zar, dado o nobre serviço a que se afeioara, para maior júbilo das companheiras.

Depois de pronunciar o voto definitivo, não esteve em França mais que um ano e transferiu-se para a Espanha, onde trabalhou primeiramente em Granada, por mais de um lustro, em favor das crianças desvalidas e dos desventurados da sorte. Por sua dedicação e humildade, convertera-se numa orientação viva para as irmãs de apostolado. Geralmente, não faltavam as intrigas, o esforço ingrato da inveja e da maledicencia, tão comuns nos conventos da época; ela, porém, sem exorbitar da sua conduta evangélica, desconhecia todas as atividades da sombra, para cogitar somente da sua tarefa espiritual com o Cristo. Por isso mesmo, sua exemplificação constituía um símbolo precioso para a comunidade. Ao seu contacto, inúmeras companheiras renovavam as concepções próprias. Sua dedicação ao serviço contagiava outros corações, que se sentiam seduzidos pela grandeza dos seus atos e ideais, dentro do Evangelho. Jamais conseguira efetivar o velho desejo de visitar Beatriz; mas, em compensação, criava em tórno da sua personalidade simples e poderosa, um verdadeiro colégio de irmãs pelo coração, que a admiravam e seguiam devotadamente. Depois de longo tempo, conseguiu fixar-se na comunidade carmelitana de Medina Del Campo. Antes, porém, obedecendo a secreta ansiedade do coração, visitou Ávila, lá se demorando mais de uma quinzena. No entanto, com grande surpresa, não mais encontrou Clenaghan, sendo informada de que o comerciante irlandês, após enorme infortúnio doméstico, retirara-se para a França, deixando a mulher, que lhe havia conspurcado o lar e o nome. Alguns amigos chegavam a declarar que o sobrinho de Damiano estava resolvido a retomar a batina, se conseguisse permissão das autoridades eclesiásticas. Outros opinavam que o ex-padre pretendia isolar-se nalgum remoto convento, onde pudesse consagrar o tempo ás meditações divinas.

Alcione tudo ouviu, lamentando intimamente, mas abstendo-se de qualquer comentario, com aquela discreção que lhe assinalava as atitudes. Entretanto, intimamente,

examinava o assunto sem eximir-se a grande estranheza. Com que intenção viajaria Carlos para a França? Pretenderia revê-la? Essa hipótese não era plausível, pois êle estava mais que informado do seu plano de mudança para o Novo Mundo. Dolorosas considerações lhe vieram ao espírito sensível, mas, atendendo ás advertencias santas da fé, buscava entregar a Jesús as penas e anseios de cada dia, invocando-lhe o socorro divino.

Recolhida em Medina Del Campo, não nas sombras do claustro mas nos trabalhos nobres do coração que se consagra a Jesús, nunca mais teve notícia de Carlos, embora os anos perpassantes lhe trouxessem renovadas esperanças em cada dia.

Na época em que nos encontramos, Maria de Jesús Crucificado desempenha no convento a tarefa de subpriora, por força da enfermidade rebelde e dolorosa que, de ha muito, prende ao leito a madre-superiora. A instituição de Medina é realçada pelo seu espírito de atividade. Extensa porção de terra é aproveitada em trabalhos fecundos, que aproveitam aos desvalidos. A infancia desamparada ali encontra escola ativa para a educação em seus prismas essenciais. Mães sofredoras recebem esforçada cooperação das filhas do Carmelo. Alcione é a alma de todas as tarefas, mas, por isso mesmo, começou a ser alvo do despeito e da perseguição gratuitos. Enquanto a velha superiora repousa em tratamento, sua atividade transformadora converte a casa num templo de trabalho e de alegria.

Quando sua ação benemérita começa a dilatar o círculo de trabalhos, eis que o Padre Geral da Ordem, falsamente informado, designa um capelão de Madrid para substituir o probo religioso que cooperava com a filha de Madalena, em suas obras renovadoras, e a situação se modifica inteiramente.

Frei Osorio chega á Medina Del Campo com a secreta recomendação de averiguar o que existe sôbre a vigorosa atuação da carmelitana humilde. Seu ingresso na casa dá motivo a fortes preocupações. E, com efeito, no curto espaço de dois meses, algumas companheiras de Alcione levavam-lhe queixas bem amargas, a respeito

da conduta do novo sacerdote. Osorio ainda não havia atingido os cinquenta anos; mas, por suas atitudes exteriores, dir-se-ia um homem profundamente amadurecido nas experiências do mundo. Isso, porém, resultava tão só do velho habito de afivelar ao rosto a máscara da santimonia. No íntimo, não passava de um sêr viciado e perverso, para quem o prestígio da autoridade era válvula de escapamento para os proprios desvarios. A princípio, esforçou-se por obter algum testemunho menos digno, comprometedor da sub-priora; todavia, em cada coração, Alcíone estava entronizada como em altar de amizade e gratidão puras. A instituição, porém, ao contrário de suas congêneres, dava-lhe a impressão de uma casa generosa do mundo, sem as características de monastério impenetrável, destinado ao recolhimento da piedade preguiçosa. O capelão inspetor começou a manifestar profundo desagrado por tudo quanto via. Aquele intercâmbio constante com o mundo secular, tirava ao núcleo carmelita a feição freirática dos demais conventos da ordem. As religiosas eram mais ativas e por isso mais habilitadas para conhecer as fraquezas humanas e dar combate ás tentações. Frei Osorio achava-se num ambiente para êle desconhecido, até então. As visitas dessa natureza sempre lhe facultavam ensejo de numerosos regalos. A pobre freira afastada do mundo era, invariavelmente, um campo vasto de mesquinha exploração para os seus sentimentos lúbricos. Ali, no entanto, a cousa mudava de figura. A sub-priora, nas reuniões internas, comentava os ensinamentos de Jesús em desacôrdo com os teólogos; prodigalizava oportunidades de serviço a cada companheira, como lhe parecia melhor, distribuia equitativamente o trabalho, de acôrdo com as vocações. Era impossível desconhecer o caráter inteligente e precioso da comunidade, mas Frei Osorio não encontrando a esperada vasa para as suas aventuras indignas, prometeu a si proprio modificar o espírito fundamental da instituição.

Seu esfôrço caviloso começou no confissionário, onde empregou os mais baixos ardis para convencer uma que outra religiosa a lhe aceitar as indecorosas propostas.

As pobres criaturas, aturdidadas com as maquinações diabólicas do conquistador, procuravam a nobre amiga, ansiosas dos seus conselhos. Alcíone sentia-se amargurada. Não podia conservar, sem perigo, um lobo entre as ovelhas; por outro lado, qualquer reclamação aos superiores da Ordem poderia ser interpretada como rebeldia. Depois de longas semanas de meditação, resolveu submeter o caso ao critério da veneravel madre-superiora. A velhinha generosa, no seu leito de sofrimento e resignação, ouviu alarmada a confidência penosa da filha de Madalena.

— Que nos aconselhais? — dizia Alcíone comovida. — A vossa experiência, minha boa madre, é para nós outras um seguro roteiro!

A anciã doente endereçou-lhe um olhar triste e sentenciou:

— Ah! minha filha, por desejar o caminho reto, muito sofri neste mundo, desde os primeiros tempos de noviciado. O flagelo da igreja continúa sendo os sacerdotes indignos. Quem sabe poderemos chamar Frei Osorio á senda do Cristo?

— Não considerais razoavel pedir ao Geral que nos mande outro capelão?

— Não — respondeu a enfêrma — se o fizéssemos, despertaríamos suspeita imerecida e, então, talvez tivéssemos êste mau religioso em nossa companhia por muitos anos... Será preferivel que o chames, em particular e lhe peças, em nome de Jesús, que não minta aos compromissos assumidos.

A filha de Cirilo quis responder que não se sentia com autoridade para admoestar a ninguem, mas a noção de obediencia fê-la calar-se, humilde. A priora, todavia, parecendo adivinhar-lhe os pensamentos secretos, acentuou:

— Naturalmente, minha filha, não vais exortar um sacerdote que deveria saber, muito bem, cumprir a rigor os seus deveres, mas apelar para um irmão, a-fim-de que nossa casa não seja perturbada. Sinto que as circunstancias me indicam semelhante tarefa, mas encontro-me bastante debilitada para argumentar como convem. Além disso, todas reconhecemos que o Senhor te favorece com luminosas inspirações, nos ensinamentos evangélicos.

Compreendo quanto esta prova te custa, mas não vejo outra irmã que possa substituir-te.

Maria de Jesús Crucificado calou-se, sem mais dizer.

Uma semana se passou, entre reclamações das freiras assustadas e preces fervorosas, com que Alcione rogava a Jesús o poderoso socorro de sua assistência, de molde a desempenhar a incumbência que lhe fôra cometida.

Depois disso, valendo-se de um momento em que o sacerdote se encontrava só, na Capela, a filha de Madalena revestiu-se de coragem e lhe pediu licença para algumas palavras, em particular.

— Frei Osorio — começou humildemente— sei, de antemão, que não tenho capacidade para advertir a ninguém; sou fraca e pecadora; entretanto, ouse vir á vossa presença, afim de apelar para os vossos sentimentos de irmão.

— De que se trata? — perguntou o padre abruptamente.

Ela o fixou num olhar muito significativo e acrescentou:

— Venho pedir a vossa cooperação a favor das muitas jóvens que aqui se encontram sob a nossa responsabilidade.

Percebendo a natureza do caso, o interlocutor assumiu uma atitude hipócrita, como soia fazer, e obtemperou:

— Sou acusado de alguma falta? Desejaria conhecer a caluniadora.

— Ninguém vos acusa — esclareceu a religiosa nobremente — temos bastante conciencia de nossas proprias fraquezas, para nos arvorarmos, impensadamente, em censoras de nossos irmãos. Apenas solicitamos ao vosso coração, em nome de Jesús, que nos auxilie com o entendimento de um pai.

— Devo dizer-lhe, irmã, que considero a sua atitude como um atrevimento.

— Talvez seja, — murmurou Alcione humilde — mas sou a primeira a vos pedir perdão, esperando me relevantes pela intenção com que cometo esta ousadia.

— Este apêlo deixa subentender graves injúrias, —

disse Osorio hipocritamente — e estranho muito que tivesse coragem para tanto.

— Já vos disse, padre, que não tenho autoridade para admoestar a ninguém. A vós me dirijo como irmã.

Contrariado em seus propositos inferiores o sacerdote contemplou-a irado e redarguiu:

— Não a reconheço como irmã do Carmelo, sim como inovadora, passível de severa punição. Suas interpretações do Evangelho constituem um atestado de desobediencia. Esta casa mais se assemelha a um albergue mundano e creio que toda perturbação se deve á sua influencia anárquica. Esta instituição, de ha muito não vive de conformidade com as regras, mas ao sabor de seus caprichos.

A interlocutora permanecia em silêncio, amargamente emocionada. Interpretando essa atitude como sinal de pusilanimidade, o sacerdote continuou:

— Onde já se viu semelhante liberdade, qual a vemos a dentro destes muros? Ainda não ouvi qualquer expressão de acatamento aos nossos teólogos, a comunidade sempre interessada em atender ao mundo, não encontra tempo adequado ao serviço de adoração. O nosso compromisso é de obediencia absoluta á autoridade!...

As observações eram feitas com tanta acrimonia que Alcione se viu constringida a tomar a defesa do Evangelho, pelo muito amor que consagrava ao seu conteúdo divino. Por si mesma experimentava toda a extensão da fragilidade humana e jamais se animaria a discutir; entretanto, á luz da verdade cristã, outra deveria ser a sua atitude. Não podia considerar virtude a complacencia com o mal. Osorio invocava o proprio Cristo, no sentido de acobertar ações mesquinhas, e ela precisava defender a lição pura e simples do Mestre, sem perder a expressão de amor que lhe vibrava nalma. Como tantas vezes lhe acontecera noutros tempos, Alcione procurou encará-lo, como a um doente e necessitado de luz. Depois de o envolver num olhar quasi maternal, falou serenamente:

— Toda autoridade humana, quando inspirada na justiça, deve ser veneravel a nossos olhos; todavia, padre,

é preciso não esquecer que o nosso primeiro compromisso é com Jesús.

O capelão inspetor experimentou grande surpresa com aquela nova atitude da interlocutora. Falando de si mesma, a religiosa apagava-se nas afirmações humildes, mas, tratando de Cristo parecia tocada de misterioso poder. Preparando-se para ser ainda mais cruel, asseverou com certa dose de ironia:

— Obrigações com Jesús? Não me parece que a senhora as preze tanto assim. Noto aqui muito maior preocupação com o mundo. As filhas do Carmelo, em Medina, sob a sua atuação prejudicial, não encontram tempo para tratar da alma. O dia inteiro, grande confusão se verifica ás portas desta casa. Uma falsa piedade vai estabelecendo a desordem. Será isso obrigação com Jesús?

Fitando-o com nobreza de ânimo ela respondeu:

— Não nos consta que o Mestre se afastasse do mundo para servi-lo. O Evangelho não o apresenta enclausurado ou recolhido á ociosidade da sombra. Pelo contrário, Jesús atravessou a pé grandes extensões da Palestina, ensinando e praticando o bem. João Batista, nas anotações de Lucas (1) nô-Lo revela como o trabalhador que tem a pá nas mãos. Seu apostolado, frei Osorio, foi de realização e movimento. Era impossível atender á salvação do mundo, afastando-se de suas necessidades. Por essa razão, vemos o Messias entre fariseus e publicanos, nas festividades domésticas e nos ajuntamentos da praça pública, dando cumprimento á sua missão de amor. Como poderemos servir á sua causa divina, inclinando-nos á preguiça, sob o pretexto de uma falsa adoração? Muitas de nós religiosas, deixamos os afetos familiares para consagrar todas as energias ao serviço do Cristo. Mas, de que natureza serão êsses trabalhos? Acreditais, porventura, que Jesús necessite de mulheres ociosas? Não admitais semelhante absurdo. A atividade do Mestre, a que fomos chamadas, é a de colaboração com o seu devotamento na causa da paz e da felicidade humana. Em tórno de nossos conventos, há mães que choram sob o guante

de necessidades cruéis, criancinhas abandonadas que requisitam socorros urgentes, velhos respeitáveis totalmente desamparados. Seria razoavel a continuação das atitudes convencionais de falsa devoção, quando Jesús prossegue, pelos caminhos, animando e consolando? Por vezes, padre, em nossas missas solenes, quando o luxo d'os altares impressiona os nossos olhos, julgo que o Mestre está ás portas do templo confortando as viuvas descalças e rôtas, que não puderam penetrar no santuário, pela deficiência das vestes. Por que manter o rigor das regras humanas, quando o ensinamento da caridade cristã é tão simples e tão puro? Por que repetirmos uma prece mil vezes, nas festas de Santa Cruz, e negarmos dois minutos de palestra carinhosa ao infortunado? Não seria essa nossa estranha atitude a perfeita personificação daquele sacerdote indifferente, da parábola do Bom Samaritano? Não considero a fé um meio de obter favores do céu, ao sabor do nosso alvedrio pessoal e sim um tesouro do céu, que a Terra está esperando, por nosso intermédio.

Profundamente despeitado e surpreendido, Osorio aproveitou pequena pausa e objetou:

— Suas idéias denotam exaltação doentia. No desempenho de deveres inerentes ao meu cargo, condeno-as em bloco.

— E que entendeis por vosso cargo? — perguntou Alcione com intenso brilho no olhar. — Todos os homens dignos têm tarefas respeitáveis, por mais simples que pareçam; um sacerdote, porém, recebeu do céu missão divina. Um padre deveria ser um pai. Entretanto, vêde, os discípulos sinceros escasseiam em todas as comunidades. O mundo está cheio de eclesiásticos, mas só pode contar com raríssimos missionários.

— Isto é um insulto á autoridade da igreja — acrescentou o interlocutor irritado.

— Estais enganado. Minhas afirmativas podem ser uma apreciação de nossa miserabilidade neste mundo, mas não podemos esquecer que a igreja de Cristo é inviolável. Nossas fraquezas não a atingem.

— Vejo que sua opinião é a dos que trabalham atualmente pela destruição da fé.

(1) Lucas: 3-17. — Nota de EMMANUEL.

— Grande é o vosso equívoco, padre Osorio. Ninguém destruirá, na Terra, a igreja de Jesús. Ainda que todos os homens se conluiassem contra ela, o instituto cristão continuaria puro e intangível. Devemos considerar, contudo, que todos os elementos humanos colocados a seu serviço sôbre a Terra, hão de ser necessariamente transformados. Nossos templos frios e impassíveis serão transformados mais tarde em casas de amor, como lares de Deus, onde as criaturas possam encontrar o verdadeiro culto da sua inspiração e do seu amor sublime. Os conventos deixarão de ser ambitos de sombra, para que o Mestre neles identifique tabernáculos da fé e caridade puras. Nós, monjas, teremos interpretado o serviço divino de outro modo, escalonando pelos hospitais, crêches, asilos, escolas.

O capelão contemplou-a assombrado e exclamou com ironia:

— Com toda essa veia profética, que nos prediz a nós outros, os sacerdotes?

A filha de Madalena fitou-o com serenidade e redarguiu sem hesitação:

— Vós, por certo, compreendereis, afinal, que os interesses pecuniários deverão desaparecer das casas consagradas a Cristo. Por essa época, talvez, vós, os padres, sereis como Paulo de Tarso repartindo a tarefa entre o tear e a pregação, para que a igreja não seja acusada por nossos irmãos de humanidade!... Sereis, talvez, como Simão Pedro, fiél até o fim, depois do período de negação!

Longe de esperar resposta decisiva e profunda como essa, o delegado do Geral arregalou os olhos e disse colérico:

— A senhora é uma herética!

— Se a sinceridade e a verdade são heresias para o vosso critério pessoal, honro-me em servir ao Senhor com a minha conciencia.

Tomando atitude terrível, qual se maquinasse odiosa vingança, Osorio acentuou:

— Ignora que poderei processá-la e punir-lhe o atrevimento?

Sem qualquer vislumbre de receio, a filha de Cirilo obtemperou:

— Estou certa de que poderão cair sôbre mim todos os males do mundo; não o estou menos de que Jesús tem todos os bens para me dar.

E, como se iniciasse o sumario dos pontos essenciais da futura sentença, frei Osorio continuou:

— Pela sua desconsideração aos nossos teólogos mais eminentes, poderá ser acusada como rebelde e traidora aos princípios da fé, partidária dos diabólicos luteranos, passíveis das mais fortes represálias.

— Deus conhece o meu íntimo e isso me basta, — murmurou a filha de Madalena com sincera humildade.

— Por suas interpretações audaciosas do Novo Testamento, a ponto de seduzir diversas companheiras para o seu cisma, a senhora deverá conhecer, naturalmente, uns tantos segredos da velha magia.

— O Mestre, por muito amar, — acentuou Alféone tranquila — foi tido em conta de feiticeiro, por muitos religiosos do judaismo.

O capelão inspetor dissimulava a grande surpresa que o invadia, de minuto a minuto, pela inesperada resistencia, e prosseguiu:

— A senhora tem desviado, na qualidade de sub-priora, inumeras e preciosas dádivas, feitas ao estabelecimento, graças a um serviço desordenado de falsa piedade pelo próximo, com descaso completo dos interesses de Deus.

— Não creio que os interesses de Nosso Pai Celestial, — esclareceu a interlocutora — se adstrinjam e se agitem entre algumas paredes de pedra; e enquanto estiver a meu cargo qualquer função religiosa, o dinheiro recebido atenderá não somente ás nossas necessidades, mas, também ás de quantos possam receber os benefícios desta instituição, convicta como estou de não haver obras sem fé, nem fé sem obras.

— Mas poderá pagar muito caro essa maneira de ver. Não são raros os religiosos condenados por latrocínio.

— Compreendo até onde desejais chegar com seme-

lhantes alegações, mas a verdade é que nada possuo, além do meu hábito.

— Isso não impede que tenha comparsas fóra destes muros.

Alcione fixou nele um significativo olhar e acrescentou:

— Não posso impedir o vosso julgamento; todavia, posso afirmar que estou satisfeita com o juízo de Deus, em consciência.

Reconhecendo-lhe a inquebrantável firmeza, Osorio acentuou rancorosamente:

— Denunciá-la-ei ao Santo Officio. Disponho de poderoso amigo junto do Inquisidor-Mór de Madrid, que pode fazê-la expiar tão grandès delitos.

A religiosa manteve-se impassível diante da raivosa e grave ameaça, murmurando muito tranquila:

— Podeis proceder como quiserdes. Quanto a mim, intercederei por vós em minhas orações e tenho em Jesús um amigo forte, que pode absolver-vos.

Em seguida, retirava-se para os serviços internos, deixando o capelão inspetor rilhando os dentes.

No dia seguinte ao incidente, que ficara ignorado para a propria superiora, em virtude do silêncio a que se recolhera a filha de Cirilo, frei Osorio viajou para Madrid, arquitetando os planos mais perversos. Depois de apresentar capcioso relatório ao Geral da Ordem, procurou o seu amigo frei José do Santíssimo, um dos auxiliares do Inquisidor-Mór, a quem denunciou a religiosa de Medina Dél Campo, solicitando, com empenho o emprego de sua influência para que Maria de Jesús Crucificado fôsse punida por suas tendencias luteranas, recebendo aprovação aos seus propósitos sinistros.

Frei José do Santíssimo era Carlos Clenaghan, transformado em jesuita. Depois da tragedia conjugal em que sentira espinhados os seus brios de homem, o pupilo de Damiano voltara á vida religiosa, como um derrotado da sorte, em supremo desespêro. A princípio, lutara com certa dificuldade para conseguir seu intento, mas a doação de todos os seus bens á Companhia de Jesús lhe abriera as portas da famigerada comunidade dos inqui-

sidores. Acreditava que Alcione estivesse feliz na América, talvez casada com um homem digno de suas qualidades de santa e, deixando-se levar pela desesperação, procurou instalar-se no Santo Officio, afim de perseguir os que lhe haviam infelicitado o lar honesto. Coração generoso embora, Clenaghan estava agora completamente enceguecido pelo ódio. Sentindo-se um náufrago nos planos da vida, não encontrava em sua fé fôrças para confiar plenamente em Cristo e dava pasto ás mais venenosas disposições de vingança. Depois de alguns anos em que demonstrara hostilidade franca á sociedade humana, foi admitido á posição de relêvo pelo Inquisidor-Mór da capital espanhola, um cargo de confiança, em cujo desempenho conseguira realizar seu intento, perseguindo o sedutor da mulher, fazendo-o recolher a sombrio cárcere em Cordova. Pouco a pouco, esquecia os ideais generosos do pretérito. As antigas palestras de Ávila, as observações do tutor, os conselhos e a exemplificação de Alcione dormiam-lhe no coração, meio-esquecidos. Por vezes, interpelava a si mesmo se não teria sido demasiadamente sentimental no passado distante. A atmosfera pesada e sufocante dos interesses mesquinhos do mundo entorpecia-lhe o espirito.

Recebendo a queixa de frei Osorio, um de seus colaboradores fiéis na perseguição movida aos desafetos de Castela a Velha, o auxiliar do Inquisidor prometeu-lhe integral apoio sem nenhuma hesitação.

E, por isso mesmo, o capelão inspetor apossando-se de alguns documentos voltou á Medina, acompanhado por dois guardas incumbidos de efetuar a prisão da religiosa denunciada. Osorio, entretanto, conhecendo o gráu de estima que a filha de Cirilo desfrutava entre as companheiras, absteve-se de falar em medida tão grave, deliberando comunicar que a irmã do Carmelo seria levada a Madrid para algumas admoestações necessárias.

Para êsse fim, determinou se realizasse uma assembléia interna, á feição das que se verificavam no Capitulo e, logo que reuniu a congregação, começou a falar com acrimonia:

— Solicitei a reunião das generosas servas de Cristo,

que se abrigam nesta casa, para comunicar que o nosso muito digno Padre Geral, de comum acôrdo com outras autoridades das virtuosas filhas do Carmelo, deliberou convidar a Sub-Priora Maria de Jesús Crucificado a comparecer, em Madrid, para receber algumas instruções indispensaveis a administração d'este convento. Como capelão inspetor, fui obrigado a expôr perante os sapientissimos diretores da Ordem as deficiencias desta instituição, onde os serviços da fé têm sido grandemente sacrificados pelo contacto quasi incessante com o mundo profano. A longa enfermidade da superiora deu azo a que sua substituta ameaçasse esta obra por excesso de idealismo. O intercambio com os profanos resulta sempre em escandalo e nas cruéis tentações de contacto com os impenitentes. Assumindo o compromisso de orientar as vossas atividades, tenho de agir com a prudencia de um pai, afim de que não percais a graça do Senhor. Nossa irmã, portanto, será devidamente admoestada e receberá, em breve tempo, as novas normas de serviço da instituição, esperando eu que compreendais a excelencia desta medida, com o espirito de humildade que sempre foi o luminoso apanágio das servas do Carmelo. No entanto, sem traír a caridade da igreja, a Sub-Priora tem a palavra para qualquer explicação que considere oportuna, perante esta assembléa.

Alcione percebeu o véu da hipocrisia a occultar a hediondez daquela attitude. As companheiras contemplavam-na ansiosas. A maioria, conhecedora do condenável procedimento do sacerdote, aguardava com interêsse a sua reação justa. Mas, num minuto, a filha de Madalena compreendeu que, abrir luta seria atirar a comunidade de moças frágeis contra inimigos perversos e poderosos. A seu ver, devia caminhar sózinha para o sacrificio. Enquanto ouvia os conceitos fingidos do inspetor, lembrou o velho padre Damiano. A' frente dos olhos da imaginação, rememorou as reuniões carinhosas do ambiente doméstico de Ávila e pareceu ouvir as respostas do religioso ás suas perguntas infantis, quando lhe disse que o circo do martírio para os cristãos sinceros, era agora o mundo, e que as feras seriam os proprios ho-

mens. Deparava-se-lhe o ensejo de verificar a exatidão daquele asserto. Frei Osorio, que dissimulava tão bem o verdadeiro móvel da sua animosidade mesquinha, certamente disfarsava em admoestação alguma pena mais dolorosa e mais cruel. Não desdenharia, porém, o testemunho que o Senhor lhe oferecia. Longe de envolver as amigas e irmãs num movimento geral de confusão religiosa, levantou-se dignamente depois de interpelada, e murmurou:

— Para mim, frei Osorio, todas as humilhações serão poucas, como todos os nossos testemunhos de amor e reconhecimento a Jesús nunca serão devidamente dilatados. Estou pronta a atender vossas ordens. Nada mais tenho a dizer.

Amarga expressão de desanimo abateu-se sobre as companheiras. Com ar de triumpho, o capelão voltou a dizer:

— Deverá, então, a Sub-Priora estar preparada para seguir amanhã, ao romper dalva.

A assembléa dissolveu-se sob penosas impressões. Mais tarde, Alcione dirigiu-se á cela da veneranda superiora e, confidencialmente, cificou-a de todos os fatos. A velha amiga abanou a cabeça, desconsolada, e sentenciou:

— Prepara-te, filha minha, para testemunhos amargurados! Assim te falo, não com o fim de intimidar teu espirito carinhoso e sensível. Falo-te na qualidade de mãe espiritual, prestes a partir deste mundo e cansada de espetáculos atrozes e experiencias ingratas...

— Ajudai-me, então, minha boa Madre, — respondeu a filha de Cirilo com grande serenidade — esclarecei-me para que corresponda á confiança do Senhor nos transes iminentes.

A respeitavel religiosa contemplou-a enternecida, abraçou-a e beijou-a com afeto, suscitando-lhe profundas reminiscencias da mãezinha inesquecível, e continuou:

— Quando os capelães inspetores falam de admoestação, isso significa fome no cárcere ou supplicio nas salas escuras, de tormento. E' possível que Jesús te poupe o martírio perante os inquisidores cruéis. Para isso, filha,

rogarei incessantemente a proteção de sua misericórdia, em favor da tua alma generosa, mas não creio que te possas eximir da prisão infamante. Todavia, morrer ao abandono nas celas imundas do Santo Offício é mil vezes melhor que suportar os olhos despidos dos maus eclesiásticos, que infligem pesadas torturas ás mulheres indefesas. Sei de irmãs nossas que morreram no segundo ou no terceiro gráu de tormento, em completa nudez, por imposição de homens impiedosos.

A filha de Madalena não pôde dissimular sua admiração.

— Geralmente, — prosseguiu a interlocutora veneranda — é muito difficil arranjar um processo regular contra nós, as religiosas, por considerar a Inquisição que a nossa attitude representaria, no conceito público, um atestado de rebeldia tendente a desmoralizar os princípios da fé. Quasi sempre, por essa razão, os religiosos presos apodrecem no fundo dos cárceres, sem que sejam visitados pela pretensa justiça da nefanda instituição, que mancha nossos caminhos neste mundo.

Alcíone meditou um momento e murmurou:

— Estou convencida de que Jesús não me abandonará, seja qual for o testemunho que me esteja reservado.

— Sim, minha boa filha — affiançou a superiora osculando-lhe as mãos com carinho — Ele está conosco, segue-nos de perto, tal como nos primeiros dias de perseguição nas catacumbas. Lembremos as virgens que morreram nos circos, despojadas de suas afeições, espostejadas pelas feras sanhudas, recordemos as crucificadas entre as fogueiras, servindo de pasto aos infames festins cesareanos. Tenhamos confôrto em tais angústias, lembrando que o proprio Messias foi conduzido, semi-nú, ao madeiro de nossas crueldades. Lastimo que meu corpo alquebrado não me permita seguir-te no testemunho. Mas o Senhor me concederá forças para quebrar as algemas que me prendem ao leito da velhice e da enfermidade, a-fim-de louvar tua glória!...

A Sub-Priora, muitíssimo comovida com aquelas palavras sinceras e carinhosas, murmurou enxugando os olhos:

— Não deveis falar assim, querida Madre! Sou uma simples pecadora e, nessa condição, todos os sofrimentos serão escassos ás minhas necessidades de aperfeiçoamento espiritual.

A bondosa enfôrma abraçou-a com mais ternura, murmurando em seguida:

— Lembra sempre que deixas nesta casa uma velha amiga que te consagra maternal afeição!...

Alcíone Vilamil engolfou-se em graves pensamentos e, após alguns minutos, sem traír a serenidade de sempre, pediu á interlocutora:

— Madre, caso não volte á Medina, como devo esperar, científico-vos, desde já, que é possível chegue até aqui algum pedido de informações a meu respeito. Tenho ainda duas amizades muito fortes no mundo. Trata-se de minha irmã, residente na América e de um ex-sacerdote, a quem me sinto ligada por sacrossantos laços espirituais. Caso isso aconteça, peço-vos dar noticias minhas.

A generosa superiora fez um gesto, como quem anotava mentalmente a solicitação afetuosa, e a filha de Madalena deu-lhe o último beijo.

No dia seguinte, pela manhã, a Sub-Priora, entre os dois emissários, punha-se a caminho de Madrid, levando tão sómente o velho crucifixo da progenitora e um volume do Novo Testamento. Era toda a sua bagagem. A viagem não foi muito facil atentos os percalços da época; entretanto, terminou sem incidente digno de menção. A religiosa de Medina Del Campo foi recolhida, sem mais nem menos, a uma cela escura e húmida dos cárceres da Inquisição, na capital espanhola.

No momento de ser deixada a sós, um dos verdugos que a conduziram ao interior, sequestrou-lhe o Evangelho fingidamente:

— A senhora pode ficar com o crucifixo, mas não pode aqui ficar com o Novo Testamento, de vez que é acusada de herética e luterana.

Ela apenas esboçou um gesto de conformação.

— Frei José do Santissimo, digno assessor de nossas

autoridades — continuou o algoz com acento hipócrita — recomendou que a trouxessemos até aqui, onde receberá diariamente as rações de pão e água, até que elle tenha tempo de ouvi-la.

Ela quis indagar o dia da audiencia, mas, temendo reprimendas injustas, calou-se. O frade, porém, continuou loquaz:

— Naturalmente que lhe será concedido o tempo necessario para despertar a memória para a confissão geral de suas faltas. O Santo Officio nunca faz admoestações sem caridade.

Ao clarão da lanterna, a prisioneira nada mais identificou no compartimento estreito e subterrâneo, além de um misero colchão sôbre o chão húmido. E em seguida a fastidiosas considerações do verdugo, relativamente ao espirito de generosidade dos inquisidores, achou-se absolutamente só, em pesada escuridão, ajoelhada, conchegando o crucifixo ao peito oprimido.

Desde então, nunca mais pôde saber quando começava o dia ou a noite, a não ser presumindo pelo canto de galos distantes. Envolvia-a uma atmosfera de sombras invariáveis. De quando a quando, o irmão carcereiro renovava, em silêncio, a provisão de pão e água, e mais nada. Algumas vezes, chegavam-lhe aos ouvidos os ecos amortecidos de gritos ou gemidos lancinantes. Não podia duvidar de que provinham das salas de tormento.

Entre a resignação e a humildade, passou a primeira semana, um, dois, seis meses.

Suas vestes estavam rôtas, o corpo enfêrmo e mirrado. Dadas a deficiencia de alimentação e a atmosfera húmida, a saúde não resistira ás longas semanas de reclusão. A religiosa de Medina sentia-se rudemente atacada pela moléstia do peito. Relembrando os padecimentos de padre Damiano, reconheceu que a tísica vinha partilhar das sombras da cêla. Quando seria julgada? Agora, mais que nunca, recordava as palavras da carinhosa Madre, sôbre a crueldade que a Inquisição reservava ás religiosas denunciadas como heréticas. Por certo, jamais seria ouvida. Sua attitude poderia ser levada á

conta de desmoralização da igreja, e o Santo Officio preferia recolher o seu cadaver a exhibi-la num auto de fé. Contudo, de outras vezes, a irmã do Carmelo experimentava amargurosos pesadelos, nos leves momentos de sono, entre as rudes vigílias, vendo-se á frente de algozes cruelísimos, que a despojavam do hábito infligindo-lhe duras sevícias. Despertava aflita, banhada de álgido suor, abraçando-se á unica recordação de sua mãe, em preces fervorosas. Febre alta começou a minar-lhe o organismo.

Dez meses correram sôbre a crueldade de frei Osorio. Entre preces cariciosas e árduas meditações, a filha de Cirilo definhava devagarinho, surpreendendo os proprios frades que montavam guarda ao cárcere, os quais, por vezes, contemplavam-na casualmente, nas visitas eventuais á sua gaióla de sombras.

Por essa época, a religiosa de Melina Del Campo experimentou o exgotamento quasi total das energias organicas e, compreendendo que o fim deveria estar proximo, encomendava-se a Deus em sentidas orações. Longos dias passaram, dando-lhe a impressão de uma noite invariavel... Depois da primeira grande hemoptise, Alcione sentiu-se num plano diverso. O aposento, ordinariamente escuro, pareceu-lhe banhado de clarões cariciosos. Tanta era a luminosidade, que enxergou o colchão e o crucifixo amado, tomando-se de profunda admiração. Seu assombro não ficou aí. Em poucos instantes, divisou no fundo da cêla três figuras distintas. Eram seus pais e o velho Damiano, que voltavam das regiões da morte por confortá-la. A enfêrma, em estado pre-agonico, concluiu que estava prestes a partir. Emocionada, lembrou, na delicadeza de seus sentimentos, que lhe competia apresentar aos visitantes queridos uma attitude de carinhoso respeito e, não obstante a fraqueza, ajoelhou-se e ergueu as mãos, sentindo-se cumulada por bençãos inefáveis. Jubilosa, observou que sua mãe estava bela como nunca, coroada por um halo de radiosa luz. Enquanto Cirilo e Damiano permaneciam á distancia de alguns passos, Madalena Vilamil aproximou-se da filha, sorrindo ternamente e pousando-lhe a destra na frente de alabastro, murmurou:

— Alcione, minha querida, depois do calvário doloroso, gloriosa será a ressurreição!...

A interpelada inclinou-se osculando-lhe os pés e exclamando entre lágrimas:

— Não sou digna!... não sou digna!...

A entidade amorosa beijou-a num transporte de imensa ternura. Foi aí que a prisioneira, alongando os braços e, sob a forte impressão dos sofrimentos que percebia em torno do seu cárcere, implorou em tom angustiado:

— Minha mãe, sei que nada mereço de Deus, mas, se é possível, não me deixes morrer sob o desrespeito dos algozes impiedosos.

Em pranto convulsivo, notou que sua mãe enxugava uma lágrima. Todavia, Madalena enlaçou-a nos braços, ternamente, e asseverou:

— Não temas, minha filha! Partirás com o amparo dos anjos!...

Nesse instante, contudo, o frade carcereiro abriu subitamente a porta, afim de ver com quem conversava a religiosa, em voz tão alta. Ao clarão avermelhado da lanterna, desfez-se a sublime visão. O vigilante fitou-a espantado. Genuflexa, mostrando impressionante olhar a perquirir o desconhecido, a irmã do Carmelo tinha no hábito rôto largas manchas rubras. "A perda de sangue fá-la desvairar", pensou o vigilante de si para si. E, assombrado com o que via, levou a notícia ao superior hierárquico, dizendo parecer-lhe que a prisioneira começava a experimentar os delírios da morte.

O Santo Ofício, por ironia, mantinha certo número de médicos a seu serviço, os quais muitas vezes opinavam sôbre a natureza e gráu de tortura a infligir aos condenados, a pretexto de que os réus deveriam ser punidos com muita caridade. Um médico foi chamado, incontinenti, para examinar e informar o estado geral da religiosa de Medina. Após o exame, o facultativo, de autoridade a autoridade, chegou até ao gabinete de frei José do Santíssimo. Feitas as saudações de praxe, afirmava solícito:

— A ré está irremediavelmente perdida.

— Não suportará, siquer, as disciplinas preliminares

do pôtro? — indagou o representante do Inquisidor-Mór. — Trata-se de um caso ligado a reclamações de um amigo, a cuja bondade muito devo.

— Aquele corpo já não resiste á menor tortura. Creio que ela está nas últimas.

O interlocutor fez um gesto de contrariedade e voltou a dizer:

— E' um processo que espera por mim há mais de dez meses; entretanto, tenho tido necessidade de atender a repressões de maior importância.

— Pois afirmo-vos, — esclareceu o facultativo atencioso — que qualquer providencia de ordem espiritual deve ser imediata, visto que amanhã talvez seja tarde.

— Hoje estou cheio de compromissos para a noite, — explicou o assessor — irei amanhã muito cedo tomar-lhe as declarações.

Com efeito, logo que amanheceu, José do Santíssimo acolitado por dois outros religiosos desceu ás celas subterraneas, afim de estabelecer o primeiro e último contacto com a freira carmelita de Medina Del Campo. Ao clarão da lanterna, aproximou-se da condenada que jazia na sórdida enxerga, abraçada ao crucifixo singular. Moribunda, apenas os olhos nela falavam, vivazes. Os membros e os traços fisionómicos estavam aniquilados, num conjunto de intraduzível abatimento. O eclesiástico experimentou estranha sensação e teve impetos de recuar, mas procurou manter-se firme e perguntou:

— Maria de Jesús Crucificado, porventura, já estará resolvida a confessar o crime de heresia, para que possa receber os sacramentos da extrema unção?

A interpelada demonstrou no olhar impressionante uma attitude mental de júbilo e murmurou:

— Carlos!... Carlos!...

O jesuita cambaleou, num rictus de terror, o livro escapou-se-lhe das mãos trêmulas e caíu, maquinalmente, de joelhos. Aproximou a lanterna do rosto da moribunda, exclamando com indefinível angústia:

— Alcione! Alcione!... tú? Sonho? Ou enlouqueço?

A agonizante pareceu concentrar todas as energias para o esforço daqueles supremos momentos e retrucou:

— Sim... O Pai Celestial atendeu aos meus rogos e eu não partirei sem o conforto do teu olhar...

— Que fazias em Medina? Que quer isto dizer, Deus meu?

— Não podendo aproximar-me do teu coração com os meus sentimentos de mulher, buscava-te com os pensamentos do Cristo... Nunca pude esquecer-te!... Tomei o hábito religioso, desejosa de te reencontrar, para ser irmã desvelada de tua mulher e segunda mãe de teus filhinhos... Em vão te busquei nos sítios prediletos... no entanto, tenho esperado confiantemente esta hora divina!... Agora, morrerei tranquila e feliz...

Sem qulaquer preocupação pela atitude de espanto dos companheiros presentes, o eclesiástico entre soluços convulsivos falou amargurado:

— Sou um réprobo! Não tenho espôsa, nem filhos, nem ninguém. Tudo perdi em te perdendo. Sou hoje um condenado a perambular numa estrada ignominiosa. Tua lembrança ainda é o meu unico raio de luz. A espôsa traíu-me, os falsos amigos conspurcaram meu lar e busquei os poderes do mundo para exercer a vingança cruel! Ah! Alcione, mal poderia supôr que te assassinaria, também, nestas masmorras infectas! Por que haveria de cair sôbre mim este tremendo golpe da sorte? Sou, doravante, um miserável, um bandido execrando!...

A moribunda revelou no olhar, muito lúcido, grande e amorosa preocupação e perguntou:

— Que fizeste de Jesús?

— Sou réu que não merece perdão, — redarguiu o jesuita fóra de sí.

— Não te julgues assim, — murmurou Alcione com esforço — conheço tua alma, cheia de tesouros ocultos... Sómente o desespero pôde cegar-te os olhos...

— Tudo me foi adverso na vida, o destino sempre me escarneceu! — soluçava Clenaghan presa de intraduzível martírio.

— Esqueceste nossas crenças preciosas, meu querido Carlos, não mais te lembraste dos rostos páldos daqueles meninos que nos procuravam na igreja de Ávila... Olvidaste nossos doentes, não mais refletiste na dor dos

desamparados da sorte... Nunca mais atentaste para a nossa família de amigos simples e necessitados, a serviço de quem colocávamos, outrora, todo o nosso idealismo com Jesús!...

— Sinto que perdi, desgraçadamente, o meu sagrado ensêjo de união com Deus! Tanto fizeste por mim, e, no entanto, esqueci os menores deveres de fraternidade, sem me lembrar de que nas trevas do ódio poderia aniquilar-te também a ti, que tudo me deste! Que tremenda lição!

— Tranquiliza-te, — disse a agonizante com profunda expressão de ternura — confia no Senhor que nos renova as oportunidades de redenção... Sua misericórdia nos aproximará novamente, seremos felizes na observância do "amai-vos uns aos outros"!... Fortaleçamos o espírito, sem desalento injustificável. Não nos cansemos de recordar que o Mestre foi á cruz do martírio por amor a nós e está á nossa espera de ha longos séculos!... E' preciso não desanimar no bem...

O sobrinho de Damiano chorava amargamente, incapaz de responder. Mas, depois de longa pausa, a moribunda prosseguia:

— Sáí dos círculos de revolta e vingança!... Jesús nos oferece irmãos e tutelados em toda parte... Não permaneças nos lugares onde haja perseguições ou separatividades em seu nome... Volta, Carlos!... Volta á pobreza, á simplicidade, ao esforço laborioso! Se fôr preciso, pede, de porta em porta, o pão do corpo, mas não odeies a ninguém... A desesperação te conservará algemado no ceno do mundo! Desperta novamente para o amor que o Mestre nos trouxe e perdoa o passado pelas dores que te deu...

O jesuita não sabia como definir as emoções penosas.

— Mas sou culpado de tuas flagelações no cárcere! Sou vítima infeliz de mim proprio!...

— Não te acuses! Tu foste, com o Cristo, meu hóspede efetivo aqui, nesta casa, como em todos os outros lugares em que vivi depois de nossa separação... A confiança em teu amor ajudou-me a dissipar as sombras de cada dia, proporcionou-me bom ânimo nas situações mais difíceis!... Nunca te amei tanto como agora, ao nos

separarmos novamente... Mas, eu creio, Carlos, que os mortos podem voltar aos trabalhos humanos... Logo que Deus me permita esse júbilo, voltarei outra vez... para ser-te fiél... Sofre com resignação, ama as tuas tarefas de redenção com desvêlo, e então, (quem sabe?) nos encontraremos breve, para construir nosso lar de felicidade infinita, na Terra ou noutros planos da Eternidade!...

Enquanto o eclesiástico tremia soluçante, a moribunda continuava com visível esforço:

— Nunca te esquecerei... Jesús abençoará nosso ideal de sublime união...

Não pôde continuar. As sagradas emoções daqueles momentos inesquecíveis lhe haviam aniquilado as últimas energias. Gelado suor caía-lhe em bagas da fronte pallidíssima. A respiração tornara-se angustiosa e abafada. Clenaghan percebeu a aproximação do minuto derradeiro e exclamou:

— Dize, Alcione, dize ainda uma vez que me perdôas!

A moribunda fez uma tentativa suprema, mas os lábios, quasi imóveis, nada mais fizeram que um movimento inexpressivo. Foi aí que a filha de Madalena, no estertor da morte, alçou o crucifixo e cravou nele os olhos lúcidos, dando a entender que chamava a atenção de Carlos para a cena longínqua da igreja de Ávila; em seguida, beijou longamente a imagem do Crucificado, e num gesto inesquecível, levou-a aos lábios do homem amado, como a dizer-lhe que nunca lhe negaria o beijo do eterno amor e da eterna aliança.

Frei José do Santíssimo debruçou-se, a soluçar, sôbre os despojos sagrados, com a dor inexcedível do coração afogado nos remorsos extremos.

E ninguem da Terra, naquele compartimento humido e escuro, poderia contemplar o quadro celeste a se desenrolar, como tributo de veneração á discipula do Cristo, que soubera vencer em seu nome todas as dificuldades, vicissitudes e penas da vida humana. Hinos de beleza angélica vibravam nos ares, mensageiros generosos iam e vinham com expressão de júbilo infinito. Cirilo, Damiano e outros amigos de Alcione, conservavam-se em atitudes de prece. Numerosos beneficiários de sua dedi-

cação fraternal ali se prosternavam, ansiosos por lhe manifestar carinho e gratidão. Daí a instantes, sob a direção de Antênio, chegavam resplandecentes entidades do Grande Lar Celeste. Madalena Vilamil, guardando a filha ao colo, beijava-a com enternecimento. As orações dos redimidos uniram-se aos sublimes pensamentos da alma santificada que partia da Terra. E, enquanto melodias suavíssimas fluíam do plano espiritual, o generoso Antênio unia sua voz aos harpejos do céu, repetindo as sagradas palavras do Sermão da Montanha:

— Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! Bem-aventurados os humildes, porque herdarão a Terra! Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor á justiça, porque deles é o Reino dos Céus!...

F I M

VITOR HUGO

DÔR SUPREMA

Novela psicografada por Zilda Gama

Dôr Suprema é um romance para cativar irresistivelmente. Cheio de cenas empolgantes, que emocionam até provocar lágrimas, desenvolvido por personagens que parecem figuras vivas, narra uma história cuja verdade se firma de página a página.

Os heróis, os carrascos e as vítimas das formidáveis tragédias de *dôres supremas*, que formam a beleza do romance, ficam gravados na lembrança, indeléveis, tanta é a emoção que despertam no espírito do leitor.

Quem conhece as produções ditadas do Além por Vitor Hugo, recebidas através a delicada sensibilidade mediunica de Zilda Gama, terá em *Dôr Suprema* um flagrante do poder de imaginação do grande gênio literário que sabe traçar enredos fortes e encantadores.

As figuras que tecem o romance têm as suas vidas ligadas através de reencarnações — formando a cadeia lógica que explica a origem e o fundamento de todas as grandezas e misérias de cada um.

Não menos interessante e instrutiva é a intervenção do Alto, exercida na mediunidade dos principais vultos da narrativa.

Páginas formosas de ensinamentos elevadíssimos constituem base para tornar o livro precioso, porque educa e explica importantes pontos da verdadeira orientação que se deve ter na vida social e doméstica.

Sobre o suicídio, sobre a cobiça, sobre a crueldade, sobre a revólta em face dos sofrimentos, ha lições valiosas — que muita gente aproveitará para leitura educativa nas escolas e nos lares.

Dôr Suprema é um livro escrito para o momento, e, por isso, deve ser lido, estudado e recomendado a todos, sem distinção de crenças, pois ensina o que é nobre, puro, dignificador — concitando todas as almas para a verdadeira felicidade: a prática do Bem; a Consciência tranquila.

Em dois volumes. — Broc., Cr\$ 18,00; Enc., Cr\$ 24,00; Enc. especial, Cr\$ 28,00.

FERNANDEZ COLAVIDA

A BARQUEIRA DO JUCAR

Primorosa novela. Breve, mas sumamente empolgante é esta novela mediúnica, onde os episódios, urdindo um entrêcho de intensa dramaticidade, se entrelaçam por forma tão surpreendente, que o seu desfêcho não pôde o leitor imaginar qual venha a ser, mesmo quando já bem próximo dele se ache.

A *Barqueira do Júcar* é uma donzela que, mantendo absoluta a pureza de sua alma, entre inimigos conluídos para perdê-la, serve de instrumento á ação do Espírito de seu próprio pai, empenhado, de sua parte, em arrancar ao "inferno" de uma consciência atribulada, a criatura que mais cara lhe fôra na terra, e que mais lhe ferira e amargurára o coração, e em subtrair ás agruras da mais abjeta materialidade, fazendo-as passar pelo "inferno" dos remorsos que geram o arrependimento salvador, outras criaturas sócias daquela.

Assim, pela sua substancia e pela sua finalidade, esta novela é uma notavel obra de educação moral, ao mesmo tempo que, levantando um pouco do véu que nos encobre o Além, projéta um raio da luz da verdade sobre os efeitos inelutáveis das nossas ações terrenas, boas ou más. — Trad. de Guillon Ribeiro.

Broc., Cr\$ 6,00; enc., Cr\$ 9,00.

Os pedidos devem ser feitos por meio de cheque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação — AVENIDA PASSOS 30 — Rio de Janeiro.

Porte: 1 vol.: Cr\$ 1,00; div., Cr\$ 0,50 por vol.
Enviamos graciosamente nosso catálogo.

A felicidade

Abel Gomes

Em atraente novela, o autor nos demonstra que a felicidade independe do mundo exterior, do estado de fortuna e da situação física do homem. É um estado de alma dos Espíritos bons, e pôde ser gozada em todas as situações de incarnação ou desincarnação. A recíproca não é menos verdadeira: os maus sofrem, são infelizes, sejam quais forem as situações em que se achem de fortuna, de posição social, de saúde.

Em linguagem encantadoramente simples, ao alcance de todas as inteligências, Abel Gomes nos dá nessa novela uma preciosa lição de filosofia espírita. Quem conheceu a vida do romancista, sabe que o livro não nasceu exclusivamente da fantasia, mas principalmente da experiência da vida do Autor. Abel Gomes era pobre, paralítico, simples operário e, apesar de tudo isso, era muito feliz e contribuiu sempre para a felicidade de outros, demonstrando em sua própria existência a tése que nos deixou escrita nessa novela.

No mesmo volume, além da novela "A Felicidade", vem uma coleção de poemas espiritualistas do mesmo Autor, quasi todos de grande inspiração.

1 volume brochado Cr\$ 4,00. — Enc. Cr\$ 7,00.

Os pedidos devem ser feitos por meio de chéque, vale postal, carta registrada ou ordem ao Administrador da Livraria da Federação.

Avenida Passos. 30 — Rio de Janeiro.

Porte: 1 vol., Cr\$ 1,00; diversos, Cr\$ 0,50 por vol.

Enviamos graciosamente o nosso catálogo.

